

## Índex

### Introdução

1. O Objecto, Caracterização e Metodologia Empírica.....	5
2. Processo Histórico e Pensamento Científico.....	15
3. Cultura e Literatura.....	21
4. A “Prosa de Arte”.....	31
5. A Reificação, um Estudo no Judaísmo.....	34
a) O Povo e o Livro.....	35
b) Algumas Mulheres Importantes.....	42
c) Os Excluídos: Samaritanos e Cristãos.....	43
d) As Festas Religiosas, Encruzilhadas da Diversidade.....	44
e) Os Hassidim, de Heréticos a “Ortodoxos”.....	45
f) Mulheres no Judaísmo Contemporâneo.....	47
6. Ricoeur, A Condição do Crente.....	50
7. A Palavra em Perspectiva.....	57
8. O Paradigma Bíblico.....	67
9. A Visão Cristológica.....	73
10. Os Herdeiros do Cristianismo Primitivo.....	82
11. Enquadramento Teórico – Metodológico.....	86
12. Análise do Questionário Presencial.....	102
13. Conclusões.....	121
14. Bibliografia.....	133

## **Anexo I**

### **Questionário**

#### **Código de Transcrição**

#### **Adaptações e Notação**

#### **Legenda dos Questionários**

## **Anexo II**

### **Transcrição dos Questionários Presenciais**

## **Anexo III**

### **Gráficos**

## **Anexo IV**

### **Quadros**

## **Introdução**

Ao efectuarmos os trabalhos preparatórios desta dissertação demo-nos conta daquilo a que poderíamos chamar “a esperada crescente perplexidade dum qualquer leitor não especialista” perante muitos termos e concepções nela utilizados, bem como com alguns significados muito particulares em termo de enfoque que conferimos a noções que são do conhecimento geral. Não querendo sobrecarregá-la com inúmeros anexos, adendas e remissões, para além daquelas que se revelaram estritamente necessárias, optámos por integrar no corpo do próprio texto alguns excertos e explicações, sempre que chegámos à conclusão de que tal facilitaria de sobremaneira a sua apreensão textual. Isto para que o leitor não tivesse que compulsar as fontes directamente, por vezes mais do que uma em poucas páginas, o que resultaria fastidioso e desgastante, pela sua variedade.

No seguimento do que atrás foi dito, encontrar-se-ão ao longo desta tese alguns trechos exemplificativos, digamos por amostragem, da realidade que pretendemos expor no que respeita ao nosso objecto de estudo. Servem de sondas e balões de ensaio, tentam despertar o leitor para alguns aspectos menos conhecidos do tema a tratar, familiarizando-o pouco a pouco com o terreno. Uma vez que a nossa dissertação trata da *visão do mundo (Weltbild)*, como representação ideológica (aqui, no seu sentido mais lato) do mesmo (*Weltanschauung*), por parte dum grupo de crentes Pentecostais e Carismáticos, representação essa que longe de ser passiva, propõe um processo activo de transformação individual e societária a um tempo (Conversão, Consolidação e Proselitismo), escolhemos para ilustrar tais trechos as suas matrizes, a saber: o Judaísmo e o Cristianismo, isto nas suas facetas primitivas, medievais, modernas e mesmo contemporâneas. Por vezes tratar-se-á apenas duma data significativa, uma breve alusão

historiográfica ou outra; noutras, contudo, alongar-nos-emos um pouco mais, mormente quando ilustrarmos o efeito da *naturalização das ideologias* e da *tecnologização do discurso*, quer como efeitos conducentes à sua normalização, quer, por antinomia, à sua ruptura. Recorreremos amiúde aos textos sagrados, mas também a Natália Correia ou Saramago, Celso, Spengler, Paul Ricoeur, Santa Teresa De Ávila ou Lenine...

Tentaremos demonstrar que não obstante o quadrante ideológico, o perpassamento do Cristianismo na sociedade moderna de tipo ocidental, por adopção ou recusa, é uma realidade incontornável, e que os seus efeitos datam já dos inícios da sua primeira expansão. Somente a extremada *naturalização* dos seus *arquétipos*, consubstanciada em *representações sociais* de cariz moral de teor mais ou menos abstracto, desde o *decálogo* (versão condensada da ideia de lei) à Ideia de Deus, impede muitas vezes o reconhecimento destas comunidades como portadoras duma *diversidade cultural* acentuada, decerto em grau, face à sociedade envolvente, mas também, e defendemo-lo, em espécie, face a esta espécie de limbo de valores actual.

Um trabalho com esta duração, tem obviamente limites muito precisos; não se trata de obter resultados de caracterização para além da amostra conseguida pelos questionários, nem tão pouco de fornecer dados estatísticos para conformar realidades demográficas ou organizacionais destas comunidades. Trata-se isso sim de um ensaio, de um possível apontar de pistas, no fundo, no tratamento de um *diverso* testemunho.

## **1. O Objecto, Caracterização e Metodologia Empírica.**

Ao escolhermos a recolha de testemunhos de crença na área Pentecostal e no Renovamento Carismático, obedecemos a uma dupla intenção. Queríamos não só ensaiar a aplicabilidade do construto de diversidade cultural a estas duas comunidades, como mostrá-las à luz dum passado comum. A natureza deste trabalho não permite uma caracterização intensiva destas, excepto no que diz respeito ao essencial para compreendermos o seu enraizamento e dinâmica.

Por outro lado, há preocupações de ordem deontológica a que não quisemos fugir. Os questionários presenciais foram obtidos sob palavra de que em caso algum comprometeriam as respectivas Igrejas, gerariam polémicas desnecessárias, ou fossem susceptíveis de serem considerados ofensivos em qualquer destas matérias.

Citaremos portanto apenas o material que os entrevistados permitiram que fosse usado, e as fontes públicas disponíveis, livros, artigos e páginas da Internet. Neste último caso, somente foram utilizadas as páginas que as próprias comunidades consideram como oficiais.

As peculiaridades deste estudo levaram-nos a concluir pela articulação num mesmo bloco das explicitações acerca da vertente sócio-histórica e da metodologia empírica utilizada, uma vez que algumas das nuances utilizadas na segunda são produto daquilo que acima dissemos.

O objectivo da pesquisa centrou-se na obtenção de informação relevante para aferir da possibilidade da predominância da área da crença na auto-representação de um grupo dado de crentes. Tal, a acontecer levaria à sua caracterização como diversidade cultural face ao entorno laico, por deslocação do referente. Esta deslocação não é só estritamente

lexical, mas inclui representações sociais, e muito particularmente um recentramento conceptual da sua identidade, em que o fenómeno de auto-identificação passa pelo assumir primacial da sua condição de Crente, enquanto ser no mundo.

Assim sendo não procurámos histórias de vida, enquanto percursos, antes baseámos o nosso questionário num conjunto de acepções tidas como *landmarks* destes dois grupos, e procurámos saber da sua real efectividade. Sem todavia nos encerrarmos em questões abstrusas, tentámos colocar as questões numa forma em que o entrevistado se pudesse colocar sob a dupla perspectiva de agente e de destinatário do seu teor.

Escolhemos para o efeito Crentes maduros e com responsabilidades várias no seu meio. São ao mesmo tempo interlocutores e informadores especialistas. Os dados que nos forneceram em muito nos ajudaram, evitando equívocos, desfazendo dúvidas, levando a reformulações. Por esta razão, os questionários usados para despiste não foram incluídos na tese. Quisemos assim evitar o efeito, não só de saturação do entrevistado como da perda de originalidade.

Efectuámos pois doze questionários presenciais, (em anexo) que foram gravados e transcritos com a autorização dos entrevistados. Ficaram ordenados da seguinte maneira: Um bloco constituído por quatro Carismáticos (Referenciados como RC1,RC2, RC3 e RC4), outro por quatro Pentecostais (PE1, PE2, PE3 e PE4) e finalmente um terceiro, igualmente de quatro elementos, como Grupo de Controlo (GC1, GC2, GC3 e GC4) Este último obedeceu a um critério de representatividade, que procurou combinar a adaptabilidade do questionário com duas preocupações essenciais. Primeiramente quisemos mostrar afinidades e dissonâncias com outros sistemas de crença, em segundo lugar procurámos explanar a reificação destas comunidades através do discurso de locutores especializados. Assim, por uma questão de proximidade com o

tema escolhemos um representante do Paganismo Greco-Romano, enquanto constituinte duma frontal oposição ao Judaico-Cristianismo, e uma Testemunha de Jeová como elemento de diversidade dentro do Cristianismo, face a qualquer dos dois grupos principais. Quanto ao segundo termo a nossa escolha recaiu sobre dois psicólogos racionalistas.

Na íntegra cada questionário é composto por dezasseis questões. As perguntas são semi-dirigidas, deixando uma larga margem de variabilidade de resposta, uma vez que incidem sobre esquemas de representação bastante complexos.

Passemos agora a explicitar alguns pontos da sua aplicação. Tenha-se em conta os cuidados necessários para não infringir o acordado, ou pelo menos para prevenir o aparecimento de polémicas espúrias, no cotejamento das declarações.

A questão número seis foi exclusivamente aplicada ao Renascimento Carismático, pois trata-se da devoção Mariana.

A questão número oito, cuja possível colocação depende da precedente, sofreu uma adaptação em C3, uma vez que é considerado um *landmark* (imposição de mãos) do Renascimento e quisemos apurar se havia um desvio do locutor à norma padrão ou se era apenas uma questão contextual.

A questão número onze (acerca do papel do sacerdote na vida do Crente) foi aplicada apenas aos crentes, e não aos racionalistas, uma vez que aqui interessa-nos especificamente a experiência vivida.

Por fim, a questão dezasseis acerca de obras de referência foi apenas aplicada a Carismáticos e Pentecostais, afim de evitar a dispersão do enfoque.

Os quatro Carismáticos são membros do grupo do Renascimento Carismático de Rio de Mouro, com vinte e oito anos de existência. Quanto aos Pentecostais são membros da

Igreja Nova Aliança de Benfica, que existe como Igreja autónoma desde 1991, embora o seu berço sejam as Assembleias de Deus, donde são originários os seus Crentes mais antigos e parte do seu Pastorado, nomeadamente o casal de Pastores que fundou a Congregação. A Igreja Nova Aliança faz parte da Aliança Evangélica Portuguesa.

Optámos pelas designações de Carismáticos, em relação à Igreja de Roma, e Pentecostais no que respeita às Igrejas Reformadas, quando em qualquer dos casos são aceites pelos Crentes como actuates e plenos os Dons (Carismas) do espírito Santo nos dias de hoje. Em sentido estrito ambas as comunidades são pois carismáticas. Importa aqui fazer uma distinção de suma importância. Toda a Igreja Romana é carismática, o Renascimento faz parte integrante desta, não enquanto algo à parte mas simplesmente como sendo constituído por aqueles que desejam um aprofundamento da sua vida espiritual, uma re-catequização. O mesmo não acontece nas Igrejas reformadas, e por isso mesmo o epíteto de Evangélicas **Pentecostais** para as diferenciar das apenas Evangélicas. Contrariamente ao que se possa pensar, duas das maiores Igrejas Protestantes em Portugal, a Maná e a IURD não fazem parte da Aliança Evangélica Portuguesa, que é o órgão máximo de coordenação Inter - Igrejas Evangélicas no nosso país. Estas duas representam no seu grau máximo as chamadas Igrejas da prosperidade, um ramo particularmente mediático numa certa forma de Pentecostalismo com origem nos Estados Unidos.

Modernamente o Renascimento Carismático procede do Concílio do Vaticano II. Foi o Papa João XXIII que na sua oração conciliar disse “ Renovai no nosso tempo os prodígios como num novo Pentecostes...”, abrindo a porta a mais um reavivamento Romano. Em 17 de Fevereiro de 1967, o Renascimento Carismático tem a sua eclosão

enquanto movimento laical, com o chamado Retiro de Duquesne (Dirigida por Padres Espiritanos), Universidade Católica de Pittsburg, EUA.

Em Portugal fará a sua aparição em 1974, trazido pelo Padre Lapa, missionário Espiritano, após a sua primeira experiência Carismática em Roma no grupo de oração Hossana. Será a seis de Novembro desse ano que, em Fátima, se realizará a primeira recollecção.

O protestantismo Pentecostal tem a sua origem no metodismo do século XVII, onde primeiramente se usou a expressão “*Batismo no Espírito*”. Uma vez mais, é nos EUA e no Norte da Europa, nomeadamente nos países escandinavos, que no final do século XIX se produzirão grandes manifestações deste reavivamento e subsequente acção missionária.

As Assembleias de Deus em Portugal datam de 1913, trazidas por um missionário Português imigrado no Brasil, José Plácido da Costa. Este recebeu a sua iniciação nesse país pelas mãos de dois missionários suecos Daniel Berg e Gunar Vingren. Os anos de vinte e trinta foram de rápida expansão. A primeira igreja Assembleia de Deus portuguesa foi fundada em 1924, em Portimão, por outro português missionário, igualmente proveniente do Brasil, José de Matos Caravela. Em 1930, com a intervenção do missionário Berg, é aberta a do Porto. Seguir-se-ão a de Évora em 32 e a de Lisboa em 1934. Tem hoje aproximadamente 500 lugares de culto, e uma audiência semanal estimada de 35 a 40 mil assistências. Possui um Instituto Bíblico para formação de Pastorado, tem presbitério e estrutura-se nacionalmente na Convenção das Assembleias de Deus. Foram pioneiros na implementação do “Desafio Jovem”, uma rede de recepção, apoio e recuperação a jovens toxicodependentes, fundada pelo Pastor David Wilkerson, do qual voltaremos a falar detidamente.

A Igreja Nova Aliança, que possui igualmente um “Desafio Jovem”. É pois de matriz Assembleiana, nasce da autonomização do casal de Pastores seu fundador, anteriormente pertencentes a essa estrutura. Para além da própria Igreja se reclamar dessa herança de forma explícita – no seu portal de Internet aparece a expressão “Assembleia de Deus” – a sua Declaração de Fé ([www.novaalianca.org](http://www.novaalianca.org)) e a da Convenção ([www.convencao-assembleias-deus.org](http://www.convencao-assembleias-deus.org)) é idêntica em todos os pontos fulcrais. Há comunhão plena de ideário, apenas já não são a mesma estrutura. Insistimos neste ponto porque contrariamente à Igreja Romana, é comum a atomização organizacional nas Igrejas Reformadas, havendo por vezes diferenças significativas no entendimento da Escritura, o que não é o caso.

Sendo Portugal um país maioritariamente católico, neste caso muito especial, o Pentecostalismo precede o Renovamento Carismático Católico no terreno. Contudo o mesmo se passou na origem deste movimento nos EUA. Em 1966, a primeira efusão do Espírito (Batismo no Espírito Santo) recebida por um Católico Romano, neste caso o professor de Duquesne William Storey, foi executada no âmbito de um grupo de oração interconfessional. Daí haver por vezes uma grande identidade de termos e significações, apesar das diferenças de rito.

No que ao Pastor David Wilkerson diz respeito, a sua obra é pioneira, não só enquanto acção de um Pastor Pentecostal em meios degradados, mas também enquanto origem de um livro intitulado “A Cruz e o Punhal”. Este retrata precisamente a forma como o Pastor Wilkerson conseguiu, através da Efusão do Espírito Santo, mudar milhares de vidas de toxicodependentes, prostitutas, membros de bandos de rua, sem abrigo e alcoólicos, no seu ministério exercido na área de Nova Iorque. Ora, foi precisamente este livro que foi recomendado como leitura para o retiro fundacional, após ter sido

introduzido por Steve Clark, professor da Universidade de Notre Dame nos EUA (Indiana), no congresso dos cursilhos de cristandade de 1966, realizado precisamente em Duquesne. O impacto da obra foi tão profundo que, segundo os próprios testemunharam, os levou a procurar activamente receber a efusão. É um nascimento ecuménico.

Ainda algumas palavras acerca do papel do Padre e do Pastor neste tipo de comunidades. Muitas vezes postas lado a lado em estudos comparativos, as funções, neste caso muito específico, têm características muito distintas, que não permitem a nosso ver uma identificação, apesar de alguns vectores comuns. Assim, embora se trate em ambos os casos de sacerdotes ordenados, o papel do Padre é único enquanto dispensador do sacramento da Eucaristia; no protestantismo podem pregar outros que não sejam obrigatoriamente Pastores, como Evangelistas, Mestres ou Profetas que não possuam tal consagração. Por outro lado muitos Pastores estão em terra de missão, ou seja, abrem trabalhos com comunidades muito diminutas ou quase inexistentes, muito diferente do trabalho paroquial da Igreja Romana. Dum outro ponto de vista a preparação teológica é muito variável no Pastorado, contrariamente ao dos Sacerdotes da Igreja Romana. Embora muitos tenham frequentado uma Escola Bíblica, a duração do curso ministrado pode variar indo até à licenciatura num período de quatro a cinco anos, mas não é necessariamente assim. Pastores há que possuem uma formação teológica algo rudimentar, o Pastorado é visto como uma chamada que pode nivelar factores como a instrução académica ou a origem social. Por vezes durante um largo período de tempo um Pastor pode não exercer a sua actividade, embora o seja em título. Enquanto que um Crente Pentecostal se aconselha e vai escutar a pregação de um Pastor da mesma denominação, na Igreja Romana, aquando da Eucaristia, o Sacerdote que

oficia ou que confessa pode não ser, e na maioria das vezes não é, Carismático. A este respeito há uma especificidade digna de nota. Devido à falta de Padres nem sempre há Eucaristia com a frequência pretendida nos grupos carismáticos. Esta, além de ser acompanhada por um Hinário próprio, tem ainda mais duas particularidades. Após a primeira leitura do Evangelho há lugar, a convite do Padre, a que os Fieis exprimam o que a leitura lhes trouxe ao coração, sendo que, uma vez mais a convite do Sacerdote, de igual forma aquando da pronúncia das intenções, os Fieis podem igualmente em voz alta pedir por este ou por aquele assunto, sendo secundados pela comunidade com a fórmula ritual “ Ouvi-nos Senhor “.

Duas últimas precisões: contrariamente a certas correntes protestantes, o Pentecostalismo aceita o nascimento de Cristo de Maria virgem e pratica a Comunhão em espécie, no caso da Igreja Nova Aliança, no primeiro domingo de cada mês. Está igualmente expresso na sua declaração de Fé a aceitação plena da Bíblia como texto Inspirado, o que o coloca directamente em linha com a visão Cristológica que lhe é tão própria. Reproduzimos abaixo o trecho pela sua suma importância no desenvolvimento posterior da dissertação.

“ No que cremos:

Cremos que as sagradas Escrituras, Velho e Novo Testamento, na sua versão original foram inteiramente inspiradas por Deus, e aceitamo-las como única e infalível depositária da Verdade e Revelação Divina, bem como única regra de Fé e Prática.

João 17:17, II Timóteo 3:16-17, II Pedro 1:20-21. “

Quanto à forma habitual das celebrações elas são bastante fluidas. No caso Pentecostal em questão, as reuniões de culto tem um esquema que começa com o Louvor, acompanhado de instrumentos musicais, Adoração e a Pregação propriamente dita. No entanto nada disto é fixo, a Oração em Línguas ou a Profecia podem irromper a qualquer momento da celebração e haver testemunhos espontâneos de Revelação ou

Cura, a par dos que são chamados pelo Pastorado especificamente para isso, para edificação da Igreja. Paralelamente realizam-se vigílias e constituem-se grupos de intercessores. A visão das Igrejas Pentecostais para o seu crescimento implica de raiz, ou como fenómeno de expansão e consolidação, o chamado crescimento celular. São os grupos de oração, em que semanalmente os Fieis se reúnem, para Louvar, Adorar, escutar a Palavra e Interceder, darem testemunho e conviverem. Neles estão presentes todos os Carismas do Espírito Santo, como o Dom do discernimento, ou a Poliglossia, entre outros. Muitas Igrejas começaram como grupos de oração em salas de hotéis e casas particulares. São normalmente dirigidos por um líder de grupo, irmão ou irmã experimentados, que frequentou um curso para o efeito, ou até mesmo por um Presbítero ou Pastor. Se descontarmos as diferenças rituais como a Liturgia, o Renascimento Carismático segue o esquema dos grupos de oração. No site da sua revista Pneuma, ([www.pneuma-rc.pt](http://www.pneuma-rc.pt)) na secção de perguntas pode ler-se:

**“ Qual o conteúdo de uma reunião de oração carismática?**

Cada grupo, ou o mesmo grupo, pode variar o esquema da reunião. Nada é fixo ou rígido. No entanto, a dinâmica seguida foi indicada por S. Paulo em Cor 14,26-33. Começa com cânticos de acolhimento/animação; oração inicial; tempo de louvor e adoração; cânticos; profecias (Deus inspira alguém para falar); línguas (oração, cântico ou profecia); leitura da Sagrada Escritura; ensinamento, testemunhos, partilha; oração de intercessão e súplica. “

A faceta mais original do Renascimento Carismático é ser por essência um movimento de leigos, embora com assistência espiritual de Sacerdotes. Demonstra mesmo uma singular compreensão por movimentos como o Montanista (170 D.C), o Valdense ou o dos *Fraticelli* – quem não se lembra do “Nome da Rosa” de Eco? – Considerando-os como percursos do reavivamento, apesar de salientar os seus excessos. Tais movimentos foram considerados ou bem seitas ou bem derivações heréticas, no seu tempo, pela Igreja Católica Romana que os reprimiu violentamente. Parece haver a vontade de saldar contas com o seu passado, lamentando que tais factos tivessem levado

ao desaparecimento quase por completo do Carismatismo na Igreja, se exceptuarmos o seu florescimento em algumas ordens religiosas e personagens de excepção como são Francisco de Assis ou Santa Teresa De Ávila, a qual possuía o dom da Poliglossia. O Renovamento Carismático é o herdeiro privilegiado desta nostalgia pela Igreja Primitiva, dum despojamento Evangélico aliado a um forte pendor místico, numa experiência pessoal da Parusia do Espírito Santo num Pentecostes real e actual.

A própria existência da possibilidade da atribuição de Dons na Igreja está implícita na primeira página do prólogo de “Moradas” da já citada Santa Teresa de Ávila.

“ A poucos trabalhos me obrigou a obediência que me parecessem tão difíceis como este de escrever agora coisas de oração; à uma, porque não vejo que o Senhor me dê espírito para tal...”

A edição portuguesa que estamos a usar data de 1988, com notas de Manuel de Lucena; nelas (pág. 194) o tradutor indica como sinónimos para o arquilexema *espírito*, não só *engenho* mas também a *ciência mística* e o *Dom sobrenatural*, embora considere que este último sentido só foi plenamente usual a partir do século XVII (a obra data de 1577). Quanto a nós, tal não obsta contudo a que o sentido que dele se depreende seja esse mesmo, por duas ordens de razões. A obra é precursora e essencialmente mística, e não só se não vê como se possa proceder a operações deste tipo de ciência sem a operação de Dons Sobrenaturais, como a generalização do significado de Dom Sobrenatural só fará sentido se a relacionarmos com uma naturalização ideológica a que a disseminação deste género de literatura não pode ser alheia.

## 2. Processo Histórico e Pensamento Científico.

Se nos perguntássemos qual seria a maior especificidade do Cristianismo, face a qualquer outra religião, pondo de parte os elementos teológicos, impor-se-ia desde logo um facto: este é o caso de maior sucesso a todos os níveis, em que uma diversidade cultural ascende, com Constantino, à categoria de religião de Estado. A sua conversão data do início do século IV.

Vindo da periferia do Império Romano, durante longo tempo considerada uma religião da ralé, com uma grande proporção de escravos nas suas fileiras, o Cristianismo após suportar inúmeras perseguições cujo expoente máximo terão sido as realizadas por Diocleciano, impõe-se. Para mais a um Estado organizado nos moldes que deram origem aos Estados modernos.

Assistindo ao seu declínio, emerge como fonte de saber e *autorictas* no período medieval, adaptando-se progressivamente até aos dias de hoje. A quem advoga uma perda de poder quase total por parte desta, nomeadamente na sua vertente Romana, gostaríamos de contrapor uma ideia de inversão da polaridade desta *autorictas*, agora com o acento na influência, menos coerciva é certo mas nem por isso menos eficaz. O facto de existir um líder máximo mundial, o Papa, e o efeito que tal exerce sobre a psicologia de massas não são de desprezar; por alguma razão o “socialismo real” começou a ser desmantelado na Polónia.

Temos, portanto, que uma diversidade cultural, o Cristianismo transforma-se na matriz, por absorção, do tecido social onde entrou. O que quer isto dizer? Já seria muito se se tratasse duma mera preponderância, mas não. A um sistema que designaremos como

circular e multipolar, sucedeu uma forma religiosa monista, intolerante desde o primeiro momento em que se afirmou como religião de Estado.

O culto ao Imperador revestia apenas um carácter epígonal e episódico, inserido numa lógica cívica de lealdade ao Estado, com uma extrema tolerância a todo o tipo de formas religiosas – excepção feita, de certa forma ao Cristianismo nascente, não tanto pelo foro religioso em si mas mais por questões de oportunismo político – contudo este último aspira não a uma preponderância, mas a uma uniformidade.

O que acabámos de esquissar em traços largos não é mais do que um *processo histórico*, ou seja, uma série de eventos encadeados que produziram determinados efeitos. Ora não é possível abarcar todos os elementos de um construto; logo, quem diz história diz selecção e valoração por grau de importância concedida a cada facto, num esforço de abstracção progressiva, na feliz definição de Paul Veyne:

“ A dificuldade da história é que ela põe em cena milhares ou milhões de substâncias e que a questão não é a de seguir na prática o movimento causal agarrando-as uma a uma; a historiografia é fatalmente uma taquigrafia. Ora o pormenor subtil que muda tudo passa frequentemente através das malhas deste laconismo.” (Veyne, 1983:142).

Mais, a história só toma conhecimento de si própria a partir da autonomização do conhecimento científico. Isto porque qualquer conhecimento enquanto consciencializado é histórico, na medida em que é passado, mesmo que seja velho de alguns segundos. Neste sentido todo o discurso *é e tem* história, e como tal, o discurso científico é histórico, porque se insere neste processo, e é ao mesmo tempo uma forma de cultura, porque esta é um mecanismo de apreensão e transmissão de formas de ver o mundo. Como tal, preexiste ao pensamento científico, sendo este apenas uma das suas modalidades. Vemos pois que, contrariamente ao que possa parecer o processo

histórico, não se guia por explicações, mas por probabilidades, por “retrodições” (Veyne, 1983: 179-180) do que em importância poderia ter levado a determinado facto, por oposição a outras variáveis, e esta leva à “síntese”. “Não há causas para a acção apenas justificações” (Malraux, 1971:84). Num determinado nexo de elementos *históricos*, em sentido lato, que seleccionamos no nosso quotidiano para nos fornecer aquilo que mais não é do que uma sequência inteligível, uma das sequências possíveis, note-se, de formas de conhecer, esconde-se um cuidadoso trabalho, a mais das vezes inconsciente, de modelação de discurso auto-justificativo. Pouco importa que ele seja monologal, diferido, ou suscitado em plena interacção com os outros. A realidade percebida é uma interpretação, como tal é uma recriação por escolha de factores. Mas ninguém se constrói sozinho, lugares, imagens, pessoas, os “outros-importantes”, fundem-se em nós, fazendo parte da nossa identidade – **eles** também são **eu**. Trata-se dum relação de poder com a memória, que perpassa todo o espectro da acção social humana, seja concentrada, seja difusamente. É aqui que entram os conceitos; estes permitem através da partilha dos mesmos, a seriação da tipologia de acontecimentos, e, mais importante ainda, a sua catalogação, e portanto a suposta regularidade com que os detectamos. É, sobretudo, uma questão de valores psíquicos que atribuem escalas valorativas a uma realidade já ela própria construída, num processo cíclico.

O que acabamos de dizer leva-nos à questão sempre candente da legitimidade e da preponderância do discurso científico face a outros saberes, e de qual a noção de cultura que possamos aplicar. De facto, o conhecimento científico, tal como todos os outros, apoia-se em axiomas, *ie* em: “[...] uma proposição fundamental e indemonstrável, cujo nexo de evidência imediata se funda nos princípios lógicos ou na intuição sensível.” (V. de Sousa Alves, 1963:190). Ora, o que garantia este estado das coisas era o

estabelecimento de regras que “faziam” as coisas funcionar, e com o aparecimento da *entropia* com a Física dos Quanta veio a provar-se que pode haver distorção em tais leis e que estas só funcionam até certo ponto. Cai pela base o mito científico da infabilidade causal. Doravante o pensamento científico só é válido dentro das suas premissas, tal como qualquer outro, o que não significa que o pensamento ocidental moderno e contemporâneo não continue a enfermar de uma grande dose de determinismo histórico. Ainda não se livrou, na sua grande maioria, do mito do eterno progresso, por um lado e da herança do positivismo e do materialismo histórico por outro. A este propósito citaremos de seguida uma elucidativa passagem de Jacques Milhau, glosando Lenine, onde podemos discernir facilmente aquele que ainda é nos dias de hoje um pensamento comumente aceite nos círculos do saber.

“ Porque o mundo só poderá ser conhecido se houver uma relação objectiva, material, entre ele e nós; e se isto é verdade, como o estabelecem as ciências da Natureza, por muito aproximativo que permaneça no seu progresso e por muito que esteja sujeito a deformações ideológicas que o viciam, o conhecimento é uma imagem do real, um reflexo: imagem, se, através dos sentidos, o que nos são dados são os aspectos perceptíveis, aparentes e superficiais; reflexo abstracto se, através dos conceitos científicos, diferentes dos que empregamos correntemente para unificar, exprimir e comunicar simplesmente o que as imagens nos mostram, conseguimos pensar-lhes as propriedades essenciais e aquilo que as determina.”  
(1974:112)

Cada etapa deixada para trás mais não seria que um aperfeiçoamento da anterior e assim sucessivamente.

É curioso que a separação da Igreja (mormente a Católica) e do Estado, e o laicismo deste, sempre foi apresentada como uma conquista contra aquilo que clamaram ser o peso excessivo da primeira nas mentes e no tecido social, tido como um todo. Por outras

palavras, era uma reacção do progresso elevado a valor mítico contra o “obscurantismo” clerical, a que muitos, sobretudo desde o século XVIII, ateus e livres-pensadores apenas reconheciam valor enquanto instrumento de dominação social. Se, por um lado, nos abstermos de mencionar a valoração espiritual, por ser somente acessível àquele que crê, e se, por outro, abandonarmos o “cientismo mata-grades”, atingimos o ponto fulcral do problema. O laicismo não corresponde a nenhuma mudança qualitativa de *per si*, é apenas o espelho da vitória de uma concepção ideológica de vida. Em suma, não há “progresso”, há, isso sim, mudança na questão da natureza da bitola pela qual se regem as nossas sociedades.

A teoria que em seguida defenderemos quanto à origem e desenvolvimento do pensamento científico que, para nós, já o vimos, não é mais do que uma modalidade da cultura, está em íntima conexão com o modelo desta que tomaremos como referência ao longo da dissertação. No seu livro “Estrutura das revoluções científicas” (1962), o filósofo Thomas Samuel Kuhn defende que a ciência se desenvolve por matrizes ou paradigmas, e que, enquanto estes não se esgotam, a comunidade científica tudo faz para encaixar qualquer anomalia no paradigma vigente, chamando a isto o período da “ciência normal”, na qual esta não progride por refutações, mas por acumulações dogmáticas que fortaleçam a matriz dominante. Quando de todo tal não é possível, passamos à “ciência extraordinária”, em que há substituição de paradigma, afim de reduzir à *normalidade* ie ao descritível, ao explicável, o que antes era “anormal”. Por conseguinte, quando tal acontece, é todo um sistema de vida, enquanto visão do mundo, que se transforma: métodos, critérios, juízos de valor, nomenclaturas, tudo sofre profundo abalo. As funções linguística e intelectual, a todos os níveis, buscam maneiras de exprimir o novo; o antigo, por seu lado, transforma-se em algo «intraduzível», nos

novos termos. Não negando embora o real, este é dissociado do verdadeiro em sentido absoluto. Defendemos que este esquema é exequível em todas as mutações estruturais, nomeadamente nas religiosas. Esta afirmação baseia-se nos estudos não só do próprio Kuhn, mas também nos de Alexandre Koyré e de Quine; aliás o primeiro utilizou tais estudos amiúde. Koyré (1957) estabelecerá a multimodalidade do pensamento histórico (Ciência, Filosofia e Religião) e o seu imbricamento contínuo, Willard Van Orman Quine, (1960), por seu lado, põe em relevo o laço que liga a significação a um enunciado e estes a um dado conceito. Assim, a lógica só é válida quando posta em perspectiva, nunca isolada; uma vez mais a escolha do nexos causal deve muito ao entorno e ao comportamento, não há, pois, pura abstracção do espírito. A percepção, o pensamento, os impulsos, as sensações, e os actos voluntários e involuntários, originados neste complexo psíquico estrutural que é o ser humano, são, em última análise, causa e fruto duma autognose, segundo Ortega Y Gasset (1936). O conceito é uma tradução do original - "*Selbstbesinnung*"- de Dilthey, que permite o conhecimento ao ser, posto em relação, em diálogo com o outro. Uma vez que o objecto do conhecimento é construído e não dado, e se a isto aliarmos a mitificação do termo "científico" , que concorre com o religioso como fonte de certezas (nem mesmo a sua periódica revisão lhe retira esse carácter), podemos ter uma ideia da profundidade da mudança, que aqui incide sobretudo no já citado valor de relação. É que queiramos quer não, numa perspectiva axiológica, mesmo o mito do progressismo científico entronca, enquanto evolução, no Sumo Bem, neste caso enquanto realização de algo mais alto, numa felicidade, cuja raiz é essencialmente religiosa, senão na forma, pelo menos na substância do mito.

### 3. Cultura e Literatura

Sendo assim que sentido dar à cultura? Será uma reacção dum ser pensante face à morte, um querer deixar algo, que seja perene, que resista, um querer-viver schopenhaueriano sublimado? Ou talvez apenas um mecanismo acumulativo que possibilita a evolução da espécie ao poupar o trabalho de tudo começar de novo, um curioso fruto da autonomização da consciência, a filha mais nova da memória? Porventura tudo isto e mais ainda. Qual a sua importância? Esta é fulcral. Conforme a definição que adoptarmos, assim será o nosso posicionamento no que toca ao problema da gnose e da epistemologia, sua transmissão e mutabilidade, dentro e fora dos contextos que deram origem a cada forma particular de armazenamento e transmissão de conhecimentos, ou seja, de cada cultura.

Atenda-se ao facto de que aqui procuramos conceptualizar uma noção de cultura *em perspectiva*, ou seja, aplicável ao ângulo de leitura em que se insere o nosso trabalho, a diversidade cultural numa perspectiva de cariz religioso. Por conseguinte, embora defendamos a origem religiosa da cultura enquanto tal, não pretendemos abarcar o vocábulo num sentido amplamente generalista, limitando-nos a enunciar a sua variabilidade aplicativa quando tal se mostre pertinente face ao exposto.

Uma das matérias mais sensíveis de analisar em qualquer discurso é sem dúvida a religiosidade. Geradora de *representações sociais* com um alto grau de complexidade, para mais dotadas duma natureza dificilmente perecível, é, ao mesmo tempo, causa e efeito de muitas acções humanas que a um primeiro olhar não lhe associamos directamente. Falámos em religiosidade e não em religião. De facto, este termo é muito mais abrangente e permite-nos abarcar referentes situacionais que, embora gravitem em

volta da religião enquanto corpo de doutrina, a ela não se reconduzem inteiramente ou não são por esta reconhecidos enquanto tal.

A realidade é construída, pensada, apreendida. Como tal, experienciamos a vida mediada simbolicamente, ou seja, vivemos a vida que *pensamos* viver e não a que naturalisticamente viveríamos. Neste capítulo, a esfera do religioso perpassa toda a vivência humana. O racionalismo pode tê-lo postergado, em parte e somente em parte, para cantos obscuros da memória, como o reservado às crenças nebulosas e à superstição. É esquecer a angústia do dia seguinte e da morte, a insegurança e o medo do desconhecido, mas também o êxtase e a beatitude, o arrependimento e a salvação. É esquecer igualmente que a religiosidade não só é atávica no homem, como constitui uma forma superior de realização, diríamos mesmo uma forma autónoma de reflexão simbólica. E esta é tão válida como qualquer outra no elenco das formas de conhecer.

Como tal, encontramos-nos em presença duma esfera vivencial que se acomodou a uma nova realidade, sem cessar a sua existência. O seu ressurgimento, vindo em auxílio de factores identitários é notório, mas não é preciso ir tão longe. Basta inteirarmo-nos da quantidade de *seitas* que proliferam hoje em dia, folhear um dos inúmeros livros de divulgação sobre angeologia a que facilmente teremos acesso, ou observar o comportamento (até mesmo uma introspecção neste caso serve) dum crente numa Igreja ou Templo, não só as palavras, mas também a postura corporal. Se uma manifestação religiosa colectiva se pode transformar em folclore, e um bom exemplo disso são as Romarias, já este tipo de ocorrência a nível individual, nomeadamente por endoculturação, facilmente se torna num ritual inconsciente. Duma forma ou de outra, há uma evidente naturalização ideológica do discurso religioso, transformando-o em senso comum. Tais representações podem ser amplamente partilhadas societariamente,

querendo-se hegemónicas, ou ser comuns apenas a um endogrupo determinado. Neste caso, classificam-se como polémicas e podem ser geradoras de tensões, fracturas e mesmo autonomizações face à comunidade dominante, gerando mudanças na prática social, muitas vezes de forma violenta ou abrupta.

Entendemos que o entorno é decisivo na fixação do imaginário e, por maioria de razão, dos seus representantes conceptuais e cognoscitivos – os símbolos. Como tal, não supomos possível uma qualquer ortodoxia fora do quadro espaço-temporal que lhe deu origem. Assim sendo, quando se transplanta um qualquer sistema religioso, ou uma qualquer forma de religiosidade em sentido lato, para fora dessa moldura, cedo ou tarde se verificará uma autonomização desse discurso, mercê das novas condições. É a resposta cultural adaptativa ao meio. Não há pois, *strictu sensu*, desvio à norma padrão, porque esta simplesmente muda de significado, ainda que não de significante, pelo menos numa primeira fase, conforme mudam os actores sociais em presença no meio. Contudo a classificação de desvio existe, nomeadamente no discurso religioso. Heresia, reminiscências pagãs, blasfémia etc., são termos amplamente usados. Só que o que estes espelham é precisamente as relações de poder quer a nível do discurso estritamente falando, quer a nível de superestrutura. A autoridade moral da elite dirigente é uma ferramenta muito útil de perpetuação e legitimação desse mesmo poder, e vai a par e passo com as formas mais físicas de dominação. Estamos perante a representação Gramsciana do Poder.

Um exemplo acabado de tudo o que temos vindo a dizer é a confusão terminológica da palavra Católica, epíteto com o qual a Igreja se revestiu e com que advoga o seu proselitismo até aos confins da terra. Se com Católica, esta se quer dizer universal,

como parece ser o sentido comum dado ao vocábulo, então ele extravasa claramente o sentido original dado pelos Actos dos Apóstolos.<sup>1</sup>

Este referia-se ao mundo conhecido de então, o que étnica e espacialmente se identificava com o mundo romano, de forma nenhuma com a totalidade do globo terrestre.

A hipótese enunciada em cima encontra um forte apoio na circunstanciação que Santo Agostinho faz no seu *De Civitate Dei* (Livro XVIII), quanto ao que a Roma diz respeito. Criada como uma «Segunda Babilónia», não obstante a Providência permite a sua expansão e mesmo a imposição da Pax Romana como mecanismo difusor do Cristianismo nascente.

Não por acaso, o estudo das fontes pelos não-iniciados, ou seja pelos não pertencentes à casta sacerdotal, foi afastado e substituído por um conjunto de orações canónicas, pela composição de breviários e catecismos, pela proliferação de cerimoniais grandiosos e solenes, próprios duma religião de Estado. Nesta óptica, dá que pensar a identidade de pontos de vista entre a hierarquia da Igreja Católica e Maurras (lembramo-nos de que para este interessa sobretudo o papel enformador da primeira): “ Havia noutros tempos uma República cristã que abrangia a Europa ocidental e formava uma espécie de unidade temporal. Esta unidade desfê-la Lutero.” (Maurras, *Aspects de La France* : s. p., in Assac, 1962 : 63).

Tal linha de tensão tem um interesse não negligenciável para o nosso objecto de estudo. Assim sendo, se recuarmos até aos primórdios, como se apresenta a cultura? Como um veículo de transmissão de conhecimento, veículo esse indissociável do aspecto ritual; o célebre exemplo da encenação por pinturas rupestres de cenas de caça é aqui

---

<sup>1</sup> (Act., 2:5-11) A este respeito seguimos a obra de referência de Frithjof Schuon “ A Unidade Transcendente das Religiões” (1991).

perfeitamente cabível. A cultura primitiva, arquetípica, está imbuída de religiosidade e mais tarde evolui mesmo para a condensação numa forma religiosa estruturada, cuja síntese mais antiga cremos ser o xamanismo. Logo, a cultura preexiste à civilização, é ela que a produz, é pelo seu agir espaço-temporal que esta nasce. Aqui explicitamos a primeira grande contribuição para o conceito de cultura que adoptamos, a de Spengler. No seu *Declínio do Ocidente* (1918), o autor distingue um povo pela sua existência concreta (étnico-espacial) e espiritual, ou seja cultural, em sentido absoluto, onde inclui a língua e o pensamento. A pedra de toque do seu pensamento, para o que nos interessa aqui, é a noção de que um povo não possui uma cultura que o ultrapassa, que paira acima dele, não só como uma espécie de egrégora comandada pelo Destino, mas também como algo ainda em plena actividade criadora. Pelo contrário, a civilização é já o fruto do seu declínio, uma sua cristalização se quisermos, governada agora pela Razão. Esta decadência é provada pela «pseudo-morfose» ou seja pela mistura das culturas. Saliente-se que para Spengler isto é uma contaminação: uma vez que as culturas são irreduzíveis umas às outras, esta “mestiçagem” seria a negação de um princípio de luta que leva uma ideia a impor-se perante outras. Cultura e civilização são pois, fases sucessivas e não simultâneas, o que subscrevemos.

Spengler suscita hoje muitas críticas por razões históricas, nomeadamente pelo seu papel como um dos pais teóricos da «Revolução Conservadora». Tal facto não lhe retira validade, um pouco como Nietzsche, aliás uma das suas influências; tudo depende da leitura que façamos da sua obra, e da noção de que, ao fazê-lo, não temos necessariamente de aceitar todos os seus corolários. Mais, o próprio facto de um destes se revelar notoriamente exagerado não exclui que um ou mais dos seus postulados ou variáveis secundárias não se revelem válidas. É o caso do cesarismo e da chamada

“Segunda religiosidade”: Spengler afirmou peremptoriamente que a democracia ao nivelar a cultura, prepararia o advento de um César, que governaria sobre uma massa de “fellahs”. Tal líder seria envolvido num ritual de quase-adoração, «a Segunda Religiosidade». Este conceito aplica-se com propriedade ao já citado “Culto ao Imperador”, que estava já numa fase de decrepitude aquando do nascimento do Cristianismo, assemelhando-se muito à religiosidade “cívica” de substituição, propugnada por exemplo pela I República em Portugal.

A segunda contribuição para o nosso conceito de cultura provém de Paul Ricoeur. Baseamo-nos aqui num seu artigo publicado pelo “Le Monde” em 25 de Maio de 2004, (anexo I) e no livro de José Manuel Morgado Heleno, “ Hermenêutica e Ontologia em Paul Ricoeur” datado de 2001.

Há um ditado, julgamos que de origem italiana, que reza assim “ Tradutor, traidor”. Bem que se poderia elevá-lo à categoria de aforismo. De um lado a pluralidade linguística, religiosa, nacional, por outro a humanidade, herdeira do espírito das Luzes. Esta é dotada de um imbricado sistema de trocas culturais que irradiam de focos entrecruzados que não se compadecem com fronteiras actuais ou antigas, e eis a interculturalidade.

Propondo uma noção de cultura dinâmica, duma “identidade narrativa”, que a nosso ver não escapa muitas vezes a tentativas de folclorização, num ensaio legitimador da identidade, mau grado as precauções sugeridas – operacionalizando o conceito de “promessa” - Paul Ricoeur desemboca na noção de “variações do horizonte” , que é capital para a nossa definição de cultura: “ No próprio interior duma dada cultura, os horizontes de valor variam em ritmo, não avançam ou recuam em bloco, são escalonados” (Ricoeur, 2004:3). Esta é para nós uma das fontes primordiais da

diversidade cultural *em grau* numa sociedade. Com a expressão “em grau” queremos significar tão-somente que o tronco religioso-cultural é comum, o que varia é a operacionalidade das representações sociais que o representam, tanto para o indivíduo de *per si* como para o grupo.

É com a noção de tradução que o autor enuncia que divergimos deste. Admitimos como válidos uma grande parte dos enunciados, mas não a sua conclusão otimista. Não estamos “Depois de Babel”, continuamos na torre. Que a tradução constitua “um paradigma para todas as trocas, não somente língua a língua, mas também de cultura a cultura» (Ricoeur, 2004:3), de acordo, que produza mudanças é uma evidência, agora que se abra sobre “universais concretos”, e sobretudo que constitua uma equivalência, discordamos em absoluto. Em primeiro lugar por que não existe tal coisa denominada “universais concretos”, como uma espécie de verdade atomizada. É caso para parafrasear Husserl (1901) dizendo que toda a verdade remete para o ser-no-mundo. Como tal, a tradução que não vai dar a um universal abstracto vai necessariamente acabar num universal concreto, que está intimamente ligado ao processo histórico de representação duma cultura, que não sendo imutável, e sofrendo mudanças nomeadamente recitativas, é contudo absolutamente específico e intraduzível daquele modelo. Assim o entrecruzamento das origens e raízes das culturas das três uma: ou bem que fornece uma osmose, ou uma sobreposição do tipo palimpsesto, ou ainda, e na esmagadora maioria dos casos, fornece a antítese, o espelho, “o outro”, a contrapartida da identidade. Acresce a isto que afora um reduzido número de cientistas sociais, a compreensão identitária das massas é auto-legitimadora. Uma vez mais, temos o escalonamento de valores.

Já quando o autor afirma que a “A tradução é esse fenómeno da equivalência sem identidade” (Ricoeur, 2004: 4) ao serviço duma humanidade pluralista, a questão ganha outros contornos. Admitindo embora as revisões e portanto a imperfeição da tradução, Paul Ricoeur pronuncia-se optimisticamente pela conciliação do “projecto universal” e da “multiplicidade de heranças” pelo efeito da tradução, relativizando, segundo ele o “carácter absoluto” da nossa tradição, nomeadamente nos seus “acontecimentos criadores”. Ora, tal não acontece, em primeiro lugar porque estamos no domínio da crença e não da razão, do mito ligado ao sentimento de pertença e à territorialidade. De seguida apresenta-se-nos o problema do paradigma de enquadramento: a tradução não é neutra, nada o é, logo quem decide com que valores nos lançamos para o suposto universal? A própria fórmula que propõe é ela própria um construto racionalista próprio da civilização ocidental, particular, embora quase hegemónico. Voltando a Spengler, é querer traduzir por exemplo a «cultura mágica» árabe numa cultura «Fáustica» (Europeia Ocidental). Não se pode separar sentido de identidade: o que entendemos está intimamente ligado ao que somos. Definimo-nos pelo que entendemos ser o “outro”. É uma relação de alteridade. Ainda que não seja uma antítese, pode mesmo ser uma proximidade, definimo-nos pela *diferença* face a outro sujeito, ainda que mínima. Esta só cede o passo perante uma maior. Só assim se converte em termo de união, por nivelamento de escala. Tomemos como exemplo dois paradigmas irreduzíveis, o liberalismo individualista norte-americano e o conceito tradicional de família Japonesa. Não obstante as diferenças e por vezes as animosidades culturais e históricas, há mais pontos de contacto destes últimos com a família coreana, e do primeiro com o modo de vida europeu contemporâneo do norte da Europa, do que entre si. As diferenças estão lá, mas existe comparabilidade. Numa questão de escala, do mais próximo ao mais

afastado, tendem tanto mais a esbater-se quanto maior for a noção de “estranheza” face ao outro termo de comparação.

Realce-se contudo que estas escalas são multipolares. É usual compararem-se culturas tão díspares como a Judaica e a Chinesa, realçando um vector individualizado que as identificaria uma com a outra numa dada perspectiva. Assim é neste caso, no que à devoção pelo estudo e respectivo prestígio [Status] social diz respeito.

Quer isto dizer que a troca não é fecunda, que o intercultural não existe, ou que não há apreensão textual de tradições outras? De modo nenhum. Simplesmente não há é equivalência de sentido em estado puro, nem apreensão cabal do outro em toda a sua riqueza. Há apenas “mestiçagem” agora sem o sentido pejorativo original. Em termos religiosos, sincretismo, ecletismo, ou conversão, que necessariamente se adaptará de uma forma ou outra à mundividência dos intervenientes. Já não é nenhuma das tradições originais, é o resultado da sua interacção, e isto a dois níveis: primeiramente logo que haja reconhecimento por terceiros, os *outros*, estamos perante identidades espelhadas, logo a tradição é sempre contextual; segundo, as próprias tradições são frutos de cruzamentos de variáveis que solidificaram num *modo de conhecer*, ou seja, são elas próprias paradigmas. Quando as novas verdades se impõem, temos a reforma, o cisma a autonomização numa nova fórmula, que suportará, ou não, o teste do tempo. Veremos de seguida como tal se processa quando aplicarmos esta esquematização à nossa problemática, nomeadamente através do texto escrito. Se a isto juntarmos a especificidade religiosa como veículo cultural por excelência, veremos como surgem um sem-número de questões pertinentes a este respeito.

Por ora vamos ensaiar a nossa definição de cultura baseada nestes dois autores:

*A cultura será, portanto, um meio paradigmático de transmissão e acção simultâneas sobre o conhecimento. Na sua modalidade de agente civilizacional, precede este fenómeno. Deriva originariamente duma matriz de encenação ritual de foro religioso, transmissora de saberes. Constitui o pilar da identidade grupal e do indivíduo enquanto enformadora da sua visão do mundo, balizando-a e contribuindo para a sua percepção através dum conjunto de representações sociais dadas. Neste processo, intervêm directamente faculdades racionais, emoções e atavismos de vária ordem num processo de interpenetração dialéctica. É passível de tradução, mas sempre de acordo com um modelo interpretativo mediador, condicionante do seu entendimento, relativista e em perspectiva. Sendo particular, é uma unidade de destino cognoscitiva no universal da multiplicidade de todas as tradições.*

#### 4. A “Prosa de Arte”

À literatura religiosa, e neste caso Bíblica, podemos aplicar o conceito de “prosa de arte”, tal como Veyne (1971) o enunciou, ou seja como um género literário afastado do que ele chama a “língua corrente”, sendo a mais das vezes obscura para o vulgo. Aqui voltamos ao problema da tradução, para podermos contextualizar o que dizemos. O original hebraico está portanto escrito numa língua semítica, necessariamente diferente duma língua indo-europeia; também as relações estruturais de força do texto não são as mesmas a nível societário, os símbolos de reconhecimento são particulares, as estruturas diversas, as fronteiras entre cada uma destas variáveis conforme à tradição em que se inserem. Um bom exemplo é a separação que só pode ser feita por cortes operativos muito teóricos, e por isso pertencentes à tradição em que se insere o observador, entre religião e política. Mas há outros problemas ainda. Tomemos como exemplo os Salmos como género poético. Enquanto numa língua indo-europeia é a métrica que modula a narrativa, mesmo a sacra, e onde “...o valor fonológico da oposição entre as sílabas breves e longas dava ao ritmo um tal relevo que a actividade dum poeta antigo face à métrica é comparável à dos nossos compositores face a um ritmo de dança.” (Veyne, 1983: 170), nos Salmos hebraicos o que predomina é o valor estrutural e intencional da prece de *per si*, é uma oração. O ritmo é secundário, porque integrado nesta intencionalidade em subordinação; para mais, originariamente, estes eram acompanhados de música, de palmas, de gritos de júbilo. Agora compare-se com a função hierática que o seu canto desempenha na Igreja católica e teremos a medida da sua intraduzibilidade quanto ao significante. Denote-se que essa hieratização começou

no período sinagoga do Judaísmo, o que demonstra bem como a mudança de factores objectivos pode condicionar a utilização de um texto que trata de Verdades Absolutas.

Em seguida, socorrendo-nos de um *Sidur* (Livro de Orações Canónicas Judaicas) e do livro de Barrera “ A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã “ (1995), procuraremos demonstrar esta extrema variabilidade de entendimentos e, por conseguinte, o grau de dificuldade do seu transplante para uma sociedade *outra*, pois nesta acresce a não-identidade relativa, que, por desconhecimento ou recusa, prejudica a assimilação valorativa. Os Salmos vão do 1 ao 150, sendo que os temas tratados vão do Louvor ao Júbilo, do Rogo à Contrição. O seu trabalho redactorial vai da monarquia ao exílio, embora *simbolicamente* sejam atribuídos a David. Escolhemos os Salmos precisamente por, a todos os títulos, se tratar de um “livro de fronteira” tal como o define Barrera, que agora passamos a citar:

“ Os cabeçalhos dos Salmos com suas referências a David (Idwd) e a acontecimentos da vida de David e da época da monarquia e do exílio não têm, com certeza, significação histórica, mas são um indicio de que as primeiras colecções de Salmos estavam relacionadas, no início, com a colecção de Profetas Anteriores, dada a consideração de David como profeta...O livro dos Salmos situa-se na fronteira entre os livros proféticos e os escritos, inclinando-se definitivamente para os segundos.” (Barrera, 1995:190)

E agora vejamos a recuperação *Reverencial* dos Salmos e outras orações canónicas, de um ponto de vista estritamente judaico e ortodoxo. A marca da contemporaneidade é-lhe conferida por um certo recentramento humanista, contudo sempre em perspectiva do Absoluto. Utilizamos a mesma matriz para que o leitor se possa fazer eco da incomensurabilidade de leituras que pode provocar um mero salto temporal, ainda que

reivindicando-se, e inserindo-se realmente o que é complementar, mas não obrigatoriamente verdadeiro em todos os casos, na mais pura ortodoxia:

“ A palavra hebraica para rezar (**Lehitpalel**) não significa “rogar” ou “suplicar” a Deus. Ela provém do radical hebraico “**PLL**”, cujo sentido aproxima-se do último dos quatro tipos de preces aqui mencionados. Significa “julgar”; portanto “**lehitpalel**” (rezar) pode ser traduzido também por “**julgar a si mesmo**”. Esta é a chave do verdadeiro propósito de entregar-se à oração. Ainda que solicitemos a Deus que nos proporcione o que nos falta, ou que Lhe agradeçamos por algum bem que nos fora brindado, ou Lhe exaltemos por Seus imponentes atributos, toda a prece está destinada a ajudar-nos a convertermo-nos em seres humanos melhores.” (Fridlin , 1997: 4).

Para completar esta parte do apontamento, queremos referir-nos a uma especificidade da tradução de temas religiosos, e esta é irreduzível. Trata-se do carácter *sacro* da linguagem. Quer se trate de oração mental, duma jaculatória ritualista ou duma prece espontânea, a palavra orada ganha corpo pela materialização da vontade que a produz e da inteligência que a ilumina. A língua é, pois, particularmente sagrada, não só porque o fiel a usa, mas essencialmente porque Deus a usou para se comunicar, cristalizando-a num dado livro Sagrado. O idioma é parte da Revelação, é o seu veículo preferencial. Por outro lado, devemos referir o poder mântico da palavra, que só é acessível na língua original, veja-se o Yoga.

Quem diz interpretação diz implicitamente relações de poder na *ordem do discurso* e *naturalização das ideologias*, tendo como corolário a *tecnologização* do mesmo. Quem interpreta o quê, com que valores, em que condições e com que intencionalidades?

Um dos grandes obstáculos a uma maior objectividade neste campo, sempre relativa, é a reificação. Vamos exemplificá-lo através duma breve exposição acerca do judaísmo.

## 5. A Reificação, um Estudo no Judaísmo.

Se o idioma Alemão é comumente reconhecido como tendo criado palavras – conceitos, que Nietzsche ou Jünger entre outros, ajudariam a popularizar, – então o conceito de Judaísmo merece bem o epíteto de palavra-mito. Nenhum outro povo foi tão amiudadamente descrito pelo “outro” – o não-judeu neste caso – e em mais caso algum tal descrição se operacionalizou em conceitos tão erróneos e redutores, e ao mesmo tempo tão perenes. A própria palavra *judeu* aparenta possuir uma tangibilidade quase física. Um exemplo acabado disso poderá ser quando numa sala de aula um aluno ou professor se referem a uma personagem como *fulano* que por acaso até era judeu, seja tal indivíduo físico ou criador de galinhas, ou seja, nada tendo o campo da sua especialidade a ver com a sua opção religiosa, e não se vislumbrando nenhum nexo causal em que a segunda comprometesse a primeira ou vice-versa.

Esta mitificação não se circunscreve ao vulgo, perpassa inclusive para o discurso científico. Afirmações abusivamente generalistas de variado género são comuns a variados estudos sobre o judaísmo e revelam uma fossilização de conteúdo e sobretudo uma idealização *ilo tempore*. Assim sendo, o povo judeu já teria nascido acabado e portador de um conjunto de características inatas e imutáveis que o configurariam para todo o sempre. Como iremos ver de seguida, o processo histórico é bastante mais complexo. Uma identidade faz-se de contrapontos, e, sendo assim, o judaísmo é uma identidade de reacção porque eminentemente diaspórica. É um enunciado que se insere numa linha Braudeliana de pensamento, o judeu como *o negativo*, diríamos o arquétipo espelhado, que permitiria ao *outro* o seu auto-descobrimento por antítese.

Antes de mais o nome: judeu ou mais propriamente hebreu, (Habiru), significa simplesmente, errantes, os vindos de além, logo, origem nómada e tribal. Aqui a confusão terminológica tem uma explicação simples, reduziu-se o todo à parte – reino de Judá – o que mais tempo manteve a sua independência política. Em segundo, a genealogia de cariz totémico, em que não só os nomes das doze tribos ditas originárias, mas também os da maior parte dos povos em redor, são religados por antepassados comuns. Por último, o impacto da fonte escrita como difusora e normalizadora da vida social, nomeadamente na adaptação à vida citadina com a conquista da terra prometida, e mais tarde na diáspora. Tais são os elementos que nos auxiliarão a enquadrar este estudo, que por razões de economia e esperamos, simplicidade, subdividiremos em alguns pequenos blocos.

#### **a) O Povo e o Livro**

O judaísmo é um mosaico étnico – religioso, dificilmente alguém o caracterizaria como racial. As diferenças étnicas e culturais são evidentes entre Judeus sejam eles Sabras, Falashas, Sefarditas, Asquenazes ou Khazares. Simplesmente, tais diferenças são atribuídas à diáspora iniciada em 135 D. C., quando o Imperador Adriano expulsou os Judeus da Palestina. A verdade é que os judeus sempre viveram numa sociedade multicultural e isto abrange todo o período bíblico até esta última data. A importância da tradição escrita é fundamental, porque nos permite encontrar no texto tais reminiscências, embora normalizadas e revistas de forma a permitir uma re-idealização histórico-religiosa. A grande conquista deste povo através dos séculos foi precisamente nunca se ter adaptado de tal forma ao meio que este o absorvesse totalmente, antes adaptando-o, tornando-o seu, apropriando-se, reformulando muitas das suas ideias, até que hoje estas lhe são vulgarmente atribuídas.

Começemos por Moisés, que teria vivido algures pelo século XIII A.C. A ele se atribuí o Pentateuco, ou seja a Torah. Ora, entre este e Esdras, que viveu no Século V A.C., medeiam cerca de oitocentos anos. O porquê da comparação? É que é precisamente com este último que a Torah sofre a sua versão definitiva. Neste processo foram incorporados ao pensamento judaico inúmeros elementos, egípcios, cananeus, babilónicos, para só citarmos alguns. Vamos ver alguns exemplos desta osmose. A circuncisão é um costume de vários povos semitas. Supostamente já Abraão a praticaria, como vem descrito em Génesis 17:10. Muitos autores consideram, no entanto, que tal costume teria sido adquirido pelos Judeus no Egipto onde era praticado ritualmente. Uma vez mais qual das versões será a real? O texto será auto-legitimador ou fruto de uma tradição autóctone? Já no que diz respeito ao Salmo 104, a sua semelhança com o Hino ao Sol de Akenaton é flagrante, sendo algumas partes transliterações. Por outro lado, os Eloim, eram deuses cananeus tutelares, ligados a árvores, fontes ou montanhas do percurso pastoril. Curiosamente, a palavra aparece na primeira caracterização de Deus no Antigo Testamento como fortalecedor, (Gn. 17:1) na sua variante *El Shadai*, em que *El*, longe de ser um artigo, significa antes “ O todo Suficiente”. A chave para a compreender esta assimilação encontra-se em Génesis 1:1, em que se lê “ No principio criou Deus os céus e a terra”. Deus, aqui na sua acepção *Eloim*, conforme às notas de tradução do hebraico, é plural, aplicando-se aqui no singular por dizer respeito ao verdadeiro Deus, ou seja, reapreciação do significado, por via monoteísta, sobre um fundo pagão cananita. Quanto à influência Babilónica, ela é preponderante no período que vai de 597 e 586 A. C (Iª e IIª deportações para a Babilónia), até à construção do Segundo Templo (520 A. C. – 515 A. C.), tendo sido o Primeiro destruído em 586 A.C.

A este período de devem a Angeologia e os primórdios da Cabala, aqui representados pela doutrina iniciática da Merkabah (à letra, carro).

Passemos agora à sociedade multicultural nos tempos bíblicos antes de Cristo. Vamos referir-nos a algumas personagens bem conhecidas a fim de ilustrarmos este ponto. Convém referir que, após Moisés, todos os grandes Líderes Judaicos sejam eles Juízes, Profetas ou Reis, são essencialmente reformadores que visam levar o povo de volta ao aprisco da Lei, o que não conseguem na maior parte das vezes senão em parte, e à custa de muita impopularidade e matanças sucessivas, não só de heréticos como de representantes dinásticos julgados impuros e portanto indignos de exercer autoridade. Um caso paradigmático é o de Saul e David. Durante a guerra civil que os opôs, Saul, enraivecido com o apoio do clero a David, manda abater os oitenta e cinco sacerdotes de Nobe, conjuntamente com as suas famílias (1Sm 22: 6 a 19). Como se a guarda real se recusasse a voltar a espada contra os Sacerdotes do Senhor, quem se encarrega da tarefa é um edomita, Doegue. Este povo faz parte, juntamente com os moabitas, arameus e amonitas, do conjunto de povos totémicamente aparentados aos filhos de Israel. Neste caso seriam os descendentes de Esaü, que vencidos por Saul, tinham sido incorporados na vida social. Quanto a David, este também tinha na sua guarda Filisteus, da cidade filisteia de Gath, comandados por Ittaï. É célebre o caso de Urias o Hitita, que o primeiro manda para a primeira linha de batalha para poder ficar com a sua mulher Bate-Seba, ou Bétsabé. Menos conhecido, talvez, é um episódio significativo da fuga de David de sua casa, protegido por uma das filhas de Saul e sua mulher, Mical (1Sm 19: 11 a 16). O que nos interessa para esta análise, pese embora o rocambolesco, é o facto de Mical ter enrolado um ídolo do lar na cama, para tomar o lugar de David, o que prova que muitos costumes pré-moisáicos subsistiam ainda nesta época, nomeadamente

o antropomorfismo ligado ao culto dos antepassados. Portanto, o monoteísmo é um ponto de chegada e não de partida, aliás sujeito a retrocessos vários. É o caso de Salomão. O construtor do Templo sacrificou a divindades estrangeiras, por instigação das variadas mulheres não hebreias que possuía (1 Rs. 11: 1 a 8). Uma das práticas que os Judeus atribuíam a muitos destes povos era a de efectuarem sacrifícios humanos. Para já não falar do de Isaac que não chegou a consumir-se, ocupar-nos-emos de um outro, este efectivo. Na época pós-Josué, a dos Juízes, um destes, mais precisamente o nono – Jefté - sacrificou a sua filha, uma vez que disso tinha feito voto a Deus, caso este lhe concedesse a vitória sobre os amonitas, o que veio a suceder. O facto de a lei moisaica condenar todo e qualquer sacrifício humano (contudo em vão se procurará qualquer juízo moral de repúdio ao acto nos versículos seguintes) mostra bem a divulgação de tais rituais na área. Por último, algumas palavras em relação à magia, que não era desconhecida do corpus religioso Judaico, e que não se deve confundir com meros rituais de adivinhação e consulta do espírito dos mortos. Podemos citar ainda uma importante forma, diríamos augural, de magia actuante sob a forma de óraculo. A magia no Judaísmo não desaparece, nem é completamente postergada, antes é deixada ao cuidado exclusivo da Classe Sacerdotal. As referências ao Urim e Tumim aparecem primeiramente em Exôdo, 28:30, (seguindo-se Nm 27:21, Dt. 33:8, 1Sm. 28:6) até Esdras (Ed. 2:63). Tratava-se de uma forma particular de óraculo, consistindo ao que se supõe em duas pedras, as quais por consulta ao Altíssimo, dariam a resposta “sim” ou “não”, conforme se apresentasse uma ou outra. A sua importância é tal que, no tempo de Esdras, alguns sacerdotes que não puderam provar a sua genealogia ficaram com as suas funções em suspenso, até que um sacerdote com este dom se pronunciasse sobre o assunto recorrendo a este método (Ed. 2: 61 a 62).

Um dos mitos mais arraigados acerca do Judaísmo é a ausência de prosélitos. Contrariamente ao que se possa pensar, desde a sua origem até 425 D.C., houve sempre proselitismo de massas no judaísmo, inclusive o forçado. Foi o caso da conquista por volta de 164 A.C. das costas Idumeia, Itureia e Filisteia, pelos Macabeus. Aqui se incluía a Galileia, na qual os varões foram forçados à circuncisão, tal como os outros das regiões conquistadas. Esta é a razão pela qual os galileus eram olhados com menosprezo no tempo de Cristo, como ralé recém-circuncidada, incapaz de suscitar Profeta (Jo. 7:52). Este recebimento na Aliança de Abraão tinha regras precisas como podemos ver em Génesis 17:12 ou em Deuteronômio 23: 7 e 8. De facto, com exclusão de certos povos (Amonitas e Moabitas), o estrangeiro à terceira geração, mesmo o escravo de origem não judaica, podia congregar-se na assembleia. Em 63 A. C. havia cerca de um milhão de Judeus no Egipto, Alexandria contava com uma numerosíssima colónia. No limiar da Era Cristã, a conversão ao Judaísmo por parte de elementos de educação grega era comum, nomeadamente nesta cidade, e por todas as colónias judaicas de alguma importância espalhadas pelo mundo mediterrânico. Adoptou-se mesmo uma distinção entre os “filhos de Abraão” prosélitos inteiramente conversos e os “metuentes”, prosélitos da porta que adoptavam um programa mínimo não tão exigente. A segunda geração destes, contudo contava-se já na primeira categoria. Com Filon de Alexandria, contemporâneo de Cristo, chegamos ao expoente máximo de uma última grande simbiose, a do pensamento grego com a revelação Judaica. Uma vez mais, as grandes diversidades culturais do judaísmo emergente numa matriz comum fazem-se sentir. O Judeu da Diáspora não fala hebraico ou aramaico, mas sim grego. A prova da sua helenização está no facto de que a Pentateuco traduzida nessa língua, a chamada versão dos Setenta, estar datada já do reinado de Ptolomeu Filadelfo (285-247 A.C.). No

seu meio floresce o chamado judaísmo de Sinagoga. Este proselitismo apoia-se em Isaías, 55:5 “Eis que chamarás a uma nação que não conheces, e uma nação que nunca te conheceu correrá para junto de ti, por amor do SENHOR, teu Deus e do Santo de Israel porque este te glorificou.” A interpretação alegórica para além da literal, desenvolvida por Filon, terá grande importância para a posterior constituição do Talmude. Quer isto dizer que tal adesão se fez sem resistências? Decerto que não, o sector mais integrista do Rabinato nunca o aceitou. Ironicamente, este foi instituído por Esdras sob uma base empírica proveniente dos exílios em Babilónia, onde se constituíram grupos de oração sob a direcção de homens instruídos nas Escrituras; quer a Sinagoga quer a figura do Rabino ganharão fôlego com a segunda Destruição do Templo. Até lá são meras figuras de substituição, mas com três diferenças candentes, o Templo estava interdito a não-judeus, as Sinagogas abertas, o ofício sinagoga era em grego, e estava excluído nestas qualquer sacrifício, só possível no Templo o que as fez evoluir para uma nova acepção pietista. Dissemos ironicamente porque Esdras é um dos responsáveis pela figura do apartheid etno-religioso que tanto é associado ao Judaísmo. Foi ele que, sob a influência, que é Persa (Zoroástrica), do conceito de pureza, interpretando à letra a Torah, intentou interditar os matrimónios mistos e dissolveu os já existentes (Ed. 10: 1 a 44). Se pensarmos na força que pode ter um interdito, não nos admiraremos de que ainda hoje, no Estado de Israel, apenas um quarto de todos os casamentos o sejam.

Se, em 425 D.C., quando o Imperador Teodósio II dissolveu o Sinédrio, o proselitismo massivo cessou, tal não se ficou a dever a um ascendente integrista do Judaísmo, antes se tratou de um enquistamento face ao progressivo e crescente anti-semitismo cristão, uma manobra de conservação.

Falámos há pouco do Talmude, da interpretação de texto, e do Rabinato. Estes três factores entrecruzam-se numa tessitura que irá permitir o florescimento de uma abundante literatura sapiencial, enunciadora também ela duma enorme diversidade da cultura Judaica, desta vez a nível teológico, mas com especial relevância na vida quotidiana. Dissemos que havia oposição entre os rabinos quanto à questão dos prosélitos, também enunciámos a posição de Isaías que possibilitava a sua existência. Aqui chegamos a mais um ponto de viragem para a real compreensão do Judaísmo, a mediação sacerdotal do texto. Não é tanto a Lei em si que obriga na sua interpretação literal, mas sim a interpretação que dela faz um agente autorizado. Mais, é possível defender com igual valor, mesmo que contra a maioria, qualquer posição desde que fundamentada, isto sem sair do quadro da estrita observância. Este ecletismo só se consegue através do sistema interpretativo em quatro fases desenvolvido por gerações sucessivas de rabinos, sejam eles Sefarditas ou Asquenazes. São elas “peshat” ou interpretação literal, “peshet” ou interpretação profética, Derash e ou Midrax, géneros de interpretação em profundidade, do sentido oculto, e alegórica. Saliente-se que a produção midráxica continua hoje em dia, não sendo nada invulgar a correspondência nesse sentido entre rabinos, buscando conselhos em relação a determinado assunto. Este esforço terá tradução no Talmude, que compreende a Torah, e os restantes livros do Antigo Testamento, a Mishná e a Guemará, respectivamente um conjunto de comentários ao Antigo Testamento, cuja compilação se atribui ao Rabi Yehuda Hassi (200 D.C.), e a sua explicação, que será compilada entre os séculos III a V D.C. Uma parte importante desta literatura regula até aos mais ínfimos aspectos da vida quotidiana. É chamada de Halachá, significando regra, lei.

## **b) Algumas Mulheres Importantes.**

Débora, Rute, Ester. Três mulheres. Três heroínas de Israel. O Judaísmo não é tão misógino, nem de forma nenhuma tão patriarcal que lhes não reconheça o mérito, entre outras. E isto nada tem a ver com posição social, senão vejamos. Quer Rahab, quer a mãe de Jefté, eram prostitutas, a segunda deu à luz um Juiz de Israel, a primeira foi a única poupada por Josué quando tomou Jericó, em paga do acolhimento que esta teria dado aos seus espiões em missão exploratória.

Rute foi a tetravó de David, apesar da proibição referente aos moabitas atrás explicitada. Este é um caso muito especial, com um livro próprio. Rute é um arquétipo do próprio Judaísmo, a de um único ser humano, uma mulher saliente-se, que, pela sua fidelidade, remove uma maldição hereditária, remindo todas as gerações.

Já Débora é um caso à parte pela natureza do seu poder: houve treze juízes, doze homens e uma mulher, esta. A quarta juíza foi contemporânea do quinto, um general de nome Barak (o raio); ambos venceram o general Sísera, o cananita, o que pode suscitar dúvidas acerca da exclusiva patriarcalidade do mando. De facto, o exército de Barak negou-se a combater caso Débora não estivesse com eles na batalha; é ela quem incita Barak ao conflito e, mais importante ainda, é ela a profetisa que ouve a voz de Deus e que ordena em seu nome, em tempo de guerra, e em seu Nome julga em tempo de paz (Jz. 4: 1 a 24).

Ester é interessante por duas razões, por ter dado origem a uma das festas hebraicas mais significativas, o Purim, ou festa da Libertação, e pela própria etimologia do nome. A acção decorre em Susa onde os Judeus se encontram exilados sob Assuero, ou seja Xerxes, Soberano Persa. Esta acaba por ser coroada rainha após várias peripécias e desmascara uma conspiração destinada a exterminar todos os Judeus conduzida por um

cortesão invejoso de nome Hamã (Et. 1 a 10:3). Aqui vamos encontrar um paralelo de fusão multicultural interessante: os nomes dos protagonistas Ester e Mordecai, seu tio que a perfilhara, correspondem aos de Ishtar e Marduk o par cósmico do panteão assiro-babilónico.

### **c) Os excluídos: Samaritanos e Cristãos**

Qualquer cultura, na sua diversidade, chega a um ponto de ruptura com um ou mais grupos que a partir daí tolerará apenas como marginais ou que procurará mesmo excluir dessa órbita para o obliúvio. Foi o que aconteceu exactamente a Samaritanos e Cristãos. Dos primeiros existirão não mais de trezentos hoje em Israel, proclamando-se a si mesmos como os verdadeiros Judeus.

Recordamos aqui a “Parábola do Bom Samaritano” (Lc. 10: 30 a 37), como elo de ligação entre estes dois grupos. Tenhamos em conta o público-alvo de Cristo, neste caso um intérprete (Doutor) da lei, e a parábola assume logo outros contornos, à primeira vista insuspeitos. Lembremo-nos que o *leitmotiv* é averiguar qual dos três se comportou como “o próximo” do homem ferido, se o Sacerdote, o Levita, ou o Samaritano. A resposta pareceria óbvia, o único que se mostrou solidário socialmente foi precisamente este último. Nada de mais redutor. Do ponto de vista da diversidade cultural Judaica, esta parábola é verdadeiramente revolucionária. É que os Samaritanos eram considerados mestiços, párias e ainda por cima heréticos. A título de exemplo, se um Judeu tocasse sequer a sombra de um destes ficaria impuro até ao pôr-do-sol desse dia, e mesmo assim teria que fazer abluções rituais de purificação. Mestiços porque os Judeus os consideravam como fazendo parte de uma população importada pelos Assírios, por volta de 722 A.C. quando estes assolaram a Samaria original; heréticos e párias (as duas coisas andavam a par), porque não reconheciam a autoridade do templo

de Jerusalém e sacrificavam nos altos tal como as primitivas populações cananitas. Tão estrangeiros eram que o próprio Cristo assim os considera, quando ao curar dez leprosos, só um deles, Samaritano, lhe agradece pela cura (Lc. 17: 11 a 18) Assim, a obra do samaritano atinge a perfeição Crística: se os lugares se invertessem, sabia que não podia esperar qualquer piedade, o socorrido jamais lhe agradeceria, e gastou das suas posses sem esperar recompensa alguma porque tal como os helenizados saduceus, os Samaritanos não acreditavam na Vida Eterna.

Quanto ao Cristianismo, há uma particularidade que muita gente se esforça ao máximo por esquecer: é que foi, durante algum tempo, depois da morte e Ressurreição de Cristo, mais uma seita dentro do Judaísmo, embora mal tolerada. Os fiéis cumpriam a Lei como Judeus que eram; simplesmente para estes o Messias já tinha vindo e como tal a Profecia estava cumprida. Só cerca do ano 85 D.C. é que o anátema foi pronunciado nestes termos: «Possam os Nazarenos e os heréticos ser subitamente destruídos e removidos do *Livro da Vida*» (Chadwick, 1969:22). Sob o nome de ebionitas subsistiram, na Síria, algumas destas congregações até ao séc. IV.

#### **d) As Festas Religiosas, Encruzilhadas da Diversidade.**

Quando um povo tão fortemente enraizado no Sacro perde a sua independência política e se dispersa, então a preservação do acto religioso, ainda mais o de cariz comemorativo, faz o papel de âncora e de condutor para uma dimensão meta-histórica onde a comunidade reencontra as suas raízes transplantadas e adaptadas. É como se sob a superestrutura do rito se ocultassem elementos conjunturais marcantes que acabarão por se confundir com este num palimpsesto. Vamos recordar dois destes casos. O ofício do Kol Nidrei ou Kal Nidré, e as variações assumidas na posição à mesa durante o rito

da Pêssach. Neste último, e embora a tradição bíblica (Ex. 12:11) nos mostre os hebreus ataviados e com pressa, muito provavelmente de pé, a tradição greco-romana do tempo da Mishná alterou esta simbologia de quase teatro que preside à refeição Pascal para reclinados, e não de pé ou sentados de costas direitas, para simbolizar que os Judeus eram homens livres e não escravos. O Kol Nidrei é o serviço dito vespertino do dia do Grande Perdão o *Yom Kippur*, o seu significado original é o de declarar anulados quaisquer votos feitos pelo crente, em relação a si próprio, quer durante o ano transacto quer durante o próximo. Sobre esta trama, juntou-se-lhe posteriormente uma lembrança em tom de lamento, acerca dos 150 000 judeus forçados a converter-se ao Catolicismo, e um apelo a que retornem à Fé. Repare-se como se casam perfeitamente os dois elementos.

#### **e) Os Hassidim, de Heréticos a “Ortodoxos”**

Uma característica do Hebraico, bem como de outras línguas semitas, é o uso da mesma palavra para designar coisas díspares. À força de tanto serem amalgamadas, acabam por conter nelas vários significados, sem que isso gere contradição, embora conceptualmente abarquem realidades claramente distintas. O termo Hassidim, ou hassídico, é um deles. Serviu sucessivamente para designar os Essénios, em segundo lugar uma seita judaica rigorista anti-helénica do séc. II A.C, e ainda uma outra Medieval, situada na Alemanha, que se caracterizava pela aceitação de muitos aspectos doutrinários do Cristianismo. Em suma, nada tinham a ver umas com as outras. Mas afinal o que significa a palavra? Nada mais do que pio, bondoso, o que se aparta do mundo para melhor cumprir a lei. E chegamos ao séc. XVIII, e ao Hassidismo que nos interessa para este estudo. Ao vê-los de camisa branca, vestidos de negro, de barbas, chapéu e cabelos com caracóis pendentes de lado, todos os identificam como os “ortodoxos” do

Judaísmo. Porém, para surpresa de muitos, nasceram heréticos face ao legalismo rabínico. Há que precisar aqui um ponto, um Judeu para ser observante (vulgo Ortodoxo), cumprirá as obrigações da Torah e por ela se guiará moralmente. Um hassídico não é um ortodoxo, no sentido que lhe damos no ocidente, é algo mais, é um santo homem em potência (Tzadik) vive para cumprir os 613 preceitos da estrita observância que começam logo com o número ritual de passos que dá ao acordar. Em 1781, no grande Jerem (excomunhão) que reuniu autoridades rabínicas de Grodno, Pinsk, Brest-Litovsk e Slutzk, os Hassidim foram solenemente declarados excomungados da comunidade. Mesmo assim, o movimento fundado por Baal Shem-Tov, logrou impor-se, na Ucrânia, Polónia, Distrito Judaico da Rússia e Países Bálticos, chegando a representar grande parte da comunidade judaica. O que o distingue de outros ramos do Judaísmo e o autonomiza como um factor de diversidade cultural dentro deste é o seu profundo misticismo, o estudo das obras sacras como forma não de engrandecimento intelectual, mas como acto devocional, a produção de obras de comentário a estas de índole muito própria, o pietismo absoluto e a crença não só no milagre, mas também na operação de forças “mágicas” através do estudo cabalístico. Não é que esta não se tivesse desenvolvido antes, muito pelo contrário, mas os Hassidim operacionalizaram-na. A II Guerra Mundial, a morte de grande parte desta comunidade nos campos de concentração, paralelamente à emigração dos sobreviventes para os EUA e Israel, para onde aliás se começaram a dirigir a partir do século XVIII, fez deles um expoente de dedicação ao Judaísmo. Convém não esquecer que as circunstâncias religiosas também se alteraram, acabando por os beneficiar ao contribuírem para o enfraquecimento dos seus inimigos “legalistas”. A decisão da Assembleia Nacional Francesa, em 1791, de conceder plena cidadania aos Judeus em

França, conjugada com o movimento reformista Alemão de David Friedländer (1756-1834), aculturou uma grande parte da comunidade Judaica na Europa Ocidental, subtraindo-os ao poder rabínico. Pelo contrário os Hassidim, foram sempre firmes partidários da separação inter-comunitária. Nada é simples no Judaísmo. A maioria esmagadora dos hassidicos rejeita o Estado de Israel, embora lá vivam muitos, não cumprem o serviço militar, e dispõem de escolas próprias subsidiadas estatalmente.

#### **f) Mulheres no Judaísmo Contemporâneo**

Uma prova da força vital da religião e cultura Judaica (em sentido lato, entenda-se) é a quantidade de percursos diferenciados que se podem trilhar tendo-as como referência. Caminhos opostos, que por paradoxal que possa parecer se reclamam da mesma herança.

«Abençoada seja a união consumida na chama ardente.

Abençoada seja a chama que queima na secreta firmeza do coração.

Abençoado seja o coração com força para parar o seu bater em prol da honra.

Abençoada seja a união consumida na chama ardente»

Hannah Senesh

(Tradução nossa)

Nova Iorque, Brooklyn, 215 Pacific Street. A instituição chama-se Escola Comunitária Diurna Hannah Senesh, o programa visa proporcionar aquilo a que chamam um currículo integrado, sem esquecer as raízes judaicas. O nome diz tudo, Hannah Senesh, nascida Szenes, poetisa, sionista, mártir, a Joana D'Arc judia. Nascida na Hungria, em Budapeste a dezassete de Julho de 1921, numa família aculturada de classe média, Hannah é um exemplo clássico do judaísmo reaprendido da base como forma de

reação a um meio hostil. Aos dezassete anos de idade, frequentando um liceu protestante, deu-se conta do anti-semitismo crescente. Eleita presidente da sociedade liceal de literatura, foi informada que não poderia tomar posse do cargo, uma vez que era judia. No seu diário<sup>2</sup> escreverá «Só agora começo a perceber o que significa realmente ser-se Judeu numa Sociedade Cristã». Em vez de se converter, estudará hebraico e tornar-se-á Sionista. Emigrará para Israel e aí juntar-se-á ao Kibbutz de Sdot Yam, após ter frequentado uma escola agrícola. A 7 de Novembro de 1944, será fuzilada em Budapeste: tinha-se oferecido como voluntária para saltar de paraquedas sobre a Jugoslávia, a fim de atravessar a fronteira para a Hungria, numa tentativa de auxiliar a evasão ilegal de Judeus desse País. Tinha 23 anos de idade. No início dos anos cinquenta, os membros do Kibbutz dedicaram-lhe um centro cultural - “Beith Hannah” - ( a casa de Hannah).

Nova Iorque, Brooklyn, Bedford Avenue. A Sra. Teitelbaum, esposa do Rabi chefe da Comunidade Hassídica Satmar (cidade Húngara de onde retiraram o nome) dirige uma cozinha Kosher, que fornece não só os membros da comunidade que estão deslocados, como por exemplo Universitários, mas também todos os judeus necessitados em hospitais, independentemente da sua prática religiosa, que lhes sejam assinalados como tal. Jamais lhe passaria pela cabeça falar Hebraico, essa língua é reservada para falar com Deus, fala Yiddish, o seu idioma materno mesmo nos EUA, ou Inglês. Como é óbvio, o Estado de Israel é uma aberração como o seu marido já demonstrou várias vezes, através dos preceitos da Sagrada Torah: uma das que teve mais impacto foi com certeza a sua carta aberta ao Presidente Bush.

---

<sup>2</sup> Publicado pela primeira vez em 1946, em hebraico. Nossa fonte: HTTP:// [www.hannahsenesh.org.il/](http://www.hannahsenesh.org.il/)

E no entanto...Num Kibbutz uma mulher tem a mesma voz que um homem, e um voto tal como ele. Na comunidade Satmar, as mulheres, se trabalham fora, estão absolutamente segregadas de contacto com o público masculino. De cinco em cinco semanas rapam o cabelo. Guardam as roupas vistosas para o interior de casa (Falbalas), submetendo-se a banhos rituais (um mandamento – mitzvot) todos os meses. No Kibbutz, as mulheres servem-se dos duches comunais. Apesar dum mundo de diversidade cultural diríamos, todas são judias. Judias sim, tanto umas como outras.

O judaísmo não se define como uma religião somente (há judeus ateus), não é uma raça (existem de todas as cores e feitios), nem tão pouco uma língua única, tanto mais que o Hebraico foi reinventado para uso comum nos finais do séc. XIX, nem mesmo uma unidade ritual ou ideológica. Há mesmo judeus messiânicos, ou seja acreditam que o Messias já veio, e que por tal as Profecias se cumpriram. Face ao judaísmo da corrente principal serão apóstatas ou no mínimo preteristas. O Judaísmo é pois um paradigma que se esgota nas fronteiras do seu particularismo embora este seja assaz eclético. É uma condição, é-se de condição judaica.

Depois do que passámos em revista podemos perguntar-nos qual a verdadeira significação de um substantivo polirremático prenhe de significados como o *Judaico-Cristianismo*. É o produto acabado da *tecnologização do discurso*: não só o seu significado é novo quando comparado com cada lexema que o compõe em separado, o que seria legítimo e apropriado, mas esconde uma profunda revisão e subalternização dos termos em presença, nomeadamente do primeiro.

## 6. Ricoeur, a Condição do Crente.

Estudaremos de seguida como foi operada esta passagem interpretativa, verificando a transformação duma só matriz original em dois paradigmas distintos, que embora complementares não são amalgamáveis: Judaísmo e Cristianismo.

Seguiremos agora de perto as teses de Paul Ricoeur quanto à interpretação e as críticas de um contemporâneo e amigo de Nietzsche, como ele também docente (neste caso de Teologia, Enquanto o primeiro regia Filologia Clássica) na Universidade de Basileia, de seu nome Franz Camille Overbeck, ao que chamava a «Teologia liberal». Completam-se admiravelmente.

Overbeck (1903) defendeu a tese da irredutibilidade do Cristianismo, enquanto religião escatológica, à cultura laica, nomeadamente a que legitimava o Império Alemão, através da chamada «Teologia Liberal». Ou seja, negava que o Cristianismo pudesse ser alvo de uma recuperação (atendamos à época), transformando-o num dos pilares do Estado. Mais, advogava ainda que o “simples”, tal qual o chamava, leia-se o Crente, deveria ser deixado na sua inocência. Quanto aos outros, aos *modernos*, Overbeck considerava o modernismo enquanto tal um mero compromisso, sendo o ateísmo de regra por se tratar duma condição, diríamos mesmo *da condição sine qua non*, da sua liberdade individual. Estamos na fase niilista da transformação de todos os valores, Nietzscheana.

Vale a penar citar dois trechos de duas obras suas<sup>3</sup> para ilustrar este ponto tão importante.

---

<sup>3</sup> Trata-se e por ordem de apresentação de; *Christentum und Kultur: Gedanken und Anmerkungen zur modernen Theologie*, ed. C.A. Bernoulli, Basileia, 1919, p.286 e de; *Selbstbekenntnisse*, ed. Eberhardt Vischer, Basileia, 1941, p.166. (citado por Lionel Gossman in *O Eterno Retorno*, ed. Bizâncio, 1999, p.63).

“ Se não pode fazer o luto de Deus, o seu individualismo não é autêntico ou então ainda não atingiu o seu grau mais elevado de liberdade.”

“A nossa perda de contacto com o antigo e a nossa queda para longe dele são irreparáveis, como nos ensinam os Hebreus [6, 4-8] [...] Não há nada a fazer: chegámos a um ponto em que já não temos outra escolha senão avançar [...] Se a nossa queda extinguiu realmente toda a luz, ao voltarmos para trás temos menos possibilidades de ser de novo iluminados e podemos estar seguros de que a luz só pode encontrar-se à nossa frente. Confrontamo-nos novamente com a mesma *adunaton* (impossibilidade) dos primeiros cristãos.”

É a esta mesma impossibilidade que relaciona modernidade e perda da inocência, e da *Salvação*, traduzida por uma leitura atenta dos versículos indicados acima, que Overbeck responde com um salto no escuro (condição indefinida). Esboça-se aqui uma mudança ontológica do ser pela negação metódica. Como se a autonomização da consciência individual pressupusesse uma tentativa prometeica após a *queda*. O que começou como uma crítica hermenêutica vai desembocar na ontologia. O mesmo caminho leva Paul Ricoeur mas desembocando não no ateísmo mas na *Fé*, não na dúvida como destruição do que está, mas na *Esperança*, ultrapassando a impossibilidade pela noção de Promessa. É este último que acompanharemos doravante<sup>4</sup>.

Antes de começarmos cabe aqui um breve esclarecimento. Escolhemos Ricoeur, não só porque se debruça sobre a hermenêutica e a ontologia sob um prisma Bíblico. Fizemo-lo também e principalmente, porque quando trata estes dois temas globalmente são visíveis as marcas dum certo *pensamento Bíblico*, duma condição de Crente. Tal não só

---

<sup>4</sup> Com propriedade podemos aplicar à sua filosofia o versículo 9 do capítulo 6 de *Aos Hebreus*: “ *Mas de vós, ó amados esperamos coisas melhores, e coisas que acompanham a salvação, ainda que assim falamos.*”

Todas as citações Bíblicas, salvo expressa ressalva, são retiradas de: Bíblia Sagrada e concordância, ed. Sociedade Bíblica. Trad. João Ferreira de Almeida, 1993.

o torna único dum ponto de vista humanista, como permite utilizar a nossa interpretação crítica [saliente-se] do seu pensamento como ilustradora de diversidades culturais<sup>5</sup>.

A hermenêutica e a ontologia Ricoeurianas têm a vantagem de pôr a nu, dum ponto de vista erudito, uma série de questões que atestam a diversidade cultural do indivíduo que Crê face à sociedade laica. Desde os fundamentos primeiros da sua própria obra até à circunstanciação que faz da hermenêutica Bíblica, passando pela noção de testemunho, pelo despojamento do “eu”, ou ainda pelas suas reflexões acerca do mal e do tempo, tudo prefigura o Crente que filosofa. Aqui a tentativa prometeica face à morte e ao fracasso, à finitude e à fragilidade, redundando num acto de Fé.

Toda a sua filosofia pressupõe um ego-no-mundo, que é o seu meio ambiente, ou seja um humanismo ontológico reflexivo em permanente diálogo com as suas próprias *representações sociais*. Nós acrescentaríamos das quais o próprio ego faz parte. E é graças precisamente a esta *mise en scène* que Ricoeur não só admite expressamente a pluralidade interpretativa, vista pelo próprio como um enigma, como excepciona a Hermenêutica das Sagradas Escrituras da dualidade questão/resposta, substituindo-a pela noção de *Apelo*. Necessário se torna classificá-lo como transcendental, não se lhe responde resolvendo-o; é uma convocação. Pela primeira vez, há uma clara diversidade cultural de foro religioso presente na sua obra, não será a última. Temos que a admissão

---

<sup>5</sup> Trata-se aqui de diversidade cultural enquanto produção discursiva, quando contraposta a outras. Incluem-se nestas quer outros discursos filosóficos, quer o discurso religioso propriamente dito. Não querendo caracterizá-lo como um Protestante *engagé*, o que seria excessivo, propomos o conceito de *filósofo da mediação*. O marco histórico que apontamos como iniciador desta clivagem enunciativa, sacro-absoluto - autonomização ontológica e hermenêutica do sujeito é o ano de 1762. É em Março desse ano que Jean-Jacques Rousseau publica o *Contrato Social*. Com ele cessa o absolutismo de conceitos como o justo ou o injusto, a ordem divina ou verdade, enquanto categorias perenes derivadas do *cogito*. Estas são substituídas pela noção de vontade, e como tal, passíveis de mutação. Radicam aqui os primórdios da interpretação materialista da história, ao qual não escapa o humanismo quando corta o homem do transcendental. Há como um *repliement* do homem sobre si mesmo. Ricoeur ao mediar estes dois mundos, torna-se ele próprio numa diversidade cultural, não só enquanto produtor literário, mas também enquanto homem, o que não significa necessariamente o mesmo. Há aqui dois momentos distintos. Num é o crente, o filósofo que age sobre o mundo, reflectindo; noutra temos o Ricoeur lido, o instante em que verdadeiramente se torna *outro*, pela interpretação do leitor. Só faz sentido o seu adágio “Soi mème comme un autre”, numa relação dialógica. Primeiro com ele próprio, depois com os outros.

de um princípio excepcional, como é o caso, chama à existência um outro plano ontológico.

Dizer que o sistema é reflexivo não implica a sua dissociação do agir sobre o mundo, de *pensar e atestar* em verdade, indissociavelmente. O livro de Morgado Heleno remete-nos neste passo para as escrituras Paulinas, ligando teoria e praxis à noção de *caridade*<sup>6</sup>, o que se nos afigura revelador. Esta implica necessariamente um despojamento do “eu”, capaz de se espelhar no “outro” ultrapassando quer a nossa perspectiva limitada, quer a singularidade que levada ao extremo não permitiria qualquer sistematização. Ora, aqui o critério utilizado para possibilitar esta operação integrante do facto histórico é a esperança de “estar na verdade”. Ontologicamente a verdade aqui é mediata, não um fim a termo incerto, mas um meio uma ferramenta, um critério para a consciência crítica. Num primeiro momento, esta toma consciência de si própria. Até aqui poderíamos estar envoltos numa qualquer matriz naturalista. O que a distingue é o conceito de “Afirmção Originária” e o seu necessário desenvolvimento, o primado da consciência face à intuição. Ricoeur afirma:

“...consciência moral e consciência intelectual são, em última instância, animadas por uma Afirmção Originária que preside à operação da consciência dos sujeitos pensantes e desejanter, dando a cada um ser aquilo que ele é e produzir os seus actos, e fundando a sua reciprocidade na sua unidade originária.” (1992 : 238)

Facilmente se reconduz este conceito à ideia de Deus. Ao lidarmos com uma representação só nos é lícito afirmar que a consciência actua primeiramente e subordina

---

<sup>6</sup> A expressão completa é «Verdade na Caridade». Vamos explicitar o seu sentido: não se trata do significado que correntemente damos à palavra, mas do Bíblico. A mais das vezes, embora na chave Bíblica apareça a palavra Caridade, no versículo aparece a palavra amor. Leia-se aqui na sua forma absolutamente altruísta e de origem Divina, como em *Aos Filipenses 1.9*: “*E peço isto: que o vosso amor [Caridade] abunde mais e mais, em ciência e conhecimento.*”

a intuição se admitirmos o criacionismo, ou seja, que o ser moral é pré-formado pelo menos em potência, e toma consciência de si pelo acto reflexivo primordial *eu sou*, que mais não é do que uma decifração apriorística. Temos aqui a segunda diversidade cultural face ao evolucionismo biologista.

Passemos agora à mediação simbólica do mal e da culpa, que é reveladora duma “desproporcionalidade humana”. O homem permanece numa tensão em que é, parafraseando Pascal, “metade-anjo, metade-besta”. Essa tensão desdobra-o, impedindo um conhecimento directo de si. Como fazer então face à imperfeição que transporta e ao primado da consciência que possui? A não ultrapassarmos a questão, teríamos que nos remeter ao conceito de ser-para-a morte de Heidegger. Ricoeur consegue-o através do papel do símbolo enquanto objecto de interpretação. Mas o símbolo, que se quer desmitologizado, conduzido ao seu significado originário (Kerigma), quem o interpreta? O Eu. Ricoeur apresenta o “eu sou” como o seu sujeito ontológico primacial. Até aqui poderíamos dizer que está nos limites duma problematização Heideggeriana, contudo há algo que difere grandemente: as origens do ser que se interroga acerca do seu próprio significado, que se auto-interpreta. Uma vez que o ser é criado, este mesmo ser-no-espaço-e-no-tempo está em linha com as Sagradas Escrituras. Quando se questiona, questiona o princípio primordial<sup>7</sup>. Repare-se como Deus se afirma ao mesmo tempo como o Inominado, como se especifica a seguir, e como de seguida se revela como a origem incriada (ao revelar-se por toda a Eternidade, *está* nela, e *é-a* ao mesmo tempo,

---

<sup>7</sup> Já aqui falámos do papel fundacional da Lei Moisaica, pelo que nos dispensamos de voltar ao assunto. Como referente Bíblico do acabamos de dizer, transcrevemos de seguida do livro do *Êxodo*, capítulo 3, versículos 13, 14 e 15 respectivamente; “13. Então disse Moisés a Deus: Eis que, quando vier aos filhos de Israel, e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me disserem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? 14. E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós. 15. E Deus disse mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor, Deus de vossos pais, O Deus de Abraão, O Deus de Isaac, e o Deus de Jacob, me enviou a vós; este é o meu nome eternamente, e este é o meu memorial, de geração em geração. [No original é utilizado o itálico para sublinhar a efectividade dos dois és acentuados da última frase.]

sem principio nem fim). Eis aqui uma terceira diversidade cultural. Chamamos-lhe antropomorfismo mediato do sujeito, uma vez que parte duma visão humanista-reflexiva mas se funda na transcendência. A simultaneidade do ser como acto e potência confere um vigor distinto a este arquilexema. Ainda que se ancore na visão Aristotélica e Platónica, consegue ir mais longe. O acto interpretativo consiste agora numa *leitura* da *leitura* efectuada por outrem. Ora o que permite o deslocamento do real absoluto para uma categoria metafísica, permitindo não obstante a validação do conhecimento, é a crença.

Já aqui nos referimos às possibilidades sacras das línguas. Igualmente dissemos que na noção de *Apelo* ricoeuriana havia implícita uma convocação. Vamos agora cruzar estas duas variáveis para encontramos uma quarta diversidade cultural.

A Hermenêutica, tal como a compreendemos hoje, nasce com a necessidade de compreender as Sagradas Escrituras, de forma considerada correcta. Tem portanto uma origem teológica que a marcará. A sua emancipação existencial com Bultman (1974), por exemplo, traz essas cicatrizes consigo. De facto como é que autonomizamos o discurso Bíblico, «desmitologizando-o», sem o amputarmos das duas características acima mencionadas? Deus não chama somente, importa de sobremaneira a forma como o faz. Ressalvemos embora a importância que é dada à mensagem Redentora, há que debruçarmo-nos sobre a seguinte problemática: a mediação tradutora entre o mundo Bíblico e o moderno não se arrisca a deixar de fora vectores indispensáveis? Não falamos aqui de interpretação de texto em sentido conflitual, quer sejam em sentido literal, figurado ou profético. Tão pouco nos referimos a uma tentativa de síntese como o é a interpretação Agostiniana. Falamos sim de uma redução de termos, num afunilar de significantes que nos faz cair num relativismo antropomorfista. E no entanto esta é

uma visão possível. Logo aqui se nos apresenta em termos relacionais, oralidade – texto escrito – interpretação, aquilo a que já chamámos a mestiçagem no intercultural. Constitui a quarta variável referida porque a admitimos como ferramenta indispensável para nos apercebermos da impossibilidade da tradução em *sensu* absoluto de um qualquer texto sacro.

## 7. A Palavra em Perspectiva

*“Still a man hears what he wants to hear  
And disregards the rest.”*

Simon & Garfunkel, *The Boxer*, 1969

Vamos agora pôr em confronto duas afirmações, uma de Todorov outra de Chouraqui, para aclararmos o que viemos de dizer. Esta polémica situa-se no campo do Judaico-Cristianismo.

“ Neste sentido, [Trata-se da prevalência na hermenêutica cristã, do sentido espiritual sobre o literal] pode dizer-se que o cristianismo tem uma necessidade constitutiva do método de interpretação alegórica: Se não existisse alegoria, não existia Deus (pois seria impossível afirmar a existência duma realidade espiritual inacessível aos sentidos e, portanto e sempre, obra de interpretação)”

(Tzevan Todorov, *Symbolisme et interprétation*, Seuil 1978. Tradução portuguesa de Maria S. Cruz, *Simbolismo e Interpretação*, Lisboa, edições 70, 1980 – in Heleno, 2001: 49)

“O Nome de IHVH, [Adonai<sup>8</sup>] Elohims constitui a alma das Escrituras como ensinamentos proféticos e apostólicos. Na Bíblia hebraica, ele aparece em seis mil e seiscentas e setenta ocorrências, e onze mil e quinhentas e noventa e duas vezes nas Bíblias cristãs, com o Novo Testamento. Sem esse Nome, a Bíblia seria um Livro sem alma, esvaziado dos seus significados essenciais. Sem ele, a Bíblia seria banalizada, tendo perdido tudo o que a distingue dos outros livros... Ora esse Nome essencial foi radicalmente eliminado de *todas* as traduções da Bíblia nas duas mil e duzentas e sessenta línguas e dialectos em que ela se lê sem ser em hebraico. Para aqueles que conhecem a importância do Nome em todo o pensamento, e mais particularmente entre os Semitas, esta eliminação constitui uma mutilação tanto mais grave que IHVH [Adonai] Elohims é o único nome directamente revelado, por aquele que ele designa, a Moshè.  
(2001: 137)

---

<sup>8</sup> SENHOR

Espinosa constitui o elo, e ao mesmo tempo o impasse, entre estas duas visões. Necessário é que nos lembremos que as relações de alteridade entre Judaísmo e Cristianismo se desenvolveram num clima em que as relações de poder foram claramente favoráveis ao segundo. Daí que a composição entre os dois se ressinta bastante deste facto<sup>9</sup>.

Embora Espinosa dissocie a Fé da Razão, e a Teologia da Filosofia, insiste no conhecimento da língua original em que foram redigidas as Sagradas Escrituras. Podemos ainda considerar que ainda abrange cada um dos lados do Judaico-Cristianismo. Logo, no entanto, enuncia uma série de proposições que o colocam definitivamente fora da órbita do primeiro termo, são como se seguem. Há que buscar “o sentido dos textos e não a sua verdade” (p.140)<sup>10</sup>. “[a] fim de não confundir o sentido dum discurso com a verdade das coisas” (Ibid.)<sup>11</sup>, buscando o “mais universal, aquilo que é a base e o fundamento de toda a Escritura, aquilo que enfim, é recomendado por todos os profetas como uma doutrina eterna e da mais alta utilidade para todos os homens” (p.143)<sup>12</sup>. Espinosa é portanto também um Crente, não nega a metafísica apenas quer dissociá-la da filosofia. Confere-lhes pois duas lógicas próprias, só validáveis pelas suas próprias premissas, ao estudo das duas matérias. Há uma separação ontológica do conhecimento. Não existe negação dum dos termos ou inclusão de um no outro. Espinosa não dá o passo seguinte, não oblitera a metafísica; daí podermos falar de impasse. As portas estão doravante abertas para uma interpretação naturalística das Sagradas escrituras, decerto o contrário do que Espinosa preconizava. O problema põe-se pois da seguinte forma: a partir do momento em que se validem duas

---

<sup>9</sup> Ver o bloco “a) O Povo e o Livro

<sup>10</sup> Spinoza, *Traité théologico-politique*, Oeuvres 2, tradução, breve prefácio e notas por Ch. Appuhn, Paris, Garnier-Flammarion, 1965.

<sup>11</sup> *idem*

<sup>12</sup> *idem*

lógicas distintas, há que reconhecer-lhes igualmente origens e métodos distintos. Para ler as Escrituras por «elas mesmas», procurando o «seu sentido e não a sua verdade» [em sentido natural entenda-se], é necessário ter Fé, única maneira de interpretar a «doutrina eterna e universal». É que, partindo do ponto de vista saído de 1789, caímos no estudo duma ideologia que nos é estranha e que tentamos reconduzir ao nosso plano existencial.

É aqui que podemos recentrar as declarações de Todorov e Chouraqui. A alegoria Bíblica não tem nem o mesmo papel, nem o mesmo sentido que possui no geral. O significante é o mesmo, mas o significado não é comparável. Tudo isto porque entra em jogo a questão do Nome. Quando Todorov conjuga a necessidade alegórica como interpretativa e reveladora da existência de Deus, eleva a mesma a metacategoria criacionista. Mais, este tipo de afirmações podem servir a crentes e não crentes. Para uns poderão ter validade intrínseca, para outros meramente lógico-formal. Ora é precisamente o contrário que Chouraqui propõe, opinião que perfilhamos inteiramente. Não é a alegoria que é axiomática, é o próprio Nome de Deus que cria esta e todas as outras formas de existência pela palavra. É uma questão de precedência. Tanto assim é que vocalizá-lo era sacrilégio, o nome YHHV era pronunciado letra a letra. A noção de Inominado não se circunscreve nunca. Deus é uno como Potência e plural enquanto actos. Uma conclusão necessária é a ausência de representações<sup>13</sup>. Por conseguinte:

“ Os judeus nos seus guetos do exílio, tinham, quase os únicos no mundo, a experiência de um mundo sem imagens, o que desenvolveu neles o exercício de um pensamento não figurativo, ainda mais aguçado pelos métodos de ensino da Torah, do Talmude, da Cabala<sup>14</sup>.”

(Chouraqui, 2001: 163).

---

<sup>13</sup> Veja-se a iconoclastia absoluta do mandamento em *Deuterónimo* 4. 15, 16, 17 e 18.

<sup>14</sup> Denote-se a inexistência do Teatro na época clássica de Israel, ie antes do período de helenização.

Trata-se em última análise de saber quem produz o acto enquanto reflexão da consciência. Este *quem* é o homem que *age, pensa e sofre* que Ricoeur nos propõe? Sem dúvida, mas sobre que influência? Nas Sagradas Escrituras, quer se trate de texto Revelado quer meramente Inspirado abunda a alegoria<sup>15</sup>, mas o homem é apenas o seu relator-intérprete no sentido mais restrito que lhe possamos dar. A experiência que relata só é a sua na única medida em que foi escolhido para ser seu agente<sup>16</sup>. Toda a origem é Transcendental. A sua utilização deriva da própria imperfeição do homem em compreender Aquele que não tem Forma, o Supremo Abstracto. De certa forma trata-se da questão do fracasso e da finitude que nos propõe Ricoeur. Tudo isto tem como origem a aspiração do monoteísmo judaico em constituir-se como a Verdade Revelada total, não em parte, não *uma* verdade, mas toda ela, através do Livro. A alegoria não é aqui uma tentativa de fazer prova da existência de Deus, por uma aproximação naturalística dos sentidos, uma espécie de tradutibilidade entre os dois planos.

Quando se dá o caso, o que acontece quando Morgado Heleno cita Espinosa, é a grande confusão reducionista do texto. Este autor ao elencar os atributos de Deus por Moisés, classifica-o, por exemplo, como “Ciumento<sup>17</sup>” (Heleno, 2001: 51). A palavra correcta é Zeloso, quanto mais não fosse esta tradução tinha o mérito de demonstrar as dificuldades do acto de traduzir... O mais grave contudo, mesmo descontando o significado pejorativo da palavra no nosso idioma, é que oblitera uma parte essencial do significado. A saber: Deus é essencialmente zeloso, não só do Seu povo, mas também da sua Palavra, aqui traduzida pelo pacto com os filhos de Israel. Ou seja é um Deus que

---

<sup>15</sup> No sentido que lhe dá o Dicionário Prosódico de João de Deus: Oração, discurso metafórico; escultura, pintura representando ideia abstracta. A Virgem pisando a serpente é uma alegoria. O Apólogo e a parábola são espécies de alegoria. (Sem data nem ed.)

<sup>16</sup> Um conhecido Pregador Evangélico Pentecostal Brasileiro costuma comentar quando lhe perguntam se a Bíblia não foi escrita por homens: “Claro! por quem queria que fosse, por um cavalo?”.

<sup>17</sup> Trata-se de *Deuteronomio* 4.24.

reivindica o que é Seu. Uma leitura dos versículos anteriores mostra claramente que Moisés enuncia ao povo as consequências da sua possível desobediência (Idolatria). Dá-lhes a conhecer portanto o atributo de Deus *como* Fogo e Zelo, de seguida face a um hipotético arrependimento, expõe a Divindade como Deus de Misericórdia (Dt. 4.31). Na sua essência Bíblica, a alegoria é pois uma verdade expressa a dois tempos. Em primeiro lugar é um atributo. Em segundo, ou em alternativa<sup>18</sup>, é um derivado da Criação, a ela directamente remontável. É pois uma hermenêutica, como pensamento discursivo, mas que exige um abandono do «soi». Logo, parafraseando Ricoeur, é *regional e original* à vez enquanto método. A mediação é aqui obtida pela interpretação do símbolo. Só que a narração é indissociável da proclamação e esta da Fé.

“ Tudo o que tentei dizer sobre o «soi» e a alteridade no «soi», continuarei a defendê-lo num plano filosófico; mas na ordem religiosa, talvez pedisse o abandono do «soi».”  
(Ricoeur, 1995, p.235)

É precisamente o que acontece com Moshè, seguindo o fio condutor de Chouraqui.

“ Moshè depois de ter tido a revelação do Nome, renuncia a toda a vontade própria. [Leia-se do ego] Torna-se o ébèd de IHVH [Adonai] Elohims o servidor, o escravo de Elohims: já não tem vontade, já não tem pensamento, já não tem palavra que não sejam as d’Ele, tendo feito remissão completa do seu ser à vontade, ao pensamento, à palavra, ao Ser de IHVH [Adonai] Elohims...Assim o profeta tem um papel fundamental: entre Elohims e o seu povo, ele é um mediador que age na medida em que o que ele transmite é recebido sem obstáculo”<sup>19</sup>  
(Chouraqui, 2001, p.199)

---

<sup>18</sup> Como por exemplo no Salmo 93.4: “ *Mas o Senhor, nas alturas, é mais poderoso do que o ruído das grandes águas e do que as grande ondas do mar.*” [Criações Suas - O negrito é aqui utilizado para ressaltar as passagens que no original estão em itálico, fazem eco duma noção perene de atemporalidade]

<sup>19</sup> Ou seja quando há nas palavras do autor uma «união das vontades». Esta consonância é a mesma necessária ao que busca em relação à Palavra para que haja “abandono de si”. Caso contrário pode haver crítica necessariamente externa mas não comunhão.

Saliente-se o facto que é, precisamente, na relação dialogal com a Divindade que encontramos o único caso em que a predicação universal é directamente devolvida ao Sujeito, por imanência. Os Seus Atributos são à vez e em simultâneo, conforme consideremos o tempo ou a atemporalidade, o uno e o plural reunidos.

Aqui se encontra a quinta diversidade cultural do pensamento Ricoeuriano face a um dos pilares do pensamento contemporâneo, a psicanálise Freudiana.

Gostaríamos antes de mais de insistir no seguinte ponto. Ricoeur não é um pensador tradicional na linha de um Guénon ou de um Evola. Os postulados donde parte são os mesmos da sociedade moderna, mais precisamente dum pensar a *modernidade*, e seriam impossíveis sem ela. Tão pouco quer reconduzir a filosofia à Fé<sup>20</sup> ou a outro modo de pensamento de uma sociedade tradicional. O que na realidade existe é um perpassamento ontológico da sua condição de Crente que atravessa a sua filosofia. Esta revela-se, «desoculta-se» principalmente quando confrontado com as questões últimas de qualquer sistema filosófico. Falamos do mal [ou do erro], da finitude da condição humana [o que implica necessariamente a sua imperfeição], da sede de absoluto [quer seja através do conhecimento numa perspectiva humana, quer do conhecimento de Deus<sup>21</sup>], e como fim inerente a esta tensão, do sofrimento. É portanto uma filosofia de *mediação*. A *desproporção* nasce da condição humana dum ponto de vista moral.

Para efectuarmos a sua apresentação iremos expor de seguida a forma como articulamos as noções de *desejo*, *interpretação* e *Esperança*. Se interpretar é compreender porque nos damos ao trabalho de efectuar essa operação? Simplesmente porque o desejamos. A «reconstrução»<sup>22</sup> do sentido que ensaiamos pela hermenêutica é alvo de uma analogia

---

<sup>20</sup> Queremos aqui explicitar o seguinte: A Fé é para nós, entre outras coisas, uma forma de pensamento autónomo.

<sup>21</sup> Aqui na sua vertente tripartida e circular enquanto Reconhecer – Agir sob – Crer.

<sup>22</sup> Segundo a noção de Schleiermacher.

com os termos da psicanálise. Basicamente o sentimento de culpa é utilizado como um dique à agressividade, o que permite o viver em sociedade.

“A religião fornece a ocasião para uma releitura da neurose, como o sentimento de culpabilidade que lhe está conexo torna a mergulhar na dialéctica das pulsões de vida e de morte” (Ricoeur,1969: 137).

Podemos dizer que há uma identidade de termos fundacionais quando Morgado Heleno explicita” Como podemos então interpretar a cultura? Fundamentalmente considerando-a a partir do antagonismo entre pulsões eróticas e pulsões de morte” (Heleno, 2001:128). Este equilíbrio é necessariamente frágil. Se para Freud a religião é uma forma do recalçamento se reexprimir, «regressando», para Ricoeur esta enquanto símbolo tem aquilo que o próprio chama de «sentido prospectivo». A ultrapassagem freudiana do «consciente» é para Ricoeur uma forma de libertação enquanto autognose. Uma última fronteira impõe-se contudo, o desejo. Ou melhor a nossa «escravidão» face ao mesmo. O máximo que podemos obter desta linha de pensamento são os axiomas Sartrianos em que ter-se consciência de que se é tímido, já não é ser tímido ou ainda que estamos condenados a ser livres. Há uma progressão reflexiva baseada na carga de sentido que tomamos e processamos da força das pulsões que nos empurram. Nada mais. O seu conhecimento pressupõe apenas que possamos até certo ponto controlá-las, enquadrando-as, satisfazê-las ou sublimá-las. E se houvesse uma sublimação *outra*? Parece-nos que é o que Ricoeur propõe quando relativizando o ateísmo de Freud à religião enquanto cultura, ressalva os seus aspectos prospectivos, de libertação. Esta *consolação*, difere da primacial, quase totémica, é decantada. O seu filtro é a

*Esperança*<sup>23</sup> que reconduz à Fé, mas a uma fé reflexionada. A humanidade enquanto símbolo e o homem como indivíduo são aqui reintegrados na Aliança, no diálogo com Deus existente antes da queda. A noção de falta quer como *pecado* quer como *ausência de* e o concomitante medo, já não é afastada pela limpeza ritual ou por uma ética do interdito. Passamos definitivamente do medo ao amor. Dito de outra forma, a desmitologização do símbolo tem aqui a sua parte positiva, quando este é despojado e devolvido à sua «opacidade» primeva, sendo re-operacionalizado em novos moldes.

Ao falarmos de interpretação não nos podemos esquecer da ligação entre estratégias e relações de poder, e sentido e apropriação textual. Que sentido tem o texto, mesmo aquele que é mera rememoração da oralidade? O hipotético sentido do autor, o que lhe dão os destinatários, aquele que emerge da compreensão do código em que se inscreve? A noção de Ricoeur de apropriação textual, em que este inscreve o texto como veículo de mundividências, é capital. De facto, só ao nos apercebermos dum sentido textual praticando uma sorte de «détachement» face ao autor e a nós próprios, só assim permitimos a *tradução*. Factores com a língua original em que está escrito, época histórica em que se insere, representações sociais mais ou menos próxima das nossas que revela, são mediações necessárias. Ainda que conseguíssemos apreender no seu todo o sentido dum texto dado, por exemplo através da exegese, feita palavra a palavra, nunca conseguiríamos revelar toda a sua intenção. Essa pertence ao autor, consciente ou inconscientemente, no momento em que escreve. Logo depois ganha vida, ao cruzar-se com todas as outras variáveis do texto, que este não pode prever no seu todo. Ao querer falar de algo, a linguagem como instrumento transcende-se, porque cria. Todo o sentido é pois reinvenção a partir do momento em que passa da potência ao acto. Ou seja a

---

<sup>23</sup> Claramente inserida na trilogia Paulina Fé, Esperança e Caridade [Amor].

partir do momento em que há discurso. Este enquanto «acontecimento» só é reconhecível a partir da aceitação de um sistema de paridade imperfeita. Algo que é único como experiência relacional, tendo em conta o sujeito que é alvo dela, deixa-se categorizar como «o mesmo». De algum modo é a forma a possibilitar uma interpretação. Quanto ao texto *Sacro*, a impossibilidade de apreender todo o sentido é ainda mais profunda, se possível for. Enquanto signo revelado é essencialmente atemporal. Ora Ricoeur conclui pela «inescrutabilidade» do mal e do tempo. Afirma que a narrativa não é capaz de «pensar» este último. E no entanto este é mensurável, embora apenas como categoria. Então o que dizer de algo absolutamente maior? Diz apenas de «outra forma», uma das possíveis. Se o sentido último sempre nos escapa, quem no-lo revela? Permanecerá sempre apenas e só uma antinomia filosófica, ou tem uma existência intrínseca ainda que inexprimível? Morgado ao declarar que “ O que é reafirmado por Ricoeur é a incapacidade do sujeito se constituir como mestre absoluto do sentido” (Heleno, 2001: 341) abre a porta à noção de *Promessa*. Se Ricoeur problematiza enfatizando que ou há hermenêutica ou conhecimento absoluto no sentido hegeliano, não esgota aí o tratamento dessa impossibilidade. Vai utilizar para ilustrá-la a noção de história de Gadamer. O homem pertence-lhe primeiramente antes de se pertencer a si próprio, antecipando portanto o acto reflexivo. Logo cruzando este autor e Habermas, ou seja mediando Tradição e Ideologia, teremos então a linguagem alvo da hermenêutica. Embora proponha uma saudável distanciação crítica face às ideologias, estamos, de novo, no domínio do contingente. Então como se justifica o sentido absoluto como categoria? E mais em que se consubstancia a *Promessa* filha da *Esperança* que leva o sujeito a desejar uma vida *boa*, conduzindo-se *moralmente*? Quanto a nós a resposta é em Deus. A sexta diversidade cultural do pensamento

Ricoeuriano que aqui expomos consiste no seguinte. As suas deambulações filosóficas levam-no, quer como método inconsciente, por vezes, quer como corolário, estamos em crer, a um acto de Teologia Negativa. Esta define-se como um método apofático. Ao recusar qualquer apodo ou predicado a Deus, mantemo-lo Intangível quer pelo método analógico, quer pela mera atribuição de possibilidades vistas como carregadas de sentido positivo. O que se diz, o que se revela é o que Deus não é. O que se deixa de fora é o sentido transcendente, total, absoluto, que é inexprimível pela linguagem. Defendemos que o «acto de libertação pela fala» Ricoeuriano, e a sua hermenêutica é o cunho que deixa livre essa área fundacional. É o «movimento na Fé». A esfera do pensamento humano autonomizado é quase total em Ricoeur. Só não o é completamente porque para não se enredar no niilismo, num qualquer pessimismo heróico fundado na dúvida, ou no puro materialismo, faz *apelo* ao fundamento último. É caso para dizer que a *questão* é ultrapassada pelo *apelo*.

Assumindo a dívida como «fardo que o passado faz pesar sobre o futuro», uma herança de intenção, de significados em rede, não podemos falar de verdade do processo histórico. A confiança necessária para atestar *crendo* estar nesta, ou seja, apelando a uma noção de veracidade em perspectiva, só pode advir da fundamentação em Algo necessariamente Atemporal.

## 8. O Paradigma Bíblico

Vamos em seguida passar em revista algumas destas questões aplicadas ao paradigma Bíblico.

Aristóteles e Lutero marcaram cada um à sua maneira o pensamento ocidental. É do conhecimento comum o aproveitamento da obra do primeiro pela Igreja para fins teológicos. Usualmente chega a falar-se numa degradação ou mutilação da sua filosofia. Interessante é verificarmos que se a conciliação entre Fé e Razão pela escolástica prejudicou a interpretação da sua obra, só o fez *in abstracto*. É uma questão de expectativas criadas por quadros mentais. Questão pois de valorização. Desde a Renascença que privilegiamos o *homem grego*, reclamamos a sua herança. Agora transformado em tipo ideal, nem nos apercebemos que esta é isso mesmo, despojos transpostos e re-usados<sup>24</sup>. O mesmo já se passava na Idade Média. Uma recuperação é o que é, vale enquanto serve o seu propósito, não pela sua fidelidade supostamente intrínseca. A escala de valores arbitrária em foro de processo histórico aqui é evidente. Dificilmente encontramos paralelo em termos do tratamento, e indignação diríamos nós, em relação ao outro grande lesado, o monoteísmo judaico.

Talvez o maior legado Aristotélico e paradoxalmente uma enorme fonte de incompreensões, seja o seu axioma - uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo. O que nos leva à lógica da escolha dualista. Dum sentido ou doutro, ou então subsumição, ou ainda recondução dos sentidos possíveis de um texto num fechamento sistémico. Veja-se a tentativa Agostiniana no que concerne o sentido literal e o figurado. Excelente no que toca ao controlo polissémico, e portanto muito útil num sistema de

---

<sup>24</sup> Tanta gente admira a estatuária grega pela sua estética, tão “próxima” da nossa. Estará a maior parte ciente que os Gregos as pintavam de azul antes de as exibirem?

*autorictas*,<sup>25</sup> é contudo absolutamente estranho ao judaísmo. Daí a noção de comentário interminável que Morgado Heleno aplica à forma, estamos crer que Midráxica, de interpretação que lhe é própria. Mesmo contando com o génio de Santo Agostinho ou de São Tomás de Aquino, o equilíbrio desta transposição é algo sempre precário, com alguns pontos verdadeiramente problemáticos. Eis dois deles.

Já aqui falámos da Septuaginta, ou versão dos setenta, primeiramente do Pentateuco, e a seguir alargada a toda a Bíblia. Segundo Chouraqui o hebraico estaria já confinado às sinagogas e a Jerusalém. Imperava o Grego na Diáspora e elites helenizadas e o aramaico no que toca às massas.

“ Perante os seus calamos e papiros, os setenta e dois tradutores reunidos, segundo Aristeu, por Ptolomeu, não têm nenhuma destas ferramentas, nem mesmo um vocabulário hebraico-grego nem a mínima gramática do hebraico bíblico-nada...Os Setenta não tem o direito de se enganar nem de decepcionar os seus comanditários. A obra deles deve ser lida por gregos-de onde o seu carácter de bom grado sincretista. O leitor grego não deverá ficar chocado nem pelo oriente hebraico nem pelo semitismo dos profetas da Bíblia” (Chouraqui, 2001: 139)

Como se pode ver as questões da tradutibilidade e das expectativas geradas pela tentativa desse acto mediatório não são novas. Aqui o problema põe-se com uma enorme acuidade porque aquando da Transposição do nome de Deus, houve defende Chouraqui, uma mudança ontológica. Assim IHVH Elohim [Adonai], foi traduzido por

---

<sup>25</sup> *Autorictas* – Aqui no seu sentido original de autoridade enquanto prestígio reconhecido de quem emite a opinião. Poder-se-á advogar que o mesmo acontece com o Rabinato, o que em sentido estrito é verdade. O que os faz divergir é precisamente o entorno societário, em que o segundo vive numa situação de sujeição em relação ao primeiro. A Igreja representa a sociedade de acolhimento, com alto poder coercivo, capaz por si só de transformar *Autorictas* em Autoridade.

Kyrios Theos, os deuses do Olimpo. Há uma rotação mitológica. Não é só todo o imaginário associado a um panteão próximo do universo do leitor, das suas *expectativas*, que é recebido na sua compreensão do texto. É a mudança de alguma forma antropomórfica que se instala no *sentido* da Divindade não figurativa hebraica.

O paradigma estala aqui. Doravante o Judaísmo não helenizado responderá com um particularismo cioso, diríamos mesmo identitário<sup>26</sup>.

A segunda questão prende-se com o dualismo Aristotélico já referido e a noção de comentário. No judaísmo não há sobreposição de sentido, nem hierarquias totalizantes<sup>27</sup>

Na interpretação, há possibilidades... Estas, quando se opõem, terçam armas no mesmo campo, embora possam revestir naturezas diferentes. É o caso duma Midraxa do Rabino Abraham Assor, antigo Rabi da Sinagoga de Lisboa acerca do aborto, de que aqui reproduziremos algumas afirmações.

“ Toda a mulher deve poder decidir por si própria o que deseja fazer com o seu corpo. O *Talmude* afirma «Úbar yérej imó» que significa que o feto faz parte integrante da mulher e por isso carece de individualidade própria...Na *Torah* lemos acerca do castigo por assassinar um homem que às vezes é considerado como *ish* (pessoa) e noutras ocasiões como *Nefesh* (alma). A alma envolve todo o ser humano, incluindo um bebé menor de trinta dias...”

(Assor, 2001: 209)

Daqui podemos tirar algumas ilações do que pode acontecer quando sobre o mesmo Livro se desdobram interpretações radicalmente diferentes. Dissemos o mesmo porque

---

<sup>26</sup> O cânon rabínico é menor do que o que está representado pelos livros da tradução dos Setenta. É-lhe posterior e representa uma tentativa de expurgar os textos de qualquer influência não ortodoxa. Uma das garantias necessárias à inclusão de um livro era a sua antiguidade e o facto de ter de estar obrigatoriamente escrito em hebraico.

<sup>27</sup> Exceptuando a Lei, os seus interditos e as suas injunções positivas.

tal afecta não só o Velho Testamento mas também o Novo. Da interpretação que fizermos nascerá um *sentido*. Devido ao facto de ser parcialmente compartilhado pelas três religiões monoteístas, podemos dizer que ele é polissémico em contexto interpretativo, conforme seja a Tradição que dele se reaproprie. Exemplificaremos o que dissemos com *Isaiás*, 9.6 e 66.17, *Actos* 11.5 a 9 e *Jeremias* 7.18 respectivamente.

“ Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da Eternidade, Príncipe da paz.”

“ Os que se santificam e se purificam nos jardins, uns após outros, os que comem carne de porco, e a abominação, e o rato, juntamente serão consumidos, diz o Senhor.”

“ 5. Estando eu orando na cidade de Jope, tive, num arrebatamento dos sentidos, uma visão: via um vaso, como um grande lençol, que descia do céu e vinha até junto de mim. 6. E, pondo nele os olhos, considerei e vi animais da terra, quadrúpedes, e feras, e répteis, e aves do céu. 7. E ouvi uma voz, que me dizia: Levanta-te, Pedro; mata e come. 8. Mas eu disse: De maneira nenhuma, Senhor; pois nunca na minha boca entrou coisa alguma comum ou imunda. 9. Mas a voz respondeu-me do céu, segunda vez: Não chames tu comum ao que Deus purificou.”

“ Os filhos apanham a lenha, e os pais acendem o fogo, e as mulheres amassam a farinha, para fazerem bolos à rainha dos céus, e oferecem libações a outros deuses, para me provocarem à ira. “

A primeira citação pertence a um bloco intitulado na Bíblia “ O advento e o poder do Messias “. Uma escatologia hebraica é aqui transformada numa confirmação da vinda do Cristo. A diferença fundamental entre ambas as escatologias é que a hebraica pressupõe uma mudança ontológica do ser total. Com a sua vinda cessa a historicidade, com as vicissitudes que lhe conhecemos. A humanidade é reintegrada no seu estado primordial. Não há, pois, a noção de aperfeiçoamento progressivo própria do

Cristianismo, em que a escatologia nesta sua primeira formulação é adiada até à segunda Vinda de Cristo. Significativamente já como o Leão, e não como o Cordeiro.

A segunda e terceiras citações são testemunhas duma transição entre dois corpus canónicos, pela autonomização definitiva do Cristianismo. Os primeiros cristãos, já o referimos, eram judeus. Confrontado nos versículos anteriores com a censura de ter comido com *incircuncisos*, Pedro justifica-se com a exposição citada. Até aos dias de hoje qualquer Judeu pode utilizar *Isaiás* 66.17, bem como tantos outros versículos, para classificar o consumo de carne de porco como anátema. Curioso notar como a técnica que permite a passagem de uma atitude à outra é própria do Judaísmo. A fim de ultrapassar um mandamento negativo, é necessária não só a visão mas o diálogo directo com Deus. Aquilo que Este proíbe, só O próprio pode revogar. Estamos aqui a debruçarmo-nos sobre o sentido textual «détaché» deixando de lado a crítica histórico-contextual.

No que diz respeito a *Jeremias* 7.18, a questão é ainda mais delicada. A rainha dos céus, era provavelmente uma divindade da classe das astarotes [Astarte] conhecida em todo o mundo mediterrânico. Embora aqui Jeremias se insurja contra o acto idólatra em si, provavelmente a referência individualizadora dever-se-ia à grande difusão cultural que tinha,<sup>28</sup> o que é certo é que o mesmo título é utilizado frequentemente na adoração à virgem. Recolha de um fundo pagão da Roma cosmopolita? É possível.

Lutero por seu lado, desliga-se da autoridade da Igreja. Uma vez que grande parte desta estava ligada, inclusive teologicamente à interpretação da sua própria Tradição [Teologia Positiva], o passo óbvio era pô-la de parte. Lutero proclama assim o primado da Escritura, «Sola Scriptura». Apesar de ter acabado por fundar outra Tradição, a

---

<sup>28</sup> Em reforço desta tese, os Profetas anatemizaram a sua adoração como sendo sujeita à Ira de Deus.

preponderância do texto e da Fé vai ter como desfecho o livre exame. Este resultará numa progressiva autonomização da consciência. A tradução das Sagradas Escrituras para vernáculo vai impor o acesso directo à Palavra. A quantidade de reconstruções possíveis do seu sentido ganha proporções inimagináveis. Tantas quantas as reapropriações de cada um que as lê. O Crente não está agora sujeito nem à mediação simbólica autorizada pela hierarquia, nem tão pouco restrito à simbologia ritualizada veiculada por esta.

## 9. A Visão Cristológica.

Teologicamente distinguem-se quatro tipos de interpretação Bíblica, segundo Cassiano (*Conferências*, 415?)<sup>29</sup>: a) Literal, b) Cristológico, c) Moral e d) Escatológico. O segundo, também conhecido como alegórico, pode ser elevado à categoria de sistema *de per si* e é nessa acepção que nos vamos debruçar sobre ele. Para o fazermos, vamos começar pelo ano I DC. É por esta altura que o cânon Bíblico hebraico, uma vez mais em reacção identitária, toma a sua redacção quase definitiva. Assim como a Inquisição inventará o criptojudaísmo, por esta altura havia a representação social do criptocristão [Nazarenos], que só terminará em 85D.C.<sup>30</sup> Como tal, ter-se-iam que precaver contra a possibilidade de aceitação - por parte da comunidade judaica observante - dos primeiros textos que irão compor o Novo Testamento. Aceitação como sacros entenda-se, tanto mais perigosa quanto a maioria dos cristãos palestinianos era judaica de origem. Estes não estavam sós, o Judaísmo sempre segregou seitas mais ou menos heréticas.

“ O décimo oitavo pedido [Que não haja esperança alguma para os apóstatas...que os Nazarenos e os heréticos desapareçam rapidamente...] não era dirigido exclusivamente contra os cristãos, como se pensou no passado. Tem a sua origem nas dissensões dentro do próprio judaísmo. Ia também contra a autoridade romana e contra diversos grupos heréticos judeus, entre os quais se encontravam os judeu-cristãos.” (Barrera, 1995: 198)

Citámos esta passagem para fazermos uma primeira caracterização, digamos societária, da visão Cristológica. Ela põe sempre em evidência o papel dos cristãos no processo histórico, menorizando os outros actores sociais que por vezes parecem estar lá só como

---

<sup>29</sup> O responsável pela divulgação desta tipologia foi S. Tomás de Aquino, por na sua “Suma Teológica” ter adoptado esta classificação.

<sup>30</sup> Ver a este propósito a nosso bloco c) Os excluídos: Samaritanos e Cristãos.

comparsas necessários ao desenvolvimento da acção. Trata-se duma variação do etnocentrismo.

Paralelamente desenvolve-se uma faceta criacionista extremamente vívida no que toca aos pilares fundamentais da Crença. Há um pessimismo histórico evidente, a noção de decadência está amplamente representada. A função dos Profetas e dos Reformadores, não é pois trazer algo de substantivamente novo ao tecido religioso, mas a de reconduzir o povo à pureza original. Os agentes dessa recondução são historicamente recortados *ex nihilo*. A sua importância dada e a sua necessidade funcional é de tal ordem que parecem não ter antecedentes. Queremos dizer com isto que é como se fossem enxertados na acção por necessidade Divina. Mais do que homens são arquétipos [no sentido Jüngiano do termo]. Há como que uma modelagem rebarbativa que esbate os contornos do homem e faz ressaltar os da sua missão. O mesmo acontece com o silêncio ou o menosprezo a que são votados os que os precederam, ainda mais quando estes não podem ser facilmente encaixados no paradigma proposto. Isto acontece também no discurso científico sobre estes factos, *pela naturalização das ideologias*. Este tipo de discurso é muito mais sensível, principalmente em sede de ciências sociais, à construção *inferencial* e à *intencionalidade* semântica por endoculturação, do que possa parecer. Vamos exemplificar com a concepção Luterana da «sola Scriptura». Já aqui falámos deste construto ideológico que visa conferir à Palavra [enquanto texto] e ao Acto de Fé o mais absoluto predomínio monolítico<sup>31</sup>. Por sua vez, o Concílio de Trento (1545-1563) fez suster o “contágio” do pensamento rabínico na exegese cristã. Este era efectuado por via erudita, através do uso de materiais rabínicos nas universidades (ver

---

<sup>31</sup> “...Lutero, apesar de preferir o texto hebraico, mostrava-se contrário à exegese rabínica, a que tachava de anticristã e de fazer tergiversar o sentido do texto através duma falsa vocalização do texto hebraico.” (Barrera, 1995: 590 a 591)

Barrera, 1995:590). A solução encontrada foi a imposição da Vulgata como objecto de estudo quase exclusivo.

Ao atribuímos a paternidade da expressão, de modo naturalístico, a Lutero estamos a ser coniventes com o apagar de séculos de história e com a própria expressão Luterana, «já nada temos que ver com Moisés». A primeira vem inclusive citada na obra de Morgado Heleno que aqui temos vindo a usar como base problematizante (Heleno, 2001:72). E daí, pensará o leitor? O que tem tal de tão extraordinário? Acaso não será verdade? Sim é-o, mas a verdade não é forçosamente inocente.

Efectivamente, esta construção ideológica foi ensaiada antes de Lutero por duas seitas heréticas e uma mística no seio do Judaísmo: trata-se dos Samaritanos, Caraítas e Essénios. Vamos aqui desenvolver esta temática porque nos elucidará acerca de dois conceitos ligados a esta e a qualquer outra cosmovisão religiosa. São eles os de reapropriação e exclusão.

Apesar de diferenças sensíveis entre eles, quer Samaritanos quer Caraítas se opunham ao rabinismo num ponto essencial. Contestavam a sua autoridade interpretativa, baseada na Tradição<sup>32</sup>. Opunham-lhe a primazia da Torah escrita. Os primeiros discutiam mesmo a questão de saber quem teria hierarquicamente predominância na interpretação textual da Torah, se os sacerdotes se os peritos [leigos especializados]. Tentativas portanto de reapropriação textual a dois níveis. Exclusão conforme ao seu imaginário de tudo o que constituía um monopólio de *autorictas*, não directamente atestado pela letra da Lei. Reapropriação propriamente dita, quando, com base nessa mesma Lei escrita, reivindicam para si próprios uma legitimidade original, de estrita observância em relação ao texto. Dentro do seu quadro mental é claro. É um dos casos em que a

---

<sup>32</sup> Chamada de Torah oral por oposição à Torah escrita.

alienação provocada pelo distanciamento cultural e no tempo mais distorce o sentido original. A ortodoxia de um texto religioso, lembremo-lo, não pode ser arrancada do seu entorno natural sem graves prejuízos de significação. O que daí resulta é uma reinterpretação legitimadora, fruto da reapropriação textual em perspectiva. Não é concerteza o significado original, embora a sua reivindicação faça naturalmente parte da estratégia de poder emergente. Denote-se que esta é uma concepção voluntarista. É como se por um acto da vontade se pudesse anular o processo histórico e fazer a junção directa entre o passado ideal e o agora. Numa perspectiva em linha com a obra de Ricoeur, esse agora só faz sentido enquanto passado, ou seja, na medida em que só me apercebo dele enquanto acto reflexivo, demorando para isso nem que seja só alguns segundos. Terei, por isso, não a experiência mas a imagem que faço dela. Se transpusermos este raciocínio para o processo histórico, então o único critério aplicável em termos de fiabilidade no que à ortodoxia diz respeito é o «julgar estar na verdade». A sua veracidade dependerá do grau de confiança em quem a atesta.

Numa ordem discursiva onde estão bem presentes as relações de poder, o paralelo com a situação de Lutero é evidente. A *naturalização das ideologias* está aqui tão bem representada que no próprio livro de Barrera aparecem subtítulos ou passos que a revelam. Na página 246 de “*A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*” aparece o seguinte “2. O samaritanismo: a Torá sola” ou ainda na página 584 “[os Caraítas] Rechaçavam a tradição talmúdica do rabinismo, concentravam seus esforços no estudo da “sola Scriptura”,...» Ora o termo e o uso do latim para o cunhar são muito mais recentes do que a realidade que relatam. Simplesmente, é a essa realidade [Lutero e a Reforma] a que ele aparece sistematicamente associado. A intenção do autor é claramente

proporcionar por analogia um quadro mental já conhecido dos seus leitores, ou pelo menos facilmente decifrável.

No que aos Essénios diz respeito [Comunidade de Qumrã] são um bom exemplo do que se pode fazer com o mesmo material histórico. Dum ponto de vista Cristológico são muito importantes porque um dos manuscritos [rolos] encontrados é o Livro do Profeta Isaías, tal qual é conhecido nos dias de hoje. O texto é exactamente o mesmo. Uma vez que, como já tivemos ocasião de referir, é nesse mesmo Livro que está contida aquilo que para os Cristãos é a profecia acerca da Vinda e Reinado do Messias [Crístico]; a sua não interpolação é uma garantia de Tradição Revelada ininterrupta e de Fé. Um caso de *inferência* contextual declarada. O mesmo se passa com a *intencionalidade* moral posta no trecho que a seguir transcrevemos.

“ Com relação a *legislação matrimonial*, qumranitas e caraítas proibiam o matrimónio com uma sobrinha paterna ou materna (proibição não encontrada na Bíblia), assim como as segundas núpcias enquanto vivesse a primeira mulher. Este rigorismo de sadoquitas<sup>33</sup> e caraítas, contraposto ao liberalismo da legislação rabínica, foi posto em relação com a legislação igualmente rigorista da Igreja cristã primitiva. A legislação dos cristãos é anterior à normativa mais liberal desenvolvida no rabinismo.” (Barrera, 1995: 585)

Este extracto é todo ele um processo de intenções. Os lexemas *rigorista* e *liberal* são aqui aplicados numa perspectiva eminentemente Cristológica. A legislação Moisaica permitia o repúdio ou divórcio simples por parte do varão, como em *Deuteronomio* 24.1. Quando Cristo interdita o divórcio, a não ser por prostituição<sup>34</sup> (Mt. 5. 31 e 32), não é uma perspectiva rigorista que está a defender. É uma perspectiva nova, baseada na

---

<sup>33</sup> O mesmo que Essénios da comunidade de Qumrã.

<sup>34</sup> Leia-se adultério.

sua própria autoridade enquanto Avatar «Eu porém, vos digo». Não há liberalismo rabínico, há apenas obediência à Lei. A anterioridade da norma Cristã é que explica cronologicamente o uso do termo. Este só faz sentido em termos relacionais com aquilo que é agora a norma. Quanto à interdição do casamento com sobrinha paterna ou materna, estes graus de parentesco não estão elencados em *Levítico* 18. 6 a 18. Esta lista é exaustiva. Os mesmos enunciados se aplicam aqui. Os “liberais” rabinos limitam-se a aplicar a Lei de forma Halaquica<sup>35</sup>. Pode, contudo, equacionar-se uma questão que assumirá contornos perturbantes à primeira vista. Se ambas as seitas judaicas eram adeptas da «sola Scriptura» e se esta não comporta tais restrições, onde vão buscar esse rigorismo? Precisamente à sua condição de seita, à reapropriação textual dentro duma lógica muito própria, quer esta seja predominantemente ascética e esotérica como a Essénia, ou ponha o acento no estudo gramatical e do léxico como a dos Caraítas.<sup>36</sup> Os essénios de Qumrã advogavam, a título de exemplo, que as revelações não tinham cessado com Malaquias. Numa manobra auto-legitimadora, afirmavam a validade da visão iniciática como elaboradora de novos livros inspirados. O toque de autenticidade seria dado pela reivindicação de que tais obras teriam tido como base a consulta celestial dos originais, durante tais viagens.

Ambas as seitas eram também messiânico-apocalípticas. Este tema lança a problemática do *grau de operacionalidade* de uma *representação social*. De facto o messianismo era comum no tecido religioso Judaico do Segundo templo.

“ O estudo da Torá e a observância dos seus preceitos [Mitzvá] deveriam contribuir para acelerar a vinda do Messias. A partir da catástrofe do ano 70 [Segunda Destruição do Templo]

---

<sup>35</sup> De Halachá – Técnica de desenvolvimento legislativo com base nas Escrituras.

<sup>36</sup> Segundo Barrera, quer Essénios quer Caritas partilhavam o mesmo entendimento [leia-se Weltbild] das Escrituras.

dc, destruído o Templo e desvanecidas muitas das esperanças messiânicas, o judaísmo desenvolveu-se mais numa linha meta-histórica com acento no eterno e imutável da vida, regulamentada pela Torá de acordo com a exegese rabínica, e abandonou em grande parte sua trajectória anterior na direcção histórico-messiânica, que encontrará maior desenvolvimento, pelo contrário, no cristianismo.” (Barrera, 1995: 562)

Afim de percebermos o que permitiu operacionalizar o conceito de visão Cristológica, necessitamos de fazer uma breve reflexão acerca do papel do Livro e da Presença no imaginário colectivo cristão.

Trata-se da grande mudança Ontológica, da passagem da Teofania à Epifania. Citemos pois o *Evangelho segundo S. João*, que ilustra à sociedade este ponto.

“1.1. NO PRINCIPIO era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

1.2. Ele estava no princípio com Deus.

1.3. Todas *as coisas* foram feitas por ele e, sem ele, nada do que foi feito se fez.”

O princípio Único, a Causa Originária determina-se pela acção criadora. Estamos no domínio ideológico do Antigo Testamento. A aliança pressupõe a aplacação do Senhor, o rito sacrificial tal como é minuciosamente descrito no *Levítico*. Os homens são criaturas de Deus. “ Porque os filhos de Israel me *são* servos; meus servos *são* eles, que tirei da terra do Egipto: Eu *sou* o Senhor, vosso Deus.” (Lv. 25.55)

“ 1.12. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no seu nome;

1.13. Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.

1.14. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade.”

A criatura pode agora converter-se em filho, o servo pode clamar Pai! No Novo Testamento, revelador da Epifania Crística, Jesus é o Holocausto único e suficiente.” Na qual vontade, temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, *feita* uma vez. (Hb.10.10).

A tónica é posta na Divina Manifestação, não se trata de uma mera actividade profética, que recebe inspiração do Alto. É o próprio Verbo que Incarna, numa individualização única do Principio Divino. A ligação com a Divina Transcendência é assegurada a dois níveis. Pela imanência do próprio Cristo, que ultrapassa assim a contingência da carne: “Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, eu sou.” (Jo.8.58). E pela invocação do Nome do Pai, tendo-o como único medianeiro:

” E naquele dia, nada me perguntareis. Na verdade, na verdade vos digo que tudo quando pedirdes a meu Pai, em meu nome, ele vo-lo há-de dar” (Jo.16.23).

Este é o núcleo central da Revelação Crística, a disseminação da crença numa encarnação unigénita e suficiente, capaz de se instituir como única mediadora entre o Pai e *os agora* seus filhos. A força desta representação social pode ver-se quer no afã com que era e é discutida a figura de Cristo, bem como em exemplos mais comezinhos que revelam a infiltração da ideologia cristã até ao dia a dia, de forma à primeira vista insuspeita.

“ Por volta de 320, apoderara-se das Igrejas do Egipto, da Síria e da Ásia Menor uma ardente paixão teológica. Marinheiros e viajantes cantavam versões de temas populares que proclamavam que só Pai era Deus verdadeiro, inacessível e único, e que o Filho não era nem coeterno, nem não-criado, visto que recebera a vida e o ser do Pai. Sabemos de um encarregado

de banhos que discursava aos banhistas, insistindo em que o Filho viera do nada; de um cambista que, quando lhe perguntavam pelo câmbio prefaciava a resposta com uma longa peroração sobre a distinção entre a ordem criada e o Deus não criado; e um padeiro que informava o cliente de que o Pai era maior do que o Filho. As pessoas discutiam estas questões abstrusas com o mesmo entusiasmo com que hoje se discute futebol.”

(Armstrong, 1998: 133)

“ Os feitos de Cassiano estão evidentes na *Regra de São Benedito*, do século VI, ...Benedito ordenou que as conferências de Cassiano (*collationes*) fossem lidas durante as refeições; daí deriva no italiano moderno o vocábulo usado diariamente para merendas (*colazione*) e o termo inglês *collation* para uma refeição ligeira a uma hora pouco habitual. “

(Chadwick, 1969: 200)

## 10. Os Herdeiros do Cristianismo Primitivo

É baseados neste princípio que expomos três traços distintivos, que a nosso ver classificam quer o Pentecostalismo, protestante, quer o Renovamento Carismático, católico, como herdeiros do Cristianismo primitivo. São elas a noção de *Pisteno*<sup>37</sup>, Cristo como um novo Adão, e a abundância nos Dons do Espírito Santo, em âmbito cultural e fora dele. Estas características representam por si só o resultado do entrecruzamento das Tradições Oriental e Ocidental no Cristianismo. Assim, a doutrina segundo a qual Cristo teria perecido na cruz em resultado da queda adâmica, só data do século IV. Uma criação essencialmente ocidental, e que, a princípio, só aí se revestiu de alguma importância. No entanto, ele é hoje essencialmente relevante, uma vez que justifica uma segunda Criação, pelo sacrifício de Jesus. Face aos pecados e ao falhanço da humanidade, em vez de um novo dilúvio temos antes uma mudança ontológica, acessível pela conversão: “ Assim que, se alguém *está* em Cristo, nova criatura *é*: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (II. Co.5.17).

O fluir em Dons no Espírito Santo não só está patente na Invocação e caracterização do mesmo nos respectivos Hinários; quer numa quer noutra Igreja, como na actuação, em sentido literal, dos mesmos. Quer se trate de Profetizar, falar em Línguas estranhas, curar pela imposição de mãos ou ter revelação de factos ocultos, tais manifestações são usuais, embora variáveis em escala e em oportunidade, na vida dos crentes das duas denominações. É absolutamente conforme às descrições que temos da vida da Igreja

---

<sup>37</sup> “Creio” em Grego. Aqui como locução e não como revestindo a forma do *Credo*, enquanto oração canónica.

primitiva. O facto de os Carismáticos católicos terem como suporte um ritual organizado, com o suporte da Missa, e uma hierarquia proponente de normas fundadas na sua Tradição, não lhes retira esta característica, apenas ela aparece num contexto mais mediado. A reivindicação desta *Parusia* (Descida) e concomitante recebimento de tais Dons está amplamente apoiada nas Escrituras: Mc.16, versículos 15 a 20, Lc.24. 49, Jo. 15.26 e 16.7 a 15, At.2.1 a 36, I. Co. 12.1 a 11, entre outros.

Dizer *Creio*, como um comprometimento, uma injunção, reflecte mais um desejo místico, do que uma fria lógica reflexionada. É *um mover em*, é colocar-se sob a égide do Espírito Santo e aceitar plenamente que Ele «sopra onde quer». Há toda uma entrega do ser a Deus, trata-se de uma comunhão. Esta é ao mesmo tempo única e partilhada com todos aqueles que se identificam com ela, os Crentes. Encontra-se representada em ambos os grupos de forma intensa, quer sob a forma de um *eu* Crente, quer como um mecanismo identitário, o *nós* Crentes, grupal. Este último é expansivo, ou seja, pressupõe uma actividade proselitista própria, derivada das Sagradas Escrituras “ E este Evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim” (Mt. 24.14)

Chegou agora a altura de apresentarmos a visão Cristológica, numa formulação que permita o seu enquadramento teórico enquanto instrumento metodológico. A aferição da existência, ou não, dos seus elementos constitutivos no discurso recolhido pelos questionários presenciais, constitui um parâmetro basilar para a nossa análise.

**A visão Cristológica da Bíblia é uma interpretação, não só das Sagradas escrituras, mas em última análise da própria vida do Crente, à luz perspectivada que faz dos seus ensinamentos. O enfoque dado ao texto correlaciona-se directamente com o**

**processo de reificação que lhe é inerente. Lê todos os acontecimentos anteriores e posteriores aí descritos à luz da vinda de Cristo. Esta visão é “evolutiva” espaciotemporalmente, ou seja todas as profecias, todos os acontecimentos anteriores prenunciam, são uma preparação para a Sua vinda, como bem assim todos os posteriores são lidos e estão marcados pelos seus ensinamentos e como tal são interpretados.**

Esta visão é uma representação social de incrível complexidade. Tão poderosa que, não obstante o protestantismo norte-americano, através do “Biblical Theology Movement” (anos cinquenta do século XX) ter feito um esforço consciente para penetrar no imaginário hebraico, inclusive através do estudo da língua, tal corrente, embora tenha fornecido muitos esclarecimentos situacionais, continuou e continua tão ortodoxamente Cristológica como sempre. Atente-se que o texto aqui é visto na sua fase final, aquilo que para um “naturalista” seriam interpolações, são consideradas como inspiradas. O todo é maior que a soma das partes, todo o texto é Revelação. Mais, aqueles que na exegese ocidental quase negam, por oposição, a Divindade de Cristo para o “humanizar” praticam também eles uma visão distorcida face ao texto, aqui essencialmente do Novo Testamento, ao tentarem transformar em Filantropia humanista um texto religioso. É aqui que reside precisamente a sua força, é um veículo transmissor de crença, de Fé, e é essa que move Montanhas, apesar do racionalismo. Como? Deus, em parte alguma da Bíblia diz “talvez”, é um facto analiticamente demonstrado, quer acreditemos ou não que se trata dum livro Revelado, as injunções ficam; “Faz”, “Terás”, “Olhai” ou “Não façás” são comuns no texto.

Os Evangelhos tidos como Canónicos são os de Mateus, Marcos, Lucas e João. Os três primeiros são conhecidos como sinópticos, o de São João é essencialmente simbólico. Admite-se como presumível a premissa que o texto base seja o de Marcos (João Marcos) no qual os outros se basearam. Este seria contemporâneo de Paulo e acompanhava Barnabé, tal como descrito nos Actos dos Apóstolos. No que respeita a esta sua primeira codificação (Marcos) admite-se uma data que equivale sensivelmente a 70 D.C.

## **11. Enquadramento Teórico - Metodológico**

A compreensão da análise crítica do discurso, enquanto instrumento metodológico, só advirá da assumpção de que esta nasce socialmente como fruto de uma relação do poder com a memória. Perpassa todo o espectro da acção social humana, seja concentrada seja difusamente, ou seja é um construto científico, em sede de ciências sociais, uma representação social do acto discursivo. Necessariamente os seus pressupostos não são compartilhados, pelo menos nos mesmos moldes, por uma larga camada da população. Tal se deve não só à sua origem erudita como à ausência de vulgarização da mesma. O mesmo já não acontece com muitos outros conceitos da mesma proveniência, que já fizeram a sua entrada no vocabulário comum. De qualquer das formas, este instrumento de análise é, pela sua própria natureza, fracturante. O enquadramento teórico que lhe deu origem é contudo mais amplamente partilhado. Trata-se do pensamento Gramsciano, nomeadamente no que respeita às relações entre cultura, poder e reapropriação textual. Fairclough cita-o acerca das relações entre senso comum e ideologia, e “das personalidades compostas” dos objectos sociais no seu original de 1989 “Language and Power” (págs.70 e 86, respectivamente, da segunda edição datada de 2001). Já no seu “Critical Discourse Analysis” de 1995, voltará a referir-se-lhe quanto ao conceito de hegemonia (págs. 75 e 92), para além de outras alusões e esclarecimentos que faz ao longo das suas duas obras, identificando-se com a linha do seu pensamento. Podemos dizer que o autor faz uma reapropriação da concepção Gramsciana da história.

O marxismo de António Gramsci constitui uma tentativa de ultrapassar o esquematismo da formulação sócio-histórica do materialismo dialéctico, ou seja, pelo reconhecimento de que o marxismo é “ a continuação do pensamento idealista italiano e alemão, que em Marx se contaminou de incrustações positivistas e naturalistas” (Cavalcanti e Piccone 1976: 21). Este idealismo pressupõe a unificação ontológica do ser e do conhecimento, sendo que a realidade daí resultante é um produto do próprio eu, enquanto apropriação teórica. Tal legitima o recentramento do homem na história como seu actor consciente, é um agir *sobre*.

Estes princípios remetem-nos para a sua definição de cultura:

“ É preciso perder o hábito de conceber a cultura como saber enciclopédico...A cultura é algo de muito diferente. É organização, disciplina do próprio eu interior, é apropriação da própria personalidade, é conquista de uma consciência superior, pela qual se consegue compreender o valor histórico próprio...E esta consciência formou-se não sob o agulhão brutal das necessidades fisiológicas, mas pela reflexão inteligente, ...Isto quer dizer que qualquer revolução foi sempre precedida de um intenso trabalho de crítica, de penetração cultural, de permeação de ideias através de agregados humanos antes refractários e exclusivamente preocupados em resolver, dia a dia, hora a hora, o seu problema económico e político, sem laços de solidariedade com os outros que se encontravam nas mesmas condições.”

Socialismo e Cultura, *Il Grido del Popolo*, 29-1-1916. (Cavalcanti e Piccone , 1976: 48 a 49)

Nas primeiras páginas desta dissertação citámos Maurras, o que poderá ter constituído alguma estranheza para alguns. É pelo seu anti-Luteranismo cultural que ele nos interessa aqui, enquanto espelho. Servir-nos-á para ilustrarmos duas concepções antagónicas de cultura, afim de entendermos as raízes que dão origem, em nosso entender, à análise crítica de discurso de Fairclough.

As questões que Gramsci coloca aquando do seu artigo “ República e proletariado em França”, aparecido originariamente no semanário *Il Grido del Popolo*” de 20-04-1918 (Cavalcanti e Piccone, 1976: 122 a 129), referem-no.

“ Para Maurras, a guerra é dirigida sobretudo contra as ideias alemãs do estado superior aos direitos individuais de propriedade e herança, contra o livre exame, contra a filosofia idealista adversária do principio teocrático de autoridade...Maurras exorciza o luteranismo, mesmo que venha dos Estados Unidos e da Inglaterra.” (Cavalcanti e Piccone, 1976: 127 a 128)

É a perfeita antítese do pensamento Gramsciano, a cultura aqui equivale à Tradição, o homem é *sujeito à história*, não como indivíduo portador de valores universais, mas tão-somente enquanto enraizado nas instituições arquetipais do pensamento maurrasiano. As leis históricas, tais como as da natureza, são inexoráveis e atemporais. O homem apenas as descobre. Na sua carta a M. Pierre Boutang, publicado no *Aspects de la France* de 26-06-1953, dirá: “Nós construímos a nova arca, católica, *clássica*, hierárquica, humana...onde reviverá o que merece reviver, em baixo as repúblicas, no alto a realeza e, *para além de todos os espaços, o Papado.*”

Em “Language and Power”, Fairclough opta decididamente pela concepção Gramsciana. Num esforço voluntarista propõe mesmo o uso do estudo crítico da linguagem<sup>38</sup> como ferramenta cultural emancipadora, e não só numa vertente escolar.

“ No capítulo de abertura deste livro, disse que um dos meus objectivos em escrevê-lo era o de ajudar a aumentar a consciencialização de como a linguagem contribui para a dominação de alguns por outros, porque a consciencialização é o primeiro passo para a emancipação.” (Cavalcanti e Piccone, 1976: 193)

---

<sup>38</sup> CLS – Critical Language Study, no original.

**Se adotarmos a visão de Fairclough acerca da visão tripartida do discurso (Fairclough, 1995:133), temos que este terá três facetas: É uma linguagem quer escrita quer falada, sendo simultaneamente um momento (instância) duma prática que não só envolve a produção e a interpretação do mesmo, mas também é ele próprio uma peça da prática social.** É precisamente na conexão que existe entre o discurso enquanto enformado e enformador da realidade experienciada e as representações sociais que nele se espelham, enquanto balizas para “ler” o mundo, que reside o interesse do autor atrás citado, para este estudo, nomeadamente no que diz respeito a uma análise de conteúdo crítica. Ao tratarmos um certo tipo de discurso sobre o religioso, neste caso o Pentecostal e o Carismático, teremos como vector dominante a correlação entre os domínios macro e micro, principalmente a nível intertextual. Tal opção prende-se com o facto de querermos demonstrar duas ordens de factores em interacção: primeiro que a variabilidade extrema, em grau e perpassamento discursivo, dos efeitos das representações sociais, quer herdadas quer formuladas de novo, sobre os indivíduos, sempre existiram através da história no Cristianismo, desde a sua formação; segundo que, com as necessárias adaptações, o esquema de Fairclough de matriz Gramsciana acerca da “tecnologização do discurso” é perfeitamente válido para o tipo de análise que pretendemos executar, desde que se tome a palavra tecnologia em sentido lato, como produção, posse e interpretação de saber, e também como um estatuto especializado que lhe corresponde. De seguida, substituiremos a noção generalista de luta de classes, em volta da questão do poder como forma de dominação, inclusive discursiva, pela sua aplicação específica a um dos seus vectores, a esfera do religioso. A aplicação de um enquadramento de raiz marxista a uma realidade social com este enfoque é possível, desde que não percamos de vista duas ordens de factores. A

explicitação ideológica, além duma questão ética, pressupõe a relativização dos saberes. Trata-se de um discurso sobre um discurso, de «um trabalho sobre um trabalho», ao estilo Ricoeuriano. Enfim é uma leitura possível, a nossa. Em segundo lugar a vertente do materialismo histórico, essencialmente naturalista quanto aos fenómenos religiosos, apenas será usada como contraponto, quando pretendermos ilustrar algumas passagens das nossas conclusões. O critério usado será o de demonstrar por contraste, diferenças de mundividência extremas. Usaremos para tal a obra de Yakov Lentsman, “ A origem do cristianismo “ (1986), paradigma desta visão.

Impõe-se aqui uma precisão: embora a tecnologização seja considerada como apanágio duma sociedade moderna, o que é certo é que a cultura é, na sua essência, algo que perdura, que se transmite geracionalmente; assim sendo, as suas raízes terão que estar algures nas sociedades que a antecederam, o que muda é o enfoque, o veículo (*discurso* em sentido lato) é o mesmo. Apenas a qualidade da superestrutura muda, porque as instituições económicas são hoje as grandes modeladoras de discurso por excelência. Todavia, todas as características estão presentes numa e noutra análise; são comuns, entre outras, as técnicas para descontextualizar o discurso com vista a torná-lo moldável, a criação duma aura de *autorictas*, para credibilizar as fontes com uma aura de estatuto que lhes permita impor uma qualquer tergiversação mental, as fracturas no discurso de género, revelando as tensões dentro duma mesma instituição, as relações de dominação, quer em sentido estrito, quer como liderança moral e intelectual dum discurso que se quer hegemónico, e a sua contestação bem como a naturalização das ideologias.

**Referimo-nos atrás às *representações sociais*; o termo esconde um conceito que os especialistas consideram como “fino”, de difícil conceptualização teórica e ainda**

**mais de custosa circunscrição prática. Reportamo-nos aqui à definição de Vala (2002: 456 - 502) , ou seja, como construção dum mundo significativo, elaborado e partilhado por um conjunto de indivíduos, visando e forjando-se na interacção dos seus membros entre si e com o exterior.**

É um fenómeno interaccional, que tem a particularidade de ser funcional, fornece chaves interpretativas à compreensão-acção. O seu grau de partilha-aceitação é variável, diremos mesmo que pode ir da perfeita naturalização ideológica, transformando-se em senso comum, até uma exclusividade de pontos de vista em antagonismo sobre o mesmo objecto, que o autor refere como sendo polémicas. O paralelo é evidente com o enunciado por Fairclough (2001: 163 a 164) acerca da variação de significados no discurso e a mudança social. A representação social é pois selectiva, esquemática e naturalista, muitas vezes metafórica e ou personalizada, na medida que, no final da sua produção, realidade e conceitos se equivalem. **Este processo permite o conhecimento, o chamado processo de *ancoragem* (segundo a terminologia de Moscovici), que não só torna conhecível o desconhecido, como, uma vez estabelecida, “ ...se torna um organizador das relações sociais” (Vala, 2002:473).** Como tal, trazem em si pressões hegemónicas que se reflectem no discurso. Para nós, interessar-nos-á sobretudo analisar até que ponto as representações sociais próprias deste tipo de discurso têm um maior ou menor grau de operacionalidade, ou seja, até que ponto constroem efectivamente uma dada comunidade de indivíduos pela sua aceitação-coercibilidade. De facto, as Escrituras são o exemplo acabado de como um conjunto de leituras interpretativas através do espaço e do tempo, que sempre se quiseram hegemónicas; acabaram por gerar uma diversidade espantosa.

No que diz respeito às leituras hegemónicas e ao problema da tradutibilidade, atendendo à norma, atentemos neste trecho de Chouraqui:

” No Japão, em 1550, São Francisco Xavier (1506-1552) nas suas prédicas aos Japoneses traduziu Elohim por *Dainitchi*, termo que designa não Cristo, mas Buda conhecido enquanto «Grande Sol». Ele deu-se conta dos riscos da confusão desse nome. Abandonando Buda, regressou a *Dominus-Deus*, que considerava mais seguro. Mas esse nome, na sua pronúncia hispano-portuguesa, significava em sino-japonês *uma Grande Mentira*, o que não deixava de desencadear a hilaridade dos seus auditórios. Os cristãos do Japão acabaram por adoptar, para designar a divindade da Bíblia, um outro termo sino-japonês, *Tenshu*, que significa Mestre do Céu, antes de optar a partir de 1960, pelo nome de *Kami* (de onde deriva *Kamikaze*) que significa *superior*, nome genérico de oito milhões de divindades xintoístas. Esses nomes despojam Elohim do seu atributo maior, a sua transcendência.” (Chouraqui, 2001: 148 - 149)

A ideologia naturalizada, expressa pelo implícito, pelo que ficou por dizer, mas que se assume como uma justificação tão plena da acção como qualquer outra que esteja expressa, é uma constante neste tipo de discurso. Por naturalização das ideologias entenda-se o conceito Faircloughiano:

**“ A característica duma Formação Ideológico-Discursiva<sup>39</sup> é a capacidade de ‘naturalizar’ ideologias, i.e. ganhar aceitação para elas como ‘senso comum’ não-ideológico. “ (Fairclough, 1995: 27)**

Trata-se por conseguinte, grosso modo, de um deslocamento do referente. Este é sempre visto em perspectiva, não existe sem uma relação de alteridade. Um discurso só pode ser validado pelas suas próprias premissas, é tautológico. Logo, a deslocação só pode medir-se em termos de adequação ou inadequação ao entorno, e não em termos de verdades intrínsecas. Quando comunidades diferenciadas partilham o mesmo idiolecto, o que é comum nas sociedades pós-modernas, podemos falar duma possível dupla

---

<sup>39</sup> IDF's – *Ideological discursive formations*, no original.

inadequação da competência discursiva. Uma social, em que viver ao lado de alguém, não significa viver com. Outra, lexical e semântica, em que a representação do objecto dado, aqui a pragmática contextual discursiva, não corresponde ao mesmo significado. Isto pelo menos em termos de grau, possivelmente de relevância<sup>40</sup>, e em casos extremos em toda a concepção que a religa ao modelo da realidade que é endogâmico ao grupo. Um bom exemplo disso é a questão do texto Bíblico enquanto género. Se como afirma Todorov “ Qualquer descrição de um texto pelo próprio facto de a fazermos por meios de palavras, é uma descrição de género “ (Todorov, 1977: 10), então este texto ou bem que pertence à classe dos livros fundadores de religiões e é mitológico enquanto tal, ou bem que se aceita que é a Verdade Revelada e que portanto é necessariamente único, por natureza inimitável e constitui um género por si só.

Estas duas variáveis são em conjunto portadoras de dois efeitos não negligenciáveis. A confrontação de idiolectos (aqui enquanto redes de significados), enquanto fruto de uma intercompreensão apenas parcial, leva ao reforço da autoridade grupal e à utilização da linguagem como forma de afirmação identitária, cujo enquistamento só é ultrapassável pela conversão via proselitismo. O diálogo é apenas relacional no que toca à sua codificação imediata, necessária para o viver em sociedade. A partilha implica nestes tipos de comunidade a conversão, porque só ela pode assegurar a estabilidade do grupo ao receber um elemento até aí exogâmico. Ao enunciar problemáticamente os diferentes mecanismos referenciais, Kerbrat-Orecchioni, ela própria citando Ducrot, vai ao fundo da questão.

” Tendo a comunicação linguística frequentemente por objecto a realidade extralinguística, os locutores devem poder designar os objectos que a constituem: é a função referencial da

---

<sup>40</sup> No sentido corrente que damos em Português à palavra.

linguagem (aonde os objectos designados por uma expressão formam o seu referente). Esta realidade não é contudo necessariamente a realidade, o mundo. As línguas naturais têm com efeito o poder de poderem construir o universo ao qual se referem: ...”

(Kerbrat-Orecchioni 1980: 34)

O texto alude na sua continuação à Ilha do Tesouro, fixando-se portanto num universo imaginário. Fácil é contudo, reportando-nos nós ao relativismo conceptual patente em todo o nosso trabalho, transpô-lo para o nosso objecto de estudo. Uma vez que defendemos a construção da realidade, este efeito de nomeação do universo aplica-se com propriedade à nossa investigação.

Em qualquer grupo social, a existência de normas faz-se sentir, a transgressão destas é punida de várias formas como a exclusão ou a censura. Ora, a única maneira de balizar tais normas é torná-las manifestas, sensíveis, aos seus destinatários. Existindo um tão grande deslocamento do referente nos Pentecostais e Carismáticos, aliado ao seu carácter grupalizado e à falta de instrumentos coercivos que não os que advêm da *autorictas* do endogrupo, só a adesão plena às suas premissas pode assegurar a coesão, pelo endoutrinamento.

Quer se trate de Crentes ou não-crentes, todos desempenhamos vários papéis na vida. Aqui toma forma a questão do recentramento da *persona* de cada um. **Os chamados “papéis de rotina” (Goffman, 1993: 27), ou seja aqueles que decorrem da posição em direitos e deveres de cada um no tecido social em que se insere, são normalmente presas de uma reflexão moral.** Por um lado, o desejo de não frustrar expectativas, de obter prestígio, aceitação com o seu desempenho, por outro, as linhas morais que cruzam a sua actividade social, como, por exemplo, a boa-fé. O facto de Goffman (1993: 293) referir tais critérios como “ múltiplos” e “instáveis” leva a que a adequação da *persona* moral à sua imagem seja conseguida em termos de mera eficácia.

Defendemos que o recentramento efectuado pelo Crente face à Divindade, transforma a moralidade enquanto categoria operativa em categoria Transcendente, permitindo um processo de *ancoragem* da representação social de Deus enquanto centro da sua vida.

Shills ao descrever as relações entre centro e periferia, em contexto social, refere: “ à medida que nos deslocamos do centro da sociedade, do centro em que a autoridade é possuída, para o interior ou para a periferia, sobre o qual a autoridade é exercida, a ligação ao sistema central de valores vai-se atenuando “ (Shills, 1992:63). Com a crescente complexificação da sociedade e subsequente atomização do indivíduo, é normal que o cidadão periférico desenvolva uma quase ataraxia face aos valores dirigentes. A mínima parte que lhe é perceptível é alvo de naturalização ideológica, tudo o resto é visto com a indiferença do que é abstruso, salvo quando a autoridade se manifesta de tal forma, quando irrompe na sua vida a tal ponto que provoca resistências. Estas podem assumir a formulação duma recusa expressa dos valores dominantes e a assumpção de outros, contrários. Não se trata necessariamente de valores considerados ofensivos pela generalidade dos intervenientes sociais. Pode tratar-se de um regresso a uma pureza Escatológica original, em termos traduzíveis uma reintegração, como nos Pentecostais. Ou a tónica pode ser posta no acolhimento por parte de uma estrutura Institucional que possui o atractivo, de, a par da segurança da tradição social, oferecer, num projecto mediado por essa legitimação também ela uma reintegração ontológica mas sem abandonar os quadros mentais de origem, como no caso do Renovamento Carismático. Diremos que se para Shills: “Este sistema central de valores é a zona central da sociedade. É central devido à sua ligação íntima com aquilo que a sociedade considera sagrado; é central porque é aceite pelas autoridades que governam a sociedade” (Shills, 1992:55), então para os Crentes destes dois grupos, pesem embora as

diferenças em grau e espécie, o Sacro é o centro, quer da sua vida enquanto indivíduos, quer enquanto contra-centro periférico.

De facto, em todas as sociedades, em todos os indivíduos existe um centro e uma periferia. A responsável última por este construto é a cultura em sentido lato. A acumulação de conhecimento só é possível se este for ordenado. Como produto social que é, a sua transmissão pressupõe uma hierarquia ainda que informe, quanto mais não seja, a que se estabelece entre aquele que sabe e o que vai ser iniciado. Em sede de processo histórico haverá pois lugar a uma legitimação, sem a qual não poderá haver durabilidade. Esta processa-se não só ao nível do conhecimento em si mas igualmente no que diz respeito ao quadro mental que a sustenta: *Quem* define o que é conhecimento e de que *forma* deve ser transmitido. Nasce assim, no entender de Berger e Luckmann (1999: 106 - 107) o que se chamará de **universo simbólico**. Esta noção é capital, porquanto justifica a noção de recentramento:

**”Experiências pertencentes a diferentes esferas da realidade são integradas através da sua incorporação no mesmo abrangente universo de significação.”**

Para que tal aconteça é necessária uma imersão em tal universo distinto. O caso aqui será diverso conforme se trate de Pentecostais ou Carismáticos. No primeiro reveste a forma de uma Alternância (como uma transformação ontológica que aspira a ser total), neste caso religiosa, no segundo o de uma revitalização aprofundada, obtida pelo contacto pessoal com quem partilha a mundividência da sua endocultura. Devemos fazer aqui um reparo: ambas as categorias, em toda a sua aplicação, só são válidas respectivamente para um converso Pentecostal, ou seja, alguém que não tenha nascido nessa comunidade ou não tenha sido nela aculturado precocemente, sendo que o inverso se aplica para os Carismáticos.

Posto isto, passemos às definições:

**“ O protótipo histórico da alternância é a conversão religiosa...Ter uma experiência de conversão não é nada de especial, o importante é ser capaz de continuar a levá-la a sério, conservando o sentido da sua plausibilidade...A estrutura de plausibilidade [A comunidade religiosa de adopção] deve tornar-se o mundo do indivíduo, tomando o lugar de todos os outros mundos, em especial o mundo que o indivíduo “habitava” antes da sua alternância”**

(Berger e Luckmann, 1999: 164 a 165).

É portanto um processo afectivo de identificação e ressocialização num novo quadro.

No caso da revitalização aplicar-se-ão estas circunstâncias adiante descritas:

**“ Só é possível o indivíduo manter a sua auto-identificação como pessoa de importância num meio que confirme essa identidade; uma pessoa só pode manter a sua fé católica se conservar uma relação significativa com a comunidade católica, e assim por diante. A interrupção do diálogo significativo com os mediadores das respectivas estruturas de plausibilidade ameaça as realidades subjectivas em questão.”** (Ibidem: 161).

Uma vez que a Igreja Católica é a Instituição Religiosa dominante, dissemos que a revitalização é aprofundada, na medida em que não só faz participar o Crente de forma activa no corpo da Igreja, ou seja, passa do vínculo social ao emocional, como, ao juntar-se a um grupo Carismático, entra numa nova dimensão da Palavra, mística se quisermos, uma vez que o Kerigma (mensagem) faz fluir os Dons do Espírito Santo.

É necessário agora interrogarmo-nos acerca do ambiente cognoscível do sujeito. Se há uma passagem, um aprofundamento, um *apelo*, que o faz juntar-se a uma destas duas comunidades, experimentar um “mundo novo” como é que estes tomaram forma e se solidificaram até se transformarem numa opção? Pela comunicação, oral ou escrita. É o

acto comunicacional que ao alargar o "ambiente cognitivo de uma pessoa" (Sperber e Wilson, 2001: 104) possibilita o primeiro passo para a mudança. A curiosidade é inata no homem, logo interagimos porque necessitamos e porque gostamos de o fazer. Esta convicção é tão arraigada que a sociopatia é considerada disfuncional. De facto, senão tivéssemos uma apetência pelo desconhecido, a evolução não se teria processado. Um outro aspecto é importante aqui: o ensaio de poder que detém na ordem do discurso quem introduz o assunto liderando o processo, e, por sua vez, o poder que o receptor dessa informação veiculada, de cuja aceitação ou recusa das premissas enunciadas depende a continuação ou a cessação do jogo comunicacional, igualmente possui. É uma questão de credibilidade, porque neste caso muito específico, o domínio religioso em sociedades abertas, a autoridade provém do reconhecimento.

No fundo, a conversão ou a revitalização começam pela angústia de se estar desadequado, dum mal-estar do sujeito, um descontentamento consigo próprio e com o mundo envolvente. Fazem, portanto, apelo a suposições arquetipais no indivíduo, inscritas na memória básica, pelas quais o discurso de acolhimento ganha relevância. A apresentação do testemunho por parte de quem crê reforça no neófito uma proto-consciência grupal: não está só, há outros como ele – ou, pelo menos, o desejo de uma interacção mais profunda com o grupo leva-o a aderir proposicionalmente a ele. Tal é visível quando acontecimentos fortemente disruptivos, como a morte, a doença, a solidão, o desemprego, a sensação de se estar abaixo do seu potencial, a angústia da decadência física ou social, abalam a sua ordem de representações. Cria-se um ambiente mental em que estas passam a ser trabalhadas como «representações de segunda ordem de representações» (Ibidem:128), só que aqui as variáveis extremam-se, já não se trata de as repensar somente, em contexto situacional ou hipotético, um *se*, pressupõem antes

uma adesão. É o domínio da crença, y não se limita a um: será que x tem razão? Passa-se para o eu *creio* que x tem razão, e os dois termos passam a significar *nós cremos* que *aí estamos*, no que é certo. O passo seguinte é uma *adequação* das nossas representações para que estas possam confirmar as nossas expectativas no novo quadro mental. Questão de plausibilidade, portanto, este desenvolver de novos estereótipos será tanto maior quanto a força do seu constrangimento para o indivíduo, a título de frequência e ou hierarquia de significações.

O aparecimento de novas contextualizações, resultados da deslocação do referente entre a informação antiga e a aceitação de uma nova que o implique (relembre-se que estamos a falar aqui de um tipo de fenómeno religioso), é realizado por um esforço, à vez consciente ou não, de reaprendizagem, de aculturação. Um bom exemplo é a reutilização a nível de significado dos aportes lexicais, ou mesmo a sua inovação. O processo de adequação solidifica-se quando intuitivamente o sujeito aplica a sua nova grelha **de relevância, vista aqui como uma “propriedade dos processos mentais”** (Sperber e Wilson, 2001: 190). Este tipo de discurso oral ou escrito, ganha assim a sua plenitude enquanto portador de **estímulos ostensivos** (Ibidem: 238), ou seja, pelo desejo de atenção que acarretam por parte de quem os emite, ancorados na sua suposta relevância, e pelo tratamento que recebem por parte do receptor, se tiver desenvolvida a sua sensibilidade em termos de relevância contextual, à formulação semântica proposta. Tudo isto releva da subjectividade do próprio texto, a intencionalidade com que a informação considerada relevante é relatada.

Nos questionários presenciais que efectuámos, as questões articulam-se em dois pólos a saber: Inclusão versus Exclusão do entrevistado face ao endogrupo e ao entorno exterior – práticas e mundovisão – e, correlacionadamente, atitudes de recentramento e

reinterpretação. As respostas às questões serão pois tratadas como unidades temáticas, sendo individualizadas sempre que necessário, a título de exemplo. A análise lexical que fizemos cingir-se-á portanto a este enfoque, procurando apenas ajudar à categorização do discurso por grandes unidades de teor.

Utilizaremos ainda mais duas fontes para esclarecimentos, sempre que necessário. Trata-se dos livros “Jesus está Vivo”, da co-autoria do Padre Tardif (um dos principais divulgadores do Renovamento Carismático, de 1984) e de José H. Prado Flores, e de “Bom dia Espírito Santo” (Um best seller com mais de um milhão de exemplares vendidos só em Inglês e Espanhol, de 1990) do Famoso pregador Benny Hinn, numa edição brasileira (Bompastor) extremamente divulgada em Portugal. Pode encontrar-se no topo das vendas em qualquer livraria ou secção de vendas de livros Evangélicos Pentecostais.

Doravante sempre que nos referirmos a qualquer gráfico ou quadro estará implícito que estes se encontram na secção de anexos, pelo que indicaremos apenas a sua página, para melhor identificação por parte dos leitores que os queiram compulsar directamente.

Procurámos que a contagem de deícticos fosse a mais exaustiva possível, quanto aos modalizadores, às cláusulas proposicionais, performativas e de autoridade o nosso enfoque foi para as que constituíam parte de representações sociais enquanto mundivisões da área da crença. Optámos nestes últimos casos pela apresentação sob a forma de quadros.

No que aos gráficos diz respeito a sua classificação divide-se da seguinte maneira. Os primeiros quarenta e seis são distributivos. Os dois primeiros de cada página, por uma questão de espaço, com excepção da pergunta seis e sete em que não há desdobramento, oferecem a contagem lexical deíctica, questão a questão. Visualizam-se as categorias e a

sua utilização comparada pelos três grupos, só aparecendo os deícticos efectivamente utilizados. O último gráfico de cada página destes é comparativo das utilizações, grupo a grupo, e por pergunta, do arquilexema /PESSOA/ na sua forma singular e plural, ordenadas por categorias de mundividência em que é evidente o recentramento do sujeito. Assim a Pessoa(s) em Geral, corresponde a interacção **passiva** do sujeito face ao entorno exterior à área de crença. A Pessoa(s) Crente(s) correspondem não só à interacção **activa** do sujeito face ao entorno exterior à área de crença, mas também face ao endogrupo, enquanto repositório de atitudes e praticas. Quanto à Pessoa Crística, trata-se de um aspecto funcional da simbologia da linguagem religiosa que desejámos autonomizar, pela sua relevância.

A segunda série, de cinco gráficos, a partir da página CXLIX, dá-nos, por sua vez, uma visão comparativa do universo lexical deíctico contabilizado, por grupos de utilizadores.

A terceira série, de três gráficos, começa na página CLI com uma contabilização, mas agora aplicada à rede de significância do arquilexema Pessoa (s), tendo por objecto a utilização do mesmo em totais gerais absolutos, por categoria. Segue-se o pronome Nós. Desta vez a categorização mostra a frequência, pergunta a pergunta, da sua utilização tendo como significado uma comunidade de crentes, versus a sua utilização total, em que esta se inclui. Como veremos há uma larguíssima identificação.

A ordem de apresentação das categorias nos gráficos teve como única preocupação a legibilidade e o conforto da sua leitura. Foi surgindo naturalmente enquanto elaborávamos as listas de contagens.

## 12. Análise do Questionário Presencial

O discurso sobre o religioso contido nos questionários presenciais recolhidos por nós para constituírem este corpus, revela uma variedade de linhas de força que vamos procurar autonomizar, enquanto vectores de análise. Distinguimos:

- a) Estratégias de reificação e respectiva classificação por classes.
- b) Tecnologização do discurso proveniente de hierarquias de significância fundadas no estatuto do seu ou dos seus proponentes.
- c) Recentramento do sujeito e fenómenos de funcionalização e identificação.

Por uma questão de encadeamento textual, sempre que os trechos citados quer dos questionários quer de qualquer outra obra, sejam em número ou extensão significativos, apresentá-los-emos a seguir ao bloco a que dizem respeito.

É necessário que se tenha em conta que em qualquer discurso religioso em que haja a possibilidade ou mesmo a vontade expressa de proselitismo, como é o caso do Cristianismo (1), o outro, o não-crente, não é alvo de uma exclusão *ad hominem* mas meramente funcional. Ele está meramente incompleto, labora no erro ou desconhece a verdade. A não ser que se auto-exclua por um acto volitivo consciente, ao adoptar uma atitude irreductível, caso do Paganismo (2), ou por actos blasfematórios deliberados (3), o *ele-no-mundo* está à distância de uma conversão, para se tornar em (4) *um-de-nós*, *crentes*, uma vez que já faz parte do **nós** generalista que é a humanidade. Não incluímos de propósito a descrença, racionalista ou outra, nas atitudes de irreductibilidade, porque embora haja uma substituição de valores, estes não são da mesma ordem, ou seja fica um (5) vazio arquetipal por preencher.

1. “...eu não acho que é por oitenta por cento do mundo que não vai acreditar, que eu vou, que vão os vinte por cento deixar de acreditar. Eu acho que há uma caminhada, e é possível,

passado um tempo, os vinte por cento tornarem-se em trinta, em quarenta, em cinquenta, e até passarem a acreditar em algo. Eu acho que nós devemos é ser uma luz, lá fora. (RC2: R4, XX)

2. “Como Pagão, **eu não acredito** numa qualquer teoria da salvação, ... “ (GC1: R3, C)

3. “Veja bem, a blasfêmia é um acto da vontade que não inclui preocupação.”

“ Você diz, – Olhe, Benny, como posso saber que jamais vou cometer esse pecado? – Você não cometerá esse pecado enquanto não desejar cometê-lo.”

“Mas você expressou em voz alta esse pensamento? Não! (...) [Em rigor é necessário que a pessoa profira as palavras, não basta ser assaltada por pensamentos impuros]

A pessoa que fala contra o Espírito Santo tomou a decisão de blasfemar. “

(Hinn, 1990: 159, 160)

4. “ Agora é complicado para nós irmos lá para fora, e gritar ao mundo, eu acredito em Cristo.” (RC2: R4, XX)

5. “ ...a ciência nunca nos proporcionará totalmente uma resposta, a todos os problemas que lhe colocam, porque à medida que a ciência vai descobrindo novas coisas, vai originando novas questões. Euh, E enquanto essas questões estiverem em aberto, haverá sempre lugar para a Fé.” (GC2: R9, CXIV)

Vamos agora debruçarmo-nos sobre a deslocação de referente. Já aqui adoptámos a definição proposta por Kerbrat-Orecchioni, baseada em Ducrot (ver págs. 86 e 87 deste trabalho). Complementamo-la agora com a sua noção de referência e de deícticos. “ ...chamaremos de «referência» ao processo que põe em relação o enunciado face ao referente, quer-se dizer o conjunto dos mecanismos que fazem corresponder a certas unidades linguísticas certos elementos da realidade extralinguística” (Kerbrat-Orecchioni, 1980: 34 a 35). Deícticos serão por conseguinte:

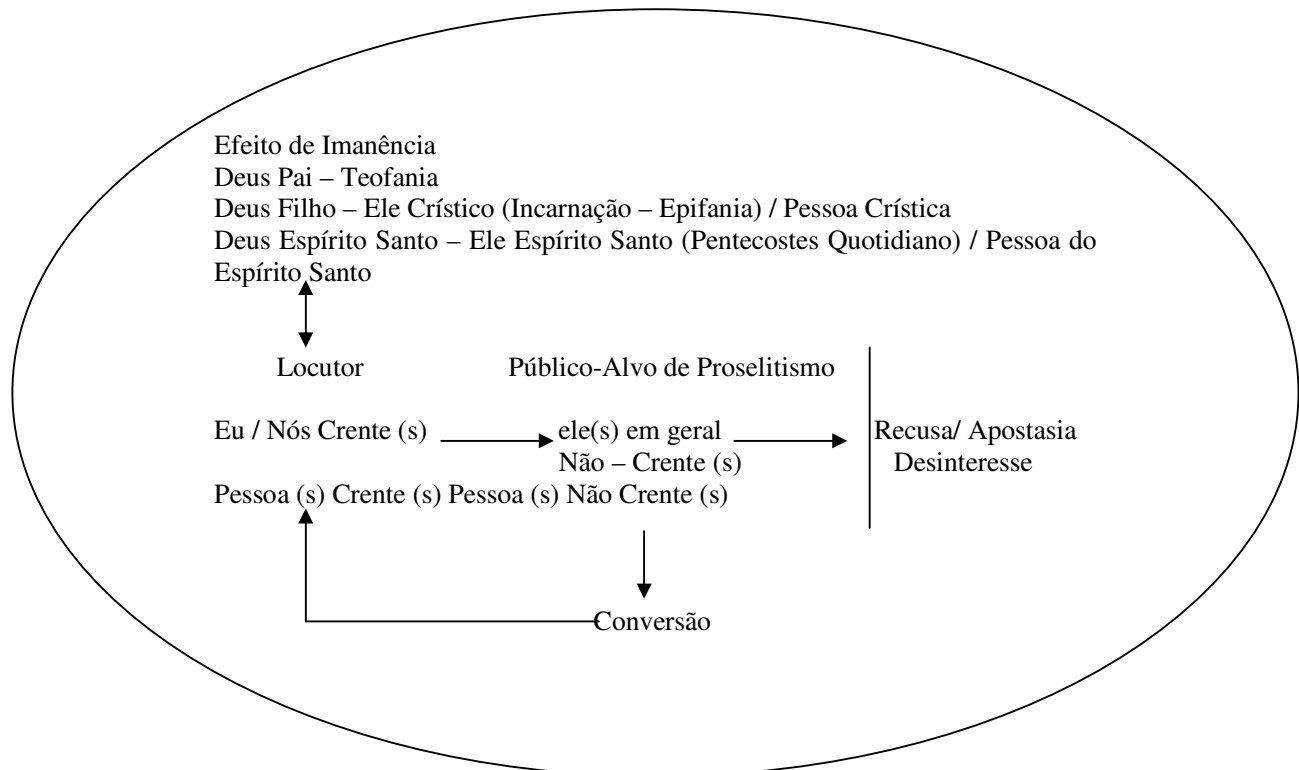
“ ...as unidades linguísticas cujo funcionamento semântico-referencial (selecção na codificação, interpretação na descodificação) implica uma tomada em consideração de certos elementos constitutivos da situação de comunicação, a saber,

- o papel que têm no processo de enunciação os quesitos do enunciado,

- a situação espaço-temporal do locutor, e eventualmente do alocutário” (Ibidem: 36)

Para a análise deste tipo de discurso religioso seleccionámos os deícticos, eu, nós e ele e o substantivo Pessoa (s) aqui como expressão deíctica. Num discurso *outro* teríamos um locutor, eu ou nós, enquanto unidade reflexiva autónoma, que falaria de um ele ou eles, ou de uma Pessoa ou Pessoas terceiros, a um alocutário ou alocutários. Neste tipo de discurso defendemos que não é assim necessariamente. Em primeiro lugar o crente nunca se encontra só, nem tão pouco o deseja estar. Há um entrecruzamento das dimensões espaço-temporal e espiritual, com claro predomínio da segunda. Manifesta-se aqui pela visão Cristológica da vida, e pela experiência pessoal, quotidiana e constante do Pentecostes, através da recepção do Espírito Santo. Em segundo lugar a dimensão simbólica da linguagem, nomeadamente no que diz respeito aos factores de inclusão comunitários, tendo por matriz a área de crença são muito significativos. É assim que dum total de 63 utilizações do deíctico *Ele*, 30 são Crísticas, e 7 referem-se ao Espírito Santo. Quanto ao *nós*, em 181 utilizações, em 150 o referente é a comunidade de crentes. No caso do *Eu*, os números são os seguintes: em 252 vezes, apenas 11, todas no grupo de controlo, se posicionam fora daquilo a que convencionámos chamar enquanto referência, efeito do imanente (XVII). Já para a expressão deíctica Pessoa (s), em 231 utilizações (XIX), o universo da (s) Pessoa (s) Crente (s) representa 128, e o residual com conotações Bíblicas, respectivamente Pessoa Crística, 4, Pessoa do Espírito Santo, 7, e Pessoa de Deus, 1.

Posto isto elaborámos um esquema onde incluímos todas estas variáveis.



O efeito de imanência Divina na vida do Crente é conseguido pelo Pentecostes quotidiano. Uma vez recebido o baptismo no Espírito Santo ou Efusão, Este passa a viver no crente. É possível falar-Lhe, consultá-Lo, pedir a Sua ajuda, Ele alegre, Contende, Revela, entre outros carismas. Faz parte da sua vida (6). É uma peça essencial no recentramento Cristológico da personalidade. Há uma noção de enriquecimento, de mudança ontológica, o Transcendente torna-se Imanente (7). A chave desta mudança é a aceitação da mensagem de Cristo, foi Ele que enviou o Paracleto, e foi ele que iniciou o período da Epifania com a primeira Parusia. A Poliglossia é normalmente a primeira forma de manifestação ou fruto da entrada do Espírito Santo no Crente. Trata-se duma modalidade da diversidade cultural estudada que se revela de extrema importância, porque não só não se manifesta noutras formas

religiosas, como o Paganismo por exemplo (8), encontrando-se limitada em formas afins, como nas Testemunhas de Jeová, (9) como se encontra adormecida em todos os Cristãos Não Carismáticos ou Pentecostais.

6. “...Há vários dons do Espírito Santo, o dom da alegria, o dom de milagres (...) digamos que é a presença de Deus que vive em nós, ...” (PE1: R5, LV)

7. “...e falando especificamente do Espírito Santo, Ele, Ele vive no coração daquele que um dia aceitou Jesus como Senhor e Salvador na sua vida. “ (PE3:R5, LXXIX)

“...o Espírito Santo é a força do amor criador, recriador, salvador, libertador de Deus, que actua hoje e sempre no homem, no homem que crê (...) como o Carisma, o Dom das Línguas, ...” (RC1: R5, IX)

8. “...como pagão consequente que sou estou absolutamente fora dessa lógica e dessa terminologia. (...) não se põe uma qualquer intervenção de tipo Espírito Santo, ou duma qualquer salvação dum, duma estrutura messiânica.” (GC: R5, CII)

9.” Nós como crentes, e todo aquele que acredita, nós conseguimos sentir, em plena, euh, em pleno sentido na Palavra, o (...) Poder ou o Espírito Santo de Deus. (...) Acreditamos que sim, que o Espírito Santo é a força activa da pessoa, do, euh, de Deus, assim é que é. “ (GC3: R5, CXX)

Neste último trecho é necessária uma explicação adicional. Embora as Testemunhas de Jeová reconheçam o Espírito Santo, fazem-no apenas como força e não como Pessoa. Estão ausentes a imposição de mãos, a Poliglossia, a cura por seu intermédio, a Profecia e praticamente todos os Carismas exceptuando dois, a força sobrenatural interior e a designação pelo Espírito Santo dos seus Anciãos. Tal acontece porque interpretam literalmente o versículo de S. Paulo aos Coríntios “ A caridade nunca falha, mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas cessarão; havendo ciência, desaparecerá;” (I Co. 13: 8). Baseados nisto afirmam que tais prodígios são reservados apenas aos tempos Bíblicos.

Outra especificidade cultural dentro dos movimentos revivalistas é a Matriologia Mariana no seio da Igreja de Roma, circunstanciada pela pergunta número seis. A mesma é completamente ausente no Pentecostalismo, por falta de bases Bíblicas que promovam uma qualquer forma de adoração Mariana, segundo este.

A simbologia da linguagem aqui opera a vários níveis, das 7 vezes que o deíctico Ela é utilizado, em todas é referente a Maria, o mesmo para o pronome demonstrativo Aquela, usado duas vezes (VI). Uma vez que o tema é precisamente a Devoção Mariana, e é específico para o Renovamento Carismático, tal seria de esperar. Mas é na escolha dos deícticos que recai a nossa investigação. Quanto a nós ela revela uma grande noção de proximidade, intimidade e identificação, facilitada pelo facto de que todas as questionadas serem mulheres. Não se fala acerca da Pessoa de Maria, fala-se dela, apenas uma vez é usada a expressão Nossa Senhora. A tripla articulação, sacrário (10), mãe (11), e modelo (12), configura a aplicação de uma grelha de relevância, por parte dos locutores, portadora destes vocábulos enquanto estímulos ostensivos. São usados para fixar a atenção pela sua suposta relevância partilhada enquanto mundividência ritualista, a que não escapa a vertente contextual em sentido estrito, (13) remetendo para as Sagradas Escrituras. A isto não é concerteza alheio o facto do Marianismo estar presente no Renovamento já desde Duquesne

“ Um desses professores, na noite de sexta-feira e antes do acto penitencial, levantou nas mãos uma imagem de Nossa Senhora e falou sobre a fé daquela Menina e sobre a importância do Sim que Deus também espera de cada um de nós. Maria a quem os Padres da Igreja chamaram “a esposa do Espírito Santo”, tinha de estar presente naquele retiro. Ela, que tinha vivido a Anunciação, a Natividade, a Cruz e o Pentecostes, tinha também que viver aqueles momentos...” (Pneuma Nº 144, 2003: 19)

Da mesma forma, a consagração em Fátima pelo Padre Lapa, a 15 de Outubro de 1974, do Renovamento e de si próprio ao Coração Imaculado de Maria (Fonte Pneuma Nº156, 2004: 14). Maria é pois fonte de uma autorictas de tradição Romana, atente-se na noção de sacrário, ausente no Protestantismo. Ela é uma testemunha presencial activa que pode atestar em verdade no sentido Ricoeuriano do termo. É também um arquétipo demeteriano, uma representação social do arquilexema /MÃE/, enquanto intercessora e receptáculo aquiescente da Vontade Divina.

10.”Maria foi o primeiro sacrário.” (RC1: R6, X)

“ ...ela foi o primeiro sacrário do mundo.” (RC4: R6, XLIX)

11.” ...mas nós sabemos que mãe está lá, a mãe está a cuidar por nós, e pelo grupo”  
(RC2: R6, XXII)

“ Para dar conta da importância de Maria, como a mãe, não só de Jesus, ...”  
(RC3: R6, XXXV)

12. “ Mas se olharmos para um modelo como Maria, ...” (RC3: R6, XXXV)

13.” ...e olhamos para Maria, ela simplesmente, com a calma dela, faça-se em mim a Sua vontade.” (RC3: R6, XXXV)

De que forma são vividos os papéis de rotina pelos crentes? Terá o recentramento Cristológico expressão simbólico-lexical? Tem, efectivamente. A pergunta número 12 é disso um bom exemplo. “ Cristo pode considerar-se como centro da sua vida?” As respostas dos Crentes Cristãos são ricas em expressões modalizadoras que exprimem neste caso a certeza de uma adesão, nomeadamente através de advérbios e locuções adverbiais. Aqui seguimos a classificação proposta por Kerbrat-Orecchioni, (1980: 118). O adjectivo possessivo *minha* desempenha aqui uma função deíctica correlacionada com os modalizadores (14). O seu objectivo discursivo é pôr em evidência o nexos de ligação entre a Divindade enquanto Absoluto Determinado (O Pai)

de natureza hierárquica e ontológica superiores, e a vertente Epifânica (O Filho Incarnado) que permite a participação do indivíduo enquanto sujeito diferenciado nesse todo. A transição lexical encontra-se presente nas palavras Cristo e Ele, enquanto eixo vertical e ponto de contacto. Por outro lado, temos que o Crente opta neste processo pela sua auto-definição em termos perenes, identificando-se não pela sua função social mas por uma categoria religiosa que desempenha também um papel de status, de alguém que conhece, que sabe a fórmula correcta, a chave para a reintegração do homem no seu estado primordial antes da queda (15). Sustentamos que se trata duma categorização ao mesmo tempo classificatória, identitária e relacional. Estes últimos três termos foram adaptados da classificação fornecida por Maria Emília Ribeiro Pedro (1997: 202 a 205). São vectores de tal maneira salientes que se encontram também no discurso sobre *o outro* feito pelos psicólogos racionalistas do grupo de controlo (16).

14.” Absolutamente, em absoluto.(...) A maior riqueza que eu tenho na minha vida.”

(RC4: R12, LI)

“ Sem dúvida, procuro que seja o centro da minha vida” (RC1: R12 XIV)

“ Sim, sem dúvida!” (PE1: R12, LVIII)

“ Sim, sem dúvida. Da minha vida, Cristo é o Centro.” (PE2: R12, LXIX)

15.” ...só por Cristo é que eu posso ir ao Pai.” (RC1: R12, XIV)

“...e Ele convidou, disse, larga as redes, vem comigo.” (RC2: R12, XXVII)

“ ...Cristo é a peça principal na vida de um homem, na vida de uma mulher.”

(PE3: R12, LXXXVI)

“ Cristo, sendo Deus, é o centro da minha vida.” (PE4: R12, XCVI)

“ ...e nós tudo aquilo que fazemos, segundo o que está escrito, é seguir os Passos de Cristo.”

(GC3: R12, CXXII)

16. “ ...e o Cristo é aquele que o aproxima mais da realidade terrena, (...) ele também foi homem. (...) e isso aproxima a divindade dos factos terrenos...”

(GC2: R12, CXV)

“ Um exemplo vivo” (GC4: R12, CXXIX)

O problema das chamadas seitas releva não só do significado pejorativo que socialmente se lhes atribui, mas igualmente das relações de poder implícitas no discurso de quem as nomeia e do conjunto de estratégias de legitimação que o suporta. Até 1994, a Igreja Católica considerava o Pentecostalismo como uma nova forma religiosa, deixando em aberto se mereceria ou não o epíteto de seita. Em “Seitas. Que dizer? Que fazer?” do delegado episcopal francês Jean Vernet, especialista neste domínio, pode ler-se, “Pentecostais: sem fundador, mas um conjunto de movimentos de Despertar em países anglo-saxões no começo do século XX, na linha da Reforma protestante. (1995: 214). A edição portuguesa tem uma nota introdutória por Frei Bento Domingues, com um trecho assaz revelador “ Este livro tem a vantagem de não ser apenas um guia claro e seguro na viagem pelo mundo complexo das seitas, Igrejas e novos movimentos religiosos.” (Ibidem: III). É um caso de legitimação pela autoridade reconhecida institucionalmente na esfera do autor Crente Romano, que aspira a converter-se em senso comum por naturalização das ideologias (o livro destina-se ao público em geral).

O mesmo se passa nos questionários presenciais aplicados por nós. Agora com ainda maior propriedade, uma vez que estudamos o discurso partindo do pressuposto que ele é validado pelas suas próprias premissas endógenas, sendo que isso é assumido de forma implícita pelos intervenientes. Quer isto dizer que a classificação de seitas é feita segundo o princípio da tecnologização do discurso, aplicado à esfera da crença. As relações de poder, entre o Crente e a Divindade e entre o primeiro e a sua comunidade Institucional são por vezes visíveis, neste caso de forma implícita, no sistema de convenções enunciado para distinguir as seitas, da verdadeira crença. Um bom exemplo é o da classificação de fechados, reservados, à parte, leia-se resistentes à permeabilização de um diálogo ecuménico, que se tem erigido em valor dominante

desde o Vaticano II. Embora tenha sido lançado pela Igreja de Roma, é hoje uma ideia naturalizada na maioria das confissões Cristãs, se bem que com nuances várias. Há um elevado nível de reificação traduzida por uma standardização dos traços dominantes do fenómeno (17).

17.

a) Relações de poder entre o Crente e a Divindade

(Aceitação e interiorização da norma)

“...e eu creio num livro, que é, que é a Bíblia Sagrada (...) é daí que vou procurar aquilo que vem como que, o medidor, o parâmetro., para aquilo que considero seita...”

(PE3: R2, LXXV)

“...seitas são realmente movimentos, (...) são grupos de pessoas que tentam envolver massas para realmente fugir desse mesmo propósito. Da adoração, ao, ao único Ser vivente, Deus.

(PE4: R2, XC a XCI)

“...seitas eu acho que essencialmente é algo que caminha, euh, por interesse de alguém, e não por Deus. (...) a IURD para mim é uma seita. “ (RC2: R2, XVII)

b) Relações de poder entre o Crente a Comunidade Institucional. Standardização.

“ ...são aqueles grupos de pessoas que são sectários. Quer dizer, que se põem à parte...”

(RC1: R2, VIII)

“ ...Têm grandes dificuldades em interagir com os outros, são muito isolados, ...”

(PE2: R2, LXI)

“ ...Jeovás é um exemplo de seita, “ (RC3: R2, XXXII)

“ Seitas, são, são pessoas, eu não me lembro desta, desta religião que andam aí de porta em porta, como se chama? Testemunhas de Jeová.” (RC4: R2, XLVII)

“... Uma seita é a ideia, é um grupo que se separa dos outros, não é?”

(GC3: R2, CXVIII )

A recusa escatológica do Mundo, Possessão e Idolatria.

As perguntas quatro, um e a segunda parte do número dois articulam-se numa linha que pretende aferir da acção do homem no mundo, e da influência que este pode ter sobre ele. Se descontarmos a possessão em sentido estrito, verificamos que os respondentes associam sistematicamente a possessão à posse e esta à Idolatria. Na representação social desta para este tipo de Crentes Cristãos, a possessão materialista é a referência que permite aquilo que para estes é um desvio do seu referente (Deus) para a fruição egoísta ou destrutiva e a para a veneração de ícones mundanos, apanágio da era moderna (18). A noção de decadência, de queda, é inclusiva em extremo uma vez que também se inclui nas declarações do representante Pagão (19). O mundo é pois ameaçador por causa do desvio do homem.

18.”Uma pessoa pode ser idólatra não tendo uma imagem em casa, (...) se for dependente do álcool, é idólatra, ele idolatra realmente o álcool, é uma dependência de um deus que não é vivo.” (PE4: R2, XC)

“ Ora bem, um, um falso deus pode ser a nível material...” (RC3: R2, XXXII)

“ ...todos nós sabemos o que é a possessão, o que é possuir algo, um terreno, um carro enfim...” (PE1: R1, LIII)

“...o mal não está no mundo, o mal está na opção do homem.” (RC1: R4, IX)

19.”...poderíamos dizer que a sociedade moderna ou pós-moderna é uma sociedade de idolatria, a começar pela pior das idolatrias que é a idolatria do deus dinheiro.”

(GC1: R2, C)

A esfera da crença permite um grau relativamente pequeno de inovação ideológica do indivíduo face ao que são as condições determinantes de adesão e permanência numa comunidade de forte prática religiosa. Mesmo uma cisão implica um novo grupo de pertença. Só muda no sujeito a capacidade de formulação de novas normas, se

percursor, ou uma nova acomodação se o seu percurso é de uma confissão religiosa já estabelecida para outra. Os casos do Renovamento Carismático Católico, do Pentecostalismo Protestante e das Testemunhas de Jeová são pois essencialmente díspares, no que diz respeito às estratégias de legitimação enquanto portadoras de cláusulas performativas e de autoridade. O discurso religioso é já por si um caso *sui generis* na aplicação destas categorias. Algumas cláusulas que de outra forma seriam proposicionais (XXI), tornam-se pelo referente à área de crença como convicção profunda, em performativas (20). No caso das cláusulas de autoridade, identificámos várias que são próprias deste tipo de discurso, onde o referente ora está explícito ora implícito (XXI). Daremos exemplo de algumas no seguimento deste bloco de análise. Diremos ainda que, embora não em exclusivo, como veremos, são precisamente as duas últimas confissões que referimos que mais utilizam as cláusulas de autoridade (21). Na nossa opinião isso deve-se a uma procura de legitimidade acrescida. Não possuem, como a Igreja Romana, um corpo hierárquico massivamente estruturado, muitas vezes maioritário e portador de uma *autoritas* tradicional, nas sociedades onde se desenvolvem. O aspecto simbólico faz com que se reclamem da pureza original da Igreja Primitiva, o que inclui a possibilidade de revelação directa e sem mediação sacerdotal. Neste particular o mesmo acontece com os Carismáticos no que se refere aos Dons do Espírito.

20. “...E creio que a forma mais simplista se é que podemos” – Clausula Proposicional  
(PE1: R1, LIII)

“...e creio nisso, que é através, que é através dessa, dessa própria autoridade que foi dada de Jesus...” – Cláusula Performativa.  
(PE3: R1, LXXIV)

“...pois acredito que eles o façam como...” – Cláusula Proposicional  
(GC4: R3, CXXV)

“Porque eu acredito que existe dois tipos de possessão: Uma possessão demoníaca e uma possessão Divina. – Cláusula performativa  
(PE4: R1, XC)

21. “Porque não é aquele que diz, Senhor, Senhor...” – Cláusula de Autoridade com marcador implícito – S. Mateus 7: 21 “ Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! Entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade do meu Pai que *está* nos céus.”  
(RC4: R14, LI)

“...e conforme está escrito, mais uma vez, (...) e isto em Timóteo – Cláusula de Autoridade com marcador explícito. (GC3: R4, CXIX)

“...a Bíblia nos ensina que...” – Cláusula de Autoridade com marcador explícito.  
(PE2: R2, LXII)

“...Já Jesus Cristo, já os Apóstolos...” - Cláusula de Autoridade com marcador explícito.  
(RC3: R8, XXXVII)

Práticas nos endogrupos Carismático e Pentecostal.

O baptismo, a imposição de mãos, a oração e a intercessão, constituem práticas correntes e enformantes nestes dois grupos. As diferenças em grau encontradas devem-se a circunstanciações de ordem prática. Assim na Igreja de Roma os Fieis são baptizados nas águas em criança. Sendo a religião matricial de endoculturação no nosso país é natural que os Fieis do Renovamento já o sejam à data da sua entrada para este. Pelo contrário o Protestantismo Pentecostal prescreve o baptismo apenas quando chegada a idade da razão, como um compromisso de Fé, um sinal distintivo de maturidade. O Crente é salvo a partir do momento em que entrega a sua vida a Cristo, confessando-o em assembleia (Culto ou grupo de Oração), não a partir do momento de qualquer dos dois baptismos. Na realidade como a maior parte das conversões são realizadas já na fase adulta dos prosélitos, muitos destes já o foram em criança na Igreja Romana. O que de um ponto de vista Pentecostal, não é válido, razão pela qual se

requer um novo baptismo. A opinião entre os Pentecostais acerca da essencialidade do Baptismo varia desde a sua afirmação quase *sine qua non*, até à sua dispensa em casos excepcionais como a morte repentina após a salvação. Diremos que para estes o baptismo é essencial como ordenança Divina, ou seja é um dever a cumprir, mas não é essencial à Salvação enquanto tal; é um sinal de confirmação. Já no Renovamento Carismático a multiplicidade de entendimentos é mais reduzida, o peso ritualista é superior. A figura de estilo mais usada é o enxerto na Vinha de Cristo, o baptismo é considerado como sendo o sinal de entrada na comunidade Cristã. A única excepção à sua quase absoluta essencialidade é a hipótese aventada de alguém ter um percurso moral Crístico, fora da Igreja, ou por desconhecimento, por pertença a outro grupo religioso, ou uma vez, mais no caso de morte súbita, no caso de uma criança. De qualquer das formas, uma vez querendo pertencer à comunidade, impõe-se a essencialidade, aí sim absoluta, do primeiro baptismo. Uma especificidade Carismática, originária do seu aprofundamento religioso gerador de práticas regulares, é considerar o baptismo como fonte de salvação apenas se coadjuvado por uma caminhada interior.

Por outro lado, acontece inúmeras vezes que um Crente Pentecostal seja baptizado no Espírito Santo, sem ser ainda baptizado nas águas. Uma das razões porque tal acontece é que o recebimento dos Dons do Espírito Santo não está condicionado por nada a não ser a vontade Divina e a aceitação do senhorio de Cristo na vida do Crente (22). Poderá ser num Culto, num grupo de oração, ou mesmo a sós. No Renovamento carismático embora a Efusão do Espírito Santo (expressão sinónima de Baptismo no Espírito Santo), seja muitas vezes ministrada pela primeira vez num Seminário de Vida Nova, nada impede que o seja de outra forma, como já enunciámos atrás. Quanto à imposição de mãos, ela é vista como o complemento, o ponto de contacto por onde passa a corrente

Divina, mas onde necessariamente tem que haver uma prévia aceitação e vontade por parte de quem a recebe (23). A oração e a intercessão são fulcrais porque permitem o contacto quotidiano e íntimo com Deus. É de capital importância para o entrecruzamento (espácio-temporal e espiritual) e conseqüente ancoragem da visão Cristológica, enquanto dominante na personalidade do Crente (recentramento). É *um agir sobre* (24), não é um monólogo, é um diálogo bidimensional que suscita efeitos práticos que podem ir, a título de exemplo, desde a paz de espírito à libertação, do discernimento até à cura.

22. ” ...mas o Espírito Santo é como alguém, euh, euh, é a pessoa de Deus, que, que, opera para sinais, para cura, para maravilhas, para restauração de vidas e que convence o homem do pecado.” (PE3: R5, LXXX)

23. “Não há nenhum poder especial na mão, eu não tenho nenhum poder especial em mim como homem. Mas esse ponto de contacto, pela Fé, fazia também com que a pessoa que precisa estimulasse a sua Fé, juntos podiam crer. (PE2: R8, LXV a LXVI)

24. Este caso passou-se num estádio em Brazaville, após o encerramento da celebração eucarística carismática aí realizada. Trata o caso de uma mãe que tinha um filho de seis anos que não andava sem muletas.

“- Senhora [O Guarda], vá-se embora. Já acabou e eu vou fechar os portões.

- Não, não me posso ir embora, porque o meu filho ainda não está curado. Vou continuar a rezar...

(...) A senhora continuou em oração por mais de duas horas. Às 18,15 da noite o menino levantou-se e começou a andar sem o auxílio das muletas. (...) **Era a perseverança na oração de que nos fala o Evangelho** (Lc. 11, 5-8). “

(Tardif e Flores, 1984: 122)

“ ...Se o homem foi criado para a relação, e a sua principal relação é com Deus, porque o homem, de onde venho, para onde vou? O homem veio de Deus e vai para Deus. Portanto a oração é o meio de relacionamento do homem com Deus. (...) Por conseguinte, a intercessão é algo que é, euh, que no fundo é amara a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a mim mesmo. Se eu amo o próximo, intercedo pelo próximo, dou-lhe a mão, e sou o instrumento de Deus para o salvar” (RC1: R10, XII a XIII)

## Vida Comunitária

Os Crentes Cristãos aqui representados têm de si enquanto comunidade e dos seus líderes espirituais visões quase idênticas. Pastores, Padres ou Anciãos, são descritos como os que cuidam e velam pelo rebanho. Há contudo um traço distintivo que distingue o Renovamento Carismático católico dos demais. Trata-se das funções exclusivamente sacerdotais da celebração da Eucaristia e da absolvição. Este facto faz com que o Catolicismo Romano seja hierarquicamente mais rebarbativo, porque ritualmente dependente dum actor especializado que representa um papel atributivo não substituível. O sentido místico dado à caracterização comunitária faz-se presente na linguagem simbólica utilizada. A comunhão dos Crentes e sua edificação, bem como a necessidade de haver um período de tempo em que se descontinuem completamente os problemas quotidianos através da meditação e do convívio são os motivos apresentados pela forte apetência por actos cultuais (25).

25. “ Ah, o Pastor tem um papel, ah, importantíssimo, ah se falarmos do Pastor que preside sobre mim, ah, ah, de facto, ah, tem o papel de ser um exemplo, de ser uma referência, de ser alguém que, que nos dirige...” (PE1: R11, LVII)

“O sacerdote, o, o padre, é ao fim e ao cabo, o nosso pastor. (...) E acho que é, é na missa é o próprio Jesus Cristo aqui presente...” (RC3: R11, XLI)

“ Para mim a Igreja é, (...) é a visibilidade do Dom de Deus aos homens.  
(RC1: R15, XV)

“...nós devemos congregar e estimular às obras excelentes e ao convívio, pronto. As Congregações e reuniões é um meio que nós temos de pessoas da mesma Fé estarem unidas, reunidas, e termos uma, digamos assim, convivência sa...sadia. “

(GC3: R13, CXXIII )

Deixámos propositadamente para o fim as questões da possessão em sentido estrito, e da origem pecaminosa das enfermidades com possível origem satânica por serem uma

das características mais reificadas destas comunidades. Vamos examiná-las, confrontando-as com o discurso dos dois psicólogos e do elemento pagão do grupo de controlo. A nosso ver trata-se de uma reificação erudita, com largo uso do jargão próprio da psicologia e das ciências sociais, sendo que no caso do representante do Paganismo há uma verdadeira oposição ideológica, reflectida em todo o questionário. Neste último caso cabe-nos fazer uma breve exposição prévia. António Soares é um representante do chamado Paganismo tardio, a que já aludimos na dissertação. O mesmo reflecte-se numa posição eminentemente estética e ética e não cultural. É herdeiro do sincretismo do panteão Greco-romano e insere-se numa perspectiva elitista e aristocrática da vida e do ser. Socio-historicamente representa a forma vencida de realização espiritual, e é por conseguinte um paganismo de reacção, como o de Celso.

“1. Há uma raça nova de homens nascidos ontem, sem pátria, sem tradições, ligados contra todas as instituições religiosas e civis, perseguidos pela justiça, universalmente cobertos de infâmia, mas glorificando-se com a execração comum: são os Cristãos. (...)

6...E, nestes últimos tempos encontraram entre os Judeus um novo Moisés que os seduziu ainda melhor. “ (Celso, 1971, 11 e 15)

O que é negado em bloco é toda a estrutura do Judaico-Cristianismo. Nada é poupado. Inclusive alguns termos usados em ciências sociais e médicas são objecto de reapropriação discursiva: “ Havendo fracturas, em termos de personalidade, havendo um acumular de neuroses...” (CIII). A ciência é posta ao serviço duma concepção aristocrática biologistica, e a transcendência é expressa como uma ascese da vontade. Os ritos e práticas dos Crentes Cristãos são à vez ridicularizados ou subalternizados pela apresentação daquilo que o nosso interlocutor considera serem os verdadeiros expoentes clássicos duma iniciação.

A posição quanto aos assuntos mencionados acima, no princípio deste bloco não é unívoca entre Carismáticos e Pentecostais, nem em grau, nem em todas as espécies. Há fortes gradações contrastativas mesmo entre os elementos constitutivos de cada grupo, com especial destaque para o primeiro. De forma sucinta, qualquer dos grupos nas suas declarações faz questão de sublinhar que nem todos os casos de doença têm origem demoníaca, nem tão pouco por isso sofrerão o mesmo género de terapia, espiritual ou outra, recorrendo-se a uma análise casuística. Os Carismáticos distinguem-se pela sua extrema prudência em encarar o fenómeno da possessão satânica, e ou origem demoníaca de doenças várias, admitindo no entanto equacionar a questão, ou afirmando que esta os ultrapassa. Apenas num caso a resposta é negativa, no entanto é fortemente mediada a seguir pelo encadeamento do discurso acabando por se revelar inconclusiva. Em último *ratio* parece-nos que é admitida uma ajuda espiritual como corolário do processo (RC3). Quanto ao uso da imposição de mãos, da oração e da intercessão para a obtenção de uma cura e ou graça por meios espirituais para doenças ou aflições de origem naturalística é reivindicada por todos os respondentes como perfeitamente adequada, excepto no caso já referido (RC3), mas aqui só no que diz respeito à imposição de mãos em casos como o álcool ou as drogas. Não colocámos aqui exemplos destacados, porque devido à formulação empregue por vários dos respondentes seria quase necessário transcrever todas as respostas na íntegra.

Nada disto é tido em conta pelos agentes reificantes, nem era de esperar que o fosse. A essência da reificação assenta num conhecimento genérico, ou melhor na ausência de um conhecimento profundo e individualizado do objecto, não obstante aliado à sua visibilidade mais ou menos acentuada societariamente. O facto de ambos serem psicólogos e racionalistas ajuda ao depuramento do conteúdo das suas declarações, uma

vez que são representantes duma área especializada do saber comportamental, e não há o filtro de crença. Aqui interessa-nos de sobremaneira averiguar como é que estas comunidades são vistas como divergentes aos olhos de informantes autorizados e estatutariamente com grande grau de aceitação como são hoje os psicólogos. Da análise efectuada concluimos o seguinte:

A esfera de crença continua a ser vista como algo absolutamente de natureza não transcendente e é reinterpretada em termos de dinâmica de grupo e arquétipos fundacionais. O discurso e as práticas dos Crentes são remetidos para uma funcionalidade grupal do tipo placebo, ou como um género incomum de amarra emocional. A sua efectividade será pois meramente funcional e endogrupal. Não existem gradações neste tipo de discurso, os comportamentos são estereotipados como absolutos e dotados de uma acentuada rigidez:

A outra face da moeda encontra-se na posição da Fé face à ciência, para os Crentes: encontramos as já tradicionais formulações como o sobrepujamento da primeira face à segunda, a dissociação, a subalternização e o convívio em que a ciência é vista como uma confirmadora de factos religiosos ou uma sua émula. Assim a ciência estaria sempre aquém da Fé, que por natureza não conhece limites. Curiosamente a posição inversa dos racionalistas do grupo de controlo, ao sustentarem que a Fé ora tem um papel de sustentáculo face à dúvida evolucionista perpétua da ciência, ora, desmitologizada, constitui uma Fé natural que pode perfeitamente ser uma crença evolucionista.

“E, correndo, aquela voz, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua.”

At.2.6

### **13. Conclusões.**

Se descrevermos um quadro sinóptico desta dissertação, teremos o seguinte. Planeámos ilustrar todo um sistema, necessariamente a título de mero esquisso, em que fossem visíveis os traços de explicitação que a, nosso ver, levam ao engendramento duma diversidade cultural, baseada num fenómeno religioso. Tomámos aqui o termo *explicitação*, não só como um apontar de pistas baseadas em factos históricos, mas também como um alinhar de referências aplicáveis a nível metodológico e em ultima análise na epistemologia. Escolhemos pois o objecto; as comunidades Pentecostal e Carismática, suas endopráticas distintivas e respectiva confrontação com o meio envolvente. Seleccionámos um conjunto metodológico composto por questionários presenciais, pesquisa bibliográfica, assistência a actos comunitários e longas conversas com Crentes das duas denominações, enquanto informadores qualificados. Não podemos dizer que houve uma ordem preestabelecida; muitas vezes a dissertação sofreu mutações ao confrontarmos estes vectores, e não poucas desfizeram-se pré-conceitos e formaram-se novas formas de abordagem.

Uma vez que a sua diversidade se inscrevia num tronco comum, não só entre si, mas da própria sociedade em que se inserem, ensaiámos, de seguida, os mecanismos que levaram à sua autonomização. Pusemos em perspectiva o devir do processo socio-

histórico, questionámos a instalação do pensamento científico como valor dominante e o seu subproduto mais generalizado, o laicismo, enquanto enformador de vivências societárias. Viver significa fruir de algo acumulado e ao mesmo tempo criação e recriação. Empreendemos pois uma viagem ao conceito de cultura e de como esta afecta a estrutura do pensamento, seus pilares e funcionalidades. Toda a nossa endoculturação, enquanto sociedade *moderna* depende do texto, a iletracia funcional ou total é vista como um mal quase absoluto. É curioso como as categorias se esvaziam, mas os arquétipos permanecem. Da reapropriação textual, do modo como, do quando, de quem e com que autoridade, alguém tem acesso a uma verdade Revelada textualmente, a lê, a interpreta e a divulga, e neste caso em que grau e a que público, depende também a noção de diversidade a que nos referimos. Quem está dentro e fora, quem compartilha e quem é excluído, e, já agora, de que forma. Será que, por vezes, uma formulação não se pode suceder a outra, a seita de hoje ser a dominante amanhã e vice-versa? Abordámos os problemas da legitimação, estatuto e reificação nas suas várias vertentes, através de apontamentos acerca do Judaísmo, não só como uma das matrizes do Judaico-Cristianismo, mas pelo seu próprio valor exemplificativo enquanto superestrutura. O mesmo fizemos para o aparecimento do Cristianismo e sua autonomização. A visão Cristológica, porque responsável pelo recentramento comunitário e individual que dá origem à diversidade cultural estudada, mereceu-nos a maior atenção.

Interpretar é traduzir. Pode o acto reflexivo, universal como é, aspirar à produção de um entendimento único porque cosmopolita, redutor e nivelador como tudo o que é dominante? No nosso entender não. O próprio conceito de acto reflexivo, como qualquer conceito aliás, não é unívoco, e tem de ser perspectivado, dependendo de uma escala de valores. Os séculos XIX e XX da nossa era assistiram a uma mudança de

paradigma no que toca às relações entre o homem e a Divindade. Nietzsche, Marx, os eternos incompreendidos, são ícones da mudança. Pessimismo aristocrático e materialismo histórico Leninista ou Gramsciano, Deus como problemática morreu? Ninguém que é nomeado morre. Ricoeur é o filósofo que escolhemos para eixo da compreensão do problema filosófico e epistemológico que se nos põe. O eu e o outro é compreensível sem bases morais? Por outras palavras a alteridade enquanto reconhecimento paritário é laica na sua génese? Humanamente auto centrada? E caso afirmativo, estritamente como construto definitório, será porventura suficiente? Para lá do interdito, da nomeação, qual o fundamento último da acção ética? E já agora qual o seu fim, o seu propósito? Ricoeur, partindo da autonomia reflexiva do homem, reencontra uma noção despojada de Deus, que é a sua. O Filósofo e o Crente, medeiam-se entre si, reinterpretam-se numa hermenêutica que permite a pluralidade. Este é para nós o seu grande contributo. O livro de Morgado Heleno, de que nos confessamos voluntariamente devedores, é notável a todos os títulos e permitiu-nos equacionar a possibilidade, como fizemos, de ver a obra Ricoeuriana como uma ultrapassagem ontológica, pela figura da mediação, da problemática do laicismo na filosofia.

Mas a linguagem não é somente um veículo, e sobretudo não é um veículo neutro; como dizemos é uma parte significativa, arriscamo-nos a dizer a mais significativa, daquilo que expressamos ou omitimos. Analisámos as declarações prestadas, buscando essas marcas, as balizas que nos permitissem consubstanciar a noção duma efectiva mudança de referente, duma diversidade efectiva. À interacção existente entre a prática, a sua experiência pessoal, e a visibilidade que suscita, aplicámos uma análise crítica da relevância discursiva, exemplificada pelos grupos alvo e pelo grupo de controlo.

Todos estes aportes foram vertidos no texto final, onde compulsámos não só as fontes originais, sempre que possível, mas igualmente tentámos enquadrá-las no ambiente que lhes deu origem, daí as múltiplas notas de rodapé e citações. As visões dos Respondentes, de Ricoeur, São Paulo, Overbeck, Chouraqui, Heleno, Kuhn, Quine e tantos outros citados, referidos ou meramente aludidos, são como é óbvio, as suas. Usámos tão-somente o que nos testemunharam através da escrita, ou da oralidade reproduzida em texto, no caso dos primeiros. O sentido que lhes demos, a interpretação, apenas essa é nossa como advém da idealização de um construto que se aplica.

Pentecostais e Carismáticos, Pagãos, católicos romanos e protestantes, Testemunhas de Jeová e racionalistas, nós e o leitor. Todos actores, desempenhando os seus papéis, opinando, atestando, exprimindo-se em suma. A função da linguagem é pois interrogatória e relacional. O reconhecimento de uma diversidade, neste caso duma diversidade cultural advém em grande parte do reconhecimento perceptivo da diferença no *outro*. Que o nomeemos, o categorizemos, que lhe atribuamos características específicas, práticas individualizadas e sobretudo que o toleremos. Sem uma tolerância reflexiva o *próximo* esbate-se, desaparece perante o nosso discurso invasivo; quer este detracte, omita ou reduza, o resultado é o mesmo. Aquele que é diferente cai numa forma atípica de esquecimento, a redução.

Com ela esvai-se uma enorme riqueza cultural responsável precisamente pela sua autonomização enquanto outro que não nós. E o esquecimento reducionista é precisamente o oposto da cultura.

O exótico torna-se nítido quando por exemplo não compartilhamos o mesmo idiolecto. A barreira perceptiva é nítida e mesmo depois de uma aturada aprendizagem sabemos que somos diferentes, no que toca à compreensão plena, dos falantes nativos. Quando

assim não é, como neste caso, há necessidade de equacionar a seguinte questão: Em grupos religiosos de carácter fortemente identitário a partilha da mesma linguagem objecto com os que os cercam exógenamente corresponderá, ao uso da mesma metalinguagem? Defendemos que não. Pelo contrário, a elaboração e a adaptação de um conjunto significativo de representações sociais altamente complexas, da ordem do simbólico, traduzidas numa metalinguagem própria, recentrada, se quisermos, é para nós um apanágio duma comunidade portadora de diversidade cultural face ao meio envolvente. Tal só é compreensível se aceitarmos duas premissas de base. Primeiro, a especificidade humana baseia-se na capacidade de auto-representação e esta é uma função exclusiva da linguagem em sentido lato. Segundo, que nas atitudes proposicionais do locutor não existe diferença ontológica entre aquilo que é a sua experiência e a efectiva realidade. Por conseguinte, a um dado passo de um discurso, e sempre e só no que ao próprio sujeito diz respeito, categorização e significância, descrição e estado equivalem-se, ou melhor não se distinguem. Delimitámos a esfera do sujeito, porque sendo a comunicação um acto relacional é precisamente aí que o problema começa. A descodificação necessária ao acto de escuta é embaraçada pela noção que temos arreigada em nós de que aquilo que funcionalmente se identifica como semelhante o é forçosamente. No nível de análise qualitativa, em que se situa a subjectividade da enunciação, o processo é muito mais complexo. Isto porque as qualidades de uma representação expressa por um acto comunicacional, seja ele do domínio da oralidade, da escrita, ou gestual, nunca são as do objecto em si, que nomeia. São antes categorizações que permitem a sociabilização e portanto o acumular e a transmissão do saber. Estas são objectos complexos, constituídos por unidades mais pequenas e simples, que podem ser desconstruídas até se chegar ao ponto em que

percebemos que a sua real significação enquanto símbolo lhes é externa. Assim, o seu significado só é perceptível enquanto construção que se reelabora permanentemente na relação dialogal e conforme a sua disposição semântica assuma contornos mais ou menos particulares.

Toda a epistemologia pressupõe normas, a linguagem tem por conseguinte a sua sintaxe. Neste sentido ela é um metacategoria normativa. Este postulado leva-nos ao problema da genuinidade do acto interpretativo, condicionado por uma série de factores sócio-culturais, sendo que para nós o mais relevante é sem dúvida o da aceitabilidade por inferência de status. Quer isto dizer que tem mais possibilidade de ser comumente aceite uma interpretação dada quanto maior for o estatuto de quem a implementa. É o caso do desdobramento científico por especialização. A uma pluralidade de ciências corresponde um variado leque de explicações para um mesmo fenómeno, catalogado e descrito por estas conforme o prisma em que os estuda e os limites fenomenológicos que a si próprias se impõem. Por um efeito de vulgarização tais explicações são adoptadas pelo meio não científico, a população em geral, e embora muitas vezes contraditórias entre si são, não obstante, assimiladas sem a menor hesitação. A naturalização das ideologias trabalha aqui em pleno, favorecida pelo rápido desaparecimento da chamada cultura geral face à especialização. De facto, mesmo alguém com uma sólida formação académica, mesmo um especialista no seu ramo, é obrigado a aceitar a palavra de um outro especialista por aquilo que ela vale, isto é pelo seu estatuto, sem possibilidades reais de aferição de validade. Isto é tanto mais verdade quanto mais o ramo da opinião procurada estiver afastado da sua. Estamos portanto no domínio da crença laica.

Quer isto dizer que existem interpretações certas ou erradas, verdadeiras ou falsas? Só a nível de sanção social, o que como sabemos é susceptível de variações espacio-temporais imensas. O acto interpretativo é uma convenção que se pode traduzir numa aceitação ou recusa à norma tal como ela é entendida. Toda a interpretação é adequada na medida em que é fruto da experiência do sujeito. Não existe um sentido unívoco, existe sim maior ou menor partilha em grau e em espécie de um significado por parte de um grupo de actores sociais. Sendo assim, a totalidade da suposta verdade intrínseca de uma afirmação perde-se no acto locutório original de quem a enuncia. Tudo o resto releva da tradutibilidade possível, o que pressupõe treino para a ultrapassagem da opacidade semântica. Em casos como o que estudámos, em que há um grande deslocamento referencial para a área de crença, estamos perante um discurso muito específico. Importa não só o que é dito, mas igualmente a forma, o modo como é expresso.

Vamos partir do seguinte pressuposto: o recentramento Cristológico da personalidade dos Crentes Carismáticos e Pentecostais transforma aquilo que é o conhecimento da ideia de Deus numa formulação categórica e portanto acessível ao vulgo, numa experiência mística de carácter a um tempo pessoal e grupal. A leitura da Bíblia, da Palavra, desempenha um papel capital neste processo, uma vez que é a referência hierarquicamente superior deste tipo de Crentes, citada em todas as declarações prestadas por estes. Fenómeno curioso, na pergunta dezasseis em que se põe a questão das obras de referência, dos oito respondentes só três a citam expressamente, duas Carismáticas e um Pentecostal. Na nossa opinião tal deve-se à extrema naturalização do seu uso, que a torna indistinta da prática e por conseguinte da vida quotidiana.

Esta metamorfose tem tradução na linguagem. Defendemos que este tipo de Crente desenvolveu, especialmente a nível simbólico, uma cosmovisão própria em que adequa perfeitamente sintaxe e semântica, num proto endo-código. Iremos exemplificar com os usos que encontramos de “enxertado” ou “enxerto” “então”, “não é?”, “legalidade”, “bom”, “mau” e “abominável”

“Ninguém pode ser salvo, se não for enxertado em Cristo” (RC1: R3, VIII)

“...o baptismo é um enxerto, na, na vinha que é Cristo” (RC3: R3, XXXII a XXXIII)

Esta expressão encontrada no Renovamento acerca do Baptismo remete para João 15.5

“Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer.”

Há uma clara reformulação ou aprofundamento do significado do Baptismo. Ele é associado à caminhada duma vida inteira, e portanto não somente a um rito de passagem, como implica uma total e completa submissão a Deus. Sem Cristo nada se pode. Ele é o centro da vida.

“Então eu acredito que existe realmente a possessão demoníaca.” (PE2:R1, LX)

“Então o Espírito Santo é uma pessoa que faz parte de Deus, Deus Trino”

(PE2: R5, LXIV)

O advérbio então tem a vantagem de ser um conector lógico que é usado para provar a veracidade ou inveracidade de uma proposição, do tipo se *a* é diferente de *b*, logo *b* não é *a*. Neste tipo de discurso tem contudo uma função auto-legitimadora recentrada. Aparece várias vezes ao longo das transcrições, e a ideia que se retira é que está ligado a

uma confirmação de crença. O julgamento proposicional existe apenas como uma hipótese já obliterada, com uma única variável legítima.

“ Ela [A Igreja Evangélica] é realmente a verdade de Deus, não é?

(PE2: R2, LXII)

“...num exemplo de alguém que mostra Deus e Jesus Cristo, não é?

(RC2: R2, XVIII)

Como locução adverbial interrogativa esta expressão, também ela repetida frequentemente, serve neste contexto de reformulador teórico, permite avançar ou mudar de tema. Embora se expresse como uma interrogação, de pergunta nada tem. Situacionalmente o alocutário não irá contrariá-lo, trata-se de um testemunho, não de um debate, ou mesmo de uma simples conversa.

“...quando damos legalidade ao pecado, o pecado tem um sentido, quando abrimos, é como abrir a porta da nossa vida espiritual.” (PE3: R7, LXXX a LXXXI)

Este é um exemplo acabado de como pode ser exercida a justaposição de significados, por deslocação de referente. O locutor “pede emprestado” o termo legalidade à esfera do não religioso e transfere-o para que signifique aceitação consciente de conduta pecaminosa. O que originalmente é um comportamento relativista, o que hoje é legal pode não ser amanhã e vice-versa, transforma-se numa conduta moral-guia, baseada num interdito.

“...poderá ser bem cana...bom, bom, no sentido se for bem canalizado, mas poderá ser realmente mau, se for mal canalizado.” (RC2: R2, XVII)

“ Tudo isto é abominável e idolatria.” (P2: R2, LXII)

O uso de adjectivos avaliativos axiológicos e afectivos (Kerbrat-Orecchioni, 1980: 84 e 90 a 91) é próprio de um discurso baseado em fortes convicções. Em qualquer dos casos trata-se neste campo de actuação de um uso absoluto, ou seja sem gradações que reduzam a intensidade. O que pode variar é o aclaramento situacional, como no primeiro caso, mas o mau continua a ser mau e o bom, bom. No segundo o grau de repulsa é por demais evidente, bem como o envolvimento emocional que atesta.

Não se pense contudo que estes exemplos de deslocamento se resumem a comunidades fortemente enquistadas, encontra-se também bem representados no texto literário.

“ É na disposição psíquica do parricídio potencial que se inscreve a acção revolucionária de Jesus. A lei e os profetas duraram até João. Desde então é anunciado o reino de Deus. E é o Filho que o anuncia. Jesus não observa o jejum, não guarda o sábado, censura fariseus e escribas e adverte que o galardão no céu está reservado aos que acolitarem a rebeldia do Filho do Homem. “ (Correia, 1974: 25)

“...mas nós, sim, que, como Deus, tudo sabemos do tempo que foi, é, e há-de ser, nós podemos pronunciar-las, ...” (Saramago, 1991: 239)

O Cristianismo que temos hoje começou a formar-se no século III. Lentamente a sua conversão em credo urbano levou ao atenuamento das suas formas mais rigoristas, e ao aparecimento de uma nova elite de prosélitos, profundamente enraizada no mundo greco-romano. Segundo Lentsman (1986: 39 a 93) teria havido uma reelaboração no Evangelho de João de certos episódios susceptíveis de desagradar na sua forma original a estes, ou pelo menos a causar-lhes estranheza. Refere como um dos exemplos o baptismo de Jesus, tal esforço destinar-se-ia a adaptar a Palavra ao meio. Chama-lhe

mesmo um Evangelho filosófico. Assim sendo, prossegue dizendo que os Evangelhos seriam a princípio regionais. Dá como certo o desconhecimento das Epístolas Paulinas pelos cristãos romanos até ao princípio do século II e sustenta que o Apocalipse é de todos os livros canónicos o mais antigo. Quanto à virgem com Jesus menino nos braços, ícone do catolicismo romano, *rastreia* (é mesmo a palavra apropriada) a sua origem até ao Culto de Ísis segurando Horus. Na mais pura linha do materialismo dialéctico, considera perfeitamente normal este reaproveitamento de materiais preexistentes na construção de uma nova ideologia religiosa, atribuindo-lhe uma origem estritamente ligadas às "...condições históricas existentes no momento do seu aparecimento e ao terreno em que cada um pôde desenvolver-se." (Ibidem:94). O que Lentsman fez, com notável eficácia, diga-se, já tinha sido tentado antes, foi ensaiado depois e arriscamo-nos a afirmar que continuará a sê-lo indefinidamente. Trata-se da desconstrução de um objecto complexo. O que equivale à sua reconstrução. Sempre que analisamos um construto ideológico, que é sempre um objecto constituído por outros objectos e pela sua disposição particular, neste caso um determinado ambiente histórico-social, o que obteremos não é uma qualquer solução depurada. É antes a nossa recriação do mesmo. Se desfizemos um puzzle e o voltarmos a fazer, de modo a que fique igual, o que é impossível em ciências sociais com um construto, já não será o mesmo puzzle porque agimos sobre ele. É este *agir sobre* que justifica a permanência do fenómeno religioso. Quanto mais complexa é uma representação social, mais plástica e capaz de suscitar novos cambiantes que independem de antigas variáveis em decadência, ela é. E nenhuma representação social é mais complexa e com maior grau de abstracção do que a ideia de Deus, como tentámos demonstrar ao longo deste trabalho.

Utilizar a Bíblia como instrumento de aferição da verdade equivale a fazer com que a distinção entre o sentido literal e figurado desapareça. A partir daí a rede de significações muda e o recentramento é não só possível como eficaz.

Nas duas comunidades que estudámos há ainda um factor a considerar. Ambas têm como dado adquirido a existência de um plano pessoal de Deus para as suas vidas, bem como a vontade Deste em salvar a humanidade desde que esta se volte para Ele. O recentramento é pois uma reintegração, utilizando o livre arbítrio. Há uma ultrapassagem pela Graça do pessimismo da primeira vaga protestante. Cosmológicamente, e uma vez mais nas duas comunidades, há a noção de que Deus Trino sempre existiu em potência. Isto implica que a queda adâmica estava já prevista e portanto que Deus, controlando todas as variáveis, enviou o seu Filho como a forma de suprimir o desvio do homem, é um antídoto contra a angústia do dia seguinte. A mesma causa que possibilitou o adormecimento de certas facetas do Cristianismo, com ressurgências periódicas é certo, a sua urbanização e conversão em religião de Estado, própria do homem médio, esteio de valores instalados, pode muito bem vir a ser a responsável por mais uma mutação. À medida que o paradigma que lhe deu origem se estilhaça e a sociedade se atomiza em redes cada vez mais pequenas de relações interpessoais, pode abrir espaço a novas escalas de valores absolutos. Estamos perante uma recriação das comunidades da Igreja primitiva, onde a crença transcendental, a partilha e a imanência do Divino em cada um, através dum Paracleto que guia, conforta e abençoa, distribuidor de Dons que agem sobre esta dimensão, estão presentes. Estes são pois os Filhos do Retorno.

## Bibliografia

Almeida, João Ferreira de (Trad)

1968 Bíblia Sagrada e Concordância, Mem Martins, Sociedades Bíblicas Unidas.

Alves, V. de Sousa (col)

1963 Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de cultura, 3º vol, Cacém, Gris, Verbo

Armstrong, Karen

1998 Uma História de Deus, Sociedade Industrial Gráfica, Bertrand

Assor, Abraham

2001 Luz, Textos e Depoimentos, Lisboa, Âncora

Ávila, Santa Teresa de

1988 Moradas, Guide – Artes Tipográficas, Lisboa, Assírio e Alvim

Barrera, Júlio Trebolle

1995 A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã, Introdução à História da Bíblia, 2ªed,

Petrópolis, RJ, Vozes

Bene, Guy, Milhau, Jacques e Simon, Michel

1974 Lenine, a Filosofia e a Cultura, Lisboa, Prelo

Berger, Peter L. e Luckmann, Thomas

1999 A Construção Social da Realidade, SILVAS, Lisboa, Dinalivro

Bultman, Rudolf

1974 Creer y Comprender, Stvdívm Ediciones, Salamanca.

Cavalcanti, Pedro e Piccone, Paolo

1976 Um outro Marxismo, António Gramsci, Tipografia Guerra – Viseu, Arcádia

Celso

1971 Contra os Cristãos, Prensa, Lisboa, Estampa

- Chadwick, Henry
- 1969 A Igreja Primitiva, Lisboa, Ulisseia.
- Chouraqui, André
- 2001 Moisés, Profeta do Mundo Moderno? Manuel Barbosa e Filhos, Lisboa,
- Piaget
- Correia, Natália
- 1974 Uma Estátua para Herodes, Soc. Ind. Teles da Silva, Lisboa, Arcádia
- D'Assac, Jacques Ploncard
- 1962 Doutrinas do Nacionalismo, Oficinas Gráficas da E. N. P., Lisboa, Panorama
- Espinoza, Baruch
- 1965 Traité Théologico-Politique, Oeuvres 2, Paris, Garnier-Flammarion
- Fairclough, Norman
- 1995 Critical Discourse Analysis, the critical study of language, Malaysia, Longman.
- Fairclough, Norman
- 2001 Language and Power, 2<sup>a</sup> ed, Malaysia, Longman.
- Flusser, David
- 1968 Jesus Cristo, Lisboa, Circulo de Leitores.
- Fridlin, Jairo (Org/Trad)
- 1997 Sidur Completo com Tradução e Transliteração, São Paulo, Sêfer.
- Giddens, Anthony
- 2001 Modernidade e Identidade Pessoal, 2<sup>a</sup>ed, Tipografia Lousanense, Lisboa, Celta
- Goffman, Erving
- 1993 A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias, Rainho & Neves, St<sup>a</sup>  
 Maria da Feira, Lisboa, Relógio D'Água.

- Heil, John
- 2001            A Filosofia da Mente, Uma Introdução Contemporânea, Manuel Barbosa e Filhos, Lisboa, Piaget
- Heleno, José Manuel Morgado
- 2001            Hermenêutica e Ontologia em Paul Ricoeur, Manuel Barbosa e Filhos, Lisboa, Piaget
- Hinn, Benny
- 1990            Bom Dia, Espírito Santo, Serrano, São Paulo, Bompastor
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine
- 1980            L'Énonciation, De la Subjectivité dans le langage, 2<sup>a</sup> ed., Nouvelle, Saint-Jean-de-Braye, Armand Colin.
- Koyré, Alexandre
- 1957            From The closed World to the Infinite Universe, Baltimore, Johns Hopkins Press
- Kuhn, Thomas Samuel
- 1983            La Structure des Révolutions Scientifiques, Flammarion.
- Lapa. Pe. José da
- 2004            Pneuma, Revista do Espírito Santo, ao serviço do RCC, n<sup>o</sup>s 154,155,156,157 e159, Jorge Fernandes, Lda., Ch. Caparica, RCC.
- Lentsman, Yakov
- 1986            A Origem do Cristianismo, Guide - Artes Gráficas, Lisboa, Caminho
- Malraux, André
- 1971            Quando os Robles se Abatem, Lisboa, Livros do Brasil.

- Marques, Isabel Moraes (col)
- 2003 Pneuma, Revista do Espírito Santo, ao serviço do RCC, nºs 144, 147,148, 149, 150,152 e 153, Jorge Fernandes, Lda., Ch. Caparica, RCC.
- Nietzsche, Friedrich
- 1988 O Anticristo, 2ª ed, Mem Martins, Europa América.
- Pedro, Emília Ribeiro (org)
- 1997 Análise Crítica do Discurso, Tipografia Lousanense, Lisboa, Caminho
- Quine, William Van Arman
- 2004 Quintessence: Basic Readings From the Philosophy of W. V. Quine, Cambridge, Belknap Press, Roger Gibson (ed)
- Ricoeur, Paul
- 2004 Cultures, du Deuil à la Traduction, in [www.lemonde.fr](http://www.lemonde.fr) de 24.05.2004.
- Ricoeur, Paul
- 1969 Le conflit des Interprétations. Essais sur l’Herméneutique I, Paris, Du Seuil
- 1992 Lectures 2. La Contrée des Philosophes, Paris, Du Seuil
- 1995 La Critique et la Conviction, , Paris, Calmann-Lévy
- Saramago, José
- 1991 O Evangelho Segundo Jesus Cristo, Heska Portuguesa, Lisboa, Caminho
- Schuon, Frithjof
- 1991 A Unidade Transcendente das Religiões, Manuel Barbosa e Filhos, Lisboa,
- Dom Quixote
- Schuon, Frithjof
- 1989 Compreender o Islão, Manuel Barbosa e Filhos, Lisboa, Dom Quixote

Shils, Edward

1992 Centro e Periferia, Tipografia Guerra, Viseu, Lisboa, Difel

Spengler

1978 Le Déclin de l'Occident , 2 vol, Gallimard.

Sperber, Dan & Wilson, Deirdre

2001 Relevância: Comunicação e Cognição, Fundação Calouste Gulbenkian

Sternhell, Zeev (org)

1999 O Eterno Retorno, Contra a Democracia a Ideologia da Decadência, Arte

Pronta, Lisboa, Bizâncio

Tardif, Emiliano & Flores, José H. Prado

1984 Jesus Está Vivo, 3º ed, Santelmo, Lisboa, Edições Pneuma

Todorov, Tzvetan

1977 Introdução à Literatura Fantástica, Norte Editora, Póvoa do Varzim, Lisboa,

Moraes

Vala, Jorge e Monteiro, Maria Benedicta (Coord)

2002 Psicologia Social, 5ª ed, Gráfica de Coimbra, Fundação Calouste  
Gulbenkian.

Veyne, Paul

1983 Como se escreve a História, Lisboa, Edições 70

Vernette, Jean

1995 Seitas Que dizer? Que Fazer?, Companhia Editora do Minho, Lisboa,

Circulo de Leitores.

Wieviorka, Michel

2002 A diferença, Tipografia Lousanense, Lisboa, Fenda.

# Anexos

Anexo I

Questionário

Código de Transcrição

Adaptações e Notação

Legenda dos Questionários

## Questionário

1. Acha que existe a possessão, se sim qual a maneira de lidar com ela?
2. O que entende por seitas, poderá dar-me exemplos de idolatria?
3. Porque meios é que uma pessoa chega à Salvação, para esta o Baptismo é essencial?
4. Acha que o mundo é um lugar ameaçador para Crentes e Não-Crentes, estes últimos encontram-se perdidos no “mundo”?
5. O que entende por Espírito Santo, podia enunciar-me alguns dos seus Dons/Carismas, acha que estes continuam vivos e actuates?
6. (Exclusiva para o Renovamento Carismático) Que papel tem no Renovamento Carismático a Devoção Mariana?
7. Na sua opinião vícios como o álcool e as drogas, ou doenças de vária ordem podem ser provocadas pelo pecado tendo origem satânica?
8. No caso de ter respondido sim à última pergunta, que lugar têm a imposição de mãos, o exorcismo e outros métodos que queira referir para solucionar tais casos?
9. Como definiria o lugar da Fé face à Ciência?
10. Qual o papel da Oração e da Intercessão na vida do Crente?
11. Que papel tem o Padre/Pastor na sua vida Cristã?
12. Cristo pode considerar-se como o centro da sua vida?
13. A assistência aos Cultos e participação nas demais actividades da Igreja, como Grupos de Estudo, Retiros, etc. são para si importantes?
14. Como se definiria a si próprio e aos demais membros da Congregação enquanto membros da Igreja?
15. O que entende por Igreja?
16. Poderia recomendar-me algumas obras que para si sejam de referência, quanto aos assuntos mencionados na entrevista?

## Código de Transcrição

Pour la transcription du discours produit verbalement, nous avons adopté le code de transcription suivant, d'après les propositions de Doury (1997) et de Penz 1996), que nous avons adaptées personnellement:

Les pauses très brèves (elles se limitent souvent à une reprise de souffle) sont notées par (\*)

Les pauses plus longues, marquant la fin d'une phrase, sont notées par (.)

Les interruptions en milieu de mot sont notées (/)

Les prolongements de syllabe sont notés (...)

Le point d'interrogation (?) signale une phrase énoncée avec une intonation interrogative.

Le point d'exclamation (!) Signale une phrase énoncée avec une intonation exclamative.

Une succession de [XXXX] note un passage incompréhensible.

La forme [soupir] correspond à une inspiration marquée du locuteur, interprétée comme un soupir.

Les hésitations sont notées (euh) en français et en portugais.

Les accords prosodiques de *back channel* sont notés (uhm) en portugais et en français.

Les segments simultanés dus à des chevauchements sont soulignés (x)

Les **mots** en gras correspondent à une intonation emphatique.

### **Adaptações e Notação**

O código de transcrição foi-nos gentilmente cedido pela nossa Orientadora, Prof. Doutora Filomena Capucho, resulta de um seu trabalho de adaptação pessoal. A única diferença que o leitor encontrará é a utilização do sinal de pausa breve (\*) para marcar o início de algumas frases. Isto acontece devido à prolixidade e cadência de discurso de alguns dos respondentes. Doutra forma, teríamos períodos demasiado longos que se tornariam difíceis de ler. A variação temática que muitos deles reflectem ao longo das suas respostas, conjugada com a real existência de pausas breves que marcam o início de frases em rapidíssima cadência levou pois, a esta adaptação.

Quanto ao sistema de notação para indicar onde se localizam os excertos dos questionários presenciais que retirámos para análise, ele é o seguinte: Primeiro, um trinómio letras/número identifica o respondente, em segundo lugar um binómio da mesma natureza corresponde à resposta em questão, e a numeração romana indica, por último, o número da página a que corresponde.

## Legenda dos Questionários Presenciais

### **Renovamento Carismático Católico**

**RC1 – Maria Bertilde Fernandes, responsável coordenadora do grupo de oração de Rio de Mouro.**

**RC2 – Ana Machial, responsável pelo acolhimento do grupo de oração de Rio de Mouro.**

**RC3 – Ana Silva, participante do grupo de oração de Rio de Mouro. Flautista no mesmo.**

**RC4 – Maria Albertina Costa Reis, participante do grupo de oração de Rio de Mouro.**

### **Pentecostais**

**PE1 – Pastor Isaac Pericão, pertencente à Igreja Nova Aliança.**

**PE2 – Pastor Carlos Palmeiro, pertencente à Igreja Nova Aliança.**

**PE3 – Pastor Tomás Sousa, pertencente à Igreja Nova Aliança.**

**PE4 – Natanael Marcelino, músico responsável pelo Louvor, pertencente à Igreja Nova Aliança.**

### **Grupo de Controlo**

**GC1 – António Soares, Pagão.**

**GC2 – Pedro Maria, Psicólogo Racionalista**

**GC3 – Tânia Veiga, Testemunha de Jeová**

**GC4 – Dilara Moia, Psicóloga Racionalista**

## Anexo II

### Transcrição dos Questionários

### Presenciais

RC1 – Maria Bertilde Fernandes

1. Acha que existe a possessão, se sim qual a maneira de lidar com ela?

R1 – Eu acho que existe a possessão para aqueles que, (euh), (euh), enveredam pelo caminho do mal, e por conseguinte se enveredam pelo caminho do mal, estão possuídos pelo remorso, por uma série de, de condicionantes(.) A saída para a possessão é o homem converter-se a Deus(.)

2. O que entende por seitas, poderá dar-me exemplos de idolatria?

R2 – Seitas são aqueles que...são aqueles grupos de pessoas que são **sectários**(.) Quer dizer, que se põem à parte, (euh)(.) Exemplos de idolatria, há imen(/) por, euh, sei lá, aqueles que põem...Há, há muitos tipos de idolatria, para já há idolatria, euh, mesmo até...por exemplo um jovem que vê o seu ídolo, é um cantor, é, é roupa de **marca**, há tantas idolatrias...há tantos deuses, há tantas... a auto-imagem, o bom nome, o poder, a fama, são tantas formas de idolatria(.) O mundo de hoje, o comprar, o consumismo, o ter a última coisa que se põe na gaveta e nunca mais se, se serve, são tipos de idolatria e **versões**(.)

3. Porque meios é que uma pessoa chega à Salvação, para esta o Baptismo é essencial?

R3 – **Sem dúvida nenhuma**(.) Ninguém pode ser salvo, se não for **enxertado** em Cristo(.) Fazendo, sendo parte integrante de Cristo(.) Portanto, euh, o baptismo é o começo da nossa **salvação**(.) É, é aí que começamos a viver como **ressuscitados**(.) E

essa vida começa, é-nos dada em gérmen, compete a cada um de nós desenvolvê-la em todas as circunstâncias(.) Eu para mim, eu, eu não posso dizer que fui baptizada, ou sou baptizada, porque o baptismo é vivido em cada **dia**, em que eu, em que eu **encarno** a, a vontade de Deus na minha vida, em que eu procuro Escutá-lo, em que eu me alimento da Palavra, por conseguinte é viver o meu baptismo, é viver **como** baptizada(.) Portanto eu não fui baptizada, eu **sou** baptizada, e o baptismo não foi ontem, é de **hoje**, é de todos os dias.

4.Acha que o mundo é um lugar ameaçador para Crentes e Não-Crentes, estes últimos encontram-se perdidos no “mundo”?

R4 – **De maneira nenhuma**(.) O mundo foi criado por Deus, para o homem usufruir dele. **Há** forças perversas, há o mal, há o bem (.) A opção do homem é que...o homem muitas vezes opta pelo caminho errado. Não sabe bem usar da sua liberdade, mas o mal, o mal não está no mundo, o mal está na opção do homem(.)

5.O que entende por Espírito Santo, podia enunciar-me alguns dos seus Dons/Carismas, acha que estes continuam vivos e actuates?

R5 – **Sem dúvida nenhuma**(.) O Espírito santo, para mim, é a força do amor entre o Pai e o Filho(.) O pai que se extravasa continuamente para o Filho, o Filho que, que continuamente se extravasa para o Pai, **num Dom profundo**, e realmente o espírito Santo é a força do amor criador, recriador, salvador, libertador de Deus, que actua hoje e sempre no homem, no homem que **crê**, no homem que lhe diz **sim**, que deixa que realmente essa noção, euh, que essa **força** de amor povoe e habite a sua vida, no mais

profundo de **si** o homem tem a força do amor, tem a força do Espírito Santo(.) Os Carismas...Existem Carismas vários podemos considerar, por exemplo, há os Carismas específicos para a edificação da Igreja, euh, como o Carisma, o Dom das Línguas, o Dom da Profecia, o Dom da Evangelização, euh, o Carisma da Cura, o Carisma da Libertação(.) Mas tudo isso em função do **outro**(\*) (euh), cada um de nós é templo onde o Espírito Santo de Deus habita, e é pela noção do Espírito santo que nós podemos dizer **Jesus**(!)

6.(Exclusiva para o Renovamento Carismático) Que papel tem no Renovamento Carismático a Devoção Mariana?

R6 – Tem o papel, (euh), primordial. Maria foi o primeiro sacrário (\*) Maria deixou-se habitar por De(/) pela vontade de Deus, de tal maneira que ge(/) gerou Jesus para o mundo. (euh), Maria é aquela que aponta sempre para Jesus (.) É aquela que aponta sempre para a vontade do Pai. Maria... Renova (/) **Renovação** sem Maria, euh, não a compreendia, porque foi ela que se deixou habitar pelo Espírito, de forma a gerar Jesus (.)

7.Na sua opinião vícios como o álcool e as drogas, ou doenças de várias ordens podem ser provocadas pelo pecado tendo origem satânica?

R7 – Origem satânica, (euh)...não quero bem dizer que, quero dizer, (euh), satânica, se nós entendermos o satanismo como, vá lá, uma certa divisão entre o bem, entre o, o poder de Deus, e o amor de Deus e a opção pelo **mal**, mas eu penso que o... normalmente, normalmente o pecado está na raiz, **mas**, também há consequências,

também, de, doutra ordem, de ordem biológica, de ordem anatómica, quer dizer, psicológica, etc(.) Quer dizer, isso é um campo em que, **pronto**, não gosto muito de dizer assim, pragmaticamente é satânico ou não é satânico(.) Eu penso que é, é algo que quando Deus entra pode curar(.) Isso acredito, e sei que é verdade(\*) Agora dizer que a origem é esta, ou é aquela, sinceramente, eu acho que isso transcende-me um pouco(.)

8.No caso de ter respondido sim à última pergunta, que lugar têm a imposição de mãos, o exorcismo e outros métodos que queira referir para solucionar tais casos?

R8 – O lugar, o exorcismo e a imposição de mãos é Deus que se quer servir de nós para libertar o outro, para libertar o irmão(.) O poder curativo de Jesus continua vivo e actuante na sua Igreja(.) Se nós estamos enxertados em Cristo, automaticamente o poder de Cristo passa através de nós, não por nós, não, (euh), (euh), não tem, euh, muito a ver com o nosso pecado ou com a nossa natureza, tem sim com o amor salvador, libertador de Cristo, que quer libertar o **homem**, que quer o homem feliz(.) Portanto para mim a salvação não é ter umas asinhas e ir para o céu(\*) Para mim a salvação é ser um homem feliz, liberto, em que Deus, em que a vontade de Deus, euh, seja a primazia, que Deus **reine**, e, e claro, o, o, Deus pensou o homem para ser feliz(.) E por conseguinte todos os meios, por qual o homem possa ser salvo, Deus pode utilizar(.) E eu acredito, **piamente**, que Deus passa através de cada **um** daqueles que se disponibiliza para que Ele possa amar e salvar(.)

### 9. Como definiria o lugar da Fé face à Ciência?

R9 – Eu penso que, (euh), Fé e ciência são dois campos que não, não devemos baralharlos(\*) **Nem** a Fé se deve intrometer na ciência, nem a ciência se deve intrometer na Fé(.) Porque seu olhar, (euh), as coisas de Fé como um olhar científico, não chego a conclusão nenhuma(\*) Se eu olhar as coisas, da, da ciência com um critério de Fé, pode acontecer aquilo que aconteceu a um Galileu, que foi julgado e que a Igreja... Eu como Católica, como crente, não deixo de reconhecer que a Igreja foi além daquilo que **devia**, naquele campo(.) Portanto são dois campos em que, podem-se entre – ajudar, podem ser complementares, mas não há que, não podemos julgar as coisas da Fé com os critérios da ciência, nem as coisas científicas com o critério da Fé(.)

### 10. Qual o papel da Oração e da Intercessão na vida do Crente?

R10 – Euh,[sorriso] A oração é, é basilar. É a re (/) **Se** o homem foi criado para a relação, e a sua relação principal é com Deus, porque o homem, de onde venho para onde vou (?) O homem veio de Deus e vai para Deus(.) Portanto a oração é o meio de relacionamento do homem com Deus. E põe isso, é o seu sustentáculo como **crente**, e não só como crente até como home(/), como homem. Porque, que aque(/), o homem que **reza**, aquele homem que se relaciona com Deus, é mais autenticamente homem(.) Porque, no fundo, o único homem perfeito é Cristo(\*) É Cristo, Senhor(.) Na medida em que o homem **reza**, que se relaciona com Deus, euh, chega um pouco, **um pouco**, dentro do, do possível, não é(?) à **estatura** de Cristo, e aí é que se torna homem(.) (euh), Fez outra pergunta sem ser a oração, que me(/) [Era em relação à intercessão] Ah, a intercessão(\*) **Sem dúvida nenhum**(.) (euh), Não há dúvida que temos exemplos disso

no Evangelho, por exemplo, um dos, um dos que é evidente, aqueles que foram levar o paralítico, e a Fé dos intercessores levou, nem...o Evangelho nem nos disse que o paralítico tinha Fé, mas mostrou-nos que quem tinha Fé eram aqueles que o lançaram pela, pelo telhado(.) Por conseguinte, a intercessão é algo que é, euh, que no fundo é amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como a mim mesmo(\*) Se eu amo o próximo, intercedo pelo próximo, dou-lhe a mão, e sou o instrumento de Deus para o salvar(.)

11. Que papel tem o Padre/Pastor na sua vida Cristã?

R11 – O Padre é, **para já**, primeiro é o Pastor que preside à, à assembleia(.) E, **não há dúvida nenhuma** que, a Eucaristia, para mim, como Católica, é fonte de vida(\*) Não havia, **não há** Eucaristia sem o Padre, sem o sacerdote(.) Por conseguinte, o sacerdote para mim é aquele que **me** fala em nome de Jesus, que administra os, os Sacramentos, que me ajuda a interpretar a Palavra, embora não seja a única fonte para a interpretação da Palavra, e, por conseguinte, o sacerdote é sem dúvida nenhuma **o Padre**(.) É sem dúvida nenhuma o, (euh), a maneira que Deus encontrou de **se tornar**, de se tornar **presente** em cada Eucaristia, (euh), “Eu ficarei convosco até ao fim dos tempos”. Portanto, é através do Padre que preside à Eucaristia, que Jesus se torna presente no Altar(.)

12.Cristo pode considerar-se como o centro da sua vida?

R12 – Sem **dúvida, procuro que seja o centro da minha vida**(.) Porque sem Cristo eu não conhecia o Pai, só por Cristo é que eu posso ir ao Pai(\*) E só Cristo me leva ao Pai(.)

13.A assistência aos Cultos e participação nas demais actividades da Igreja, como Grupos de Estudo, Retiros, etc. são para si importantes?

R13 – **Muitíssimo** (.) Sem assembleia celebrativa...porque **repare**, a Igreja, para mim, A Igreja, quando se junta é uma..., é uma **acele(/)**, é uma assembleia que celebra(\*) Deus, que me ama pessoalmente, quer-me salvar em povo(.) E por conseguinte, não há duvida nenhuma que, a minha Fé não pode ser individualista(\*) Porque se eu acredito num Deus Trino, que se relaciona em amor, eu **não posso viver** num intimismo só com Deus(.) Eu tenho que ser uma pessoa da relação, e além disso, (euh), a Igreja, para mim, a Igreja é o, (euh), o Dom de Deus ao mundo(.) Portanto a maneira como Deus se quis tornar **visível**, porque Deus é de uma outra natureza, e por conseguinte a **visibilidade** de Deus, o Dom de Deus vem ao encontro do homem, porque **nó(/)** eu penso que **nós** os cristãos estamos numa Graça muito grande, de acreditar não num Deus que nós temos de apaziguar, mas num Deus que **vem** ao encontro do Homem(.) Por conseguinte, ao, ao cont(/) ao contrário de muitas Teofanias, **que é** apaziguar Deus, **não**, nós os Cristãos **acreditamos** que temos um Deus, que nos ama de tal maneira que **vem** até nós, e num mistério de aniquilamento, que na realidade é um mistério de **amor** tão grande, que nós nunca, nunca somos capazes de o compreender(.) **Portanto**, todo o tempo em que eu **conheço**, em que eu **paro**, para **escutar** sobretudo aquele silêncio da escuta de um

retiro, aquele silêncio, não aquele...das muitas palavras que eu tenho que dizer a Deus, mas aquelas que Ele tem para me segredar ao coração, aquelas que Ele tem para me dizer, **não há dúvida nenhuma**, que são essas é que me fazem **ser** aquilo que Deus pensou para mim(.)

14.Como se definiria a si próprio e aos demais membros da Congregação enquanto membros da Igreja?

R14 – Procuo ser uma **Católica**, euh, consciente, que procuro ser coerente com a Fé que vivo, e ao mesmo tempo, não viver, euh, num culto, num, numa religiosidade apenas de culto, mas sim uma experiência vivencial, com Deus, para Deus e por Deus(.)

15.O que entende por Igreja?

R15 – Euh, Já há bocado lhe expliquei(.) (euh). Para mim a Igreja é, deixe, deixe passar este termo que eu não tenho, quer dizer aquele que me ocorre é este, é a visibilidade do Dom de Deus aos homens (.)

16.Poderia recomendar-me algumas obras que para si sejam de referência, quanto aos assuntos mencionados na entrevista?

R16 – Olhe, talvez “Alegria de Crer e Viver” de François Varion, por exemplo, veio-me esse à mente(.) (euh), também podia, euh, falar sobre a, (euh), “Eucaristia, Fonte de Vida” de, de Padre DeGrandis, com a característica, “Fonte de Cura” digo, (euh), do padre DeGrandis, uma característica carismática(.)

1. Acha que existe a possessão, se sim qual a maneira de lidar com ela?

R1 – (euh) Possessão, quando se refere, refere-se a quê? Na, naquilo que eu, (euh) (\*) Existe vários, vários tipos de possessão, (euh). A possessão, **de posse**, de ter, ter algo que é **meu**, e que eu quero garantir como **meu**, euh (.) Existe aquela, existe a possessão, de possuído, de demónio, mas também existe a possessão de, eu acho que também existe, também se pode considerar possessão, por exemplo um toxicodependente (.) Está possuído pela droga, no fundo, está, está dependente de algo. E quando nós estamos possuídos, (euh), ou quando temos um sentido de posse, seja lá ele de que, de que âmbito for, (euh), se for no, no âmbito de sentir posse porque eu quero ter **poder** sobre determinado grupo, (euh), eu acho, eu acho extremamente negativo, pronto. Nós devemos tentar, tentar, tentar, arranjar um equilíbrio, e em relação ao possuído de demónio, pronto, [sorriso] isso aí é um outro campo, não vamos entrar por aí(\*) (euh) Mas acho que não...acho que nós temos tendência a ter o, a ter a tendência de possuir **algo**(.) Ter algo garantido, e ter algo sobre o nosso controle, não o devemos fazer, devemos tentar controlar as nossas, os nossos instintos, no fundo, para, para, para que isso não aconteça(.) É muito bom ter, ter quase as coisas sobre a nossa redoma, e ter um chicote na mão e quase que ordenar as coisas assim, [sorriso] mas as coisas não são bem assim(.)

2.O que entende por seitas, poderá dar-me exemplos de idolatria?

R2 – Se calhar nesta questão, eu divido isto em duas partes. Seitas, o que é que eu entendo por seitas(?) (euh) Seitas eu acho que essencialmente é algo que caminha, (euh) por interesse de alguém, e não por, por Deus(\*) (euh) Como é que eu hei-de explicar isto? Eu, eu, por exemplo, para mim e isto não querendo escandalizar ninguém, a IURD para mim é uma seita(\*) Não é uma, não é um grupo, não é um grupo de oração, não é um grupo ligado a nada(.) Acho que é conduzido por alguém, com interesses económicos, financeiros por trás, que, com o objectivo de extorquir dinheiro(\*) Esse para mim é o, se calhar estou enganada, se calhar é incorrecta a minha maneira de pensar(.) (euh) Agora o que eu entendo por seitas é algo com um objectivo, um objectivo que normalmente, por trás, financeiro ou então com o objectivo de conduzir algo a um extremismo, (euh) como aquelas seitas que, euh, tinham que se matar todos no ano dois mil, e houve não sei quantos mortos, [Apocalípticos] apocalípticos, (euh) que, pronto(.) Agora segunda parte, poderá dar-me exemplos de idolatria(?) Eu aqui, se calhar refiro-me, por exemplo, aos grupos de música, conseguimos nos grupos de música encontrar exemplos de idolatria, ídolos, ou tomar alguém como ponto de referência, e realmente identificarmo-nos com eles(\*) Nos grupos de música consegue-se, (euh) por vezes, no, noutros grupos, também se consegue e às vezes é, (euh) é um bocado complicado (euh)(.) É assim, põe exemplo, mesmo na Igreja Católica, nós conseguimos, (euh) se um sacerdote for realmente um sacerdote carismático, com, com um carisma forte, de evangelização, consegue tornar-se um ídolo, para, para muita gente, para jovens, para crianças, para adultos, e isto poderá ser bem cana(/) bom, bom, no sentido se for bem canalizado, mas poderá ser realmente mau, se for mal canalizado(.) O objectivo do sacerdote nunca é tornar-se num ídolo, mas sim num

exemplo de alguém que mostra Deus e **Jesus Cristo**, não é(?) No fundo o papel dele é ser Jesus Cristo na terra, tentar ser, tentar se igualar a ele, e se conseguir isso, e as pessoas conseguirem-no ter como exemplo, pode-se tornar, às vezes, um exemplo de idolatria(.) Mas para mim o exemplo mais concreto será mesmo grupos de música, euh, ou mesmo idolatria a imagens, a, eu não..., Por exemplo, é assim, nós, na Igreja Católica, temos, temos, (euh) temos santos, temos imagens, mas eu acho que não há o sentido, assim um acto de idolatria aqui, eu acho, se calhar estou incorrectamente a pensar, mas acho que não é isso, não é isso que acontece(.) Acho...isso encontra-se mais noutros grupos, e (euh) antigamente então encontrava-se bastante, [sorriso] a nível de, a nível de história da Idade Média, e mais para trás ainda, encontrava-se bastantes exemplos de idolatria, que eu acho, que hoje em dia, já se começa a, a separar(.)

3. Porque meios é que uma pessoa chega à Salvação, para esta o Baptismo é essencial?

R3 – Claro. Eu (...) como católica acho que, a primeira coisa que uma pessoa deve ser, é baptizada(\*) **Mas** atenção, acho que tem que haver coerência( euh)(.) Por exemplo, eu levar um filho ao baptismo, eu tenho que querer fazer caminhada com esse filho(\*) Agora levar o filho ao baptismo simplesmente para festa, não, pelo amor de Deus, não, não façam isso(.) Acho, que para mim, quando eu sou baptizada, eu entro no seio da Igreja. Da Igreja Católica, neste caso (.) (euh) E obviamente, entro no Reino de Deus, claro que eu não vou dizer que uma criança, imagine, que morra sem ser baptizada, não quer dizer que não seja aceite no **Reino de Deus**(\*) É óbvio que não, não é isso que acontece(\*) **Mas é**, euh, é no fundo um **marco** do início sincero da nossa caminhada. E (...) naquele momento esse marco é feito, pelos pais, pelos padrinhos, que estão ali a assumir **por nós**(.) (euh) E são os pais e os padrinhos que vão ajudar a caminhar até nós

termos idade de sermos nós a dizer, não, eu quero fazer parte desta Igreja, eu quero caminhar com esta Igreja, eu quero ajudar a torná-la renovada(.)

4. Acha que o mundo é um lugar ameaçador para Crentes e Não-Crentes, estes últimos encontram-se perdidos no “mundo”?

R4 – **Não**. [riso] Não, (euh) Não necessariamente (.) (euh) O mundo é um lugar ameaçador, para, para, realmente para quem acredita (.) (euh) Mas o nosso objectivo é mostrar lá fora, que Cristo realmente se pode fazer presente na vida de cada um. (euh) Eu tenho vários amigos que são, que **não** acreditam, e que se dão perfeitamente comigo, e que admiram até a minha caminhada, e tudo o que eu faço a nível de Igreja (\*) (euh) **Mas** eles continuam a não acreditar e respeitamo-nos plenamente(.) (euh) **Mas** eles conseguem, euh, **ter** na vida deles, presente especialmente o respeito, que no fundo eu acho que é isso que nos ensina(.) O respeito pelo outro, amar o outro, amar o outro como a ti mesmo, amar a Deus sobre todas as coisas(.) (euh) O amar a Deus, a mim, por exemplo, coloco-me ao serviço, e eles respeitam perfeitamente isso e não posso ir a festas, não posso ir, porque estou ao serviço de alguma coisa, e eles respeitam, e às vezes até participam comigo nessas coisas(\*) **É complicado**, às vezes, num grupo de amigos, euh, em que ninguém acredita, (euh) fazer prevalecer o que nós acreditamos(\*) **Mas há** uma coisa, uma coisa é, nós queremos mostrar o que nós acreditamos, outra coisa é querermos **impor** o que nós acreditamos, isso, a imposição, eles não vão lá(.) E tenho, inclusivamente, vários amigos meus que, aos poucos, conforme foram vendo a minha caminhada, e que foram até participando comigo nas coisas, acabaram por se integrar nesta Igreja, que eles achavam que até valia a pena(.) Porque era uma Igreja que estava realmente dinâmica, não tinha nada a ver com a Igreja que os pais deles lhes

falavam, uma Igreja fechada, nem nada(\*) Existem realmente vários grupos na Igreja neste momento, que **estão** a tornar-se dinâmicos, e é isso que... Agora é complicado para **nós** irmos lá para fora, e gritar ao mundo, eu acredito em Cristo(.) (euh) É possível, mas é difícil. E é (...). Agora não acho que o facto de, euh, imagina oitenta por cento não acreditar em nada, e só vinte por cento acreditar, eu não acho que é por oitenta por cento do mundo que não vai acreditar, que eu vou, que **vão** os vinte por cento, vão também deixar de acreditar (.) Eu acho que há uma caminhada, e é possível, passado um tempo, os vinte por cento tornarem-se em trinta, em quarenta, em cinquenta, e até passarem a acreditar em algo(\*) Eu acho que nós devemos é ser uma luz, lá fora(.)

5.O que entende por Espírito Santo, podia enunciar-me alguns dos seus Dons/Carismas, acha que estes continuam vivos e actuates?

R5 – Euh, Começando, o que entendo por espírito Santo (?) O Espírito Santo, para mim, é aquela nossa força suprema, é, é aquela, é a terceira pessoa da Santíssima Trindade, e é Aquele a quem eu normalmente **peço** ajuda(\*) Peço quando, por exemplo, neste momento, antes de começar esta entrevista, pedi ao Espírito Santo para me iluminar [Riso] para que eu soubesse responder correctamente, e não me deixasse alongar **muito**(.) Eu acho que é no fundo, Aquele que me ajuda [sorriso] a caminhar, e, me, me dá o, o dom da palavra(\*) (euh) E eu aqui uso palavra ou Dom, Carisma, para mim, eu no fundo, eles complementam-se(.) (euh) Espírito Santo, para mim, é o Fogo, é a Pomba, é a Água, é, é Aquele que tudo nos faz renovar, dentro de nós(.) (euh) Pode enunciar-me alguns dos seus Carismas(?) (euh) O **Dom da piedade, Temor de Deus**, existem vários, existe, eu agora misturo, eu acabo por misturar um bocadinho os Dons, Os Dons e os Carismas, e peço desculpa(\*) (euh) Porque eu acho que por exemplo,

existe um Dom do acolhimento, num grupo, por exemplo, que eu acho que isso é um Carisma do Espírito Santo, que Ele nós dá esse Dom, para nós conseguirmos acolher o outro quando chega, ah, quando não conhece ninguém, e o que é que eu estou aqui a fazer e, e **nós** temos que ter esse Carisma [Risos] de saber acolher a pessoa, sabê-lo integrar no grupo. Explicar, olhe, sabe para o que é que veio(?) Com calma, sem tentar impor nada, vamos convidá-lo a fazer uma caminhada, durante um mês(.) Normalmente faz-se um desafio, não, não negue à partida uma ciência que desconhece(\*) Portanto, as primeiras coisas são sempre um bocadinho mais estranhas(.) (euh) Depois eu acho que existe, acho **não**, existem, o Dom ou o Carisma de, por exemplo, do Ensino, o Dom da Palavra, O Dom do Discernimento, o dom de rezar em Línguas, que eu acho que é assim espectacular, que, que leva, uma pessoa se realmente **estiver** num grupo, em que realmente esse Dom, esse Carisma exista, (euh) é assim uma coisa, se uma pessoa fechar os olhos e deixar-se ouvir a música, que acaba por tornar, o canto em Línguas é uma coisa assim espectacular, e já, já tive realmente essa experiência(.) Lá está, isso é uma coisa que eu acho que, eu não sei se existe nos Pentes(/)Pentecostais, mas,(euh) em que eu acho que nos devemos identificar **bastante**, pronto(.) (euh) Quero...para não me deixar alongar(\*) Acha que estes continuam vivos e actuantes(?) É impossível, para um Carismático, não dizer que o espírito Santo está nele(\*) (euh) Um grupo Carismático não vive realmente sem a presença do Espírito Santo(\*) (euh) Existem presenças **obrigatórias**, **Cristo**, obviamente, não é(?) **Maria**, Mãe Santíssima, e o **Espírito Santo**(.) (euh) O Espírito Santo é aquela, tanto que é a primeira coisa, nós recebemos a bênção inicial, Em Nome do pai, Do filho e do Espírito Santo, nós estamos aqui reunidos em nome da Santíssima Trindade, depois pedimos realmente ao Espírito Santo para vir até nós, para preparar o nosso coração para sabermos acolher a Palavra,

para sabermos escutar a Palavra, para sabermos pô-la em prática e transformar o nosso coração(.)

6.(Exclusiva para o Renovamento Carismático) Que papel tem no Renovamento Carismático a Devoção Mariana?

R6 – Maria a mãe, a mãe por excelência, a mãe que acompanhou Cristo, (euh) até ao fim, que esteve aos pés da cruz, que recebeu Cristo nos braços, (euh) depois de morto, (euh) não teria razão nenhuma de não ser invocada, não ser posta, (euh) num lugar de **destaque**, no nosso grupo(.) (euh) Normalmente, os nossos, as orações normalmente terminam com, com uma música, a consagração a Maria, uma, um elogio a Maria. Muitas vezes ela, durante, durante a própria oração, às vezes não é referida, mas nós sabemos que a mãe está lá, a mãe está cuidar por nós, e pelo grupo (.) Está a cuidar por cada um de nós(.) (euh) Começamos, (euh) tal como já disse por invocar o Espírito Santo, continuamos com a Palavra, terminamos com a devoção Mariana(.) (euh) o Cântico a Maria, uma oração a Nossa Senhora, (euh) porque, porque é a mãe, porque é aquela que nos acompanha, que nunca nos abandona(.)

7.Na sua opinião vícios como o álcool e as drogas, ou doenças de várias ordens podem ser provocadas pelo pecado tendo origem satânica?

R7 – (euh) É assim, vícios como o álcool e a droga, ou doenças...(euh) eu acho que o mafarrico, e peço desculpa de usar uma expressão tão primária, euh, Satanás, (euh) consegue realmente [suspiro] **apoderar-se** de algumas pessoas e, quer queiramos quer não, acreditar nisso, eu, eu sei que existe, eu sei e não, não vale a pena(.) **Nota-se** por

algumas coisas [risos] que especialmente acontecem no mundo, [risos] Meu Deus, aquilo não é, [risos] não é normal, aquilo ali tem que haver realmente, e por alguma razão é mencionado na Bíblia a presença de Satanás(\*) Por alguma razão **Cristo foi tentado**(\*) Por alguém, por, seja lá que força suprema essa, uma força do mal, que nós consideramos uma força do mal(.) (euh) E poderão levar realmente a alguns vícios, a algumas, (euh) algumas doenças, especialmente do foro psíquico(\*) (euh) Eu acho que, que, e é complicado, mas eu acho que a oração pois tudo transforma(.)

8.No caso de ter respondido sim à última pergunta, que lugar têm a imposição de mãos, o exorcismo e outros métodos que queira referir para solucionar tais casos?

R8 – Eu aqui falo mais na imposição de mãos(\*) (euh<sup>9</sup> Eu acho que Jesus, (euh) quer actuar através do Espírito Santo, que derrama em nós, consegue fazer as alterações na vida dos outros(\*) A imposição de mãos, é, no fundo eu acho que é quase uma força que sai de **nós**, mas que, no fundo nós somos um canal condutor do Espírito Santo, para trabalhar naquela pessoa(.) (euh) o exorcismo, eu não, eu não encaro, eu acho que o exorcismo, acho que essa questão poderá mais ser colocada a sacerdotes, eu não, por exemplo, nós no Renovamento não temos exorcismos, quer dizer, que eu tenha conhecimento, não(.) (euh) Mas no fundo temos a imposição de mãos, em que se calhar temos uma pessoa que estrebucha para ali no chão, e que já tivemos casos que nós simplesmente deixamos, e sabemos que foi depois duma imposição de mãos, em que a pessoa **cai de joelhos** obrigatoriamente, e começa a estrebuchar, e a verdade é que aquela pessoa acaba por adormecer, ou por, por cois(/), e depois quando acorda realmente é uma pessoa diferente(\*) Ninguém explica isso, não há ali uma Bíblia, não há um crucifixo, vade retro satanás, **não**, eu pelo menos ainda nunca assisti a uma coisa

dessas, mas realmente é uma imposição de mãos, eu acho que o Espírito Santo **passa**, passa através de nós para os outros(\*) Através de uma imposição de mãos, eu acho que sim(.)

9. Como definiria o lugar da Fé face à Ciência?

R9 – Essa pergunta é complicada(.) (euh) Como definiria o lugar da Fé face à Ciência(?) (euh) É assim, eu digam-me o que me disserem, não é por ser crente, eu, eu venho de uma área de ciências, e estudamos, estudamos a criação de, do mundo, e tudo o mais, (euh) mas nós sabemos que chega, chega um ponto em que não há uma explicação, digam-me, os professores digam o que disserem, eles próprios dizem, a partir daqui não há explicação para **trás**(\*) Podemos ir, andar, andar, andar, chegamos a um ponto que não temos explicação(.) E aí, acho que entra a Fé, acho que, que entra aquele acreditar que foi realmente Deus que formou algo, agora voltamos a, àquela eterna pergunta, quem é que nasceu primeiro, a galinha ou o ovo(?) (euh) Pronto, e agora **então** se Deus, Deus apareceu daonde(?) Isso acho que a nossa Fé é que explica, não, não há, eu não consigo dar uma explicação plausível e, e, quando por exemplo, como catequista me perguntam isso, eu digo, olha a tua Fé é que vai explicar isso(.) Deus aparece para te dar essa força, para te ajudar a caminhar, para te ajudar a **ter** sentido na tua vida, vale a pena estar aqui por alguma razão(\*) Não vale a pena estar aqui simplesmente para tirar um curso, para ter filhos, procriar e **morrer**(\*) **Não**(!) Pelo meio disto eu preciso que na minha faceta humana acreditar em algo, e aí aparece Deus(\*) Agora, misturando isso com a ciência, eu acho que a ciência, euh, os cientistas tentam meter de lado muito a Fé, a Fé é acreditar em algo, no fundo(.) E acreditar, neste caso, em Deus. (euh) Os

cientistas tentam meter de lado, mas sabem que chegam a um ponto em que não têm uma resposta. E aí eles dizem, se calhar aí, se calhar já entrou Deus(.)

10. Qual o papel da Oração e da Intercessão na vida do Crente?

R10 – Oração e Intercessão(\*) É assim(\*) A oração acho que é a coisa mais importante que nós devemos ter(\*) A nossa oração diária, a nossa oração pessoal, de manhã ou à noite, quando nós tivermos tempo de parar um bocado e **rezar**(.) Se nós conseguirmos ainda ter mais disponibilidade dessa oração se tornar uma oração de intercessão, ou seja uma oração que vamos rezar pelos outros, essa oração acho que ainda toma mais valor(.) (euh) Mas é assim, qualquer um de nós deve tornar, a nossa, a nossa oração sempre uma oração pelos outros(\*) Costuma-se dizer, quanto mais nós pedirmos pelos outros, acabamos nós por mais **receber**(\*) (euh) Porque nos esquecemos de nós, e esquecemo-nos, por exemplo, já me aconteceu, esqueceu-me completamente que eu **tenho** aquele problema na minha vida, **meu**, de ordem pessoal, e porque surgiu uma série de pessoas, oh Ana, preciso que rezes por isto, Ana preciso, tenho um filho que está completamente, não sei já o que hei-de fazer dele, e (...) não te preocupes que eu rezo, mas tu vais rezar comigo(\*) Todos os dias, de manhã, quando acordas, a primeira coisa que tu vais dizer, Senhor Te entrego, o David, por exemplo, euh, e eu vou estar junto contigo, e acho que formando assim um canal, euh, conseguimos, conseguimos ajudar(.) E, é assim, eu acho que alguém que acredita e alguém que faz uma caminhada, é impossível viver sem uma oração pessoal, senão não consegue, não consegue ter o sentido da sua caminhada(.)

## 11. Que papel tem o Padre/Pastor na sua vida Cristã?

R11 – Pronto, é assim(\*) Neste, neste caso, eu, o padre foi assumindo uma importância conforme eu fui evoluindo, **fui crescendo**, na minha Fé(.) (euh) Eu por exemplo, eu costumo dizer, e isto agora referindo João Paulo II, euh, em noventa e sete fui a Paris, às jornadas mundiais da juventude, e eu, supostamente aquilo é um encontro internacional de jovens com o Papa(\*) Acham que alguma vez eu ia com o incen(/)com o sentido de ir estar com o Papa(?) **Eu não**, eu ia para passear para Paris, queria lá saber... ah, se calhar, pronto, até conseguia estar com o Papa, mas não era a coisa mais importante, e o Papa não tinha uma figura, não era uma figura que eu achasse importante(\*) Quando o vi, em Paris, ele olha para aquele um milhão e oitocentos mil jovens que estavam juntos, (euh) num encontro que foi ele que organizou, que ele começou, e ele olha, olha na minha direcção, e parecia que aquele olhar era só para mim, e aquele amor que ele transmitiu, (euh) transformou a minha vida(.) Eu não consigo explicar, aquele olhar, (euh) foi o olhar realmente que me fez, eu quero continuar nesta Igreja(\*) Eu estava numa altura em que estava com dúvidas, tinha dezassete anos, (euh) não sabia muito bem o que é que havia de fazer da, se **queria** continuar, se valia a pena, se não valia a pena, e aquele olhar de, do Papa João Paulo II, transformou e partir daí pôs-me ainda mais ao serviço da minha paróquia, e, e é muito importante depois o papel do sacerdote(.) Na altura tínhamos um sacerdote que não era muito acessível, infelizmente, há sempre de tudo um pouco, e eu própria, e falo por mim, (euh) vinha, não vinha à Eucaristia na minha própria paróquia(\*) Conforme fui crescendo fui percebendo que a importância da Eucaristia não se baseia só no sacerdote, pronto(.) (euh) Mas de qualquer forma, (euh) agora, neste momento, e não me querendo distanciar muito, (euh) neste momento o sacerdote que está cá, dinamiza muito os jovens e isso é, muito, muito

importante, é importante na caminhada(.) E termos no sacer(/), alguém que nós vejamos não como o padre que está ali, inatingível, mas sim como um amigo que nós vamos procurar, para falar deste ou daquele problema e que precisamos de desabafar(.)

12.Cristo pode considerar-se como o centro da sua vida?

R12 – **Claro que sim**(\*) Não, nem é considerável outra coisa [risos](.) (euh) Tal como eu disse, (euh) nesse encontro com João Paulo II, (euh) eu senti que eu queria seguir Cristo, que eu queria mesmo, queria fazer algo, e, e que Cristo, e queria fazer algo à Luz de Cristo(.) A partir daí tornei-me uma catequista mais empenhada, tornei-me uma pessoa mais empenhada na minha paróquia, porque achei que se Cristo fez, euh, durante três anos, pode ter sido tão pouco, pode parecer tão pouco, e ele esperou as ordens do Pai, para, para se pôr ao serviço, (euh) e Ele convidou, disse, larga as redes, vem comigo. Ele pediu-me o mesmo a mim, e a partir daí Cristo tornou-se realmente o centro da minha vida(\*) E acho que para um cristão é impossível que Cristo, cristão, Cristo, não se tornar centro da vida(.)

13.A assistência aos Cultos e participação nas demais actividades da Igreja, como Grupos de Estudo, Retiros, etc. são para si importantes?

R13 – Sim. Eu acho que nós não sabemos tudo (.) Acho que estamos sempre a aprender, independentemente, eu por exemplo, eu costumo dizer que...Peguemos, imagine, estamos a fazer um curso Bíblico, não é(?) Ou, não, não nos vamos distanciar muito, no Renovamento porque temos, temos seminários, seminários de vida nova no Espírito(\*) Normalmente esse seminário, euh, termina com (...) uma efusão do espírito Santo,

(euh) às pessoas que nunca receberam essa efusão, o segundo baptismo no Espírito, no fundo(\*) E **nós**, (euh) eu se calhar já assisti a seminários de vida nova no Espírito para aí umas três, quatro, cinco vezes, mas todas as vezes se tornam novas, porque todas as vezes Deus nos quer falar de uma forma diferente(\*) **Hoje**, se calhar existem duas frases, hoje toca-me a primeira frase, amanhã, se calhar, já me vai tocar a segunda(.) E é importante, nós nunca sabemos tudo, **ouvir**, tornar a ouvir, tornar a ouvir e conforme a nossa Fé vai amadurecendo nós também vamos questionando, e vamos, vamos encarando as coisas duma forma diferente(.) E é muito importante, eu acho que é importante haver dinamização nas próprias paróquias, para haver cursos, para haver formações, seja o que for para nos desenvolver os nossos conhecimentos(.)

14. Como se definiria a si próprio e aos demais membros da Congregação enquanto membros da Igreja?

R14 – (euh) Eu considero-me um membro activo, na, na Igreja(\*) (euh) o resto dos membros, e neste caso membros da Congregação, eu penso que se queira referir ao Renovamento, aos membros do grupo a que eu pertença, neste caso, ao Renovamento Carismático(\*) (euh) Eu penso que qualquer uma das pessoas tentam ser membros activos na Igreja, seja através do apoio aos doentes, seja através do, da oração de intercessão, seja de que forma for, eles tentam ser membros activos da Igreja(.) (euh) E tentam essencialmente pôr em prática aquilo que aprendem, lá está, não sair da Igreja e não ser aquilo que antigamente se ouvia tanto(\*) O quê(?) Aquele sai da Igreja, esteve ali a bater com a mão no peito e depois chega lá fora, bate e dá, dá-me a primeira facada ao primeiro que encontra(.) Sejamos realistas, infelizmente é assim que se encara, e quando eu ouço, especialmente amigos meus que não acreditam em nada disto, dizem,

quê(?) Andam todos ali a bater com a mão no peito, depois, vão, vão lá fora e, e sacaneiam o primeiro que encontram, (euh) infelizmente é isso que, que acontece, mas é isso que eu acho que no grupo se trabalha para que não aconteça, e acho que isso se consegue, conseguem-se tornar membros activos(.)

15.O que entende por Igreja?

R15 – Igreja somos todos nós [risos] (.) (euh) Todos nós formamos este, este mundo que é a Igreja, e somos nós que estamos a trabalhar por ela(\*) Entendo por Igreja, para mim a Igreja é a comunidade paroquial, somos todos nós, não tenho, não tenho melhor definição para isto(.)

16.Poderia recomendar-me algumas obras que para si sejam de referência, quanto aos assuntos mencionados na entrevista?

R16 – Existem, existem vários livros que, que eu leio, que eu tenho lido, (euh) especialmente ligados ao Renovamento, nós temos um livro que é o “Milagres, Hoje”, (euh) estou a tentar-me lembrar, eu acho, salvo erro, é do padre Tardif, mas não, não garanto, ou da irmã Bridge, (euh) mas eu não garanto, que fala muito de, da Eucaristia, e da **cura** através da Eucaristia(.) (euh) Nós temos o “Louvai e Bendizei” que fala muito da dinâmica do Renovamento, que também é muito, muito bom(.) (euh) Temos um, que salvo erro é “Perdoar e Amar” que foi um dos livros que mais me marcou, que tem uma rosa até, na capa, que mais marcou, euh, a nível da reconciliação, (euh) que falava muito de casos reais, e (...) salvo erro, até faziam menção a casos **reais**, mesmo de pessoas, (euh) (euh) Evangélicas e tudo, mas eram, falavam, pronto, encontra-se de tudo, os

problemas são idênticos, seja em, em que sitio for, portanto(euh) (\*) Mais, (euh)  
“ Eucaristia Fonte de Vida” , também é muito, muito bom, eu, isto é um bocado  
complicado porque existem livros tão bons, tão bons que é muito, muito difícil(.) (euh)  
Livros que prendam muito a minha, a minha atenção, esse, acho que sim, e “Jesus está  
Vivo”, esse, esse acho que é realmente um livro muito forte(.)

1. Acha que existe a possessão, se sim qual a maneira de lidar com ela?

R1 – Estamos a falar de posse, em termos de eu querer possuir o outro(?) É nesse sentido que estás a(?) [Podes responder como quiseres] Pronto(.) Claro que existe, em termos da pessoa tornar-se possessiva em relação a outro(\*) Agora há, também há em termos possessão, que as pessoas pensam que a pessoa está possessa pelo demónio [riso](.) Isto aqui já é a nível, também acredito realmente, não em termos de estar possessas pelo demónio, mas aquela, aquela **rescisão**, entre o bem e o mal, e a pessoa optar por uma caminho que seja menos benéfico, para ela e para outras pessoas(.) Realmente aí, não é bem, se calhar, uma possessão, mas se calhar um enredar por um caminho que não o projecto de Deus. Nesses casos, em termos de solução, não quero dizer que haja uma solução, (euh) linear, ou seja, consoante o caso, consoante o passado, consoante o historial, consoante os pais, consoante a sua cultura, é que poderá – se realmente dar, entre aspas, a fórmula correcta (.) Uma das coisas que poderá ser, e se a pessoa confia em Deus, terá que ser muita **oração**, é com base na oração e com base, (euh) em confiar, porque até pode ser um pouco tentador, para quem está a tentar salvar a outra pessoa, entre aspas, cair no mesmo caminho(\*) Por isso acho que a oração, e o contacto com a Palavra, e o contacto com a Bíblia é importante nestas coisas, nestas situações, quando se enreda por um caminho, que não o caminho de Deus(.)

2.O que entende por seitas, poderá dar-me exemplos de idolatria?

R2 – (euh) Seitas, são (euh) organizações, que estão, (euh) que tem o seu, a sua estrutura, a sua estrutura, e que não acreditam, de certa forma, tanto na Palavra de Deus, estão mais enredadas para o conceito de, é o homem e não Deus que consegue fazer as coisas(.) (euh) Jeovás, é um exemplo de seita, e temos aqui, uma, um inverter da ordem normal, entre aspas, ou seja é invertido, o homem colocado de certa forma em primeiro, que ele é que consegue com o poder da mente, e não a parte de Deus(.) A nível de idolatria, a pessoa pode idolatrar falsos deuses(\*) Ora bem, um, um falso deus pode ser a nível material, pode ser, (euh) a pessoa idolatrar mais o carro do que a mulher, o que acontece em muitos casos [risos], pode-se idolatrar um personagem, um cantor, ou seja a nível até de personagens que nós pensamos que são as pessoas que estão no topo, é idolatrar falsos deuses(\*) Estamos a falar de cantores, hoje a juventude tem muita necessidade de ter alguém para idolatrar, estamos a falar sempre de bandas de rock, e bens materiais como um carro, playstation e outros bens materiais(.)

3.Porque meios é que uma pessoa chega à Salvação, para esta o Baptismo é essencial?

R3 – Para chegar à salvação, euh, realmente é importante é a pessoa, (euh) começar a ter uma caminhada de escuta da Palavra de Deus(.) (euh) A salvação baseia-se numa caminhada, que pode, que vai demorar na (/)a vida inteira, e que com oração, posso estar a repetir um pouco mais, mas é a verdade, é com a oração, com a Palavra, e o escutar no silêncio o que Deus tem para nos dizer, todos nós podemos chegar à salvação(.) Em relação ao baptismo, realmente para quem está na, na comunidade e quem, quer começar numa comunidade cristã, o baptismo é um **enxerto**, na, na, na

vinha que é **Cristo**(\*) É o começo para entrarmos na comunidade cristã, então é tomarmos conta da, da presença de Cristo, na família de Cristo, na seiva de Cristo, para depois também começar a nossa caminhada para a salvação(.) Não quer dizer que as pessoas que não estão baptizadas não se podem salvar, não, isso é uma ideia que não, que também está errada, porque há pessoas que não estão na Igreja e que têm **atitudes** dignas de qualquer outra pessoa que possa estar a fazer a caminhada(.) Neste caso, nós temos é a noção de que ela não sabe, se calhar, que existe um Cristo, que pode fazer a sua salvação, ou seja também pode salvar-se, só não tem a presença de um Deus, de um Cristo, apesar de ter as atitudes correctas dum projecto que Deus também iria aderir(.) Assim também como outra religião, como a nível de budistas, como a nível de, outras religiões (euh) como ortodoxas, penso que é importante ter essa noção que a salvação está ao alcance de todos, só a nível cristão nem todos têm noção deste Deus, deste Cristo, porque a salvação é, está ao alcance de qualquer um(.)

4. Acha que o mundo é um lugar ameaçador para Crentes e Não-Crentes, estes últimos encontram-se perdidos no “mundo”?

R4 – Quem os não crentes (?) [Sim] Não, acho que o mundo não é um mundo perdido(\*) Não, não é um mundo ameaçador(\*) Isso aqui, temos várias hipóteses, porque, portanto há partes que são agradáveis, outras partes que são menos agradáveis, mas aquilo que vamos sempre aprendendo é ter Fé e Esperança, por isso se fossemos sempre com receio e com medo da ameaça, ninguém saía à rua(.) Acho que é o desafio que nos dizem, vão-nos ensinando, já que sabemos que lá por sermos crentes não vai-nos acontecer calhar o euromilhões, temos a mesma dificuldade que tantos os outros(.) Por isso aqui há uma certa adaptação e acreditar que, isto, as coisas podem melhorar(\*)

Há terremotos, há assaltos, mas é sempre **acreditar**, porque se Deus acreditou no homem, também nós temos que acreditar que **isto** também pode melhorar(.) (euh) A outra questão relacionada que, não crentes, estes últimos encontram-se perdidos no mundo. **Não** (...), porque (euh) eu não sei se já tinha mencionado, há pessoas que não acreditam, que não vão à Igreja, e que são pessoas, (euh) com capacidade de **sensibilidade** e **humanidade** que ultrapassa, se calhar, o pensamento de muita gente (.) Por isso nunca se podemos restringir, que a salvação está para aqueles que acreditam, mas a salvação está ao alcance de todos (\*) Por isso, pelos não crentes muito menos estão perdidos porque há pessoas, apesar de não acreditarem, porque nunca lhes foi ensinado, tem tarefas e acções, (euh) dignas e humanitárias, e acho que é de acreditar também neles, porque, prontos, da minha perspectiva acho que o Espírito está em todo o sitio. Quer nos crentes, quer nos não crentes (.)

5.O que entende por Espírito Santo, podia enunciar-me alguns dos seus Dons/Carismas, acha que estes continuam vivos e actuates?

R5 – Espírito Santo (.) Espírito Santo, olhe posso dizer, advogado, uma prenda maravilhosa que Deus nos enviou, (euh) após a morte de Jesus Cristo (\*) Acho que é a força que dá, impele, para aqueles que acreditam Nele, de falarem, de executarem, de fazerem(\*) Dos Carismas temos a da Sabedoria, do Entendimento(\*) E estão vivos, porque senão não estavam cá pessoas a, a pô-los em prática, e nós vemos muito fruto desses Carismas, quer a nível da, da paróquia, quer a nível de grupos como no Renovamento Carismático, onde as pessoas começam a ter, realmente, (euh) certas acções, **atitudes**, que revelam um desenvolvimento, (euh) interior(.) E esse fruto, são fruto vivo, não é um fruto que está adormecido(.)

6.(Exclusiva para o Renovamento Carismático) Que papel tem no Renovamento Carismático a Devoção Mariana?

R6 – A devoção Mariana também não está esquecida, porque até, (euh) quando as pessoas entram no Renovamento, há uma parte inicial que eles, que é a efusão do Espírito Santo (.) E nessa caminhada também existe uma parte dedicada a Maria(\*) Para dar conta da importância de Maria, como a mãe, não só de Jesus, mas também, de quem aceitou a, (euh) tarefa que Deus lhe enviou, Ela sempre acreditou, e acho que é uma mensagem e um modelo também de vida, para nós acreditarmos, porque Cristo, (euh) Deus deu-lhe esta tarefa e ela podia dizer, não, obrigado, não estou preparada e vou-me embora [sorriso](\*) Mas não, ela esteve sempre presente, ela acreditou e aceitou esse desafio(.) E em certas situações o projecto de Deus apresenta-nos também, dum perspectiva, se calhar parece **ádua**, parece difícil e olhamos para Maria, ela simplesmente, com a calma dela, faça-se em mim a Sua vontade(.) E dia a dia, Deus também dá-nos projectos, dá-nos sinais, que se calhar para nós é um bocado doloroso, porque en(/)obriga-nos a engolir o nosso orgulho, obriga-nos a aceitar o outro(\*) Mas se olharmos para um modelo como Maria, pensamos, bolas, ela aceitou, (euh) ser mãe de Jesus, naquela altura grávida, e aceitou o desafio, e quem somos nós(\*) Por isso acho que é um modelo que está sempre no Renovamento(.)

7. Na sua opinião vícios como o álcool e as drogas, ou doenças de vária ordem podem ser provocadas pelo pecado tendo origem satânica?

R7 – **Não**, origem satânica, penso que não, não ia colocar nesses modos(.) Penso que, que é mais, (euh) na forma como o homem, hoje em dia, encara as dificuldades(\*) Ou seja, nós, (euh) pessoalmente preocupa-me um pouco as gerações futuras, tem um certo facilitismo na vida, tudo lhes é apaziguado, é o coitadinho, e não aprendem a cair e a saber levantar-se(.) O que acontece, em algumas situações, é que, (euh) as pessoas não conseguem encarar as suas situações e precisam de um meio para se libertar, um meio de fuga, de, de esquecer os problemas(\*) E pode entrar o álcool, pode entrar bebida, pode entrar também muitos, (euh) farmacêuticos, a nível de medicamentos que, praticamente deixam a pessoa em K.O., e acho que é mais, a, a, hoje em dia a procura da felicidade, em certos bens materiais, como a droga e o álcool, sempre naquela da procura da felicidade, ou numa **fuga** completa da, do estilo de vida que a pessoa tem, envolverem-se nessas situações(.) Agora não punha, se calhar, o diabo, mas **olha** punha mais a vontade do homem, hoje em dia, de não conseguir encarar as coisas(.)

8. No caso de ter respondido sim à última pergunta, que lugar têm a imposição de mãos, o exorcismo e outros métodos que queira referir para solucionar tais casos?)

Que lugar tem a imposição de mãos, o exorcismo e outros métodos que queira referir para solucionar tais casos?

R8 – Eu não **punha** nem imposição de mãos, nem exorcismo nestas situações, porque uma vez que não envolve, [suspiro] não **envolveria** essa parte do satanismo, ou do diabo (.). Acho que a imposição das mãos é algo importante, que já é feito desde os

tempos primórdios, Já Jesus Cristo, já os Apóstolos também faziam imposições(.) De certa forma é a presença de Cristo, é a presença também para invocar o Espírito Santo(\*) Agora, isto de imposição de mãos, pode ser em situações na efusão do Espírito Santo, mas casos como o álcool, drogas, eu acho que tem que ser primeiro tratado, no foro, com ajuda médica, com, se a pessoa assim o desejar, uma **caminhada** na oração, uma caminhada de abandono, que é o mais importante(\*) E, se calhar, depois por aí, poderá-se fazer uma efusão(.\*) Mas não vejo sentido, de, de efusão ou exorcismo nestas situações(.\*) Mas sim uma ajuda **posterior** para isso, não é a solução(.) [E noutra tipo de doenças, aquelas doenças mesmo doenças, do foro físico ou psíquico] Doenças do foro psíquico, acontece que, as vezes, as pessoas vão para o psicólogo ou para o psiquiatra, e há padres que têm uma grande capacidade de discernimento, que podem ajudar essas pessoas(\*) Agora, quando passam de traumas, se calhar de infância, de coisas mais profundas, se calhar um padre, só, não consegue ajudar essa pessoa(\*) Por isso há também os psicoterapeutas, os psicólogos, porque a infância é a fase mais importante de qualquer criança(\*) E de lá revelam-se situações que marcam a pessoa para o futuro, e passam à vida, euh, adulta(.) Há situações em que realmente, conheço um padre, que realmente também é psicólogo(\*) Conheço padres psicoterapeutas, e eles próprios dizem que o padre pode ser um psicólogo(\*) Não é que todos tenham essa capacidade, mas podem ajudar(.) Acontece que em algumas situações as coisas são já muito fortes, já são mesmo do foro de, prontos, já se escapa um pouco da sua capacidade e uma ajuda extra de um psicólogo, vem sempre ajudar nestas situações(.) [E físicas mesmo?] Estamos a falar, por exemplo(?) [Qualquer tipo de doença, como por exemplo algumas das mais comuns como o cancro, ou outras do género] nessas situações, (euh) se será de pedir....euh, ajuda(?) [Se pode haver eventualmente uma operação de Graça, nessa pessoa por estes meios?] Pode(\*) È isso é que é a chamada a

Fé(.) (euh) Em algumas situações, (euh) nessa doença, nesse tipo de doenças, quer o cancro quer doenças de tipo um pouco mais grave, pode até haver, (euh) uma **alegria** interior e uma paz interior que ajude nessa doença(\*) E (...) eu noto, pronto, que (euh) em certos locais, por exemplo, na, no instituto de oncologia, tenta-se ter assim, dar uma alegria, por exemplo para os, para as crianças(.) Aqui na, a nível de, da, da nossa vida comunitária de Igreja, a pessoa também pode ter essa alegria, essa paz interior necessária, e pode dar-se realmente essa Graça(\*) Isso agora vai depender dos sinais, a doença até pode terminar a pessoa, mas ela até pode encontrar na doença **frutos**, que lhe podem ajudar a encarar a vida, noutra, noutro sentido(\*) Nesses casos pode haver realmente essa cura tão desejada, mas isso vai sempre depender do projecto de Deus, não é uma coisa linear(.) Cada caso é um caso, e vai tudo depender da forma como a pessoa aceita esse projecto(\*) É, faça-se em mim a vontade de Deus, e não a minha(\*) Nesse caso a pessoa até pode realmente dar a volta à doença(\*) Não ficar na depressão por estar doente, eu sou uma pobre coitada, mas olha a vida continua, e ajudar outras pessoas com o seu testemunho de vida(.) Por isso Graças, (euh) pode acontecer e curas físicas também, mas cada caso é um caso e não havendo a cura da pessoa, pode haver a cura de outras pessoas, pelo testemunho de vida dessa pessoa, que eu acho que também conta muito(.)

9. Como definiria o lugar da Fé face à Ciência?

R9 – Acho que a ciência de vez em quando, (euh) agora essa é uma pergunta pertinente (.) Qual é o lugar da Fé na ciência(?) Eu tenho ali um documento, por acaso, para ler, que é emitido pelo Papa, que é a nível, (euh) por causa do conhecimento, para não se esquecer, também, a mão de Deus. (\*) (euh) Eu tenho a noção que é preciso também

nós **acreditarmos** nas pessoas que estão na investigação (\*) Só que em algumas situações, (euh) a ciência deseja ser Deus(\*) Então, entramos num campo, se calhar um pouco complicado, um pouco complexo, porque estamos a, se calhar, a entrar em, em sítios pouco sensíveis(\*) Como por exemplo, estamos a falar da clonagem, sei lá, de situações, se calhar, (euh) eu agora só me lembro mais da clonagem(\*) Por isso, (euh) eu acho que não pode deixar de es(/) uma pessoa não pode deixar de ter Fé na ciência, esse é o principio numero um(.) Acontece só que em algumas situações a ciência esquece-se, se calhar, e de, de ter essa **Fé**, e em algumas situações, se calhar, (euh) devemos, uma procura, e um, **cada vez mais**, desejar de ser Deus, e, se calhar meter-se em campos que, são assim um bocadinho mais para o perigoso(.)

10.Qual o papel da Oração e da Intercessão na vida do Crente?

R10 – Olhe, a oração é uma ferramenta essencial, para quem quer realmente ter esta caminhada, é aquele contacto interior, aquele diálogo, aquela, aquela confidencialidade que nós temos com, que acreditamos que é Deus (.) É o momento onde a pessoa, realmente, **abandona**, todas, todos os seus problemas, mas **também louva**, porque aprendi que, tem que se encarar tudo, quer bom quer mau, quer seja mau, como um desafio, como uma forma também da pessoa crescer(.) Então é na oração que eu indico, também, olha, obrigado Senhor **por**, realmente o meu chefe olhe, ser como é, obrigado Senhor por, olha, que eles, outro chefe que eu também tenho, ser como **é** (\*) Porque vamos vendo a obra de Deus, nestes, coisas, também que são **más**, mas em vez de estarmos, (euh) a maldizer vamos bendizendo e vemos, vemos a obra e a mão de Deus nessas situações(\*) E, e pelo para mim, a, a oração passa a ser, uma, uma necessidade muito **forte**, porque necessitamos realmente de ter essa **força**(.) (euh) Às vezes temos

de enfrentar situações muito críticas, e é a minha preparação, assim como alguém que caminha, fazer cem metros em x segundos, tem que treinar bastante(.) Nós não vamos fazer metros, vamos fazer uma caminhada de **vida inteira**, para conseguir fazê-la, realmente, com olhos de esperança, é preciso ter este encontro(\*) Um encontro que pode ser, às vezes mais rápido, às vezes não tão longo quanto a gente queria, mas um encontro com Deus, na oração, porque é nela que a pessoa realmente treina para a caminhada(\*) Põe os seus ténis, põe a sua mochila e toca a andar, porque uma coisa que também ouvi muitas vezes, ir por exemplo, daqui a Santiago, não é nada comparado com a caminhada interior que nós temos que fazer(\*) Essa caminhada interior, por mais que façamos, se calhar nunca vamos descobrir-nos a nós próprios(.) E (...) até na oração, (euh) já começo a tentar ver, realmente, conhecer-me também a mim própria à luz de Deus, porque às vezes nós não nos conhecemos a nós próprios(\*) E até nesses momentos íntimos, (euh) temos essa oportunidade de Deus falar-nos quem nós somos, quem é que nós poderemos ser, porque acredito que as coisas não estão feitas(.) Não me venham dizer que eu sou assim, sempre fui assim(.) Não, as pessoas se querem, podem **mudar**, e isso for pelo melhor, de certeza que Deus dará essa oportunidade para mudar(.) Nunca é fácil, é por isso que é importante uma caminhada interior, é preciso estes momentos de **oração**, para conhecer(.) A intercessão é a mesma coisa, só que a pedir para outros(.) Nós temos um grupo de intercessão no Renovamento e eu acredito muito nesse grupo de intercessão, porque euh, temos lá senhoras maravilhosas, sete, entre sete a nove, e que estão reunidas **todos** os domingos, têm os pedidos das pessoas, e (...) como mulheres de Fé, calhou não haver homens, olha, **é os tempos que correm** [risos](.) Temos ali sete ou nove pessoas que, estão, todos, todas as semanas a interceder por mil e um pedidos. Pelos padres, pelos sacerdotes, pelos pedidos dessas pessoas, porque, (euh) é preciso é acreditar, é preciso é ter Fé, realmente na oração Deus

atende (\*) Ele pode não fazer como nós desejamos, mas dá a solução para fazer de outra maneira, e isso é preciso realmente, na oração, e acreditar **muito**, porque acho que é importante pedir a Fé todos os dias, Senhor, aumenta a minha Fé.(.)

11. Que papel tem o Padre/Pastor na sua vida Cristã?

R11 – O sacerdote, o, o padre, é ao fim e ao cabo, o nosso pastor(.) Ele está aqui para, para realmente orientar as ovelhas, tosquiá-las quando é necessário [risos], ir atrás de alguma, ah, por acaso não, pronto, não é daquelas situações que cá se fazem mais, mas é apenas o pastor que está para orientar, para dinamizar, para ensinar as suas ovelhas o caminho(.) E acho que é, é na missa é o próprio Jesus Cristo aqui presente, e é isso que eu tenho que acreditar, e também tenho que acreditar que são pessoas(\*) Apesar de, do, do sacerdócio, também daquilo que lhe foi investido, também são pessoas, devem ter as suas necessidades, devem ter os seus cansaços, devem ter os seus desânimos, devem ter os seus momentos de solidão(.) Por isso também acho que, como ovelha, tenho que aprender a ter maior empatia, calçar as sandálias dos outros, do outro, neste caso, porque de certeza que eles também devem passar por momentos difíceis, e que não têm, se calhar, um pai ou uma mãe, ou um primo, se calhar, para lhes dar esse apoio(\*) Mas, ao fim e ao cabo, eles estão aqui para fazer uma tarefa que Deus lhe enviou, que é orientar as suas ovelhas(\*) Por isso eles têm um papel **fundamental** no aconselhamento, realmente aqueles que estão, têm um Carisma importante, para serem, (euh) directores espirituais de certas pessoas, porque encaminham realmente a pessoa, conhecendo a pessoa de base, para um caminho certo, para um caminho de, recto, de projecto de Deus, e não de altos e baixos(.) Eles realmente têm essa capacidade, alguns têm essa paciência, e sem eles na **reconciliação** nunca seríamos perdoados dos nossos

pecados. Deus, ama-nos, ama-nos tanto que temos um padre **que** em nome de Deus, perdoa os nossos pecados, na reconciliação (.) Temos um padre que na Eucaristia, **faz** uma coisa que aprendemos este, este ano, que é o ano da Eucaristia, amnese, que é regressar quando Deus estava com os seus discípulos, a dar o pão(\*) Ele, ali presente, **ele** representa Jesus Cristo, e é nisso que eu tenho que acreditar, e penso que até esta, este trabalho que está a ser feito, está-me a ver, (euh) a obrigar-me a reflectir que também tenho que compreender e ter esta empatia(\*) Porque, o mal de hoje em dia, é nunca conseguirmos compreender o outro lado(.) É sempre a nossa opinião que a gente pensa, acho que também como pastores que aqui estão e como tarefa que eles têm, é um desafio [suspiro], tentar calçar as sandálias dos outros(.)

12.Cristo pode considerar-se como o centro da sua vida?

R12 – **Pode** (.) Pode (...) porque, novamente como eu disse atrás, este é o ano da Eucaristia, começou em Outubro de 2004, vai agora até Outubro deste ano, e algo que aprendi é colocar Cristo no centro da vida, pois é Nele, é Nele que nós vamos, (euh) encontrar a nossa orientação, e é esse o desafio que Ele, que Ele nos dá(\*) É nós sermos à imagem Dele(\*) Eu às vezes vejo Ele como um grande mano, que além de levar os problemas que nós temos ao Pai, **deu** um **modo** de vida que transmite, transmite muitas coisas(.) Transmite mansidão, ou seja sabermos aceitar, transmite **força**, porque não é todos os dias que alguém chega a um templo e **saca o chicote** atrás da malta [risos](.) Transmite, (euh) um desafio, que é realmente escutar a voz de Deus. E (...) e esse é o desafio que a Igreja, (euh) no tempo que nós estamos, (euh) põe no nosso caminho (\*) É acreditarmos Nele e pormos Ele como centro (\*) É termos a capacidade, numa situação, o que é Cristo faria se estivesse aqui(?) E isso, às vezes, nós esquecemos, é mais, oh pá,

eu vou mas é **fugir** e não ligo(\*) Mas é o desafio realmente, nas situações da vida nós pensarmos se Cristo aqui estivesse como é que Ele faria, porque acho que Alguém que deixou-se, ser crucificado e dois mil anos, há os frutos que **há**, é porque tem, é algo bonito e forte para transmitir, e que é, não é obra nossa, mas obra de Deus(.)

13.A assistência aos Cultos e participação nas demais actividades da Igreja, como Grupos de Estudo, Retiros, etc. são para si importantes?

R13 – São, porque a Igreja, euh, tem mesmo o **dever** de formar todos os seus baptizados(.) E, como dever, tem que dar os meios, e esses meios, realmente, a Eucaristia, os Sacramentos também, é os Retiros organizados pelos próprios grupos(.) São momentos de **pausa** que são importantes para a pessoa parar e fazer uma pausa, e saber o que quer fazer da vida, fazer uma retrospectiva daquilo que passou, para depois, como é muito usado em sistemas de gestão de qualidade, fazer uma melhoria na sua vida(.) (euh) Isto está tudo sempre em movimento, nós somos cada vez mais bombardeados com informação(\*) Os tempos estão, (euh) pelo menos eu sinto uma grande velocidade, quer a nível da tecnologia, quer a nível da economia, quer a nível de situações laborais, quer a nível da educação, que mudam(\*) Não é a mesma coisa do ano passado, não é a mesma que deste ano, por isso nós precisamos realmente de ter meios, para não nos perdermos neste mundo(.) Porque senão temos estas orientações, estas **belas** bóias, se calhar andamos aqui um bocadinho para o perdidos, e acho que não é isso, que se quer(\*) Quer-se pessoas que saibam o seu caminho, **e que não é fácil**, ninguém nos diz que vamos ter solução, é este o caminho, temos que andar às apalpadelas, mas pelo menos com estes meios torna-se um pouco mais fácil acendermos um pouco a luz para encontrarmos o caminho, senão(\*) Por isso eu confio muito nos

retiros, que são muito importantes, até para os grupos, fazerem, (euh) assim uma caminhada interior, quer no Sacramento como uma coisa, tão, tão bela como a Eucaristia(.)

14.Como se definiria a si próprio e aos demais membros da Congregação enquanto membros da Igreja?

R14 – Pedras vivas(.) Isto para dizer que, (euh) é considerado, a Igreja não é só (euh) o edifício(.) O desafio que a Igreja nos dá é sermos pedras vivas(\*) Ou seja, saindo aquelas portas, continuarmos o trabalho de Evangelização, assim como termina a Eucaristia, Ide, ide em Missão(!) Por isso nós realmente somos as pedras da Igreja, as pedras vivas para estarmos também como comunidade e como, (euh) pequenas brasas para incendiar nas pessoas este Espírito de amor que Deus enviou(.)

15.O que entende por Igreja?

R15 – O que entendo por Igreja (?) Eu acho que falei na outra de lá de cima [risos] mas, a Igreja é constituída pelas pessoas, que são as pedras vivas, da, da mesma(.) É o fruto, a seguir, à, à morte de Cristo que Deus também nos en(/)indicou pelo Espírito Santo quem é que constitui a Igreja(.) A Igreja é a esposa de Cristo, Cristo é a cabeça, e nela está centrado todo o papel de Cristo, e nós como membros dessa Igreja, fazemos ela viver, fora das quatro paredes(.)

16.Poderia recomendar-me algumas obras que para si sejam de referência, quanto aos assuntos mencionados na entrevista?

R16 – Uma obra(?) [Pode ser uma, podem ser as que quiseres] Acho que uma das melhores obras que agora tivemos, é uma obra feita há oitenta e quatro anos atrás, que é o Papa(.) Porque acho que ele, foi também um testemunho de seguir o projecto de Deus, e há obras materiais, acho que o humano também é uma boa obra(.) Depois também temos aquelas obras, a nível de, feitas por Madre Teresa de Calcutá, e, e até na própria comunidade existe o grupo de partilha e vida, que é para ajuda daqueles que mais necessitam(\*) Que é esse ao fim e ao cabo, o desafio que a Igreja nos dá, de irmos ao encontro daqueles que necessitam(.) Por isso eu acho que estas três obras revelam sempre, (euh) um fruto, um Espírito do amor, uma, uma pedra viva, porque se as pessoas não se mexem(.) Nós também, em Lisboa, temos o grupo, (euh) comunidade vida e paz, que faz um percurso por Lisboa, entre os sem abrigo, **com** os sem abrigo, dois percursos diferentes, um indo para a zona do aeroporto, outro indo para a zona de Stª Apolónia(\*) Isto também é tudo fruto, da, de uma caminhada, fruto da, de os homens quererem-se mexer, e isso revela dinamismo(\*) Ou seja não é algo que fique escondido, é algo que é mostrado, algo que é feito, é algo que é posto a andar(.) [ Se pudesses escolher alguma literatura, algumas obras de leitura que te tivessem influenciado no teu percurso, que sugestões é que darias?]

Eu li um, dum psicoterapeuta Francês que é “Jesus, Mestre do Amor” em que é vista a abordagem a nível de psicologia, de como Jesus era, era considerado diferente das outras pessoas, a nível da história, um, diferente dum Hitler, diferente de, diferente de vários personagens, [suspiro] especialmente no momento, (euh) em que Ele estava de, desde o Jardim do Getsemani até ser crucificado (.) E mostra-nos a capacidade e a força que Ele tem(\*) Esse livro, por acaso, marcou-me bastante, está uma abordagem muito interessante(\*) Outros que me tenham influenciado também, não tenho dado assim tanta

dedicação como gostaria, que é um livro que foi feito, (euh) Concilio do Vaticano II, que é assim um calhamaço, mas que diz-nos, (euh) frases importantes também a nível de, que eu sou, o que é que é ser leigo, a nível de, de, da Eucaristia, tem lá frases importantes que se calhar até para uma catequese de adultos(.) Nunca me foi apresentado, só me foi apresentado há uns anos atrás, (euh) e que é importante(.) (euh) Outro..., acho que estes dois, pronto, e a Bíblia que é o que, que é o que **vale**(.) [suspiro] Também acho que é, acredito cada vez mais que é a Palavra Viva, não é algo que possa-se ver no sentido, olha, isto antigamente era assim, eles antigamente faziam isto, mas não(\*) Se (...) acontecesse comigo como é que eu faria nos tempos de hoje, porque tudo o que está lá pode ser perfeitamente, Deus pôs para os tempos de hoje, e indica realmente como é que Deus quer que a gente aja(.) É uma Palavra Viva, que uma coisa completamente diferente dum livro de histórias, ou de uma filosofia de vida(\*) Aqui é mesmo para pô-la em prática, não é eu acho que isto deveria ser assim, é sente-se e **faz-se**, por isso é que é mesmo considerada uma Palavra Viva(.)

RC4 – Maria Albertina Costa Reis

1. Acha que existe a possessão, se sim qual a maneira de lidar com ela?

R1 – Eu, eu creio sinceramente que existe a possessão(.) E a maneira de lidar com ela, é precisamente procurar um exorcista, para dar, pronto, para dar um, como que hei-de dizer, para se solucionar um caso desses, que **muitas** vezes é muito grave(.)

2. O que entende por seitas, poderá dar-me exemplos de idolatria?

R2 – Eu assim por seitas, olhe, (euh) que é que eu, (euh) como é que se chama este, ai que eu não me lembro agora, que disparate(\*) Seitas são, **são** pessoas, eu não me lembro desta, desta religião que andam ai de porta em porta, como se chama(?) Testemunhas de Jeová(\*) E que eu acho uma estupidez tremenda(.) Eles deixam, são capazes de deixar morrer uma pessoa, para **não** receber uma transfusão de sangue(\*) Eu acho isso, um, uma estupidez, pôr-se em risco a vida de uma pessoa, porque eles **pensam** de uma foram que para mim é errada(.)

3. Porque meios é que uma pessoa chega à Salvação, para esta o Baptismo é essencial?

R3 – Ai para mim é. O baptismo é essencial para a salvação(\*) E, e os meios para a salvação, para mim é seguir a Cristo(\*) Se(/)Seguir **totalmente** a, a sua **doutrina**.

4. Acha que o mundo é um lugar ameaçador para Crentes e Não-Crentes, estes últimos encontram-se perdidos no “mundo”?

R4 – Em muitos, em muitas partes do mundo, eles encontram-se perdidos, realmente. Com muita **perseguição**, perseguição até à **morte**, em muitos pontos do mundo(.) (euh) Especialmente nos países ditos comunistas, com essa ideologia, (euh) que afinal de conta não sabem respeitar, o, o que os outros pensam(.) E, (...) e o mundo, nós muitas vezes nos sentimos ameaçados, sim(\*) É pela **falta** de respeito pela natureza(.)

5. O que entende por Espírito Santo, podia enunciar-me alguns dos seus Dons/Carismas, acha que estes continuam vivos e actuates?

R5 – **Muito** vivos e actuates(.) E o Espírito Santo é quem nos inspira, numa forma muito concreta, (euh) todo o bem, que, que possa surgir, no nosso espírito, na nossa alma, é a **luz** de Deus(\*) O Espírito Santo, para mim, é a Luz de Deus. [E quanto aos Carismas? Poder-me-ia enunciar alguns Carismas que o Espírito santo dê às pessoas?] Ai dá (\*) **Dá**, os Dons da Sabedoria, do Discernimento, euh, da Profecia, **até** da Cura(.) O Espírito Santo dá o Dom da Cura e muitos outros, não, pronto agora assim de repente não me lembro, mas há **muitos outros, Dons**. De, de, da Visão(.)

6. (Exclusiva para o Renovamento Carismático) Que papel tem no Renovamento Carismático a Devoção Mariana?

R6 – Tem um papel muito **grande**(\*) **Eu penso** que Maria nos ajuda muito a levar a Cristo(.) Foi ela que trouxe o nosso Salvador no seu ventre(.) (euh) A devoção Mariana,

eu acho uma coisa **essencial**, porque ela foi o primeiro **Sacrário** do mundo(\*) Foi ela que trouxe o Nosso Salvador consigo e que, e que No-lo deu(.) É essencial, a Devoção Mariana, para um Carismático(.)

7. Na sua opinião vícios como o álcool e as drogas, ou doenças de várias ordens podem ser provocadas pelo pecado tendo origem satânica?

R7 – Eu **creio** que podem ter origem satânica, sim(.) Levar uma **alma** a determinados **vícios** pode ter origem satânica, em absoluto(.)

8. No caso de ter respondido sim à última pergunta, que lugar têm a imposição de mãos, o exorcismo e outros métodos que queira referir para solucionar tais casos?

R8 – Têm validade, têm, porque **invocam** o Espírito Santo que venha sobre essas pessoas(\*) **Mas** também não são, ou **não é** qualquer pessoa que pode exercer uma coisa dessas(\*) **De maneira nenhuma**, tem que ser uma alma **multíssimo** bem formada, para que tenha **poder** sobre as forças do mal(.) Com, evidentemente, com o grande **auxílio** que é, é Ele que, que produz, o Divino Espírito Santo, que venha descer sobre essas almas e então as possa **curar**, de muita coisa, de muito vício. Inclusive de **muita** doença(.)

9. Como definiria o lugar da Fé face à Ciência?

R9 – Aí não sei bem, porque(\*) **há** cientistas com **Fé**, e há cientistas que negam a Fé(.) E, para **mim**, essencialmente, a **Fé** é a **Fé**, e que muitas vezes não se pode explicar(.) É

uma coisa **inexplicável**(.) Não sei se, se a resposta seria esta, mas eu não, não, não, não sei dizer de outra maneira(.)

10.Qual o papel da Oração e da Intercessão na vida do Crente?

R10 – Têm um papel muito **grande**(\*) **Um crente não pode viver sem oração**(.) E **deve** ter uma oração de intercessão(\*) Porque nós, quando temos uma oração de intercessão, nós estamos a **lembrarmo-nos** dos nossos irmãos, daqueles que necessitam de **auxílio**, daqueles que necessitam, a, (euh) que Deus venha sobre eles, sob o aspecto **espiritual, material ou, ou físico**(.)

11.Que papel tem o Padre/Pastor na sua vida Cristã?

R11 – **Tem um papel muito grande**(\*) **Muito grande**, porque um **padre** é a (...) a pessoa principal que evangeliza, muito embora **todo o leigo deva evangelizar**(\*) Mas o Padre, para **mim**, é aquele que representa Cristo na terra(.) E nós quando, por exemplo, nos confessamos, nós ali já não estamos a ver o homem, mas estamos a ver **Cristo**, junto do, do sacerdote, e portanto e é em nome de Cristo que ele dá a absolvição, é em nome de Cristo que ele nos diz, **vai em paz**(!) E não peques mais(\*) Portanto, a, a vida de um padre é **essencial** para o prolongamento da **Fé** e da religião, no mundo(.)

12.Cristo pode considerar-se como o centro da sua vida?

R12 – **Absolutamente, em absoluto**(.) Eu não **sabia** viver sem Cristo no meu coração(.) **De maneira nenhuma**, porque para mim **amar** Cristo, **amar** Deus, **é toda** a riqueza que eu posso ter na minha vida(.) A maior riqueza que eu tenho na minha vida(.)

13.A assistência aos Cultos e participação nas demais actividades da Igreja, como Grupos de Estudo, Retiros, etc. são para si importantes?

R13 – **Muito importantes**(.) Fazem-nos, euh, **meditar**, temos ensinamentos extraordinários, que nos edificam imenso, que nos **ajudam** a caminhar para Cristo(\*) Isso é uma coisa, de, de, de uma **importância muito grande** para um crente(.)

14.Como se definiria a si próprio e aos demais membros da Congregação enquanto membros da Igreja?

R14 – **Filhos** de Deus que têm por **obrigação**, não só dizer que amam o **Senhor**, mas através das **suas** vidas, demonstrarem que O amam **mesmo**. Porque não é aquele que diz, Senhor, Senhor, que ama, que **O ama**, mas sim aquele que faz a vontade do Pai(.) E através das suas vidas, eles têm que dar testemunho daquilo que dizem ser(.)

15.O que entende por Igreja?

R15 – Igreja somos todos nós(.) A Igreja, **casa** de Deus, mas Igreja, Igreja, somos **todos nós**, cristãos(.)

16. Poderia recomendar-me algumas obras que para si sejam de referência, quanto aos assuntos mencionados na entrevista?

R16 – A Bíblia, sempre que posso leio a Bíblia(.) É pena que hoje os meus olhos não me permitirem muita leitura, e, e digo, tenho **muita** pena, (euh) de quando podia ler não ter lido mais a Bíblia(\*) Porque é uma fonte de riqueza **extraordinária** que nós temos. É a palavra de Deus, que a temos que viver, dia a dia.(.)

PE1 – Pastor Isaac Pericão

1. Acha que existe a possessão, se sim qual a maneira de lidar com ela?

R1 – Sim, acho que sim(.) De facto como seres humanos todos nós sabemos o que é a possessão, o que é possuir algo, um terreno, um carro enfim...E creio que a forma mais simplista se é que podemos...porque em si é uma questão complicada, complexa...mas creio que de uma forma simplista poderia dizer que a forma mais simples de lidar com a possessão será o desprendimento completo(.) É porque regra geral quando tentamos agarrarmo-nos a uma coisa ou a determinada realidade muito o que acontece é que acabamos por perder, normalmente acontece com pessoas acontece com coisas(.) Quando pessoas vivem por exemplo para uma carreira o que acontece é que regra geral, anos mais tarde acabam por vir a perder a carreira, vítimas de um acidente qualquer de percurso(.) Então eu penso que devemos lidar com as coisas de uma forma o mais desprendido possível de forma a lidarmos com isso de uma forma boa, aceitável(.)

2. O que entende por seitas, poderá dar-me exemplos de idolatria?

R2 – Sim, uma seita é...tudo aquilo que eu entendo por seita é tudo aquilo que esteja fora do ensino e da doutrina legada por Jesus Cristo...Isso é para mim uma seita(.) Há diversas formas de idolatria...dizia e ah e outro(.) E há várias formas de idolatria, idolatria ao dinheiro, idolatria à família, idolatria a uma carreira como já falei, e há diversas, tudo aquilo que acaba por se tornar, muitas vezes, uma obsessão na vida da pessoa é de certa forma uma idolatria(.)

3. Porque meios é que uma pessoa chega à Salvação, para esta o Baptismo é essencial?

R3 – Sim, a pessoa...o Baptismo, Jesus Cristo ensinou que quem Cresce e fosse baptizado, Seria salvo, mas...sobretudo a forma única que nós conhecemos da pessoa chegar à Salvação, a forma única..que eu conheço é aquela que fala as escrituras que é o que Jesus disse...(\*) “ Eu sou o Caminho, A Verdade e a Vida e ninguém vem ao Pai, senão por Mim” e então o que a pessoa precisa fazer é convidar Jesus para que...que tome conta da sua vida, e a partir daí a pessoa torna-se um filho de Deus(.)

4. Acha que o mundo é um lugar ameaçador para Crentes e Não-Crentes, estes últimos encontram-se perdidos no “mundo”?

R4 – Sim, ah...acho que o mundo... tornou-se num lugar ameaçador de forma geral, para todos(.) Para Crentes e não-crentes, sobretudo eu, eu não cons(/)não tenho uma visão de que a Igreja deve esconder-se num habitáculo, que a Igreja deve isolar-se do resto do mundo, porque fazemos parte desta sociedade, quer queiramos quer não, e o que eu penso que deve acontecer e precisa acontecer, e que juntos Crentes, não-crentes precisamos ah dar as mãos no sentido de que, ah no sentido de acreditar que é possível mudar o mundo e é possível mudar o estado das coisas, ah(.) Portanto o que eu acho é que Deus tem uma visão particular para este mundo que é ameaçador, enfim por causa da delinquência, por causa da droga, uma série de factores, a desagregação das famílias...então eu penso que o mundo está perigosamente...está perigoso nos dias de hoje, mas ainda assim creio que há uma solução, e a solução é Jesus(.)

5.O que entende por Espírito Santo, podia enunciar-me alguns dos seus Dons/Carismas, acha que estes continuam vivos e actuantes?

R5 – Sim, obviamente o Espírito Santo é, é ah, digamos que é o braço movimentador de Deus(.) É a força que faz Deus agir(.) Ou digamos, por outro lado, que age em função de Deus(.) Ah, hum...Há vários dons do Espírito Santo, o dom da alegria, o dom de milagres, o dom de...ah o dom do enchimento do poder, há muitos dons de facto do Espírito Santo, ah O Espírito Santo é... digamos que é a presença de Deus que vive em nós, ah colocando assim de uma forma mais acessível para toda a gente puder, puder perceber(.)

6.(Exclusiva para o Renovamento Carismático) Que papel tem no Renovamento Carismático a Devoção Mariana?

7.Na sua opinião vícios como o álcool e as drogas, ou doenças de várias ordens [físicas ou psíquicas] podem ser provocadas pelo pecado tendo origem satânica?

R7 – Sim, sim creio que sim(\*) De facto as Escrituras nos mostram isso(.) Ah, ah, David diz no Salmo que enquanto o meu pecado estava em...enquanto o meu pecado estava em mim, ou enquanto eu ocultei o meu pecado, ah, ah os meus ossos ah se apodreceram(.) O que de facto nos leva a crer, ah...que talvez David tivesse sofrido algum tipo de doença óssea pelo facto de viver uma vida de pecado em determinada altura(\*) Então sabemos que o pecado, por exemplo, ah vamos ver um exemplo mais claro, por exemplo sabemos ah que uma pessoa que vive uma vida em ódios, com rancores, com amarguras, regra geral acaba por ser uma pessoa que vive ansiosa, que

vive, por exemplo vem a ter problemas de, de...problemas gástricos, enfim uma série de outros, de outras situações, problemas nervosos por causa daquilo que é uma coisa contrária à ordenança que Jesus nos deixou, que foi andar em amor(.)

8.No caso de ter respondido sim à última pergunta, que lugar têm a imposição de mãos, o exorcismo e outros métodos que queira referir para solucionar tais casos?

R8 – Bem, a imposição de mãos ah tem uma importância vital no Corpo de Cristo, quanto mais não seja ah ...aqui há uns tempos li um estudo curioso ah numa revista americana, que dizia que ah quando impomos as mãos sobre alguém, naturalmente, mesmo sem estar a ministrar algum tipo de ministração espiritual, o que acontece é que **transferimos** para a pessoa 30 por cento de energia(.) Então o que é de facto uma, uma, uma componente curiosa, ah e de facto ah, ah, eu acho que, que, que a imposição de mãos tem importância, quanto mais não seja pelo efeito placebo que acaba muitas vezes por desempenhar, não é(?) Muitas vezes sabemos que a pessoa precisa apenas de um, de um ponto de contacto para a sua Fé e muitas vezes a imposição de mãos é isso que faz, então tem uma importância vital no Corpo de Cristo(.)

9.Como definiria o lugar da Fé face à Ciência?

R9 – Penso que uma coisa não pode viver sem a outra(\*) Ou seja, ao contrário de muitas pessoas que pensam que a ciência é o oposto da Fé, eu defendo que a ciência é o complemento, deve ser o complemento da Fé(.) E vemos que ah, nos dias de hoje, ah, ah, ah ...os, os historiadores estão a comprovar ah, através de dados históricos aquilo que de facto a Bíblia sempre nos disse(\*) Então, ah, ah, penso que a ciência pode e deve

ser um complemento da Fé, não pode ser vista assim como uma coisa, ah, como uma coisa abstracta, mas tem que ser vista como uma coisa, ah, inclusora da Fé(.) Vemos que de facto, ah, por exemplo quando Jesus nasceu, ah, quem o visitou foram os cientistas de então, os magos, aqueles que eram entendidos nas ciências dos tempos, ah, na, na, na ciência, ah, das, das coisas(\*) Então a ciência pode e **deve** andar de braço dado com, com, com, digamos, com a espiritualidade(.)

10.Qual o papel da Oração e da Intercessão na vida do Crente?

R10 – Ah...A oração, ah, ah ,ah ...desempenha um papel **fundamental**, ah, ah, para come(/), ah, primeiramente porque é a nossa, ah, o nosso veiculo de comunicação com Deus(.) A intercessão a mesma coisa, ah, é o nosso veículo, ah, ah...digamos que é ah, ah, o nós estarmos diante de Deus em favor de alguém(\*) Então são duas coisas importantíssimas, sem a qual o Crente não pode, ah, ah, não pode, não pode viver, porque a oração é o que abre caminho e a intercessão é o que faz mover Deus em favor de(.) Então são duas, são duas realidades, apesar de distintas, que precisam andar de braço dado com o Cristão(.)

11.Que papel tem o Padre/Pastor na sua vida Cristã?

R11 – Ah, o pastor tem um papel, ah, importantíssimo, ah se falarmos do pastor que preside sobre mim, ah, ah, de facto ah, tem o papel de ser um exemplo, de ser uma referência, de ser alguém, que, que, que nos dirige, ah, em tempos não só de, de, aflição mas também em tempos de conquista, ah porque muitas vezes temos de aprender a fazer aquilo que, ah, ah, que Jesus nos disse: Chorar com aqueles que choram e rir com

aqueles que riem, e o que eu tenho percebido ultimamente é que é mais difícil ao ser humano, ah, alegrar-se com as conquistas dos outros, ou seja rir com aqueles que riem, do que chorar com aqueles que choram(.) É muito mais fácil nós apiedarmo-nos de alguém, ah, que perdeu tudo, ou apiedarmo-nos de alguém que está na valeta, do que muitas vezes festejarmos o sucesso de alguém que muitas vezes o sucesso da pessoa acaba por ser até, ah, ah, incomparavelmente maior do que o nosso, e, e o ser humano tem essa dificuldade, lidar com o sucesso dos outros(.) Então de facto, o Pastor tem essa componente, de poder, poder nos ajudar, não só nos momentos difíceis mas também estar connosco celebrando as conquistas(\*) No meu caso, como Pastor, esforço-me por ser também um exemplo, e esforço-me para que também aqueles, que, que, de alguma forma, ah, ah, nos têm como referencia, ah, possam achar em nós um porto de refúgio e de abrigo, em tempos, em tempos de dificuldade, mas também, ah, ah espero que achem em nós um porto de ah, de...como direi, um lugar de, um patamar de conquista para que no tempo da sua alegria, nos possamos também celebrar com essas pessoas(.)

12.Cristo pode considerar-se como o centro da sua vida?

R12 – Sim, **sem dúvida(!)** Sim, sem dúvida(.)

13.A assistência aos Cultos e participação nas demais actividades da Igreja, como Grupos de Estudo, Retiros, etc. são para si importantes?

R13 – Sim , são de extrema importância, porque é ali que nós temos a oportunidade, ah, de, de trocar experiências e de uma forma mais, ah, digamos mais equilibrada, poder, ah, poder tocar aquilo que é a nossa realidade como cristãos, ah visto que numa reunião

isso não é possível, porque, enfim, o Pastor dá um ensino e o povo, ou, ou digamos a audiência, o público recebe, então, ah há uma interação muito menor(.)

14. Como se definiria a si próprio e aos demais membros da Congregação enquanto membros da Igreja?

R14 – Ah, definir-me-ia como alguém que, ah, gosta de ah, eh, de novos desafios(.) Ah, definiria a Igreja como ah, ah, o, o Corpo de Cristo que, que, que se esforça por ser, ah, por ser semelhante ao seu Mestre(.)

15. O que entende por Igreja?

R15 – Igreja, (euh) entendo que somos todos nós(\*) É o Tabernáculo, a Habitação de Deus, somos nós, quando nós nos reunimos aí temos Igreja(.) Igreja não é o edifício, mas sim a pessoa onde Jesus, euh, decidiu e escolheu habitar(.)

16. Poderia recomendar-me algumas obras que para si sejam de referência, quanto aos assuntos mencionados na entrevista?

R16 – Sim, **com certeza**(.) (euh) “Nas as...Asas da Graça”, um livro muito bom, do Pastor (euh) (euh) Max Lucato, perdão John Bever, (euh) (euh) um livro (euh), também muito bom, que diz, (euh) que o título é “Acende uma Luz” do pastor Marcos Wheat, (euh) e são de facto estas referências que eu, que eu tenho(.) São dois livros muito bons, e, e (euh), também um livro da, de Rebecca Brown, que diz “Ele veio para libertar os cativos”, então são três livros de grande importância, para a vida do cristão(.)

1. Acha que existe a possessão, se sim qual a maneira de lidar com ela?

R1 – Possessão demoníaca, certo(?) [Aquele que entender] **Sim, sem dúvida** que já fui confrontado eu, e também muitos casos com que eu me relaciono a nível de ministério, (euh), identificam pessoas com determinado nível de possessão(.) Neste caso possessão demoníaca(.) São pessoas comuns que algures na sua vida, (euh) acabaram por criar pontos de entrada, **brechas**, que deram origem a este, a esta possessão, a este ...digamos ocupar por demónios(\*) Geralmente tem a ver com acções da carne, pecados ocultos que não são lidados, tem a ver também com traumas de infância, com, com situações do contexto familiar, muitas vezes passam de geração para geração e que acompanham o indivíduo no seu percurso(\*) São espíritos, não de origem, do lado de Deus, mas espíritos de trevas que tem de se expressar através de um corpo e então encontram muitas vezes mais facilidade em alguns tipos de pessoas, mais sensíveis, mais susceptíveis, com algumas **brechas** na vida e acabam por (\*) **possuí-los**(.) Então eu acredito que existe realmente a possessão demoníaca(.) Como lidar com ela(?) Primeiramente temos que trazer essa pessoa a uma convicção de que Deus tem um plano para a sua vida, de que Deus a ama, como pessoa humana, de que Deus deseja libertá-la totalmente, no seu espírito, na sua alma e no seu corpo, e de que Deus não deseja que eles seja escravo de um ser espiritual, duma entidade qualquer que a domine, que a conduza para onde ela não deseja(.) Depois de a levar a esse lugar, é importante também exercer autoridade em nome de Jesus, A Bíblia está repleta, no novo testamento, de relatos em que Jesus exerceu autoridade(.) Ele expulsava demónios, muitas vezes estes demónios estão associados a doenças, a moléstias, enfermidades

várias, e Jesus, ele expulsava esses demónios e depois trazia uma refrescante presença do Espírito Santo, na vida dessa pessoa, **agora liberta**(\*) Há o caso de um homem, chamado gadareno, que era duma zona, de gadara, que vivia pelos sepulcros e pelos desertos, hum(\*) Toda a gente o temia, porque ele era agressivo, tentavam acorrentá-lo, mas ele destruía as cadeias e as correntes(\*) Mas quando viu Jesus diz que correu para Ele, e se ajoelhou, reconhecendo a autoridade de Jesus(.) E diz que, A palavra de Deus diz que, ali expulsou esses demónios e esse homem ficou completamente diferente, no seu juízo normal(\*) Então, creio que esta é a forma indicada para, para lidar, embora cada caso seja um caso(.)

2.O que entende por seitas, poderá dar-me exemplos de idolatria?

R2 – (euh) Comummente seitas são definidas como organizações, (euh) humanas que reúnem pessoas dum determinado credo ou confissão, que não pertencem a uma maioria institucional(\*) Não é(?) Por exemplo, em Portugal, (euh) é aceite o catolicismo romano por tradição(.) Então tudo o resto seria uma seita(.) Infelizmente os protestantes, evangélicos, foram considerados durante décadas uma seita(\*) Então o termo seita, às vezes não é fácil de definir porque pode, na minha perspectiva, alguém ser seita, e essa pessoa pensar precisamente o oposto em relação a mim(.) Então às vezes é um pouco ambíguo, não (é?) No entanto tudo o que é seita...é realmente, tem, tem algumas coisas que podem caracterizar(.) Primeiro: Pensam que têm a verdade exclusiva(\*) Quase sempre todas as seitas, elas assumem-se como **únicas, absolutas e exclusivas**(\*)Têm grandes dificuldades em interagir com os outros, são muito isolados, e acreditam que eles são os únicos que têm a **salvação** e a **solução** para tudo(\*) Então, há que primeiramente se converter à própria seita, do que se converter geralmente ao objecto

dessa seita, que Seria Deus, não é(?) Então seita geralmente é isto(.) É uma confissão religiosa que se assume como única, exclusiva, e que quem quer entrar nela terá que assumir os seus códigos e os seus credos, e viver por isso(\*) Se não for assim será excomungado, são sectaristas, na maioria das vezes tem dificuldades em funcionar num campo mais aberto(.) (euh) A Igreja Evangélica, ela não é uma seita(\*) Ela é realmente a verdade de Deus, não é(?) Portanto creio que...qual é a segunda parte da pergunta(?) [A pergunta é: exemplos de idolatria] Exemplos de Idolatria, [Aqueles que...] (uhm) (uhm), a Bíblia nos ensina que tudo aquilo que tenta ocupar o lugar de Deus é idolatria(.) (euh) Deus, ele deseja ser o primeiro e o centro da nossa vida(\*) Tudo aquilo que ocupar esse espaço acaba por se tornar idolatria, o dinheiro pode ser idolatria, o trabalho excessivo, comer demais, beber, euh, o sexo feito numa forma ilícita, ou de uma forma que não seja no bem-estar do amor conjugal, pode-se tornar um deus na vida de uma pessoa(.) Mas existe uma idolatria que é, digamos, aceite de uma forma mais consensual pelos movimentos Pentecostais, que é a idolatria de imagens(.) Então, nós encontramos esses altares repletos de imagens, de pseudo santos, de pessoas que viveram nos nossos tempos, ou em tempos muito distantes, que de alguma forma são motivo de prece de algumas pessoas, que se aproximam desses altares, pedindo, (euh) rezando, fazendo promessas. Tudo isto é **abominável** e Idolatria(.)

3. Porque meios é que uma pessoa chega à Salvação, para esta o Baptismo é essencial?

**R3 – Só há um caminho para a Salvação, (euh) É Jesus Cristo(!)** A Fé pura e simples na obra que Ele realizou na cruz(\*) Nenhum outro caminho existe(!) Não obras, não dinheiro, não ser muito moralmente correcto, ou éticamente correcto(\*) Tudo isso são resultados, mas a Salvação é uma dádiva de Deus, é gratuita, foi uma oferta do Pai,

na pessoa do seu Filho(\*) Quem crer Nele, será Salvo(.) O batismo não é essencial para a Salvação(\*) Jesus falou com o homem que estava a seu lado na cruz, que tinha acabado de falar com Ele, e lhe disse, (euh):”Hoje estarás comigo no Paraíso”(\*)Esse homem não foi batizado, então o batismo nas águas é um resultado da Salvação, é uma expressão, é um testemunho público duma realidade interior, que significa a **morte** e a **Ressurreição**(\*) Morrer para uma velha vida, deixar o trato antigo, os rudimentos antigos, os hábitos, os vícios, uma vida com a tendência para o erro, para o pecado, e nascer para uma nova vida com Deus no centro(.) Não somos perfeitos, não somos, sei lá, super cristãos, super estrelas, super homens, mas somos pessoas simples, com uma Fé concreta em Deus, que, passo a passo, queremos estar mais perto do nosso alvo(.)

4.Acha que o mundo é um lugar ameaçador para Crentes e Não-Crentes, estes últimos encontram-se perdidos no “mundo”?

R4 – O mundo cada vez mais é um lugar ameaçador para todos os homens(\*) Claro que para quem tem Fé é mais fácil suplantar essas hostilidades, essas ameaças(.) O mundo caminha sem rumo(\*) Olhamos à nossa volta e verificamos que, desde quase o berço, as pessoas são confrontadas com o inexplicável(\*) Às vezes mesmo como o monstruoso, não é(?) O homem tem a capacidade do melhor e do pior dentro de si(\*) Então, sem dúvida, que o mundo é um lugar ameaçador(\*) Há insegurança, há crime, há dependências, há pornografia, há pedofilia, enfim. Há uma série de coisas neste mundo que nos ameaçam constantemente(.) Agora para o homem que tem Fé em Deus, que acredita em Algo, que tem uma base sólida, é mais fácil(\*) Acreditar numa justiça última, acreditar numa Redenção, acreditar que Deus tem uma Palavra, que está no controle, que está no Trono(.) Isso transfere-me serenidade e algum descanso, apesar

das lutas(.) Agora o homem que não tem Deus, o homem que não crê em nada, está perdido, está sozinho(\*) E daí que muitas vezes cometam ainda maiores atrocidades, porque parece que não há mais esperança, não há mais solução(.)

5.O que entende por Espírito Santo, podia enunciar-me alguns dos seus Dons/Carismas, acha que estes continuam vivos e actuantes?

R5 – Espírito Santo é uma pessoa(\*) Não é uma força activa de Deus, não é uma expressão de Deus, é uma pessoa(.) (euh,)Jesus falou acerca do Espírito Santo como Ele sendo uma pessoa(.) Crei(/) (euh) (euh) Tudo aquilo que define a identidade duma pessoa, sentir, pensar, tudo isso estava no Espírito Santo(\*) Então o Espírito santo é uma pessoa que faz parte de Deus, Deus Trino. Deus que é Pai, que é Filho, que é Espírito Santo(.) E os seus Dons estão activos hoje, porque enquanto houver Igreja haverá espírito Santo nela, e Ele se expressa na Igreja através de Dons(\*) (euh) O Dom de sabedoria, o Dom de conhecimento, o discernimento de espíritos, o Dom de maravilhas, de milagres, de Fé(\*) São Dons que são intrínsecos à vida da Igreja(.) Sem esses Dons a Igreja estaria morta na Liturgia, nos rituais, na tradição e seria humana, **apenas**(\*) Faltava-lhe o poder **sobrenatural**, o poder dinâmico do Espírito(.) Então o Espírito Santo é uma pessoa, está em cada um daqueles que crê, está colectivamente na Igreja e expressa-se através dos Dons(.)

6.(Exclusiva para o Renovamento Carismático) Que papel tem no Renovamento Carismático a Devoção Mariana?

7. Na sua opinião vícios como o álcool e as drogas, ou doenças de várias ordens podem ser provocadas pelo pecado tendo origem satânica?

R7 – **Sem dúvida que sim**(.) (euh) Todo o vício que domina o homem, que o escraviza, acaba por tornar o homem dominado pelo mal(\*) E muitos demónios, eles tentam produzir na pessoa a apetência para o vício(\*) Começa como um pequeno desejo, uma curiosidade, depois passa para, para uma obra da carne, e depois acaba por se tornar um vício(\*) E quando se torna um vício a pessoa é escrava desse mesmo vício(.) É escrava do senhor dos vícios, e esse senhor dos vícios é o diabo e a sua multidão de demónios(.) Então, realmente, enfermidades é o mesmo princípio(\*) Há muitas enfermidades que estão no homem que são de origem demoníaca, que estão lá mesmo para o levar à morte, para o levar a destruição(.) Jesus disse que o ladrão veio para roubar, matar e destruir(\*) Essa é a obra do diabo, é a obra de Satanás, ele está bem organizado no seu reino, para produzir isso entre os homens(\*) Mas Jesus veio dar vida e vida com abundância(\*) Então é possível suplantar isso, **pela Fé**(.)

8. No caso de ter respondido sim à última pergunta, que lugar têm a imposição de mãos, o exorcismo e outros métodos que queira referir para solucionar tais casos?

R8 – Jesus, (euh) muitas das vezes Ele curava os enfermos, impondo-lhes as mãos(\*) Então é uma doutrina, (euh) da Fé Cristã(.) A imposição das mãos sobre os enfermos era, era realmente algo que a Igreja do primeiro século praticava(.) As pessoas vinham com as suas dificuldades, com as suas opressões, e os homens de Deus impunham-lhes as mãos como ponto de contacto(.) Não há nenhum poder especial na **mão**, eu não tenho nenhum poder especial em mim como **homem**(.) Mas esse ponto de contacto, pela Fé,

fazia também com que a pessoa que precisa estimulasse a sua Fé, juntos podiam crer(.) Era como se fosse uma unidade, entre aquele que ajuda e aquele que é ajudado, e nesse ponto de contacto a Fé opera e a pessoa é liberta(\*) Então há lugar para imposição de mãos(.) Exorcismos, também há lugar para isso(\*) Exorcizar quer dizer expulsar, expelir(.) (euh) E então os demónios que estavam nas pessoas arruinavam as suas vidas e Jesus, Ele expulsava-os, não é(?) Foi acusado várias vezes de expulsar demónios pelo príncipe dos demónios, mas ele disse não, Eu expulso demónios pelo dedo de Deus(.) Então, ainda hoje se expulsam demónios(\*) Agora não podemos é cair no extremismo de pensar que todas as patologias do homem, (euh) algumas situações a nível psicológico, ou até mesmo mental, são de origem demoníaca(\*) Muitas também podem ser de origem física, e temos de saber conciliar isso(.) Qual é o lugar da ciência, o lugar da medicina, e, e deixar que realmente cada coisa ocupe o seu lugar, para não cairmos na, no fanatismo e no fundamentalismo, que quase sempre são inimigos da verdade(.)

9.Como definiria o lugar da Fé face à Ciência?

R9 – Eu acredito que a Fé não anula a ciência(.) (euh) Está acima dela(\*) A ciência é fundamental, os homens têm desenvolvido a sua técnica científica, tecnológica, (euh) médica e isso tem sido benéfico para a humanidade(\*) E, e estou certo que nenhum de nós irá querer viver sem isso(.) São progressos mundiais que o homem tem conseguido. Neste último século o homem evoluiu mais, em algumas esferas, do que em toda a sua existência. Não é(?) Pronto(.) Mas ainda assim a ciência, ela vai até onde consegue ir, e chega a um certo limite onde ela termina(.) **E aí a Fé não tem limites(\*)** A Fé avança por um terreno do impossível(\*) A Fé transporta-nos para um mundo **sobrenatural(\*)** A Fé vai muito além da ciência(\*) Acaba por complementá-la, ainda mais(\*) Porque

aonde o homem não consegue mais tem de haver algo superior, algo maior, algo mais transcendente, no qual eu creio, com o qual eu me identifico(.) E através dessa Fé, porque é o único meio de acesso a essa dimensão, eu posso usufruir desses benefícios, dessa **outra realidade**(.) Então, ciência e Fé não se anulam, elas complementam-se e uma sobrepuja bastante a outra(.)

10.Qual o papel da Oração e da Intercessão na vida do Crente?

R10 – A oração é a alma do crente(\*) É um ponto de contacto com Deus(\*) É a devoção no relacionamento. (euh) A oração é a simplicidade de um homem à procura do seu Deus, que fala daquilo que vai dentro de si, em sinceridade, sabendo que Deus também lhe responderá.(\*). Porque a premissa para partir para a oração é a confiança de que me **Ouve** e de que me **Atende**(\*) Não é uma reza, não é uma ladainha, não é a repetição **monótona** de alguma coisa, como se fosse uma fórmula, mas é uma conversa com Deus(.) É um desabafo perante Ele, é falar-lhe de mim e falar de quem Ele É para mim(\*) É expressar a minha confiança, é **Louvar e Adorar o meu Deus**(.) Então a oração tem um papel fundamental na vida cristã, na vida pessoal e na vida colectiva da Igreja(.) Sem ela a nossa vida de Fé **murcha**(.) (euh) A oração é como regar um jardim, tem que ser regado, tem que ser tratado, tem que ser capinado para que possa ser bonito, saudável(\*) Assim o homem de Fé tem que orar, não por uma obrigação, mas é um prazer poder estar na presença de Deus, falar com Ele, ouvir Dele(.) (euh) A nível da devoção da palavra de Deus, (euh). Ler a Bíblia é para nos edificar, **inspirar** (\*) É para nos fazer conhecer os caminhos que temos de prosseguir, é para nos dar princípios de vida(\*) Não creio no relacionamento com Deus como uma, uma base de regras que eu vou ter de cumprir como se fosse o código da estrada(\*) Mas sim princípios, princípios

de vida que me mantém seguro, que me mantém direccionado, naquilo que é o meu destino como pessoa(\*) Deus é um Deus de princípios, não de modelos e de regras(.)

11. Que papel tem o Padre/Pastor na sua vida Cristã?

R11 – O Pastor na...(euh). Reformule(!) [Ok, qual é o papel que acha que tem o Pastor na vida cristã, ou na sua, portanto, na sua vida cristã ou na vida cristã geral de um crente, tanto faz. Aqui o seu papel é duplo] Ok, então, (euh) **todo o rebanho precisa de um Pastor**(.) O papel de um Pastor é fundamental, não é(?) Pastor... Talvez possa falar de três palavras que o definem(\*) Primeiro é o pai, a palavra pai é muito importante(\*) Pastor tem este coração de pai.(\*) (euh) Está lá desde o principio, e acompanha até ao fim(\*) Há pastores que acompanham o crente todos os su(/), su(/) as suas etapas mais importantes, não é(?) Então é aquele pai, que está lá, que aconselha, que ama, que encoraja, isso é pai(.) Há o aspecto também de profeta, o pastor também é profeta porquê(?) Porque fala direcção, traz encorajamento e visão à vida do seu povo(.) Quando ele abre a sua boca ele faz com que horizontes se **rasguem**(.) (euh) Numa família, numa pessoa, num emprego, num ministério(.) Então este factor profético é muito importante(.) E depois é a própria palavra Pastor, que é aquele que apascenta, que cuida, que protege o rebanho, aquele que o conduz às águas mais puras, aquele que evita que os lobos assaltem o rebanho(.) Então um pastor é muito importante na vida **individual** de um crente, na vida **colectiva** da Igreja(\*) Ele está colocado por Deus como um anjo dessa Igreja, como o homem que tem a voz de Deus para aquele corpo, e é fundamental na sua vida(.)

12.Cristo pode considerar-se como o centro da sua vida?

R12 – **Sim, sem dúvida(\*) Da minha vida, Cristo é o centro.** Não é(?) Tenho uma vida que nasceu de novo, vou simplificar isto, ou seja havia uma velha realidade que me acompanhou durante anos, que de alguma maneira me conduziu a becos sem saída e a labirintos, e a lugares de desespero e **sofrimento(\*)** E quando me voltei para este mundo mais espiritual, quando aceitei Cristo na minha vida, quando reconheci Jesus como o meu Salvador e Senhor da minha vida, ele tornou-se o meu centro(.) Então toda a minha vida se expressa a partir deste centro, a partir deste meu ponto de equilíbrio(\*) Então Jesus é esta pedra de ângulo, esta pedra fundamental na minha vida, é o meu centro(\*) Então ele irradia vida para tudo o que é manifestação do meu ser, como marido, como pai, como filho, como pastor, como amigo, como homem, em toda a acepção da palavra(\*) Cristo está presente, não é(?) É o meu centro(\*) E a Sua vida, (euh) as Suas palavras, o Seu estilo, o Seu Amor, deve ser patente na minha vida, quando Ele é o centro(.)

13.A assistência aos Cultos e participação nas demais actividades da Igreja, como Grupos de Estudo, Retiros, etc. são para si importantes?

R13 – Muito importantes(\*) Fazem parte da **vida** de uma Igreja. Não é(?) Assistir aos cultos é importante porque quando o povo se congrega, com pessoas que são semelhantes a si, que crêem na mesma coisa, que, que olham para o mesmo lado, para o mesmo sentido, tudo isso lhes transfere confiança mútua, não é(?) Então este é o poder da colectividade, é corporativo(.) Depois existem outras expressões como falou(\*) Retiros, Estudos Bíblicos, passeios, espaços de mais lazer, tudo isso faz parte duma

família(\*) A Igreja é uma grande família, não é(?) É uma família de muitas pessoas, e as famílias elas gostam de fazer coisas em conjunto, de estar juntas, de ouvir a palavra juntas(\*) E isto faz com que amadureça, com que hajam raízes entre pessoas, com que hajam protecções mútuas e assim Ela **avança**, Ela se **estabelece**(.)

14. Como se definiria a si próprio e aos demais membros da Congregação enquanto membros da Igreja?

R14 – Ok, Eu me definiria realmente como um membro(\*) É realmente uma palavra importante(\*) Membro pressupõe realmente estar ligado a um corpo, que seja vivo(.) Então ser membro é estar posicionado no lugar certo, e fazer exactamente aquilo para que é a sua função, de existir, não é(?) Tenho cinco dedos numa mão e todos eles são diferentes e todos eles são imprescindíveis, se ficar lesado num deles, (euh) a mão vai sofrer algum detrimento e o resto do corpo também(.) Então todos os membros são fundamentais(.) Não são de alguma forma, euh, substituíveis facilmente, todos eles têm que ser protegidos, amados, encorajados, para que encontrem o seu espaço e funcionem(\*) Então, acredito que uma boa palavra para definir alguém que faz parte de uma Igreja é ter a convicção de que é membro, que está ligado, que está a funcionar juntamente **com**(.) E isso é importante, nós devemos ser esse corpo(.)

15. O que entende por Igreja?

R15 – Igreja é o conjunto de pessoas que fazem parte dum núcleo que crê em Deus, e que vive para O servir (\*) Então, Igreja é o lugar onde a vida **floresce**(\*) Onde as pessoas se juntam para ouvir de Deus e para serem transformados por aquilo que

ouvem(.) É também um lugar onde as pessoas recebem...convicções de missão. Para quem (?) Para ajudar outros, para partilharem daquilo que têm com o mais necessitado, com o mais marginalizado, para atingir, (euh) a vida das pessoas onde elas se encontram(.) Nos lares desfeitos, nos casos de toxicod dependência, entre os pobres, entre...os solitários, os idosos, as crianças, órfãos(.) Então a Igreja está no mundo para expressar o amor de Deus(.) Para ser um núcleo de homens e mulheres que são discípulos(\*) Jesus disse que a melhor forma de conhecerem um discípulo, é pelo amor que há em nós(.) Então a Igreja é isto, é a expressão de Deus na terra, que tem como base sólida um amor não fingido(\*) Um amor não espiritualizado, mas um amor prático, activo, de alguém que abraça, de alguém que escuta, de alguém que fala, de alguém que liberta também, não é(?) De alguém que liberta, das garras de, de uma vida que muitas vezes sufoca pessoas, destrói lares, acaba com a esperança(.) Então a Igreja está no mundo para isto, para **se dar**(.)

16.Poderia recomendar-me algumas obras que para si sejam de referência, quanto aos assuntos mencionados na entrevista?

R16 – Há muito boas obras que são, são de boas referências, mas vou deixar aqui **uma**, talvez seja importante para todo o crente ler(.) Chama-se “ Vivendo acima da mediocridade” de Charles Swindle(.) É, é um livro que nos desafia a sairmos daqueles voos rasteiros, das águas rasas, e a acreditar que há um potencial em nós, **maior** do que podemos imaginar(\*) Nos desafia a termos a visão de uma águia, a ter as asas de uma águia, a sonhar e a crer nos sonhos(.) (euh)A acreditar que Deus tem coisas que ainda nem sequer passaram pela nossa mente, preparadas para nós(\*) Então é um livro importante, é um livro prático, é um livro que nos desafia, que nos estimula a sair do

galinheiro, e a começarmos a ver os espaços onde habitam apenas as águias e a ter um coração de **valente**, de **guerreiro**, e... a reconstruirmos novamente os nossos sonhos, a levantarmo-nos de, de fracassos do passado, dos desapontamentos que já tivemos, e a acreditar que no amanhã, Deus tem coisas melhores, e que hoje é tempo de decidir viver na excelência.)

1. Acha que existe a possessão, se sim qual a maneira de lidar com ela?

R1 – Claro que **sim**, claro que acredito que existe a possessão. (euh) E tudo isto está numa forma como as pessoas abordam a, a possessão(.) (euh) Depende da formação que a própria pessoa tem, e isso vem, vai levar como a pessoa encara este tema que é a possessão(.) Uns en(/) encaram como espiritismo, euh, expulsão, várias rezas, práticas, uma série de coisas(\*) Mas a própria, a própria Bíblia nos mostra isso, e às vezes pensa-se que a bíblia é um livro, um livro (euh) ultrapassado(\*) Mas aquilo que a Bíblia mostra, hoje vê-se na vida das pessoas também(.) E, e existe, existe, existe a possessão, e eu acredito nisso(.) Só que...Refazendo a pergunta [Portanto a pergunta é: Acha, se acha que existe a possessão, e se sim qual a maneira, ou maneiras de lidar com ela?]  
Sim creio que existe a possessão e isso está, está no dia a dia(\*) E, e como Pastor de Igreja, (euh) (euh) são casos que, que acontecem frequentemente nas Igrejas(.) Talvez há ambientes que leva, (euh) a ser mais propício a essa manifestação da própria pessoa(.) Porque normalmente, até as vezes famílias que sabem disso tentam levar isso para uma forma, dizendo que, que é um problema, um distúrbio, alguma coisa, até se chegar à verdadeira realidade(.) E acabam por perceber que é algo espiritual, que não é algo simplesmente só de, da medicina, não estando a pôr em causa a medicina, nem médicos, nem nada disso(.) E, e claro que em relação a isso em que fala, no sentido de lidar, (euh) dessa, dessa mesma...lidar com a possessão, e de a pessoa ser liberta(.) Há muitas formas de as pessoas falarem, e, e de dizer como isso pode acontecer, e haver essa libertação(\*) Mas uma coisa é certa, que, só uma pessoa, eu creio que só uma pessoa, que pode trazer essa mesma libertação e essa pessoa é Jesus(.) Ainda que nós

podemos...há, há homens e mulheres que são canais para tal(\*) Canais para levar à libertação dessas mesmas vidas(.) E essa possessão que está sobre a vida de pessoas, Deus tem dado, tem dado Dons e usa vidas, e vidas que se dispõem para tal, para haver essa mesma libertação(.) E essa, essa libertação, não só por aquilo dizer a, a, só por aquilo que é escrito num manual, escrito na própria Bíblia, mas também aquilo que, que se percebe prático, no dia a dia em lidando com situações que...por...Já conheci n pessoas que passaram por um, por vários locais, de, de, de...desde espiritismo, desde médiuns, sei lá, duma série de situações, e, e isso não mudou, e isso leva, leva, não mudou a posição de situação na vida da pessoa(.) E isso leva a perceber que o único que pode trazer essa mesma libertação é a pessoa de Jesus(.) Então, não é, também não é, um, um, não é por ser o homem a, ou por ser o homem b, mas é, é por ser aquela pessoa que tem uma vida rendida à pessoa de Jesus(\*) A autoridade vem daí, vem de Jesus(.) E é isso que eu creio, e, e é isso, e, e creio nisso, que é através, que é através dessa, dessa própria autoridade que foi dada de Jesus, que vem a libertação dessas mesmas pessoas(.)

2.O que entende por seitas, poderá dar-me exemplos de idolatria?

R2 – (euh) Isso é um, é um tema controverso para, para., para muita gente(\*) Muita gente assim(\*) Cada um que tem a sua filosofia de crença vai dizer, se calhar, que, que a outra é uma seita, ou que a confissão de outra pessoa é uma seita, porque, porque não é, não é aquilo que a pessoa crê ou aquilo que a pessoa acredita(.) Então, falo por mim(.) [Riso] Falo por aquilo que eu creio, e por aquilo que eu penso(\*) Mas é assim, hoje há muita gente que pode falar em, em, nome de Jesus, e falar, e colocar Deus até para interesses pessoais, (euh) (uhm) benefício próprio da própria pessoa, mas isso não, não leva(\*) Isso não quer dizer que ah...tem algumas pessoas que às vezes falam em nome

de Deus, em nome de Jesus(\*) Eu considero que são seitas, porque tudo para mim vem, vem tem a ver com aquilo que é, aquilo que é o que a pessoa vive, e, e eu creio num livro, que é, que é a Bíblia Sagrada, e, e nesse mesmo, e naquilo que eu creio, (euh) é daí, é daí que vou procurar aquilo que vem como que, o medidor, o parâmetro, para aquilo que considero seita ou não considero, ou não considero seita(.) E isso envolve aquilo que é idolatria(.) A Bíblia (\*) é muito clara em muitas coisas, por exemplo: idolatria, podemos ficar, fica, (euh) podemos, podemos ficar, pelo tema dizer; quem segue ou adora uma imagem é, é idólatra, mas há muitas formas de idolatria (.) (euh) Há, eu conheço pessoas, que por exemplo ao idolatrar tanto uma pessoa vive a sua vida quase em função de uma pessoa, (euh) uma pessoa, uma pessoa física, não é(?) E a pessoa quase não tem vida porque vive em função de outra, está a idolatrar aquela pessoa **e isso não é saudável**(.) O dinheiro pode ser, e já a própria Bíblia também diz que o dinheiro é a raiz de todos os males, não estou a dizer que é mau ter, termos dinheiro, mas é colocar o dinheiro em tal(\*) Então é isso, é isso que eu entendo por idolatria, é algo que ah, toma o primeiro lugar na nossa vida, mas ao tomar o primeiro lugar da, da nossa vida, vem consumir, leva a nossa energia e leva como a que dar uma adoração a tal, viver em função de tal, em vez de viver em, em função de, de Deus, em função de uma vida que nós possamos (euh) (.) Há uma série, o problema, (euh) eu sempre considero isto, (euh) de extremos quando nós vivemos em extremo uma coisa, por exemplo o dinheiro pode viver em extremos, estamos a idolatrar o dinheiro, (euh) viver em extremos uma pessoa estamos a idolatrar uma pessoa, viver em extremos uma imagem, estamos a idolatrar essa imagem, (euh) então é algo que está a ocupar o primeiro lugar do nosso coração e estamos a idolatrar tal(.) (euh) Tudo isto, tudo isto depende, por exemplo idolatria a imagens não, mas por exemplo idolatria sim, (euh) de dinheiro, (euh) (euh) é, é bons nós termos, amarmos as pessoas sim, é bom isso existir

na, na nossa vida, mas que isso não seja, a função, euh, prim(/) principal na nossa vida, que isso estamos a idolatrar a tal, estamos a adorar a tal(.)

3. Porque meios é que uma pessoa chega à Salvação, para esta o Baptismo é essencial?

R3 – (euh) A Bíblia é clara, nesse, nesse sentido, (euh) Jesus disse que Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida, e não há outro mediador entre Deus e os homens senão Jesus(.) (euh) Então logo nestes dois versículos chaves, um em Timóteo outro em João, (euh) leva a crer que não há, (euh) não outro caminho para a salvação que não seja através da pessoa de Jesus(.) Pode-se, (euh) um homem pode ser, um, um canal, um instrumento para levar a pessoa, a, a ouvir, a crer, mas **ele não é a salvação**(.) O homem não é (euh), porque o único, o único caminho é, é Jesus(\*) Nem por mais que, que aquilo que se possa fazer ou falar(.) Também, (euh) em relação, em relação ao, ao baptismo, dizendo que o baptismo é necessário, o baptismo é uma, é uma identificação da própria pessoa quando se sente na, na, quando percebeu na sua vida o que é o seguir a Deus, neste caso Deus, Jesus, (euh) e a seguir a sua vida, é uma identificação da própria pessoa(.) A pessoa identifica-se, ok, eu quero viver **para** Jesus, eu quero viver para Deus, então, quando, quando falo do baptismo, é verdade que a Bíblia nos diz que quem crer e for baptizado será salvo, mas eu também conheço pessoas que (euh) creram e não houve tempo, ou, ou, de se baptizar, por uma série de factores, logo, logo aí não impede que a pessoa não seja, não seja salva, porque não se baptizou(.) **Claro** que é um mandamento que Deus nos manda(.) Então o mandamento que devemos cumprir, que é uma identificação que a própria pessoa tem naquilo que crê, naquilo que vive e no caminho que seguiu(.) Então identifica-se com isso, ok, então quero descer às águas, quero ser baptizado, identifica-se, identifica-se com tal(.) Este aqui também dava para, para, pois

não vou responder a muita coisa [Risos](.) Em relação ao baptismo também há pessoas que às vezes dizem ah, um dia, um dia talvez eu, eu me vá baptizar (\*) e, e adiam esse baptismo durante, as vezes anos, quando eu também não, não creio que essa seja a forma correcta, porque se estão a adiar durante anos então é sinal que não está convicto daquilo que crê ou daquilo que quer para a sua vida. Então se Jesus é o caminho para a salvação, o baptismo vem por inerência, aquilo que a pessoa professa essa Fé e crê, então vem por testificar, e de livre vontade querer ser baptizado (.) Então também não é um processo de dizer...ou eu vou ver, daqui a uns, talvez vá baptizar(\*) **Vem**, vem, naquilo que a pessoa, o caminho que sabe que quer seguir, de Salvação, que crê em Jesus, e aquilo que leva ao baptismo está um passo, é o passo seguinte, o baptismo(.)

4.Acha que o mundo é um lugar ameaçador para Crentes e Não-Crentes, estes últimos encontram-se perdidos no “mundo”?

R4 – (euh) O mundo, o mundo, é assim (euh) (.) O homem sem Deus, talvez, (euh) refazendo a pergunta ou respondendo, refazendo a pergunta, o mundo sem, sem Deus é um mundo perdido(\*) Logo aí tanto para crente como para descrente, porque eu, eu posso, (euh) (euh) conhecer pessoas que às vezes dizem-se crentes mas estar perdidas dentro da Igreja, (euh) parece um bocado controverso estar a falar assim desta forma [sorriso] mas pode, as pessoas podem estar perdidas dentro da Igreja, porque só ao estar inserido numa Igreja não significa, só falando este lado de Igreja, só falando, (euh) a pessoa estar inserida numa Igreja não significa que, que tudo está bem na vida da, da pessoa, a pessoa pode estar na Igreja e estar **perdida**(.) Estar perdida não no sentido perdido, sei lá...o termo perdido, não o sentido que, que a pessoa não saiba qual é o caminho, a pessoa sabe, ao estar na Igreja claro que sabe que o caminho é Deus, claro

que sabe que o caminho, aquilo que Deus quer fazer, sabe à partida de tudo isso, mas dentro de si ainda não deu, ou por vezes não deu esse verdadeiro espaço a Deus na sua vida e logo ao não ter esse verdadeiro relacionamento com Deus, está a faltar a esse relacionamento, e esse relacionamento com Deus, mesmo a pessoa estando dentro da Igreja que o faz a pessoa ter esse sentido de vazio e esse sentido de estar só ou perdido, mesmo dentro da Igreja(.) Se eu falo assim até para as pessoas que estão dentro da Igreja, que têm que encontrar esse relacionamento com Deus, porque é isso que faz a pessoa sentir-se achada, (euh) ou procurada ou, ou amada por Deus, (euh) e perder esse sentido de vazio e de estar só, quanto mais uma pessoa que não está nem numa Igreja nem uma pessoa que não conhece Deus(.) Claro que esse mundo torna-se muito mais perigoso, porque a influência sobre a vida dessa mesma pessoa, torna-se muito mais, a influência no sentido da pessoa sentir-se **perdida**, no sentido da pessoa sentir-se só, no sentido da pessoa estar longe de Deus, estar longe da paz, estar longe do caminho, estar longe do gozo, estar longe da vida, longe de tudo aquilo que só a pessoa de Jesus pode dar e pode trazer a, a essa mesma pessoa(.) Então, se eu falo assim, numa, numa pessoa que é crente e está dentro de uma Igreja, então uma pessoa que está fora da, da Igreja, é, é muito pior(.) Esse, esse sentido da pessoa estar perdida e torna-se um mundo perigoso porque, (euh) vivemos dias em que, (euh) somos bombardeados com uma série de coisas, a televisão nos bombardeia com, com informação, (euh) o nosso dia a dia com colegas de trabalho, com pessoas, com familiares nos bombardeiam com uma série de informação, e isso, e isso na nossa... e, (euh) isso torna um mundo perigoso no sentido daquilo que queremos e naquilo que vivemos nos nossos sentimentos, nas nossas emoções, na nossa vida, no nosso dia a dia(.)

5.O que entende por Espírito Santo, podia enunciar-me alguns dos seus Dons/Carismas, acha que estes continuam vivos e actuates?

R5 – (euh), Há, há uma form(/), euh, Há uma, uma corrente, como é que eu dizer, um, uma certa de, dominação, uma certa, uma certa, uma certa, euh, forma de estar de Igreja que diz que o Espírito Santo é uma força(.) (euh), Eu acredito primeiramente que o Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade, assim como há Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, os três formam um só, um só, Deus, a Pessoa de Deus, (euh) e falando especificamente do Espírito Santo ele não é uma força, ele é uma pessoa actuante, assim como, tem emoções, sentimentos, e, e eu creio que o Espírito Santo, Ele, Ele vive no coração daquele que um dia aceitou Jesus como Senhor e salvador na sua vida(.) Então Ele vive, Ele vive dentro do coração do homem que deu uma oportunidade a Deus, e ao viver no, no coração do homem, Ele acima de tudo, (euh) e de uma forma bem, bem terra a terra, Ele é um amigo bem presente. (\*) Ele é um amigo bem presente que a pessoa pode sentir, há um versículo na Bíblia que diz que Ele, que ele geme por nós com gemidos inexprimíveis, ou seja aquilo que são os sentimentos de um homem, de um homem ou de uma mulher em relação, na sua vida de solidão, de momentos em que precisa de uma resposta na sua vida, no seu dia a dia, (\*) aquela pessoa que um dia deu a vida a Jesus, o Espírito Santo vive, e ao viver dentro dessa mesma vida, está lá como esse amigo, está lá para dar essa força, está lá, às vezes costuma-se dizer, (euh) e todos nós temos uma consciência, uns pode estar mais cauterizada que outros, todos nós temos uma consciência, mas aquele que deu a sua vida a Jesus tem o Espírito Santo na sua vida (.) Não é só a voz da razão ou a voz da consciência, mas tem Alguém que leva, (euh) a mais, que leva, (euh) essa companhia, que leva esse chamar a atenção, que leva esse consolo, essa, essa vida(.) Eu acredito no Espírito Santo também como, como Algo

que hoje opera e convence o homem dessa mudança, mais até do que a consciência, do que o homem possa ter(\*) Mas que opera também hoje em sinais, em milagres, em prodígios, em maravilhas, eu creio nisso, na manifestação de, de cura, na manifestação, hoje, de restauração, euh e o Espírito Santo move-se dessa mesma forma, mais do que aquilo que se possa às vezes parecer que o Espírito Santo é. (\*) Alguém possa dizer que é uma força, ou uma sensação de arrepios ou tremores, é **mais** do que tudo isso que alguém possa ter como emoção, ou como um sentimento, mas o Espírito Santo é como alguém, (euh) (euh) é a pessoa de Deus, que, que opera para sinais, para cura, para maravilhas, para restauração de vidas e que convence o homem do pecado(.)

6.(Exclusiva para o Renovamento Carismático) Que papel tem no Renovamento Carismático a Devoção Mariana?

7.Na sua opinião vícios como o álcool e as drogas, ou doenças de vária ordem podem ser provocadas pelo pecado tendo origem satânica?

R7 – **Claro que sim**(.) (euh), Assim como, (euh) a nossa casa, nós, a nossa casa natural, quando abrimos a nossa porta, euh, ou seja se eu tiver a minha, a minha porta aberta, da, da minha casa e, e disser que, que a entrada é livre, estou sujeito a que cada pessoa possa vir e, e entrar e sentar-se à minha mesa, porque eu...ou se eu não tiver porta na minha casa qualquer pessoa pode entrar, dentro da minha casa, sentar-se à mesa, estar comigo ou até levar os meus bens, se eu sair de casa e deixar a porta aberta, levar os meus bens, por ai afora(.) Tudo isso pode acontecer, porque eu deixei a porta aberta(.) Então, eu, eu, eu ...Quero dizer, talvez, o pecado tem este sentido, quando damos legalidade ao pecado, o pecado tem um sentido, quando abrimos, é como abrir a porta

da nossa vida espiritual(\*) E abrir a porta da nossa vida espiritual, da nossa casa, do nosso homem interior, ao abrir, (euh) ao tirar até a porta, vai fazer com que tudo isso venha como, como influência sobre, sobre a vida do homem, (euh) (euh)(.) E o vício, os vícios, desde, sei lá, drogas, álcool, por aí afora, como está feita a pergunta, tudo isso, (euh) o pecado é como escancarar a porta, é como abrir a porta para que tudo o que seja influência venha sobre a vida do homem, e quando a porta está aberta, pode vir o bom como pode vir, vir o mal(.) E há, e há esse sentido que o mal... pode vir o bem mas também pode vir o mal, e o pecado vem como uma, (euh) vem sobre a vida do homem e traz essa consequência depois(.) Traz essa consequência de vidas ficarem presas a vícios, vidas ficarem com as suas vidas destruídas, e isso, e isso há, claro, o pecado é como, é como que, é, (euh) tem essa influência, o pecado tem uma consequência na vida, na vida do homem, e a consequência é tudo isso que envolve, essa falta de paz, os vícios e por ai afora na vida do homem.

8.No caso de ter respondido sim à última pergunta, que lugar têm a imposição de mãos, o exorcismo e outros métodos que queira referir para solucionar tais casos?

R8 – (euh) É, é assim(.) Acima de tudo antes de, daquilo que seja realmente a imposição de mãos, tem a ver com, com a autoridade que a pessoa tenha, tenha para tal(\*) Esse, esse ponto, (euh) leva a crer, autoridade, (euh) autoridade no sentido espiritual, como eu respondi à pergunta anterior, (euh) dizia que quando nós abrimos a nossa porta, isso vai trazer, vai ter uma influência sobre a nossa vida, ou seja aquilo que, aquilo que nós abrimos a nossa porta, tanto para o pecado como para o outro sentido, que fá-la para Deus, isso tem uma influência de a pessoa ter autoridade ou não ter autoridade na sua vida, e autoridade neste sentido, de estar a lidar com essas áreas do exorcismo, que

envolve imposição de mãos(euh)(.) E eu creio que, (euh) essa é uma, é uma, é uma das formas, sim, de, de, de haver esse exorcismo, de, de haver, pode dizer-se o, esse termo, (euh) de haver essa imposição de mãos, em pessoa que tenha autoridade na sua vida, que tenha aberto, que (euh) a sua vida esteja a receber, a receber de Deus, e tenha essa autoridade de Deus para exercer tal **autoridade**(.) E essa tal autoridade leva por se manifestar nisso, dizendo exorcismo, dizendo imposição de mãos, para haver libertação dessas mesmas pessoas(.)

9.Como definiria o lugar da Fé face à Ciência?

R9 – (euh) (euh) É assim, se nós tentarmos explicar Fé com, com ciência, a ciência sempre nos vai chamar, à, à, à razão(.) E a ciência ao chamar, (euh) (euh) a uma certa lógica, a uma certa lógica, às vezes se calhar parece, parece que vai contradizer, aquilo que é, aquilo que é a Fé, que é, que é a crença, parece que a ciência vai contradizer(\*) Mas, (euh) mas acima de tudo, por vezes, (euh) muita ciência, eu não estou contra a ciência, mas por vezes muita ciência, na, na, na mente, na mente de uma pessoa, leva com que às vezes essa pessoa fica às vezes limitada para, para a Fé(.) Fica tudo, (euh) preso à razão, que um mais um, um mais um tem que ser dois, e tem que, e tem que dar assim dessa mesma forma(.) Eu, eu não acho que tenha de se separar Fé de ciência, mas eu acho que (\*) muitas vezes até a própria ciência vai, vai complementar aquilo que a Fé já chegou lá, às vezes a ciência vai chegar lá **também**(.)Chega lá também, há muitas coisas que às vezes se fez por Fé, se agiu por Fé e a própria ciência também chegou lá(\*) Mas quando tentamos fazer (\*) às vezes o inverso, começar pela ciência às vezes é mais difícil chegar à Fé, porque fica-se preso a muitos, a muitos preconceitos, a muitas ideias que às vezes limita essa mesma, essa mesma Fé, no agir(.)

## 10. Qual o papel da Oração e da Intercessão na vida do Crente?

R10 – (euh) Isso é, é como nos dissermos assim, como o nosso organismo físico precisa de duas coisas básicas, pelo menos pão e água [Risos] é necessário, e assim como a, a **Bíblia**, e o ler a Bíblia é uma das coisas importantes, podemos dizer é como, como o pão, assim também torna-se talvez a oração como a água, para o nosso, para o nosso organismo. (euh) Podemos, (euh) até às vezes a pessoa pode dizer, ah eu não sei ler muito bem e por isso há a Igreja e a exposição da própria Palavra, que a pessoa pode dizer não, não consigo ler, conheço uma série de pessoas (\*) uns porque nunca tiveram a oportunidade de aprender a ler, outros, talvez porque a idade avançou e uma série de factores, não consegue hoje ler(.) Mas a oração é uma coisa que todos nós podemos fazer, e, e a oração não é, não é um, um ritual não é um, um conjunto de palavras decoradas, mas a, a oração é assim como se nós temos necessidade de, de um copo de água, o que temos de fazer é ir à fonte e, e ir lá à torneira e abrir essa mesma torneira e beber essa mesma água, e a oração é essencial na vida espiritual de qualquer pessoa, porque é esse relacionamento com a pessoa de Deus, é esse relacionamento que qualquer um necessita de ter, e esse, e esse relacionamento vai fazer com que a pessoa possa ter essa comunhão, possa ter essa, essa força na sua vida espiritual(.) A oração é, é de extrema importância, na, na vida de qualquer pessoa e é da forma mais simples, naquilo que está no coração da pessoa, naquilo que está na, seja motivo de necessidade, seja motivo de agradecimento, seja motivo de um dia de falar com Deus, essa oração é, é extremamente importante na vida de qualquer pessoa(.) [E quanto à intercessão?] Intercessão **também**, porque, porque, (euh) é como se, subir um patamar dessa, dessa mesma, (euh) dessa, dessa, esse mesmo, disso que é a oração, e, essa intercessão leva-

nos a colocar na, na, no **lugar de alguém**, e, e a intercessão também nos leva a perceber, seja uma autoridade, seja uma pessoa específica, seja uma entidade, seja aquilo que seja nessa mesma intercessão, (euh) isso leva com que nós, na nossa vida, é como sair do nosso, do nosso própria, do nosso, (euh) ou seja só da nossa própria comunhão de nós, com, com Deus(.) Mas a intercessão leva colocarmos alguém, intercedermos por alguém também, seja uma entidade, seja uma pessoa, colocar esse motivo de intercessão, ou seja estamos a, a subir um patamar, não estamos a ficar só no nosso egoísmo, eu e Deus(.) Eu faço as minhas orações por mim, pela minha família, ou só por mim, mas, (euh) a oração pela família já leva à intercessão, leva a que a pessoa possa perceber que essa oração que faz, não fica só por ela **própria**, mas leva também a interceder por pessoas(.) Então é como a pessoa, sair do seu, do seu, (euh) da sua esfera só, ou ficar só centrada no seu umbigo, ou o que costumamos dizer, ou, mas leva que vai interceder também em favor **de** alguém(.) É sair do seu próprio egoísmo, é sair só, (euh) talvez o egoísmo não seja, não seja a, a palavra mais acert(/) , mas ao olhar dentro de si mesmo vai perceber que pode e **deve** fazer, de orar, (euh) de interceder por pessoas, por entidades, por aquilo que está à volta e é, é subir esse patamar, não ficar só no seu mundo, ou só por si mesmo no seu egoísmo, mas ultrapassar isso e clamar e interceder por outros também(.)

11. Que papel tem o Padre/Pastor na sua vida Cristã?

R11 – Acima de **tudo**, (euh) por mais que se possa dizer, o Pastor tem o papel de expor a Palavra ou assim, o Pastor deve ser a referência, (euh) na sua forma de viver(.) Isso é, é, é o, é o grau maior na vida, na vida de um Pastor, porque é assim, pode ser um excelente orador, poder ser, (euh) um excelente orador mas, mas se **não, se não viver**

**aquilo que fala**, (euh) (euh) mais tarde ou mais cedo vai-se perceber que foram só palavras bem, bem ditas, não, não...Então o, o Pastor tem, tem o principal objectivo, como um dia Paulo disse, sermos imitadores dele, como nós, como ele era de Cristo(.) (euh), Então o Pastor deve ser, deve ser essa a sua referencia, ser um imitador de Cristo e ser essa referencia para aqueles que estão à sua volta possam ver nele a pessoa de Cristo(\*) Claro que é um homem com falhas, claro que é um homem com limitações, claro que é um homem, como as outras pessoas, com as suas dificuldades, mas esse deve ser o patamar que ele deve procurar ter no meio, no meio do povo, o Pastor ser essa referencia da ideia de Deus, e ser esse exemplo que as pessoas possam ver não só um bom orador, mas possam ver acima de tudo uma pessoa que vive aquilo que fala, e, e aquilo que procura, aquilo que fala procura viver a cada dia com as suas lutas diárias(.)

12.Cristo pode considerar-se como o centro da sua vida?

R12 – Sim, Cristo é, é, é a principal, é a principal, (euh)...num puzzle, trazendo isso, num puzzle há sempre aquela peça... pode lá estar o puzzle todo, todo feito mas há sempre uma peça que acaba por ser a peça essencial para aquele puzzle estar completo(.) E às vezes é essa peça é que é o mais difícil encaixar essa peça(\*) Então na vida de um homem, (euh) um homem pode ter tudo, pode ter, (euh) pode, pode ter a, pode ter todas as coisas que pode dar o bem estar na sua vida social, uma Igreja, falando de um Igreja, duma religião, pode ter, pode ter, (euh) tudo o que seja hierarquia, tudo bem formado, pode ter tudo, tudo lá escalonado, tudo pode estar bem, mas se faltar Cristo, falta a peça principal, que, que vai dar sentido a tudo(.) Cristo é a peça principal

da religião, euh, porque Cristo é a peça principal na vida de um homem, na vida de uma mulher(.) Cristo é a peça principal nesse puzzle(.)

13.A assistência aos Cultos e participação nas demais actividades da Igreja, como Grupos de Estudo, Retiros, etc. são para si importantes?

R13 – **Claro que sim**, porque (euh) há uma coisa que tem a ver com a pró(/) A Bíblia, a própria Bíblia diz lá em Romanos 10, diz que a Fé vem pelo ouvir e ouvir a Palavra de Deus. Então, (euh) ou seja, a, a base da vida de qualquer pessoa é a Fé que tem em **algo**(.) E, e, **onde** é que se adquire esta, esta Fé(?) Falando, falando naquilo que eu creio, uma pessoa ao seguir esta Fé, é na medida em que esta envolvência de estudos, assistência a cultos, (euh) retiros, é daí, é daí, é daí que vem esse crescimento da, da Fé. E não **só**(\*) Este crescimento da Fé que é o essencial na vida de qualquer pessoa, é, é como que, isto vem ajudar a que, a que possa haver essa boa consolidação da estrutura da própria vida da pessoa(.) Mas também isto traz algo, traz algo que, que é de extrema importância nos dias de hoje em que nós vivemos, é a comunhão que cada pessoa tem com outra pessoa que partilha e que vive a mesma Fé, e tudo isto dado por esta envolvência, retiros, cultos(.) Primeiramente aquilo que a pessoa vem buscar para ela própria, no seu interior, e isso, (euh) vem pelo ouvir a palavra de Deus, e tem este ambiente que é criado, assistência a cultos, estudos, retiros, por aí fora(.) E depois vem esta comunhão que é **necessária**, entre uma pessoa que tem a mesma Fé, estarem juntos e, e partilharem dessa mesma, dessa mesma Fé, estarem juntos nessa mesma comunhão, o que envolve tudo isto, retiros e por aí fora(.)

14. Como se definiria a si próprio e aos demais membros da Congregação enquanto membros da Igreja?

R14 – (euh) O próprio termo **diz**, (euh) Cristão, euh, ou seja pequeno Cristo(.) **Essa**, é um, é um **desafio**, é uma luta **diária**, que qualquer pessoa deve procurar, é, é procurar ser **nesta terra**, na, neste mundo, (euh) dentro daquilo que é País, como cidadão de um País, como aquilo que é cidadão de um concelho, aquilo que é cidadão, (euh) isto, no seu vizinho, aquilo que é cidadão dentro da sua família, procurar viver, ser, ser esse pequeno Cristo(.) **Não** puxando aqui galões, ou, ah, ou trazendo alguma coisa que temos a pretensão de ser melhor que este, melhor que o A, ou melhor que o B, não, mas é viver de tal maneira, dentro do País, dentro da cidade, dentro da vizinhança, dentro da família, que, que cada, cada pessoa possa levar, ou mostrar pela sua forma diária, sempre que precisar chegar aí e atirar um tiro de canhão e dizer eu sou cristão, não, mas que a sua forma de estar revele isso mesmo, que Cristo está na vida dessa mesma pessoa(.) E é isso que é, que é procurar viver dessa mesma forma, que, que as pessoas que estão à, à volta possam reconhecer, sem ser preciso a pessoa hastear alguma bandeira, mas possam reconhecer que procuramos viver Cristo a cada dia(.)

15. O que entende por Igreja?

R15 – (euh) Igreja, Igreja tem a ver, tem a ver que, com, com, com esta **comunhão**, com esta comunhão, com este, com este estar, estar juntos(.) Nós podemos dizer, cada pessoa pode dizer, ah eu tenho a minha Fé, e hoje, por exemplo em Portugal é das coisas que se houve mais, mais comuns é dizer, eu tenho a minha Fé mas não preciso de ir à Igreja, eu tenho a minha Fé, então professo a minha Fé, a minha forma de estar, a

minha forma de crer em Deus e por aí afora(.) Mas Deus tem constituído, que, nós façamos, e, e ninguém, ninguém é auto-suficiente **nesta vida**, todos nós precisamos...já há pouco quando falávamos da oração, intercessão, todos nós precisamos da, de, de, da oração da intercessão, do estar juntos, (\*) precisamos uns dos outros(.) A Igreja, (euh) (euh) promove isto, promove este, este estar junto, promove aquele que tem a mesma Fé, promove aquele que às vezes até possa pensar que tem uma Fé diferente mas estar junto de, doutra pessoa que tem esta mesma Fé(.) E, e isto é essencial, na ajuda, **diária**, à outra pessoa, na ajuda, neste, neste levantar do, do braço, nesta ajuda de dar uma força, nesta ajuda de, de, de poder dar esse, esse ânimo(.) E tem este sentido, nesta, nesta comunhão de estarmos juntos e podermos, (euh) cultivar, podermos expressar a nossa Fé ao mesmo Deus, que, que cremos e por isso esta importância da, da Igreja(.) Porque uma, uma pessoa que viva isolada, (euh) é como uma ilha, vai ficar, vai ficar, vai ficar separada de, de uma série de coisas que pode fruir(.) Então, A igreja é como, é como, fazer, fazer a ponte para pessoas que têm a mesma Fé...ligarem-se as mesmas pessoas, estarem todos ligados, uns, uns aos outros, nessa mesma Fé(.) E a Igreja é essa ponte, é essa ponte, estarmos todos juntos nessa mesma Fé que se calhar professamos, mas dizemos que cada um está para seu lado, e cada um estar para seu lado torna-se uma ilha(.) A igreja é esta ponte para todos estarmos juntos e estarmos acessíveis uns aos outros(.)

16.Poderia recomendar-me algumas obras que para si sejam de referência, quanto aos assuntos mencionados na entrevista?

R16 – Obras em termos literários(?) (euh) Sim, há, há bons livros, há bons livros que nos ajudam, que nos ajudam em relação a, a nós percebermos tudo isto do que fala aqui.

De religiões, de seitas, duma, duma série de coisas...há muitos deles, que uma própria livraria Evangélica possa, possa nos ajudar (.) Agora, assim de momento, não me ocorre nenhum nome em concreto, que me venha assim à cabeça mas há tantos livros, há tantas obras, que nos ajudam a tal, (euh) para nós podermos, (euh) reconhecer e ver, (euh) que nos ajudam nesta mesma entrevista(.) Há uma série de livros, qualquer livraria cristã, (euh) tem uma série de livros, uma boa panóplia de livros(.)

PE4 – Natanael Marcelino

1. Acha que existe a possessão, se sim qual a maneira de lidar com ela?

R1 – Acho que sim, que existe a possessão(.) A maneira de lidar com ela, nós temos que, (euh) temos que discernir, ou temos que ter uma capacidade para discernir se essa mesma, (euh) a origem dessa possessão(\*) Porque eu acredito que existe dois tipos de possessão: Uma possessão demoníaca e uma possessão Divina (.) Portanto, (euh) por isso, (euh) eu acredito que é importante o homem, (euh), re (/), discernir quais são realmente esses dois níveis de possessão (.)

2. O que entende por seitas, poderá dar-me exemplos de idolatria?

R2 – Exemplos de idolatria(?) (euh) Eu como Pentecostal e, e, e uma pessoa que acredita na palavra de Deus, a palavra de Deus nos diz que Deus tem que estar acima de todas as coisas(.) É, é o único ser, vivo, que nós devemos adorar(.) (euh) Idolatria para mim é as pessoas que tentam se desviar, realmente desse mesmo objectivo, adorando, a, a, deuses, com letra pequena, deuses não vivos, imagens, (euh) e às vezes **não só** imagens(.) Uma pessoa pode ser idólatra não tendo uma imagem em casa, pode ser idólatra, por exemplo, se for dependente do, do álcool, é idólatra, ele idolatra realmente o álcool, é uma dependência de um **deus que não é vivo**(.) Portanto, e, e como nos ensinam as Escrituras, Deus é um Deus vivo, é o ser que está acima de todos os outros deuses(.) [E quanto às seitas?] Seitas, seitas são realmente movimentos, movimentos porque eu não acredito em movimentos, acredito sim no mover, mas são movimentos que tentam influenciar realmente grandes massas, e às vezes, (euh) (euh) não chegam às

grandes massas, por, ou por mão de Deus, ou por misericórdia Dele, mas...ou às vezes por falta de organização, mas são, são, são grupos de pessoas que tentam envolver massas para realmente fugir desse mesmo propósito(.)Da adoração, ao, ao único Ser vivente, Deus(.)

3.Porque meios é que uma pessoa chega à Salvação, para esta o Baptismo é essencial?

R3 – (euh) Porque meios é que uma pessoa chega à Salvação(?) (euh) a Bíblia nos ensina que a pessoa chega à Salvação, morrendo, morrendo, nos seus próprios desejos, ou seja aceitando o sacrifício de Jesus Cristo(.) (euh) a Bíblia nos ensina que Jesus, como Filho de Deus, sendo também parte de Deus, porque Deus se compõe por três pessoas: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo (.) Jesus foi enviado à terra, para, (euh) de algum modo, pagar, (euh) um preço, não é(?) que o homem até então, teria de o pagar, através de sacrifícios animais, para expiação do seu próprio pecado(.) Então o homem chega realmente à Salvação, nesta altura, no momento em que nós vivemos, aceitando o sacrifício de Jesus, (euh) substituindo realmente esse sacrifício animal, (euh) e assim é o único meio de o homem chegar à Salvação(.) Através de Jesus Cristo, confessando que ele é Senhor, e aceitando o seu sacrifício, e aí existe uma mudança de vida(.) [E quanto ao baptismo, é essencial?] **O baptismo é essencial**(.) O baptismo é essencial, não para que, para que o crente vá para o, para o céu, porque o crente pode aceitar Jesus Cristo, pode vir, pode vir na rua e se Deus assim o permitir e entender, ele pode, ele pode realmente morrer, e pode ir logo directamente par o céu, em comunhão com Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo(\*) **Mas** o baptismo foi instituído(/), foi instituído para o crescimento, o crescimento do próprio crente(.) Ou seja, quando nós aceitamos Jesus Cristo, temos um mandamento, que é sermos baptizados pelas águas e

pelo Espírito, para quê(?) Para que nós possamos crescer na nossa Fé, e, e, (euh) e possamos realmente assim, (euh) alcançar... [Interrupção momentânea] Portanto, (euh) Jesus Cristo é o único meio pelo qual o homem consegue alcançar(.) O batismo é uma forma de o crente realmente crescer, na sua Fé, (euh) na doutrina e assim ganhar também defesas, para, para, para tudo o resto que o tenta desviar desse mesmo propósito(.)

4. Acha que o mundo é um lugar ameaçador para Crentes e Não-Crentes, estes últimos encontram-se perdidos no “mundo”?

R4 – O **mundo**, (euh) (euh) é assim, tudo depende da palavra mundo porque, porque muita gente utiliza mundo como, como aqueles que não estão, (euh) ligados, (euh) realmente a esta verdade, (euh) de Deus, não é(?) Mas portanto o mundo em si como globo, como terra, não é, não é perigo, não é(?) Nos, nós nascemos neste mundo, para vivermos neste mundo, e para realmente irmos para perto, irmos para, para um outro mundo(.) **Agora**, o mundo no sentido de influência, para, para que realmente o homem saia do propósito e do plano de Deus, sim, isso é um perigo(.) (euh) É um perigo, tanto para aquele que ainda não conhece a Deus como para aquele que já conhece a Deus(.) (euh) O mundo, digamos assim, nesse sentido, de influência, (euh) penso que, que a pessoa que o caracteriza como mundo, penso que será Satanás, não é(?) E portanto sendo ele, (euh) a imagem que caracteriza realmente esse mundo, em aspas, é um perigo tanto para ao crente como para o descrente, sim(.)

5.O que entende por Espírito Santo, podia enunciar-me alguns dos seus Dons/Carismas, acha que estes continuam vivos e actuantes?

R5 – Ok (.) O Espírito Santo, (euh) é parte interina ou parte integrante de Deus. Como eu disse, numa, numa resposta atrás, (euh) Deus é, é, (euh) Deus é, é-nos mostrado por três pessoas, na palavra de Deus, por Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo (.) Todo o homem que tem um corpo, que tem uma alma, e um espírito, não é (?) Portanto o espírito é algo que nós não vemos, não é (?) Como a, como a palavra de Deus nos diz, o vento sopra para um lado e para o outro, é, (euh) nós não sabemos de onde vem e para onde vai(.) Assim também é o espírito, (euh) e, e a nós, homens, é-nos requerido que nós adoremos Deus **Pai** em **espírito**(.) Ou seja é o nosso interior, o nosso mais interior, (euh) aquilo que realmente faz com que nós nos movamos, e nós existamos, não é(?) Porque sem o espírito o nosso corpo é morto. [Acha, que portanto, os Dons do Espírito Santo continuam vivos e actuantes, nos dias de hoje? Não é? Na sua, na sua qualidade, digamos assim...] Exactamente (.) O Espírito Santo, é, é, é o Espírito do próprio Deus, que foi enviado à terra para que possa contender com o nosso espírito(\*) Porque todos nós temos um espírito(.) Então, Ele vai contender com o nosso espírito, através de Dons, através, (euh) da sua Vontade, não é(?) Ele manifesta-se através de **Dons**, de dons, ou seja muitas vezes nós podemos fazer algo, (euh) de errado, e esse mesmo Espírito de Deus contende com o nosso espírito, trazendo realmente uma angústia e uma consciência daquilo que é errado, não é (?) (euh) E então nós sabemos realmente que é o Espírito de Deus, que contende com o nosso espírito(.) Muitas vezes é manifestado, através (euh) de Línguas, de gemidos inexprimíveis, porque muitas vezes nós não compreendemos, mas o espírito de Deus compreende(.) Testifica com o nosso espírito, e muitas vezes nós damos por nós, emitindo sons, não é(?) Que, que pelo que a Bíblia nos

ensina, são, são gemidos inexprimíveis, eu, a nosso favor, ou, ou a favor de outrem, não é(?)

6.(Exclusiva para o Renovamento Carismático) Que papel tem no Renovamento Carismático a Devoção Mariana?

7.Na sua opinião vícios como o álcool e as drogas, ou doenças de vária ordem podem ser provocadas pelo pecado tendo origem satânica?

R7 – Podem ser provocadas pelo pecado(?) Eu penso que sim, porque, porque o homem muitas vezes cometendo algo errado, refugia-se realmente no álcool, drogas etc. (.) Eu penso que isso é uma consequência, **muitas vezes**, não quer dizer que seja como regra, mas muitas vezes é uma consequência de algo errado que o homem faz, então ele tenta se refugiar, nessas, nessas coisas, sim.(.)

8.No caso de ter respondido sim à última pergunta, que lugar têm a imposição de mãos, o exorcismo e outros métodos que queira referir para solucionar tais casos?

R8 – Ok (euh)(.) Para solucionar **tais** casos, (euh) o que eu acredito muito pessoalmente é que o próprio homem, o próprio homem tem uma vontade própria, e o próprio homem tem que ter vontade para mudar.(.) Deus pode fazer realmente o impossível... com o exorcismo, não, não acredito que através desse meio o homem mude, mas é assim o próprio homem tem que ter vontade para mudar, se não tiver vontade para mudar ele continua metido nesse mesmo meio, porque deus não **obriga** ninguém.(.) Portanto, (euh) isso é uma questão que parte da vontade do homem, se o

homem realmente quiser mudar, Deus é capaz de lhe dar forças, não é(?) e através da oração, e através de, de , da ajuda dos irmãos, não, não propriamente exorcismo, mas, mas uma ajuda amiga, (euh) até mesmo intercessória, pedindo a Deus pela pessoa, (euh) que essa pessoa pode realmente, (euh) ter **força** de vontade para mudar(.)

9. Como definiria o lugar da Fé face à Ciência?

R9 – Face à ciência(?) [sorriso] A Fé é aquilo que os cientistas andam toda a vida a tentar solucionar e a tentar descobrir, são as respostas que eles não têm(.) (euh) E, e a ciência é, é a resposta daquilo que a Fé nos têm ensinado(.)

10. Qual o papel da Oração e da Intercessão na vida do Crente?

R10 – A oração tem um papel muito importante, porque nós, a partir do momento que aceitamos o sacrifício de Jesus Cristo e aceitamos que ele é Senhor, (euh) e realmente temos acesso à Salvação, nós somos feitos **filhos** de Deus, como a Bíblia nos ensina(.) E como **filhos**, não tem lógica, (euh) nós não falamos, (euh) nós não falamos com o nosso Pai, não é(?) Portanto, uma família vive realmente em comunhão, e Deus é um Deus de famílias, então é do Seu agrado, e é do agrado até mesmo dos filhos falarem com o Pai(.) Então a oração tem um papel muito importante para o relacionamento entre, entre o homem como filho, não é(?) e o **Pai**, Deus(.) Tem um papel muito importante(.) A intercessão também tem um papel muito importante porque está ligada à oração(.) Como nós sabemos, e, e temos visto ao longo dos anos, quando há uma família unida, em comunhão, e um filho vai à escola e tem algum colega em aflição, esse mesmo filho intercede por esse colega(\*) Chega perto do Pai e diz, ò Pai podemos

ajudar o meu colega(?) Então é, é algo tão natural que não, (euh) às vezes o homem tenta mistificar um pouco a intercessão mas é muito natural, e é importante que isso aconteça na vida do crente(.)

11. Que papel tem o Padre/Pastor na sua vida Cristã?

R11 – O Pastor? O Pastor tem o papel de **orientador**(.) Orientador e **cuidador**, ou seja alguém que se preocupa, (euh) **não só** com a sua própria comunhão e o seu próprio relacionamento com Deus, mas com o relacionamento daqueles que o rodeiam com o próprio Deus(.) Então é, é alguém que se dedica, não é(?) porque Deus lhe **dá** realmente capacidades para isso, e ele próprio aceita e **quer**, não é(?) porque Deus não impõe nada(.) Então esse homem, é um homem, que se dedica realmente a ajudar os que o rodeiam a terem um bom relacionamento com Deus(.)

12. Cristo pode considerar-se como o centro da sua vida?

R12 – Cristo, sendo Deus, é o centro da minha vida(.)

13. A assistência aos Cultos e participação nas demais actividades da Igreja, como Grupos de Estudo, Retiros, etc. são para si importantes?

R13 – São **importantes**, porque muitas vezes, (euh) no, na altura em que vivemos, e, e neste século, (euh) que é tudo, (euh) pronto, anda tudo à procura do mais rápido e do imediato, muitas vezes nós não temos tempo de **parar**, e de pensar realmente na nossa vida, fazer uma retrospectiva à nossa vida, ver o que realmente andamos a fazer, e, e às

vezes até nos falta tempo para ter comunhão com o próprio Deus(.) Então eu penso que é importante, esses retiros, é importante, nós, nós de alguma forma retirarmos férias, para todo este stress e azáfama do dia a dia, e realmente termos esse tempo de comunhão com Deus(.) É importante, sim(.)

14. Como se definiria a si próprio e aos demais membros da Congregação enquanto membros da Igreja?

R14 – Enquanto membros... Definiria-os como **corpo** [interrupção] (euh) como membros da Igreja.(.) (euh) A palavra membros da Igreja fala **membros** de um corpo, porque Igreja, ecclesia, fala de membros de um corpo, realmente, corpo de Cristo.(.) (euh) E eu definiria a mim **mesmo**, e a cada um dos outros, portanto, membros da congregação, enquanto membros da Igreja, como parte integrante do corpo(.) Ou seja, cada um com uma função própria, e uma função, (euh) (euh) essencial para, para a sua manutenção e sobrevivência(.)

15. O que entende por Igreja?

R15 – A Igreja, exactamente como respondi na pergunta anterior, Igreja como um **corpo**, como, como, (euh) algo instituído pelo próprio Deus, (euh) que é, que é, que é muito paralelo, por exemplo, ao que foi instituído como **família**, não é(?) Portanto a família, Deus instituiu a família por um laço que, que une, por exemplo, uma família, que é o sangue, (euh) e toda a cultura e etc.(.) A igreja também é, é como uma grande família em que o que os une realmente, é Cristo, através do seu próprio sangue, também, somos feitos, (euh) filhos de Deus e somos um **corpo**, unidos pelo mesmo,

pelo mesmo propósito, pelo mesmo, pelo mesmo sangue também(.) Portanto, é um corpo(.)

16.Poderia recomendar-me algumas obras que para si sejam de referência, quanto aos assuntos mencionados na entrevista?

R16 – (euh) Eu...Obras, a própria Bíblia, que acho que é, é uma das obras mais ricas, e mais, mais elucidativas de **tudo** o que tem a ver com o próprio Deus, e tudo o que tem a ver com a religiosidade e com, e com realmente o plano de Deus(.) Porque tudo o resto são, (euh) são análises e, e interpretações da própria fonte, a palavra de Deus(.) A Bíblia(.)

GC1 – António Soares, Pagão.

1. Acha que existe a possessão, se sim qual a maneira de lidar com ela?

R1 – Ora bem, (euh) o problema da possessão, (euh) põe-se em duas perspectivas(.) Uma que é a mais generalizada, dentro do sentido judaico-cristão, e que remete para a chamada possessão satânica, ou demoníaca, e que eu do ponto de vista pagão encaro como muitas vezes, a, a manifestação de, de fracturas de personalidade, de neuroses mais ou menos recalcadas, exacerbadas pela civilização moderna(.) E existe a perspectiva da possessão do ponto de vista pagão, (euh) que se pode documentar, através das práticas, (euh) por exemplo de, das experiências de iniciação xamânica, não é(?) Ou dos, dos oráculos do mundo greco-romano, como era o caso da pitonisa de, de Delfos, e que se põe num outro ponto de vista, portanto, através de determinados estímulos, de determinados estum(/)de determinados estímulos, (euh) conduziam a formas ou a patamares de conhecimento de tipo supra-humano(.) (euh) Quanto à possessão no sentido judaico-cristão, (euh) portanto, através das chamadas práticas de exorcismo, devo dizer também que o mundo antigo conheceu formas e sucedâneos, também análogos, a esta, a este tipo de, a esse tipo de experiência, não é(?) De qualquer forma, de qualquer forma, penso que é sempre bom fazer, fazer a distinção entre aquilo que releva da pura e simples neurose, que é agravada por uma civilização de massas como a moderna, com todo o seu conjunto de frustrações e recalcamientos, e, e uma experiência iniciática, tal como o mundo Tradicional antigo conheceu, e que como já disse, pode ser, cuja, cuja expressão mais clássica me parece ser quer o xamanismo euro-asiático, quer, quer os oráculos do mundo greco, greco-latino(.)

2.O que entende por seitas, poderá dar-me exemplos de idolatria?

R2 – Ora bem (.) Vamos lá dividir a questão em duas partes(.) A expressão seitas, (euh) é uma expressão muito em voga, (euh) na sociedade moderna, ou até podemos dizer, pós-moderna, e que remete uma vez mais, (euh) para a sensação de fractura habitual e ontológica que o ser humano moderno experimenta, (euh) e que o leva a procurar uma referência identitária em grupúsculos, que muitas vezes, (euh) atingem a chamada franja lunática, não é(?) E, e, e que servem como um sucedâneo de socializações, de experiências de socialização, ou de um relacionamento falhado, com, com os mais próximos, com, com os restantes elementos do tecido social(.) (euh) Quanto aos chamados exemplos de Idolatria, eu (...), bom, quanto a mim o fenómeno de Idolatria é uma expressão Bíblica, típica, típica do Judaico-Cristianismo, e na qual eu não me revejo minimamente, não é(?) Até porque se vamos entrar na análise de fenómenos de Idolatria, teríamos muito [sorriso], poderíamos dizer que a sociedade moderna ou pós-moderna é uma sociedade de idolatria, a começar pela pior das idolatrias que é a idolatria do deus dinheiro(.)

3.Porque meios é que uma pessoa chega à Salvação, para esta o Baptismo é essencial?

R3 – Ora bem(.) Aquilo a que se chama salvação, eu não, mais uma vez remetemos para a terminologia judaico-cristã(.) Como pagão, **eu não acredito** numa qualquer teoria da salvação, cada ser humano escolhe, ou dá-se a si próprio uma regra de vida, uma ética, **pessoal**, isto é se tiver **capacidades** intelectuais e éticas para tal, e procurará seguir e ser fiel a essa ética, não é(?) (euh)Como diria um escritor, não de todo insuspeito de simpatias pagãs, como Ernst Jünger, neste mundo há uma via por cima e uma via por

baixo, ambas podem ser consideradas verdadeiras, a cada um cabe escolher a sua respectiva via(.) Essa é a ponta de vista, é o ponto de vista pagão, não é(?) Quanto à segunda parte que, da pergunta, que se refere, portanto ao baptismo(.) **Mais** uma vez entramos, mais uma vez entramos na terminologia Judaico-Cristã, segundo a qual o ser humano, nascido já contaminado por um qualquer pecado original, necessita de um rito, de um rito de iniciação para se salvar(.) Eu pessoalmente, não, não iria por essa via(.) Não acredito, não acredito nisso(.)

4.Acha que o mundo é um lugar ameaçador para Crentes e Não-Crentes, estes últimos encontram-se perdidos no “mundo”?

R4 – Ora bem(.) O mundo, e em especial o mundo actual, tal como o vivemos e o conhecemos, (euh) (euh) é uma, (euh) constitui uma estrutura em plena desagregação, (euh) espiritual, e portanto, (euh) é uma estrutura em que se poderia quase falar, se me é permitido o paradoxo, em caos organizado, e que implica desafios de ordem existencial a qualquer ser humano minimamente consciente(.) Mas como esses desafios e essas, essas escolhas se põem, do ponto de vista pagão, a qualquer ser humano bem nascido, (euh) é, é a própria dialéctica da existência, neste mundo em que vivemos, que nos obriga a fazer escolhas e opções(.) Portanto não se põe a questão de ser ou não ser ameaçado, mas antes de ser fiel ou não a uma determinada via e levar isso até às últimas consequências(.)

5.O que entende por Espírito Santo, podia enunciar-me alguns dos seus Dons/Carismas, acha que estes continuam vivos e actuanes?

R5 – Ora bem, a noção, portanto a terminologia que está aqui a ser usada, como é óbvio, resente-se duma influência Judaico-Cristã óbvia, não é(?) E como é óbvio, como pagão consequente que sou, estou absolutamente fora dessa lógica e dessa terminologia(.) Portanto, para mim, nem se põe a questão de um qualquer Espírito Santo, o que se põe é a questão na existência de uma Tradição original, duma Tradição que é de origem supra-humana, e que remonta, e que remonta a épocas imemoriais, Tradição essa que propõe uma concepção aristocrática e heróica da existência(.) E cabe a cada um, em função das suas possibilidades, das suas disponibilidades, e da sua própria, da sua própria formação espiritual, seguir ou não uma determinada via(.) E portanto, (euh) aí não se põe uma qualquer intervenção de tipo Espírito Santo, ou duma qualquer salvação dum, duma estrutura messiânica(.)

6.(Exclusiva para o Renovamento Carismático) Que papel tem no Renovamento Carismático a Devoção Mariana?

7.Na sua opinião vícios como o álcool e as drogas, ou doenças de vária ordem podem ser provocadas pelo pecado tendo origem satânica?

R7 – Ora bem, (euh) como já disse, não acredito...Da mesma maneira que não acredito no Judaico-Cristianismo, não acredito no Judaico-Cristianismo invertido que é o satanismo(.) (euh) Portanto, os chamados vícios, o alcoolismo, a toxicodpendência, e outras coisas, não são mais do que manifestações duma total ausência de autodisciplina,

e de uma incapacidade de encarar a existência sobre uma perspectiva, (euh) que não seja a puramente materialista(.) Havendo fracturas, em termos de personalidade, havendo um acumular de neuroses, como é óbvio, o ser humano que é **fraco** e **incapaz** de reagir, se refugiará, se refugiará no primeiro recurso, na primeira solução de facilidade que lhe permita uma evasão(.) O pagão não se evade da realidade, o pagão **afronta** a realidade, e combate-a até ao fim(.)

8.No caso de ter respondido sim à última pergunta, que lugar têm a imposição de mãos, o exorcismo e outros métodos que queira referir para solucionar tais casos?

9.Como definiria o lugar da Fé face à Ciência?

R9 – (euh) Ora bem , antes de mais, convinha, convinha esclarecer o que é Fé e o que é ciência(.) Nós não cultivamos, nem, nem o misticismo irracional da Fé, nem, nem a crença materialista na ciência(.) O que nós acreditamos é que, é que a chamada ciência em muitos aspectos, apoia, (euh) apoia ou vem dar razão àqueles que defendem uma concepção hierarquizada e orgânica da existência, e da, e da comunidade, do tecido, onde, onde, uma determinada existência humana se processa(.) (euh) Quanto à questão da Fé, nós (euh) colocamos isso num outro ponto de vista, que é o de uma ética, de uma ética, de uma concepção de vida, que não tem nada a ver com revelações de tipo messiânico ou não, que não é mais do que uma regra, que cada ser humano se deve dar a si próprio(.)

10. [Pergunta adaptada] (Qual o papel da Oração e da Intercessão na vida do Crente?)

Para si qual é, se é que existe, o papel da oração, de qualquer tipo de oração, e da intercessão, no pedido de ajuda por parte do crente, face à divindade?

R10 – Exactamente(.) Ora bem(\*) Em primeiro lugar a noção de oração tal como é concebida no Judaico-Cristianismo, consiste numa anulação, e numa subalternização **total**, da personalidade de cada ser humano(.) Portanto, a intervenção é feita através duma divindade superior perante o seu rebanho, (euh) que passa a sua existência, (euh) ajoelhando-se e, e anulando-se e **refugiando-se** numa devoção, muitas vezes de tipo histórico, histórico, do redil perante a divindade(.) Quanto a nós, (euh) nós, (euh) vivemos a divindade, (euh) em todos os dias da nossa vida(.) Vivemos o **sacro**, em todos os dias da nossa vida, na medida em que acreditamos que a vida neste mundo, **deve ser**, nem mais nem menos do que uma, do que uma, correspondência total aquilo que se situa, no plano do, dos princípios(.) Portanto, não necessitamos de práticas de intercessão, ou de oração para tal(\*) Basta-nos apenas vivermos consoante um código de valores, um código de valores que consideramos superior, e não necessitamos, de, da intercessão(.)

11.[Pergunta adaptada] (Que papel tem o Padre/Pastor na sua vida Cristã?)

Para si, no paganismo em geral, qual é que acha que é o papel, digamos de um sacerdote, na vida espiritual, neste caso de um pagão?

R11 – Ora bem, dentro do paganismo, convêm manejar com algum cuidado, o conceito de paganismo, nomeadamente depois do misticismo new wave, e, e de certos fenómenos do chamado neopaganismo moderno, que muitas vezes não são mais do que

explorações comerciais e falsificadas do espírito pagão antigo(.) É evidente que as sociedades pagãs Tradicionais conheceram a figura do sacerdote, (euh) simplesmente a figura sacerdotal, nas sociedades pagãs Tradicionais, não tinha, não tinha a conotação que hoje em dia tem(.) Ou seja, o, o **próprio** chefe máximo da comunidade, acumulava, (euh) o exercício do poder político, o poder da função soberana com o da função religiosa(.) E, o sacerdote, pontífice, no sentido pagão, romano do termo, era aquele que fazia a ponte entre o humano e o sobre-humano(.) É nessa perspectiva que nós encaramos o papel, do, do sacerdote(.)

12. [Pergunta adaptada] (Cristo pode considerar-se como o centro da sua vida?)

Para um pagão, a divindade pode considerar-se como o centro da sua vida?

R12 – O pagão vive a divindade no seu dia a dia(.) (euh)O pagão participa na divindade, ao elevar-se sobre uma sociedade materialista e puramente gregária como a nossa, (euh) já esta a participar na, na divindade(.)

13. [Pergunta adaptada] (A assistência aos Cultos e participação nas demais actividades da Igreja, como Grupos de Estudo, Retiros, etc. são para si importantes?)

A assistência a qualquer tipo de rituais, ou a grupos, que por exemplo se dediquem ao estudo do paganismo, ou mesmo retiros, são para si importantes?

R13 – Ora bem, como eu já lhe disse, (euh) o exercício de, do paganismo numa sociedade como a actual é antes de mais um exercício de vivência quotidiana(.) (euh) **Mais** do que assistir a retiros ou a grupos, ou a grupos específicos, o (...) pagão deve

dar, deve dar no seu, no seu dia a dia, o exemplo de, de coerência, entre a sua presença, a sua postura no mundo **moderno** e os princípios Tradicionais e originais(.)

14.[Pergunta adaptada] (Como se definiria a si próprio e aos demais membros da Congregação enquanto membros da Igreja?)

Como se definiria a si próprio e aos demais pagãos que possa conhecer, enquanto membros do movimento pagão, ou enquanto membros do paganismo, da grande corrente pagã?

R14 – (euh) Ora bem(\*) Quando me refiro a paganismo, refiro-me, como é óbvio, às correntes do paganismo Tradicional Indo-Europeu, correntes do paganismo Tradicional Indo-Europeu, (euh) nomeadamente o paganismo greco-romano, que me pareceu, que parecem ser, (euh) o exemplo mais...grec(/) falei do paganismo greco-romano, mas poderia falar também no paganismo na sociedade hinduísta, a sociedade hindu, que me parece outro exemplo,(euh) típico da sociedade pagã(.) E é portanto é nesses, nesses modelos que eu me revejo essencialmente(.)

15.[Pergunta adaptada] (O que entende por Igreja?)

Poderia dar-me a sua opinião acerca do que, enquanto pagão, entende por Igreja?

R15 – Ora bem (euh) eu como Igreja, (euh) vamos ver, eu não tenho sentido da Igreja(.) Até porque, porque da Igreja, da **Ecclesia**, (euh) tal como é entendida pelo Judaico-Cristão, pela, pelo monoteísmo Judaico-Cristão, ou mais precisamente pelo monoteísmo das religiões do **livro**, do livro, da revelação, seja ela a Bíblia, o Corão, ou o Talmude, não...(euh) Nessa perspectiva eu preferia falar de uma comunidade de tipo aristocrático,

de homens e mulheres que se revêem em determinados princípios, e que sobretudo os procuram, (euh) praticar, no seu dia a dia, e vivê-los no seu dia a dia, para lá de rituais puramente devocionais, de fim de semana(.)

GC2 - Pedro Maria, Psicólogo.

1. Acha que existe a possessão, se sim qual a maneira de lidar com ela?

R1 – A possessão existe(.) Não enquanto elemento perturbador, (euh) religioso, mas sim enquanto sintoma de uma **patologia**, (euh) da pessoa. Há..., a possessão normalmente está associada, (euh) a alguns desajustes, alguns desequilíbrios, (euh) de que a pessoa sofre, e são, e a possessão é **apenas** um sintoma, ou até a própria síndrome, que é uma constelação de sintomas, dessa, desse desajuste(.) (euh) Pode ter a ver com qualquer necessidade que, que, (euh) a pessoa não consegue transmitir de uma forma racional, e que, (euh) exprime, transmite, (euh) de uma forma psicossomática(.) Porque envolve todo, todo o seu corpo, com alterações, (euh) de toda a espécie, alterações dos sentidos, alterações, (euh) até químicas, (euh) nomeadamente com a, com (euh) desequilíbrios hormonais, (euh) com sudção, (euh) com o seu próprio sistema nervoso central que fica implicado, (euh) e tudo isso, (euh) visto numa perspectiva histórica, e religiosa foi classificado como uma possessão(.)

2. O que entende por seitas, poderá dar-me exemplos de idolatria?

R2 – (euh) Seitas são, (euh) possíveis... são diferentes respostas de diferentes grupos, (euh) que se reúnem em comunidade, com o mesmo, com o mesmo intuito, com os mesmos valores religiosos, que têm como fito, (euh) resolver os eus problemas, de uma forma, (euh) transcendente. (euh) Idolatram, (euh) diferentes, (euh) elementos, sejam da natureza, sejam até fabricados pelo próprio homem, (euh) e correspondem, tentam corresponder a uma necessidade das pessoas, de, (euh) (euh) de uma resposta ao que

existe para além da vida, numa resposta em relação aos seus problemas quotidianos, ou às suas origens, ao seu destino, (euh) a quem elas são, o que são elas, de adaptação dessas pessoas ao meio que as circunda, às pessoas que as rodeiam (euh) (.) Ao fim e ao cabo, é, é uma tentativa, sempre de resposta(.)

3.[Pergunta Adaptada] (Porque meios é que uma pessoa chega à Salvação, para esta o Baptismo é essencial?)

Porque meios é que pensa que uma pessoa pode chegar àquilo que o crente diz ser a Salvação, e qual é a sua opinião acerca dos ritos necessários, para, para fazer essa jornada, como o baptismo?

Porque é que, na sua opinião, ele pode ser considerado essencial por muitas Igrejas ditas cristãs?

R3 – A salvação está indissociavelmente ligada à vida para além da morte(.) E, (...) (euh) entende-se que as pessoas, que as pessoas tentam, para que, **para que**, (euh) consigam atingir tal objectivo, a vida para além da morte, tenham que passar por vários estádios(.) Estádios esses que, entre cada estádio existem determinados ritos, determinadas fronteiras que há que ultrapassar, e que para isso são necessários esses ritos, sem os quais, sem a ultrapassagem dos quais, não é possível atingir o patamar seguinte(.) (euh) A salvação, ou a vida para além da morte, é ao fim e ao cabo, (euh) muitas vezes, (euh) circunscrita ao próprio reencontro com o Criador(.) (euh) Tudo isto se prende com, (euh) as, as questões que tem interrogado o homem desde, desde sempre, desde o seu aparecimento como homem, que tem, que se, euh, **reduzem** a perguntas do género como, como é que aqui estou(?) Como, como é que aqui cheguei(?)

(euh) Para onde vou(?) O que é que existe para além desta vida carnal(?) O que é, o que é a consciência(?) Etc.

4. [Pergunta Adaptada] (Acha que o mundo é um lugar ameaçador para Crentes e Não-Crentes, estes últimos encontram-se perdidos no “mundo”?)

Na sua opinião profissional, porque é que acha que o mundo é considerado um lugar ameaçador pelos crentes deste tipo de religiões, e porque é que estes mesmos crentes consideram muitas vezes que o não crente está completamente perdido no mundo?

R4 – Porque o ser crente é algo que lhe é transcendental, algo enfim que o transcende fisicamente(.) Tem a ver exactamente com o facto de se pertencer, (euh) ou se (euh) estar ligado a qualquer religião(.) Tem a ver com aquela resposta que se procura, (euh) inclusivamente muitos crentes, que são, que têm profissões racionalistas, mas que, como os cientistas, mas que na sua actividade profissional, não conseguem, (euh) descobrir a resposta, conseguem descobrir os meios mas não a resposta, ao fim último a que se propõem, que é descobrir, a, a, a imortalidade, descobrir a, que, a vida para além da morte(.) (euh) O crente acha que o mundo é um mundo ameaçador, (euh) é um mundo que atenta contra a sua identidade física, a sua identidade, e por isso é que procura, (euh) a sua integridade e procura a sua identidade junto duma comunidade que tem, **comunga** das suas, dos seus ideais em relação a essas respostas, (\*)e acredita que aqueles que **não** (euh) que não são crentes, são pessoas perdidas, são pessoas que não estão, não se estão identificadas com, com **nada**, e por isso julga que estão perdidos(.) **Não** vêem nisso, antes uma outra via, (euh) que é o da pessoa se conhecer a si própria, o não crente não quer dizer que não acredite em algo, não necessita é de acreditar naquilo que os crentes acreditam(.)

5. [Pergunta Adaptada] (O que entende por Espírito Santo, podia enunciar-me alguns dos seus Dons/Carismas, acha que estes continuam vivos e actuantes?)

Profissionalmente, poderia dar-me a sua opinião acerca daquilo que para muitos crentes é uma força activa, crentes cristãos, nomeadamente o Espírito Santo?

Acha que me poderia elucidar em relação a um aspecto, que é saber porque é que o crente põe sempre a tónica na actuação do Espírito Santo na sua vida diária, e acha que Os seus Dons, os Dons diversos que lhe são atribuídos continuam vivos e actuantes nos dias de hoje?

R5 – Porque o crente acredita que, (euh) o Espírito Santo, ou aquilo que é, que se designa por Espírito Santo é um principio organizador e dinâmico, da , da realidade que o cerca(.) E esse, (euh) princípio organizador, é actual porque reconhece naquilo que o rodeia determinado tipo de regras, determinadas leis, que, (euh) ele sente que estão presentes, mas como não as entende, não consegue chegar ao fim último do seu, do seu objectivo, chama-lhes, dá-lhes como pronome, Espírito Santo(.) (euh) E confunde inclusivamente o próprio Espírito Santo com, (euh) e esse principio **organizador**, (euh) **dinâmico**, etc., com o **próprio** papel, (euh) que a autoridade paterna, (euh) tem. (euh) De tal forma, pronto, em que a mãe é sempre vista como aquela que segura, que dá colo, que dá calor, (euh) portanto, é, é a ordem dos afectos, enquanto que a figura paterna é a ordem do **dinamismo**, do principio **organizador**, das regras, das leis que há que obedecer, e portanto, confundida com essa autoridade, com a autoridade paterna(.)

6.(Exclusiva para o Renovamento Carismático) Que papel tem no Renovamento Carismático a Devoção Mariana?

7. [Pergunta Adaptada] Na sua opinião vícios como o álcool e as drogas, ou doenças de várias ordens podem ser provocadas pelo pecado tendo origem satânica? Isto é, para o crente?

R7 – Para o crente são tudo, (euh) obras do diabo, são tentações que o diabo, tenta, atenta aos homens(.) (euh) No entanto não vê que muitas vezes, que isso são fraquezas das pessoas, são, são problemas, são desajustes, (euh) sociais, são problemas psicológicos, são, (euh) desequilíbrios da, de várias ordens, que podem levar quando tomados em excesso a patologias que podem ser mais ou menos graves(.) No entanto, outras, outros vícios que inclusivamente são até incentivados, (euh) na vivência social, como por exemplo o álcool, o fumar, (euh) por uma questão de aceitação, ou seja, (euh) reduzem-se muito a, de facto são problemas de ordem social, de educação, de formação, integração, de conhecimento do próprio, e que, leva (euh) as pessoas a terem esse tipo de comportamentos menos ajustados(.) No entanto o crente, associa-os muito, pela ordem de ideias que o leva a ser crente, associa-os antes a obras e a tentações do diabo(.)

8.No caso de ter respondido sim à última pergunta, que lugar têm a imposição de mãos, o exorcismo e outros métodos que queira referir para solucionar tais casos?

R8 – O exorcismo terá a ver com uma catarse, (euh) com o hipnotismo, com a indução de, das pessoas até obterem determinado tipo de respostas, levar as pessoas, no **reconhecimento** dos outros, da sua própria patologia, (euh) curarem-se dessa mesma patologia(.) É o sentido em que a pessoa, que os outros vêem em si aqui(/)o nosso, o nosso conhecimento passa muito, (euh) passa em grande parte pelo conhecimento que

os outros têm de nós, ou aquilo que nós pensamos que os outros sabem de nós(\*) (euh)  
E o exorcismo e o hipnotismo, etc., e o exorcismo tem a ver como hipnotismo, tem a ver  
com esse **reconhecimento**, (euh) que leva, (euh) portanto, (euh) a que a pessoa, a que  
muitas vezes, acabe por se curar(.) (euh) O (...) a imposição de mãos, (euh) terá a ver já  
com o magnetismo do próprio corpo, todos nós sabemos que existe um magnetismo no  
corpo que ainda é **muito** mal conhecido, e que há pessoas que têm mais ou menos  
magnetismo, há uma corrente eléctrica gerada pelas ligações moleculares, (euh) e  
atómicas do nosso corpo, que têm milhões e milhões de células, e que, (euh) **há** pessoas  
que pela imposição das mãos, podem reequilibrar qualquer disfunção, (euh) eléctrica,  
aliás, a nossa medicina, ainda hoje, trata muito mais o sintoma do que propriamente a  
causa(.) Há um, há inclusivamente estudos feitos que demonstram que uma  
farmacologia mais direccionada para a área molecular, seria, do que propriamente para a  
dos órgãos, seria muito mais eficaz, (euh) do que, pronto, a farmacologia actual(.) No  
entanto há grandes lobbies farmacêuticos, nessa área, que não deixam que essa  
investigação prossiga(.)

9. Como definiria o lugar da Fé face à Ciência?

R9 – Penso que têm as duas, ocupam duas, ocupam as duas, (euh) o seu espaço(.) (euh)  
**Não são** de forma alguma, não são de forma alguma, impeditivas uma da outra(.) (euh)  
Digamos que penso que a Fé perderá cada vez **mais** espaço, à medida em que a ciência  
for ganhando o seu espaço, (euh) porque a Fé só existe na medida do **desconhecimento**,  
foi assim que ela nasceu, e assim continua(.) (euh) No entanto a Fé continua a dar  
muitas respostas, (euh) que a ciência ainda não dá, (euh) (.) Todas as respostas são  
válidas, na medida em que são tentativas de resposta, (euh) e enquanto proporcionarem,

**pelo menos** alguma resposta, são sempre, são sempre válidas(.) (euh) Deixar as pessoas completamente perdidas acho que é, **é insano**.(.) (euh) Penso que, (euh) quando, penso que, **nunca** chegaremos totalmente, a que a ciência **nunca** nos proporcionará totalmente uma resposta, a todos os problemas que lhe colocam, porque à medida que a ciência vai descobrindo novas coisas, vai originando **novas** questões(.) (euh) E enquanto essas questões estiverem em aberto, haverá sempre lugar para a Fé.(.)

10. [Pergunta Adaptada] Qual o papel da Oração e da Intercessão na vida do Crente?

Qual pensa que será o papel da Oração e da Intercessão na vida de um crente, neste caso Pentecostal ou Carismático, como é o caso que estamos a tratar aqui?

R10 – A oração é como um, é um **apelo**.(.) A oração é uma chamada de atenção, a oração é, (euh) uma forma de dizer estou aqui, estou presente, (euh) nin(/) é como, (euh) um filho a querer falar com o pai, (euh) pedir-lhe conselhos, é como, (euh) uma tentativa de dialogo, (euh) é um **monólogo**, que quando praticado pelos vários, pelos vários crentes ao mesmo tempo, (euh) os faz sentir, (euh) uma sensação de comunhão, de, de ideias, e penso que assim, se a voz de uma pessoa não chegar ao Criador, pelo menos assim, **muitos**, ao mesmo tempo, concerteza que lá conseguirão chegar(.) (euh) Mas é uma tentativa, é uma tentativa de diálogo, é uma tentativa de chegar, (euh) a quem os criou, à origem de tudo, é uma tentativa de, de ao mesmo tempo, de chamada de atenção(.) As pessoas precisam de chamar a atenção cada vez mais, hoje em dia, que, que cada vez mais se é inserido numa globalização, em que as pessoas não se conhecem umas às outras, no próprio, no mesmo prédio as pessoas não se conhecem, (euh) em que se está no anonimato da multidão, nos seus empregos, no anonimato das suas comunidades, das suas cidades, (euh) e às tantas, as pessoas tentam chamar a atenção de

várias formas(.) (euh) Seja, há, há tentativas de suicídio que são apenas chamadas de atenção, há pessoas que escrevem nas paredes, como chamada de atenção, há pessoas que, (euh) pertencem, pertencem a grupos de, de envio de correio electrónico para chamarem a atenção sobre, sobre as suas coisas, para darem as suas opiniões, (euh) e a oração é uma chamada de atenção(.)

11. Que papel tem o Padre/Pastor na sua vida Cristã?

12. [Pergunta Adaptada] (Cristo pode considerar-se como o centro da sua vida?)

Que papel considera que Cristo, a figura de Cristo para qualquer destes crentes, Carismáticos ou Pentecostais, poderá ter na vida de um crente? Poderá considerar-se que para um crente activo, Cristo é o centro da sua vida?

R12 – Sim, porque ao apelar ao Espírito Santo, está a apelar a uma coisa que o transcende completamente, e o **Cristo** é aquele que o aproxima mais da realidade **terrena**, porque ele também foi, ele também foi homem(.) (euh) Foi um que esteve presente entre todos nós, segundo a religião(euh)segundo a religião católica, (euh) e isso, (euh) **aproxima** a divindade dos factos terrenos, e assegura, ao mesmo tempo, que não é apenas uma ideia, é algo que existe entre nós e que está presente(.)

13. [Pergunta Adaptada] A assistência aos Cultos e participação nas demais actividades da Igreja, como Grupos de Estudo, Retiros, etc. são para si importantes?

No caso dos carismáticos e dos Pentecostais poderia dar-me a sua opinião acerca da importância que muitos deles dão à assistência aos cultos, à participação nas demais actividades da Igreja, como Grupos de Estudo, Retiros, etc.?

R13 – Isso faz tudo parte duma dinâmica colectiva, (euh) de integração numa comunidade que se diferencia aqueles que pertencem ou não pertencem a essa comunidade, que se identificam por vários sinais, por várias formas de identificação entre eles (euh)(.) E isso fá-los sentir integrados, adaptados, num, e dentro duma **dinâmica** própria desse grupo(.)

14.[Pergunta Adaptada] (Como se definiria a si próprio e aos demais membros da Congregação enquanto membros da Igreja?)

Como é que acha que o crente, isto numa perspectiva dita de fora, racionalista, psicológica, profissional se quisermos, se define a si próprio e aos demais membros da sua Congregação, enquanto membros dessa Igreja? Por outras palavras, como é que ele se vê a si próprio, e aos demais crentes da sua própria Congregação, dentro do seu endogrupo?

R14 – (euh) Acho que já respondi a essa pergunta na resposta anterior(.) (euh) Ele revê-se como um elemento dessa comunidade, como um elemento que se identifica com essa comunidade, em que (euh) se diferencia dentro da comunidade e diferencia a sua comunidade das outras comunidades(.) É uma questão de, de adaptação, de se colocar

ao serviço dessa comunidade, e de sentir que apoiando essa comunidade, essa comunidade também o apoiará.)

15.[Pergunta Adaptada (O que entende por Igreja?)

Numa perspectiva psicológica, o que é que podemos entender por Igreja?

R15 – (euh) Tem várias conotações(.) Tem a ver, (euh) com a casa de família, onde, portanto, todas as pessoas se identificam umas com as outras(.) Tem a ver com o próprio útero da, da mulher, [sorriso] onde as pessoas se resguardam, se sentem a salvo (euh) do mundo que existe lá fora(.) Poder ter, (euh) paredes, como **não ter** paredes, isso é, isso é indiferente, mas é onde as pessoas se sentem em comunhão, e onde apelam Àquele que pensam que foi o seu criador, ou seja àquela autoridade que identificamos como a autoridade paterna.)

GC3 – Tânia Veiga, Testemunha de Jeová.

1. Acha que existe a possessão, se sim qual a maneira de lidar com ela?

R1 – Acho que sim, **existe** e (euh) penso que a possessão está ligada também, em parte com o fanatismo, não é(?) Uma pessoa que está possessa, não está com as suas capacidades mentais **plenas**, não é(?) Penso que é por aí(.)

2. O que entende por seitas, poderá dar-me exemplos de idolatria?

R2 – Ora bem, seita, nós sabemos que uma seita é a ideia, é um grupo que se separa dos outros, não é(?) E é uma pessoa que tenta levar um partido ou, (euh) lá está, a sua ideia **avante**(.) O que eu entendo por seita é um desses grupos que tentam ir avante mas acabam sempre por cair em terra, não é(?) Por não se tornarem em nada, **porque** (\*) não, não dá em nada, não têm a credibilidade, (euh) necessária(.) Exemplos, eu agora não me recordo de nenhum(.) Exemplos de idolatria temos as imagens, não é(?) Vimos que, quem vê as imagens, nomeadamente aos jovens é os, os actores e, e por aí, não é(?) E mesmo jogadores da bola, isso também é considerado idolatria(\*) Mas idolatria também podemos associar às imagens, não é(?) Que são as pessoas que acreditam que a imagem vai **concretizar** e vai **realizar** tudo aquilo que elas acham, que para elas, é o melhor(.)

3. Porque meios é que uma pessoa chega à Salvação, para esta o Baptismo é essencial?

R3 – **Não**, não, não(.) (euh) Eu como Testemunha de Jeová, pronto, acredito **que**, (euh) conforme está escrito, é preciso nós, (euh) como é que eu hei-de dizer(?) É preciso **nós**,

(euh) persistirmos e produzirmos a nossa Salvação(.) Portanto, isto é uma, é um processo contínuo, não é(?) Não é só através do batismo, podemos ser batizados mas toda aquela pessoa que tem o **conhecimento**, não é(?) Que tem o conhecimento da Palavra, euh, a Bíblia neste caso, euh, se (...) levar um modo de vida leviano ou que vá de, que vá contra os princípios bíblicos, aí pronto, não tem, não está a produzir a Salvação(.)

4. Acha que o mundo é um lugar ameaçador para Crentes e Não-Crentes, estes últimos encontram-se perdidos no “mundo”?

R4 – (euh) Ora bem, o mundo é, é **mau**(.) E isto porquê, porque nós vivemos num mundo em que cada vez mais incentiva à violência, e nós sabemos que, e conforme está escrito, mais uma vez, diz que haverá tempos difíceis e críticos de manejar, e isto em Timóteo(.) E **nós sabemos** que, (euh) sempre houve estes dias críticos, mas **hoje há cada vez mais**, terremotos, intempéries naturais, que acontecem dia, quase dia após dia(.) E isso para os crentes é bom, porque aquilo que está escrito é justamente aquilo que está a acontecer hoje em dia, não é(?) Para os não crentes, para aqueles que não acreditam, e se calhar não têm, nunca tiveram a oportunidade de se debruçar sobre, (euh) sobre o que está acontecer e sobre a Bíblia, por um lado é bom, porque estão indolentes, estão incrédulos, não é(?) **Não sabem**, não é(?) É mais por aí, não sabem, nem têm outra forma de saber(.) Para aqueles que sabem e não querem saber, vai ser mau, não é(?) Vai ser mau, porque não vão ter..., porque não acreditam na Fé, não é(?) Não, não têm Fé, e não acreditam que algum dia poderão vir a ser salvos, e que há-de vir um mundo diferente, que é aquele que nós pedimos, neste caso, no Pai-nosso(.)

5.O que entende por Espírito Santo, podia enunciar-me alguns dos seus Dons/Carismas, acha que estes continuam vivos e actuates?

R5 – Ora bem, Espírito Santo é a força activa de Deus, não é(?) E (...) existe sim(.) Nós como crentes, e todo aquele que acredita, nós conseguimos sentir, em **plena**, (euh) em pleno sentido na Palavra, o (...) Poder ou o Espírito Santo de Deus(.) E isto, nós como Testemunhos de Jeová, nós saímos à pregação, e sabemos que não é, por vezes, se fosse da própria vontade da pessoa, enquanto humana, **não ia**(\*) Porque para ser maltratada, e, e para ser espezinhada, e às vezes ouvir, euh, blasfémias, se fosse a pessoa em si, como pessoa humana, não ia(.) É preciso uma força para além do normal, que é como está escrito(.)Acreditamos que sim, que o Espírito Santo é a força activa da pessoa, do, euh, de Deus, assim é que é(.)

6.(Exclusiva para o Renovamento Carismático) Que papel tem no Renovamento Carismático a Devoção Mariana?

7.Na sua opinião vícios como o álcool e as drogas, ou doenças de vária ordem podem ser provocadas pelo pecado tendo origem satânica?

R7 – [Risos] Não(.) Ora bem, na minha opinião drogas e álcool é **tudo** fruto do mundo em que vivemos, não é(?) São descobertas feitas pelos homens, em que nós sabemos que **tudo o que é demais faz mal**(.) Por exemplo, nós temos na Bíblia, ao Timóteo, (euh) o Apóstolo Paulo disse ao Timóteo que era bom e que ele fazia bem em beber um pouco de vinho, porque iria-lhe fazer bem ao estômago(.) No entanto nós sabemos que o fumo, tanto de tabaco ou de drogas, faz mal, prejudica a saúde(.). Portanto não tem a

ver, nem com... (euh) satânicas, não é(?) Porque cabe à pessoa, através do livre arbítrio, decidir(.) Se faz mal, se deve ou não tomar, pronto(.)

8.No caso de ter respondido sim à última pergunta, que lugar têm a imposição de mãos, o exorcismo e outros métodos que queira referir para solucionar tais casos?

9.Como definiria o lugar da Fé face à Ciência?

R9 – Ora bem , o lugar da Fé face à Ciência(.) A Fé, eu penso que não podia ligar muito a Fé à ciência, não é(?) Porque a Fé é algo que nós temos, **acreditamos** mesmo não vendo, não é(?) E se a gente não, a ciência nós temos que **ver**, são, (euh) elaboradas experiências, das quais deriva a ciência, ou (...) por assim dizer(.) E a Fé é preciso nós acreditarmos plenamente, é como o vento(.) Nós sabemos que existe vento porque sentimos, e a Fé é por aí(.)

10.Qual o papel da Oração e da Intercessão na vida do Crente?

R10 – A oração é importante, porque é o único meio viável, digamos, assim, que nós temos para comunicar com o nosso Criador(.) E é através da oração que nós, no noss(/) no meu caso, (euh) eu através da oração peço ajuda, (euh) tento pedir também para ajudar onde for mais preciso, e é um meio de nós falarmos e estarmos mais achegados com Deus.

11.[Pergunta Adaptada] Que papel tem o Padre/Pastor na sua vida Cristã?

Qual é o papel que tem, neste caso para as Testemunhas de Jeová, o Ancião na sua vida Cristã?

R11 – O papel do Ancião(?) Nós sabemos e acreditamos que, isto vem tudo, digamos, por uma hierarquia(.) Isto porque, (euh) a cabeça da Congregação, que neste caso é uma Congregação, é Cristo(.) E a cabeça da Congreg(/) e (...) e Cristo é o intermédio com, (euh) pessoas na terra, que nós acreditamos que irão reinar com Ele(.) Portanto o ancião é designado pelo Espírito Santo de Deus, e, juntamente com Cristo, não é(?) É, é mediante o esforço que eles fazem de, (euh) organizar, digamos assim, de levar, manter a organização dentro de uma Congregação(.) É única e exclusivamente, e tentar ajudar, digamos assim, os crentes a levar a um bom porto e tentar, (euh) ao dar o conhecimento às pessoas, tentar, (euh) transmitir, digamos assim, por vários tipos, por vários itens, a palavra de Deus, e é a organização, é por aí(.)

12.Cristo pode considerar-se como o centro da sua vida?

R12 – **Ah Sim**(.) Nós acreditamos, e eu acredito que Cristo é um exemplo para nós, não é(?) Ele veio à terra, sacrificou a sua vida, e nós tudo aquilo que fazemos, segundo o que está escrito, **é seguir** os passos de Cristo(.) **Não** podemos levar totalmente em letra, porque nós sabemos que, a, o (...) Antigo, o Velho, o Velho [Testamento?] Testamento, exactamente, (euh) quando Jesus veio, aboliu-o, digamos assim(.) Deixou de ser os Dez Mandamentos, neste caso, para serem só dois(.) E **nós**, pronto, fazemos, seguimos esses dois Mandamentos, que estão englobados os outros dez e tentamos, (euh) seguir, pôr nas nossas vidas, tentar seguir o exemplo de Jesus Cristo, não é(?) Nomeadamente na,

em toda a nossa vida, porque se somos Testemunhas de Jeová, não somos **só** numa hora ou duas, mas sim vinte e quatro horas, não é(?) E ao fazer a pregação, é o exemplo que Ele também deixou, e que nós estamos a fazer como quase toda a gente sabe, não é(?) O que está escrito em Mateus 24:14, é Ir e Pregar em todas as terras [A toda a criatura], exactamente(.)

13.A assistência aos Cultos e participação nas demais actividades da Igreja, como Grupos de Estudo, Retiros, etc. são para si importantes?

R13 – **São, são**(.) Euh, Eu acho que este texto que eu vou citar é (...) diz tudo, em Hebreus, 10.24 e 25, diz que, (euh) nós devemos congregar e estimular às obras excelentes e ao convívio, pronto(.) As Congregações e as reuniões é um meio que nós temos de pessoas da mesma Fé estarem unidas, reunidas, e termos uma, digamos assim, convivência sa(/) sadia. E lá está, estimulamo-nos ao amor e às obras excelentes (.) Porque podemos trocar impressões, podemos-nos apoiar, podemos falar, conversar, sem termos problemas quaisquer, porque são pessoas que acreditam no mesmo que **nós**(.)

14.Como se definiria a si próprio e aos demais membros da Congregação enquanto membros da Igreja?

R14 – Ora bem, nós somos como um Cor(/)como um corpo humano, que também está escrito[sorrisos], (euh) nós somos como um cor...como um corpo humano que todos os membros são importantes, portanto(.) (euh) A mão não pode dizer à outra que não precisa dela, nem o olho pode dizer que não precisa, não é(?) Todos somos importantes e é engraçado que, pronto, nós, eu posso até fazer um, (euh) dar um exemplo e uma

comparação, é tipo trabalhar para o Estado(.) Enquanto no Estado há baixas aqui não, quantos mais vierem melhor(.) E, porque **todos** fazem falta(\*) E (...) **todos**, aqueles que acreditarem na Palavra e quiserem, agir, agir em harmonia com ela, não é(?) Não é todos e vão lá, e fana(/) fanáticos não, nem possessivos, nem coisa que o valha(.) Isto é todas as pessoas que acreditam e que sim, que querem, pôr na, (euh) ter um **modo** de vida, (euh) regido pela Bíblia, digamos assim ou pela Palavra de Deus, são bem vindos, sim(.)

15.O que entende por Igreja?

R15 – Ora bem, a Igreja (euh) (.) A Igreja é um conjunto de pessoas que tentam(\*) Ora bem, que tem(/) é um conjunto de pessoas que, que louvam o mesmo Deus e que se regem pelos mesmos princípios, não é(?) E que tentam fazer deles, (euh) o seu modo de vida, por assim dizer(.) A Igreja também é, (euh) não é uma demo(/) democracia, mas sim uma Teocracia, não é(?) Porque são todos, (euh) eleitos, digamos assim(.) Não há eleições, são todos **elevados** pelo Espírito Santo, pela Teocracia, pronto(.)

GC4 – Dilara Moia, Psicóloga.

1. Acha que existe a possessão, se sim qual a maneira de lidar com ela?

R1 – Acho que existe, e a maneira de lidar com ela é através duma, (euh) psicoterapia(.)

2. O que entende por seitas, poderá dar-me exemplos de idolatria?

R2 – Não tenho opinião **formada**, acerca das seitas, (euh) logo também não tenho qualquer exemplo para dar(.)

3. [Pergunta Adaptada] (Porque meios é que uma pessoa chega à Salvação, para esta o Baptismo é essencial?)

Porque meios é que pensa que uma pessoa pode chegar àquilo que o crente diz ser a Salvação, e qual é a sua opinião acerca dos ritos necessários, para, para fazer essa jornada, como o baptismo?

Porque é que, na sua opinião, ele pode ser considerado essencial por muitas Igrejas ditas cristãs?

R3 – (euh) Penso que os, (euh) ditos **crentes**, chegam à salvação através da orientação da sua própria religião(.) E, no caso em que existem **ritos**, eles utilizam os ritos, na sua, (euh) na sua própria, (euh) religião, da sua Igreja, Igreja entendida aqui como a Instituição a que pertencem, para fazer essa caminhada(.) **Se** no caso, (euh) particular, (euh) a, a Igreja a que pertencem exigir esse ritual, baptismo, pois acredito que eles o **façam** como necessário à dita salvação(.)

4. [Pergunta Adaptada] (Acha que o mundo é um lugar ameaçador para Crentes e Não-Crentes, estes últimos encontram-se perdidos no “mundo”?)

Na sua opinião profissional, porque é que acha que o mundo é considerado um lugar ameaçador pelos crentes deste tipo de religiões, e porque é que estes mesmos crentes consideram muitas vezes que o não crente está completamente perdido no mundo?

R4 – Na minha opinião eu acho que o mundo é considerado, um, um lugar ameaçador pelos **crentes e não crentes**(.) Não, as pessoas não têm necessariamente de ter um tipo de religião para sentirem o mundo como ameaçador(.) Basta saírem da sua própria casa, que muitas vezes, é, é o seu refúgio, não tem de ser sempre assim, para se sentirem ameaçadas(.) (euh) Pelo, pelo facto de **saírem** dum lugar em que sentem protegidos, podem apanhar doenças, bactérias, doenças, serem atropelados, etc.(.) Os Crentes consideram muitas vezes que o não crente está perdido no mundo, porque estão muito ligados à sua, à sua religião(.) À, à noção de que não estão sozinhos, de que estão protegidos, porque **não concebem** o mundo sem este tipo de crença(\*) Porque se sentiam completamente desesperados, **só** com a ideia, com a ideia, por muito leve que fosse, que não **existia** um Ente Superior, que os protegesse **no universo**(.) E entravam em completo desespero(.)

5. [Pergunta Adaptada] (O que entende por Espírito Santo, podia enunciar-me alguns dos seus Dons/Carismas, acha que estes continuam vivos e actuantes?)

Profissionalmente, poderia dar-me a sua opinião acerca daquilo que para muitos crentes é uma força activa, crentes cristãos, nomeadamente o Espírito Santo?

Acha que me poderia elucidar em relação a um aspecto, que é saber porque é que o crente põe sempre a tónica na actuação do Espírito Santo na sua vida diária, e acha que

Os seus Dons, os Dons diversos que lhe são atribuídos continuam vivos e actuantes nos dias de hoje?

R5 – Não sei se a minha opinião, neste caso, é profissional, mas o que eu entendo por força activa, **nos crentes**, é aquilo que para os não crentes poderia ser a chamada motivação(.) Algo, uma força interior, um, conteúdos que têm dentro de si, que os levam a fazer determinadas coisas, e a acreditarem em determinados **assuntos**, ou em determinadas filosofias de vida, etc.(.) Em relação, (euh) ao aspecto, (euh) da, da actuação do Espírito Santo, integra-se, mais uma vez, na, na, sua crença, na sua **Fé**(.) Na necessidade que têm de ter **algo** que os proteja(.) Eu acho que isto está, esta dentro daquilo que eles professam(.) O que acontece é que estes ditos **Dons**, (euh) que Lhe são atribuídos continuam vivos, porque, (euh) não acredito que o **homem** a nível racional e emocional tenha evoluído muito(.) Pode ter evoluído a nível de ciência mas a nível psicológico, **continua** a necessitar de acreditar em algo(.) **Talvez** esse algo, a partir do momento em que começou a aparecer, em que apareceu Jesus Cristo, se tenha modificado, mas é, eu acredito que é a **mesma crença** que eles tinham, nas pedras, no sol, e nos (euh) e noutras coisas da vida diária antes de aparecer Jesus Cristo(.)

6.(Exclusiva para o Renovamento Carismático) Que papel tem no Renovamento Carismático a Devoção Mariana?

7. [Pergunta Adaptada] Na sua opinião vícios como o álcool e as drogas, ou doenças de várias ordens podem ser provocadas pelo pecado tendo origem satânica? Isto é, para o crente?

R7 – Na minha opinião, eu acredito que sim(.) **Muitos** deles, pelo menos aqueles que estão muito mais ligados à religião, (euh) eu acredito que eles, (euh) dividam o mundo entre **bem e mal**(.) Logo, se Deus seria, (euh) o, bem na sua essência, satanás seria o mal(.) Portanto eu acredito que eles, (euh) vejam o mundo, (euh) à luz do pecado.

8.No caso de ter respondido sim à última pergunta, que lugar têm a imposição de mãos, o exorcismo e outros métodos que queira referir para solucionar tais casos?

R8 – (euh) Eu acredito que estes **métodos** sejam eficazes, tendo em conta, (euh) a visão **deles** sobre a religião(.) Logo, isto nos crentes **funcionará** como nos não crentes, como outro tipo de terapias(.) Por exemplo, as pessoas que não têm qualquer tipo de religião acreditam piamente, muitas vezes, na, na medicina, etc.(.)

9.Como definiria o lugar da Fé face à Ciência?

R9 – Se entendermos a Fé como (...) uma força interior que não tem **nada** a ver com a religião, (euh) eu acredito que seja, (euh) o acreditar no conhecimento(.) O **acre**(/) o **ter** uma força dentro de si que acredita que a ciência, em última análise, nos vai trazer tudo

de bom, que nos vai impedir de sentir determinados medos, em relação às doenças, em relação, ò, ò, à civilização(.) Que nos traga coisas boas que nos impeçam de viver num mundo selvagem e perigoso(.)

10. [Pergunta Adaptada] Qual o papel da Oração e da Intercessão na vida do Crente?

Qual pensa que será o papel da Oração e da Intercessão na vida de um crente, neste caso Pentecostal ou Carismático, como é o caso que estamos a tratar aqui?

R10 – Bem , embora não tenha muitos conhecimentos do papel da oração e da intercessão na vida dos crentes, porque não, não tenho conhecimentos sobre isso, acredito que o papel da oração funcionará como um certo, um, um, meio de aliviar os medos e de alguma forma o stress que as pessoas possam, (euh) arranjar, na , na vida, devido à vida do dia a dia, das pressas, e encontrem na oração também um alívio e um refúgio(.)

11. Que papel tem o Padre/Pastor na sua vida Cristã?

12. [Pergunta Adaptada] (Cristo pode considerar-se como o centro da sua vida?)

Que papel considera que Cristo, a figura de Cristo para qualquer destes crentes, Carismáticos ou Pentecostais, poderá ter na vida de um crente? Poderá considerar-se que para um crente activo, Cristo é o centro da sua vida?

R12 – Mais uma vez, tendo em conta a falta de conhecimentos, neste campo, acredito que Cristo, (euh) funcione como um exemplo na sua vida(.) Um exemplo vivo(.)

13. [Pergunta Adaptada] A assistência aos Cultos e participação nas demais actividades da Igreja, como Grupos de Estudo, Retiros, etc. são para si importantes?

No caso dos carismáticos e dos Pentecostais poderia dar-me a sua opinião acerca da importância que muitos deles dão à assistência aos cultos, à participação nas demais actividades da Igreja, como Grupos de Estudo, Retiros, etc.?

R13 – Acredito que para, para eles isso funcione como uma espécie de catarse(.) De acompanhamento, de viver em grupo, de motivação, de... etc.(.)

14.[Pergunta Adaptada] (Como se definiria a si próprio e aos demais membros da Congregação enquanto membros da Igreja?)

Como é que acha que o crente, isto numa perspectiva dita de fora, racionalista, psicológica, profissional se quisermos, se define a si próprio e aos demais membros da sua Congregação, enquanto membros dessa Igreja? Por outras palavras, como é que ele se vê a si próprio, e aos demais crentes da sua própria Congregação, dentro do seu endogrupo?

R14 – Eu acho que este crente, (euh) se vê como membro, (euh) de um grupo que serve, serve e segue determinados objectivos, no sentido de ajudar, (euh) a sua própria comunidade a viver de acordo com determinados valores e ao mesmo tempo viver, (euh) de forma(...) mais feliz, mais pacífica, com **mais** valores(.) E se ele se vê assim, acredito que possa ver os outros crentes da mesma **forma**(.) Como pessoas que participam em algo, (euh) de bom e que tem, um, um Ente Superior que os **leva** a isso, e que lhes serve de modelo(.)

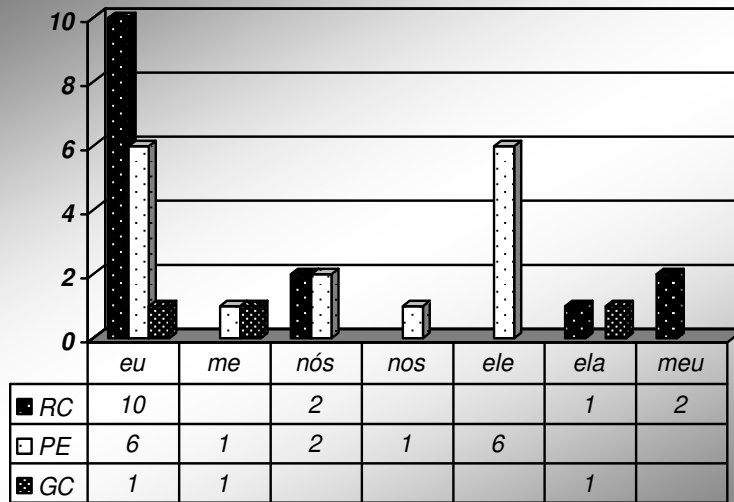
15.[Pergunta Adaptada (O que entende por Igreja?)

Numa perspectiva psicológica, o que é que podemos entender por Igreja?

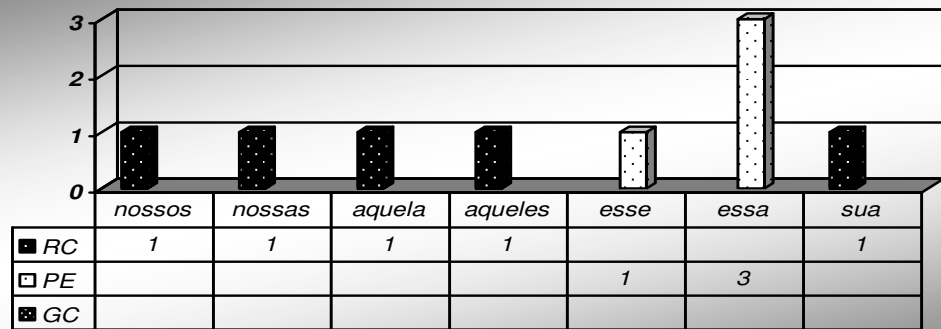
R15 – Eu penso na Igreja, não sei se é em termos psicológicos se não, como uma **Instituição**(.) Em que existe, tem determinados crentes, e esses crentes **sentem** essa Instituição, em última análise, como a sua última casa(.) Onde recorrem quando necessitam de conforto, quando necessitam de se sentir emocionalmente, psicologicamente, em **paz, estáveis**, onde procuram o equilíbrio(.) Então recorrem a essa Instituição, (\*) que tem os seus representantes e as suas casas(.) Para mim a Igreja é isso(.)

# Anexo III

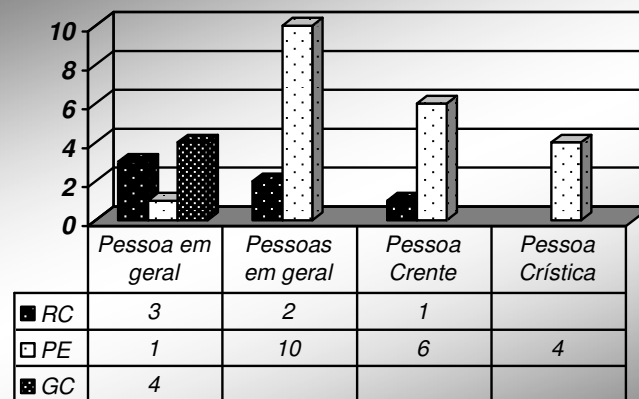
## Gráficos



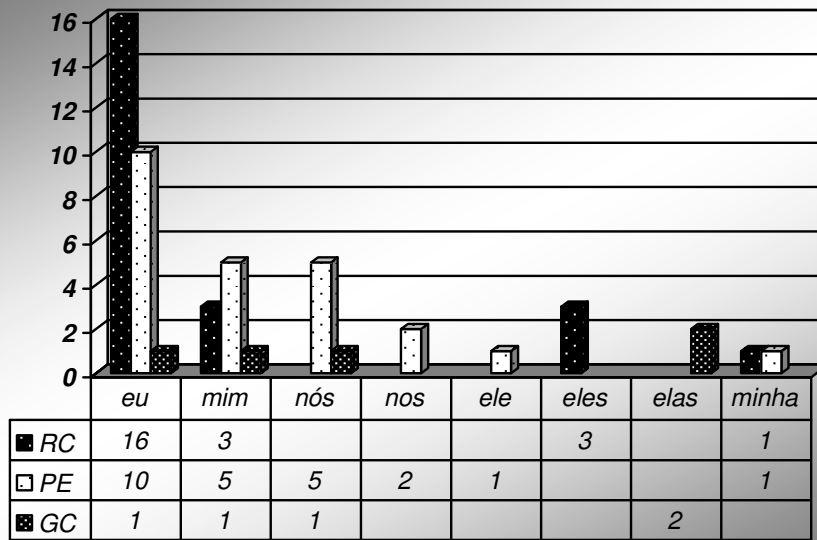
Questão 1



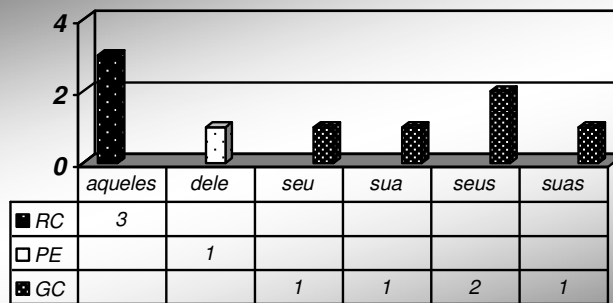
Questão 1



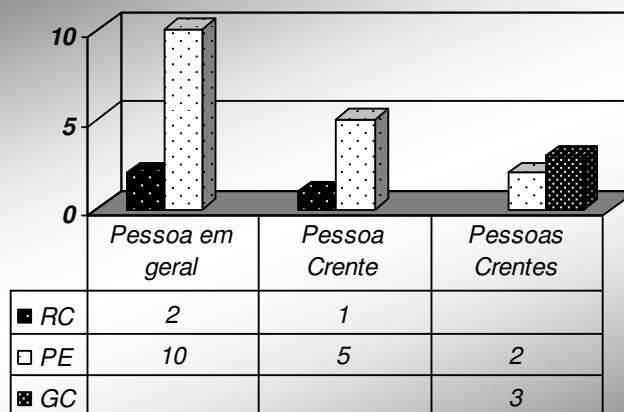
Questão 1



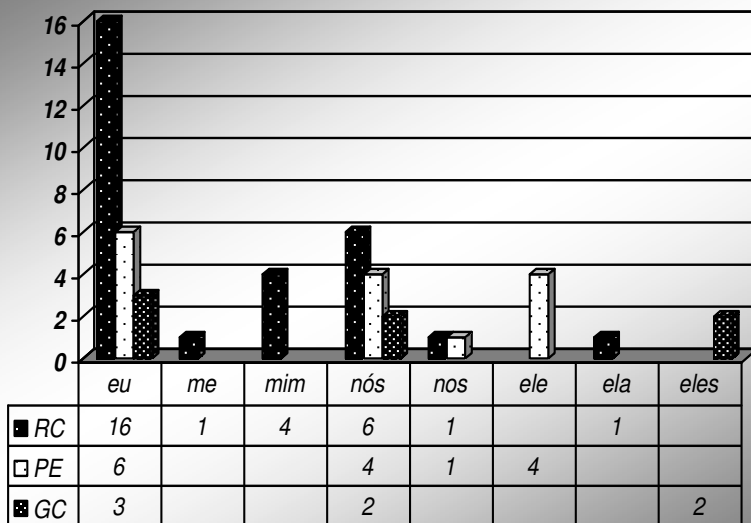
Questão 2



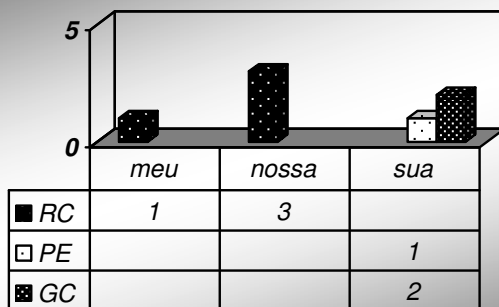
Questão 2



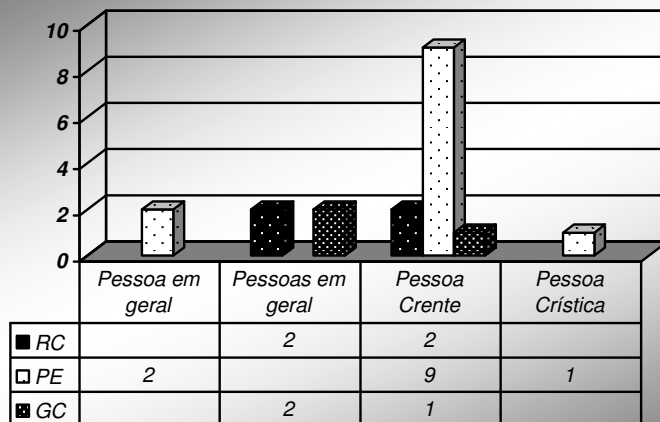
Questão 2



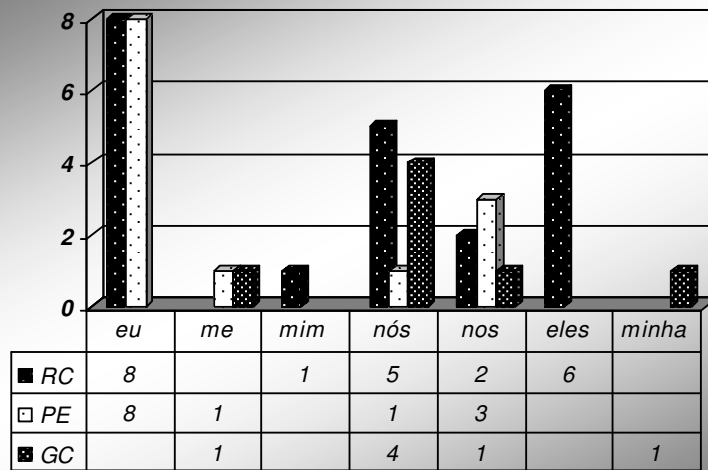
Questão 3



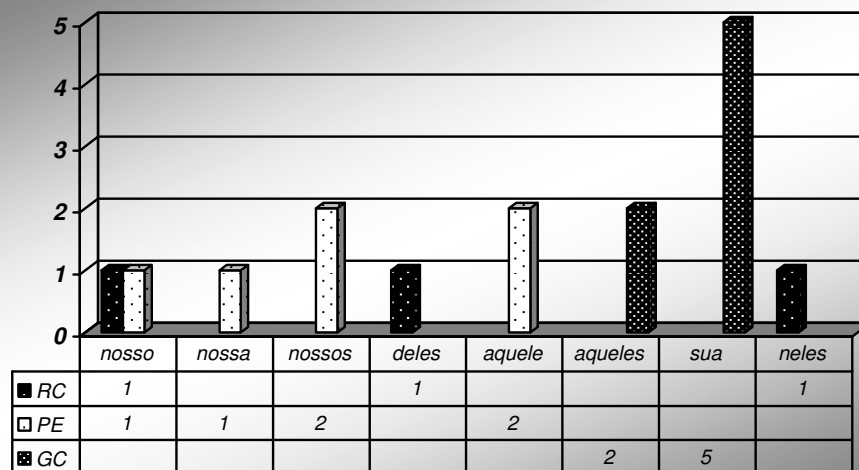
Questão 3



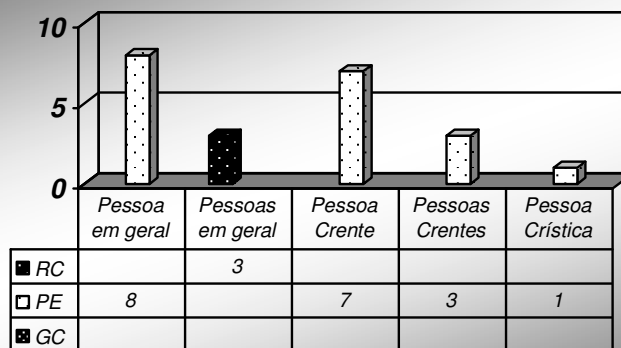
Questão 3



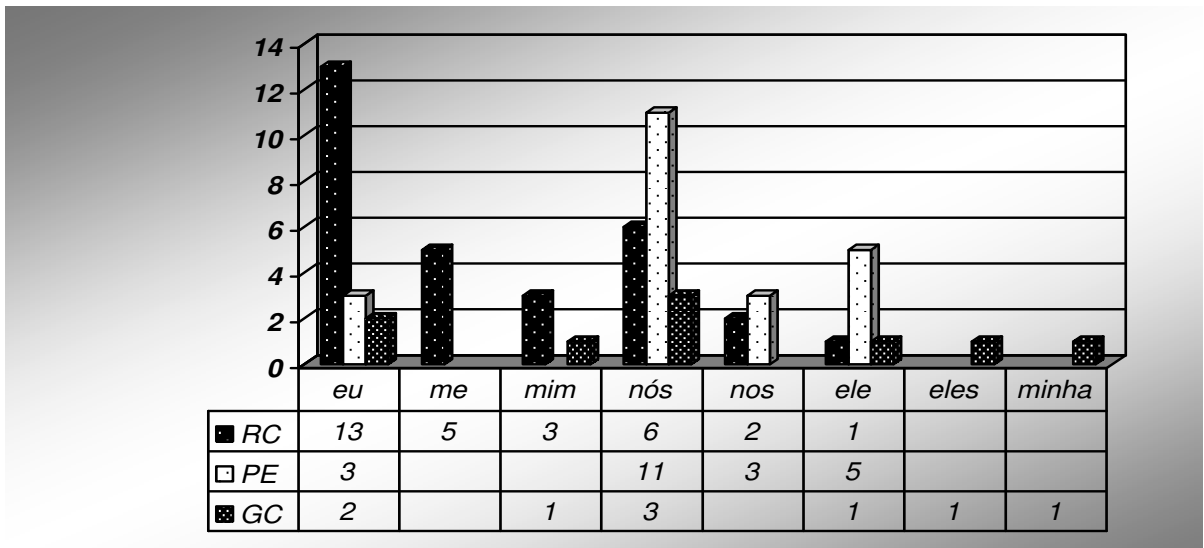
Questão 4



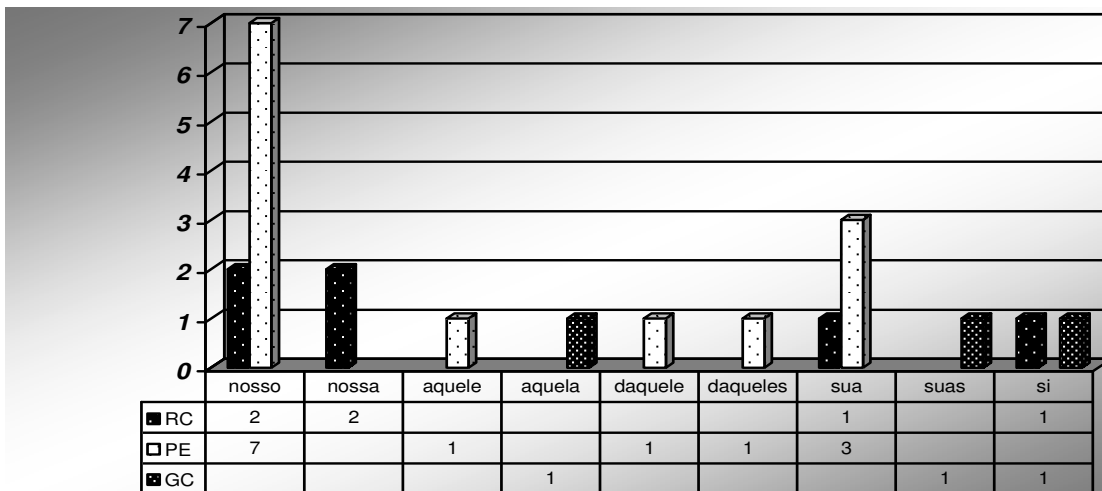
Questão 4



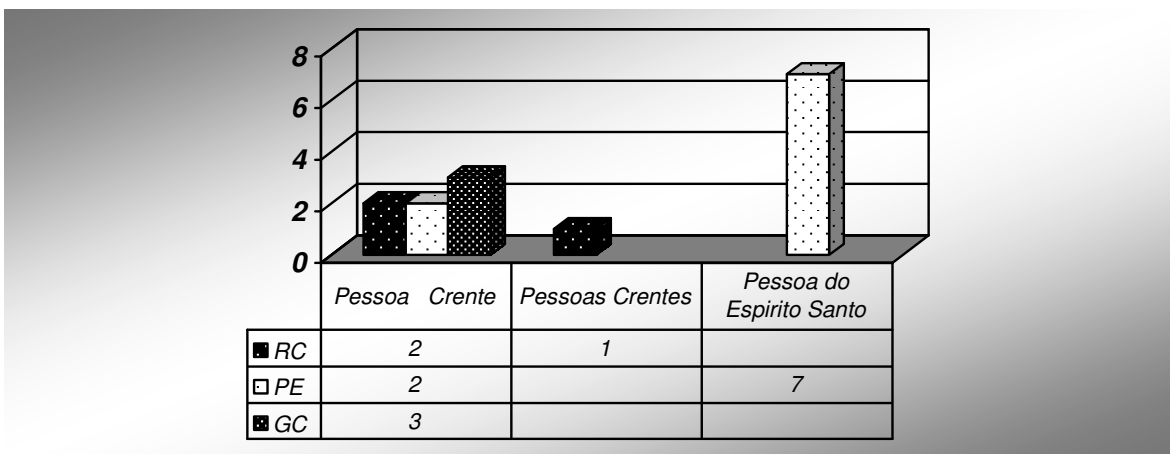
Questão 4



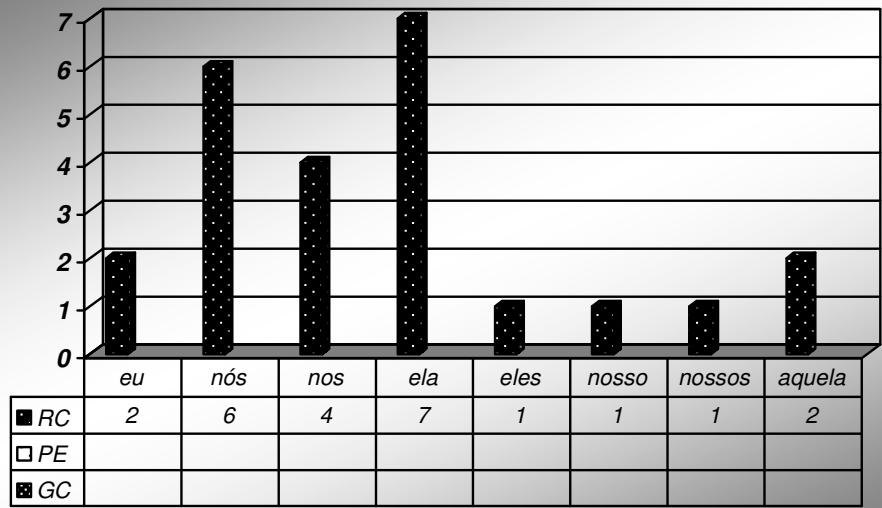
Questão 5



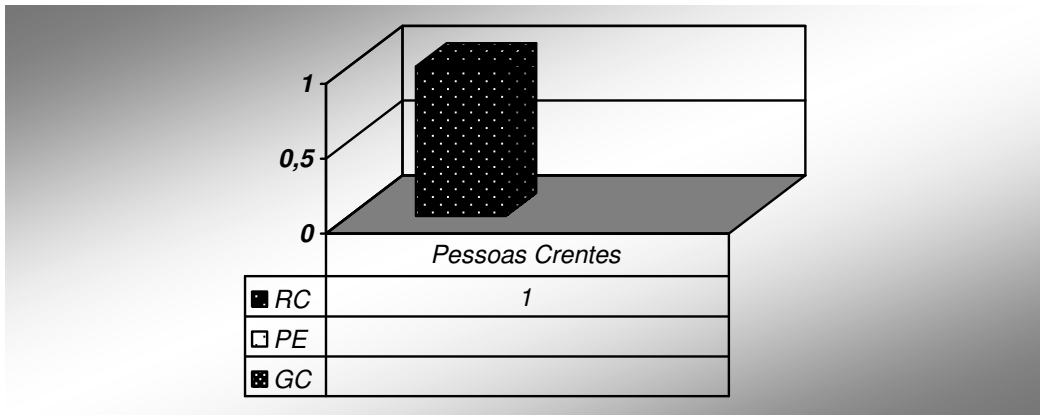
Questão 5



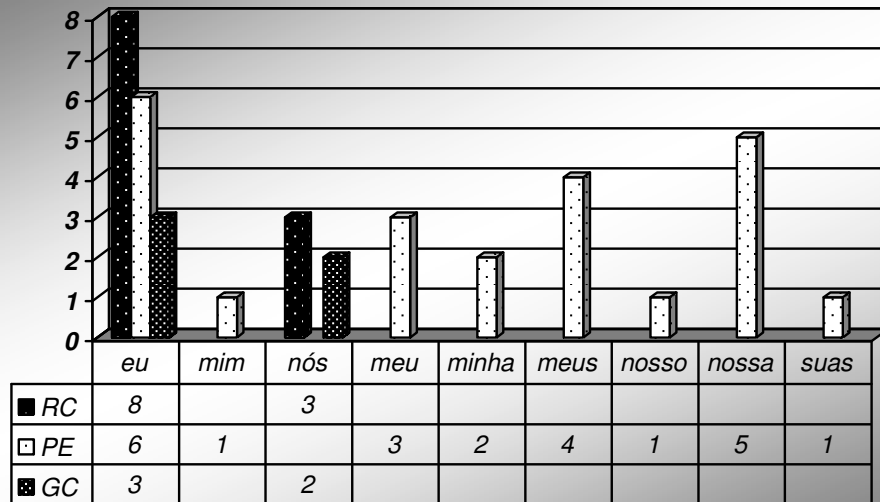
Questão 5



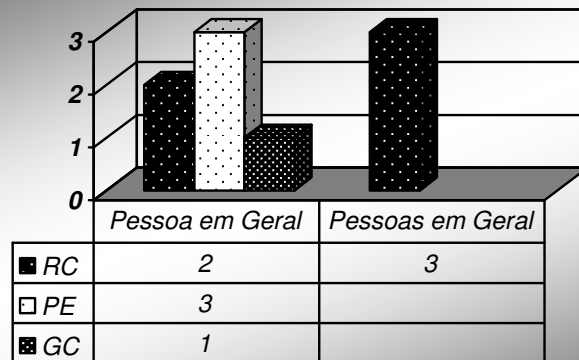
Questão 6



Questão 6



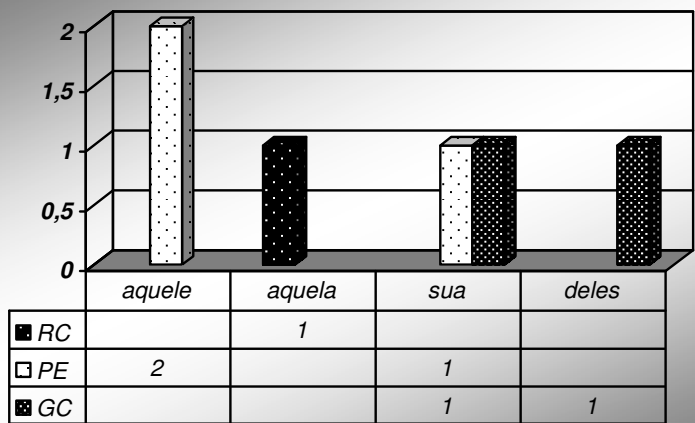
Questão 7



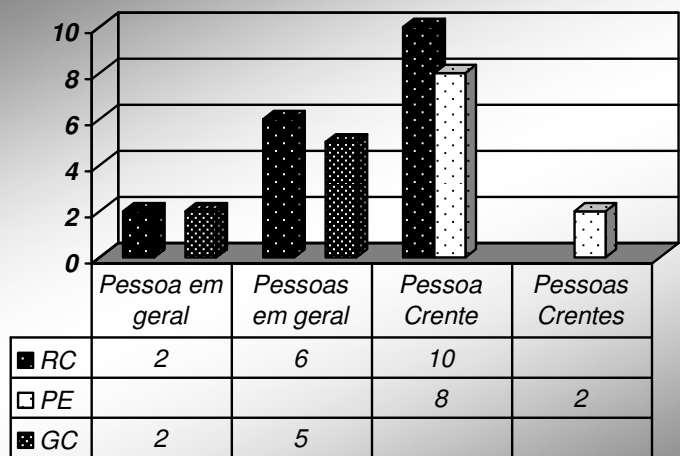
Questão 7



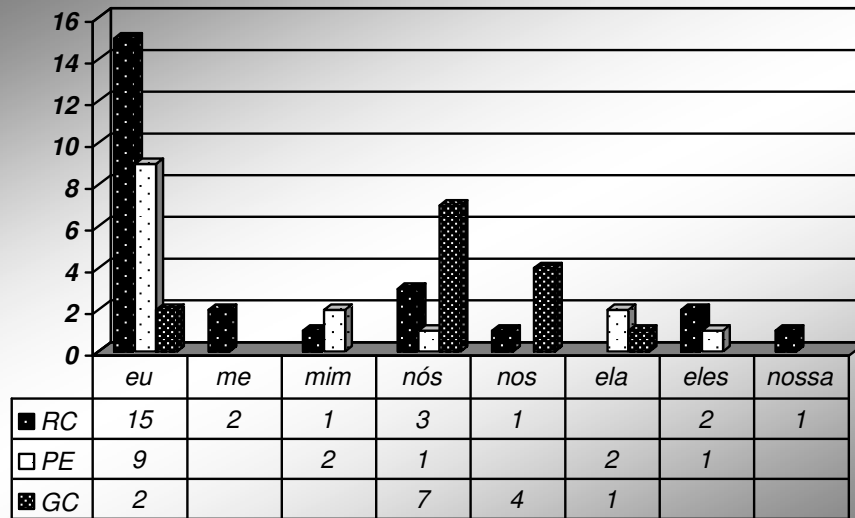
Questão 8



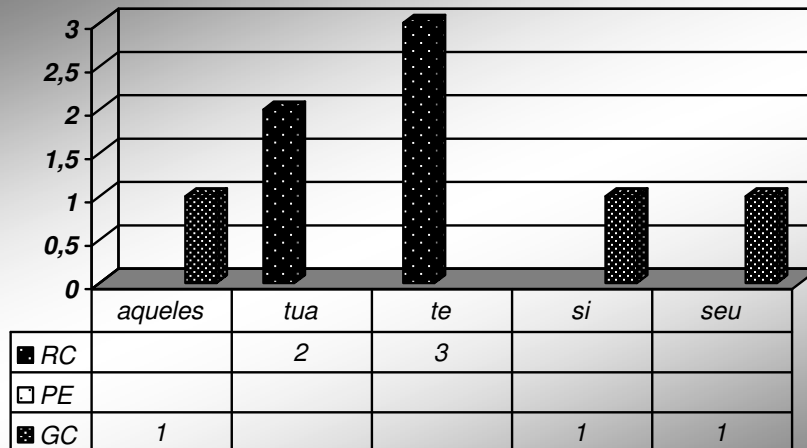
Questão 8



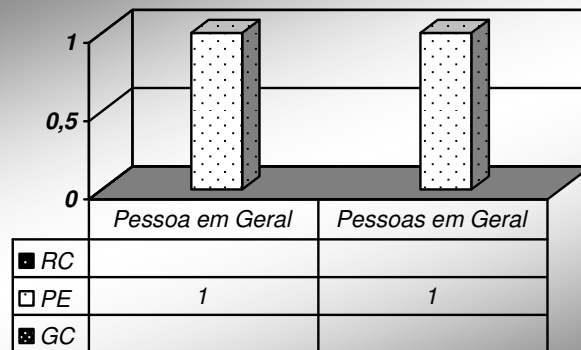
Questão 8



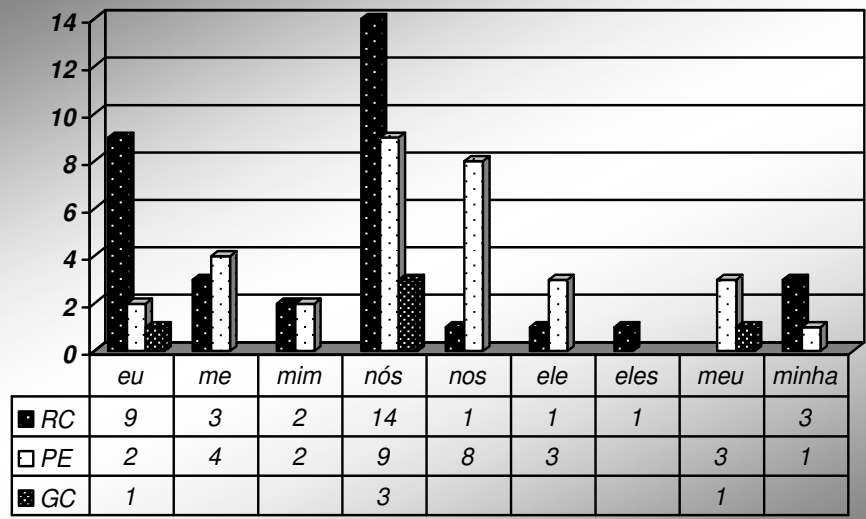
Questão 9



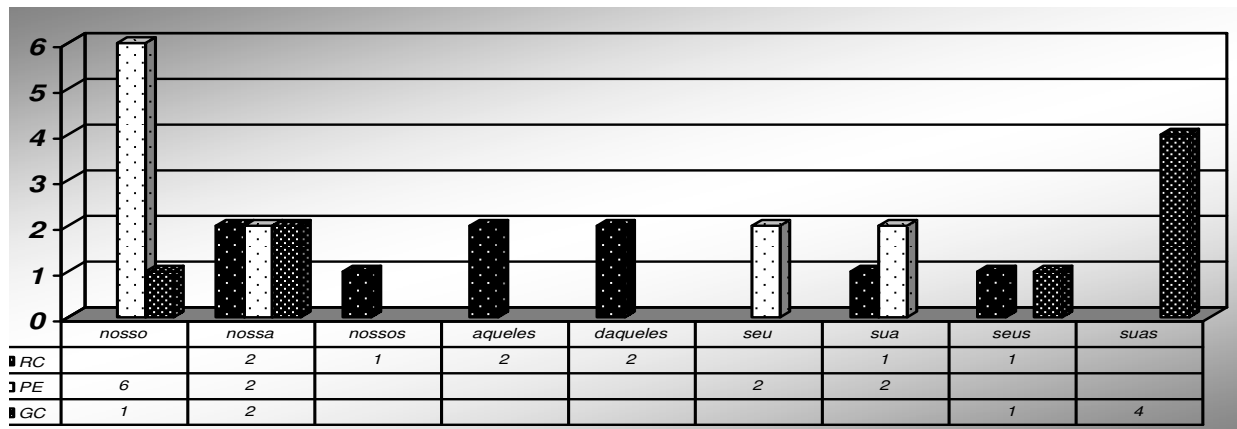
Questão 9



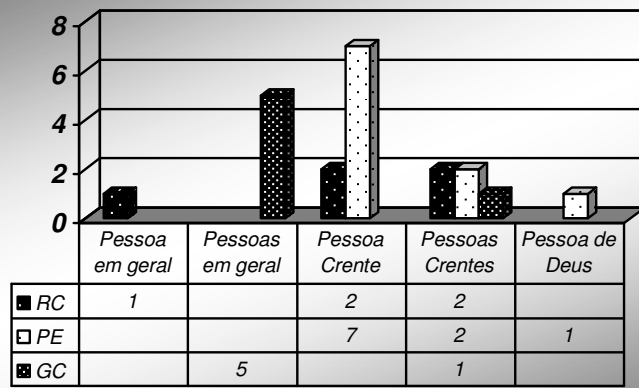
Questão 9



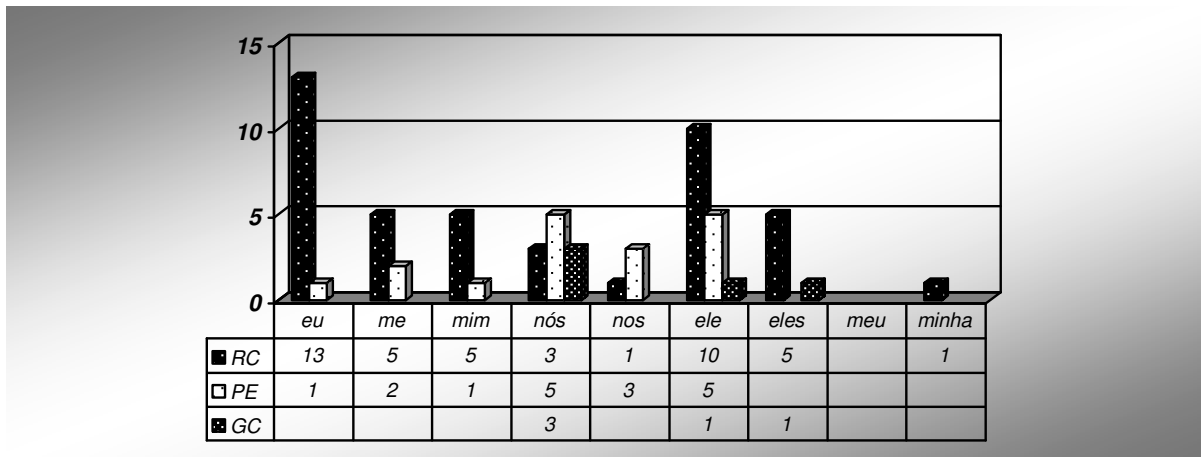
Questão 10



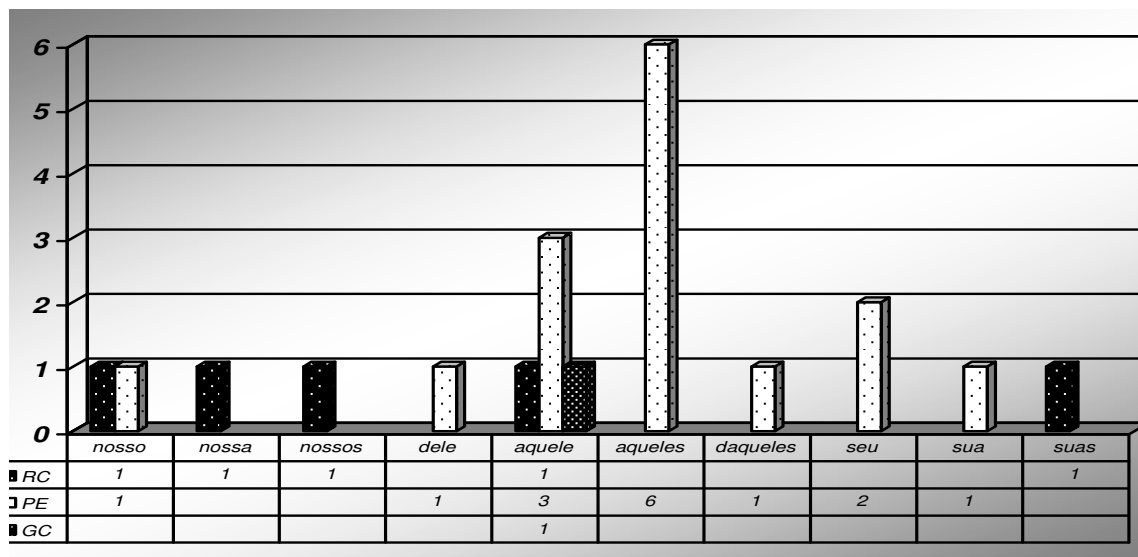
Questão 10



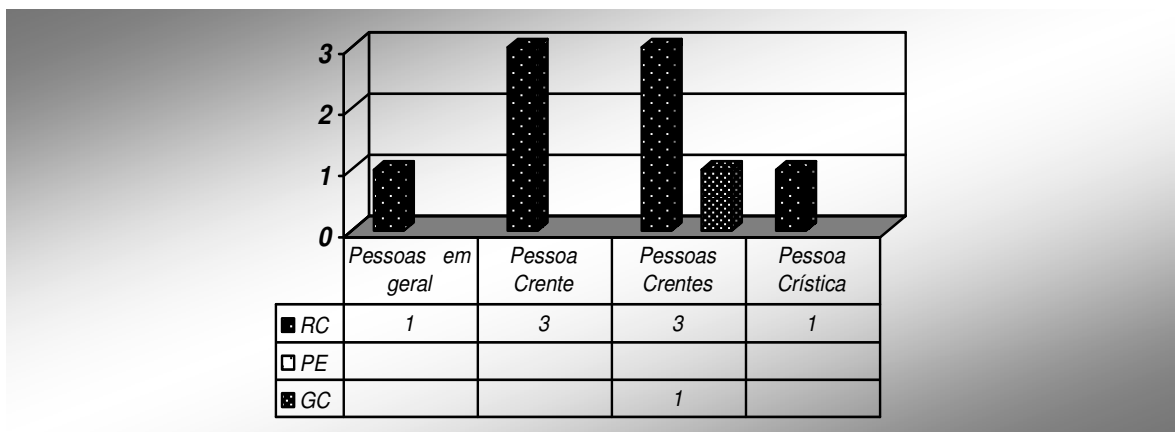
Questão 10



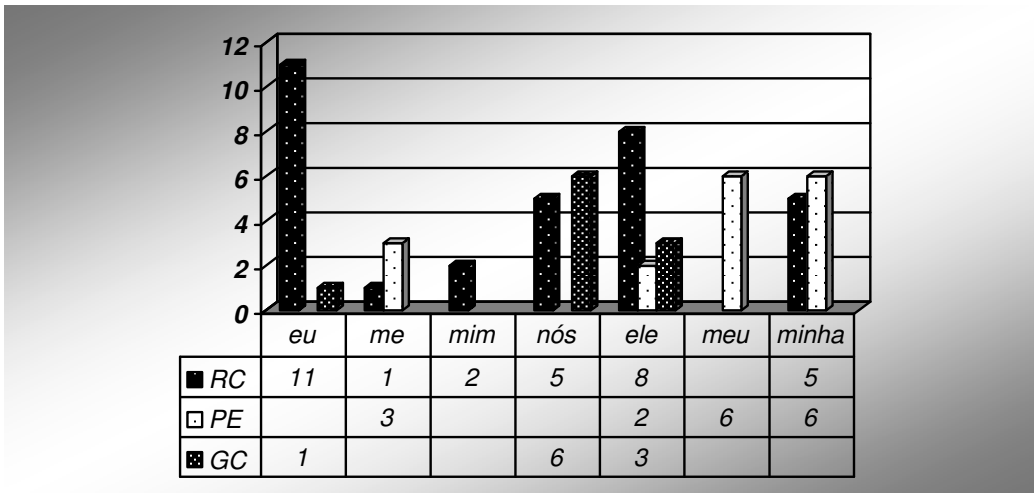
Questão 11



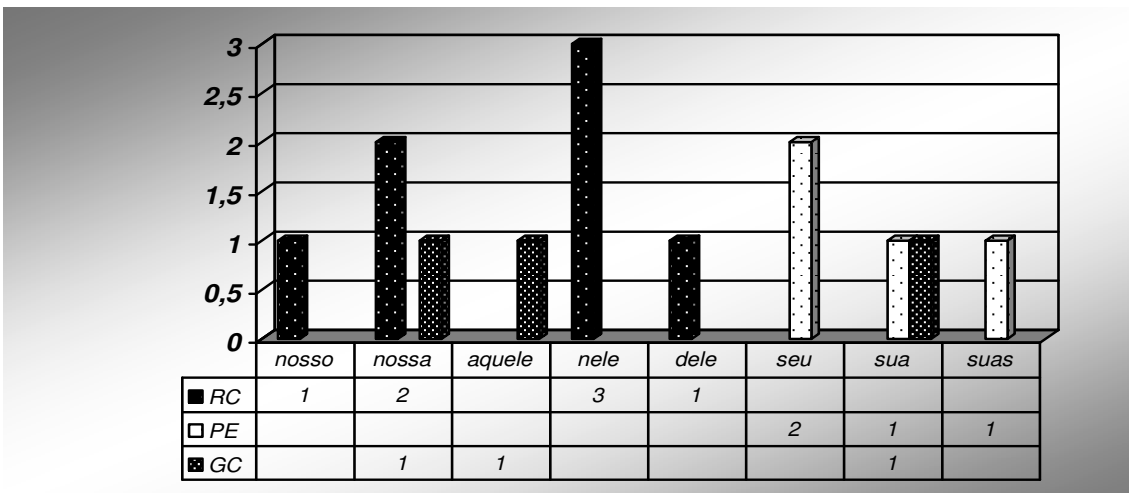
Questão 11



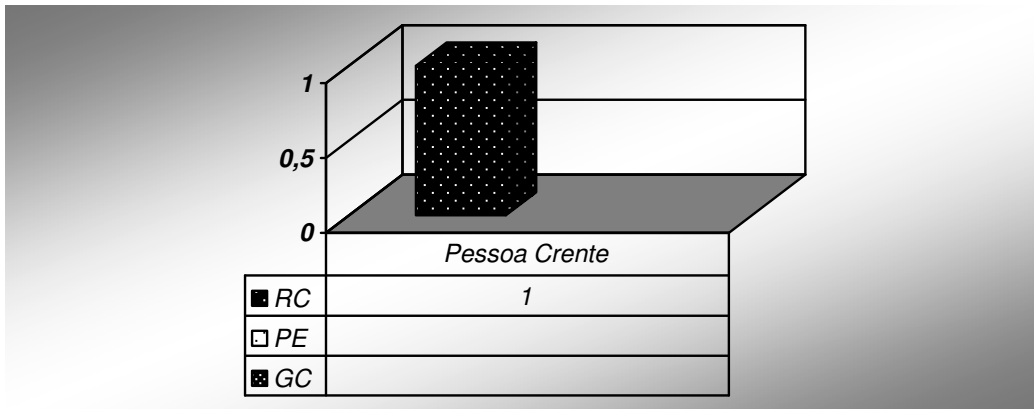
Questão 11



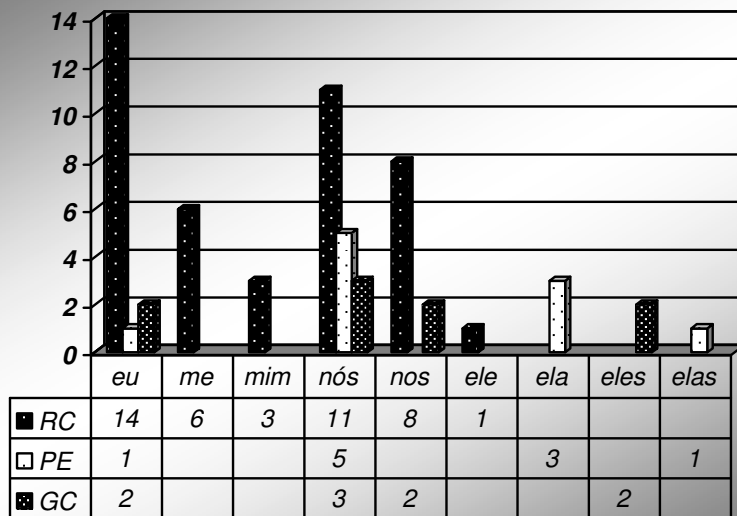
Questão 12



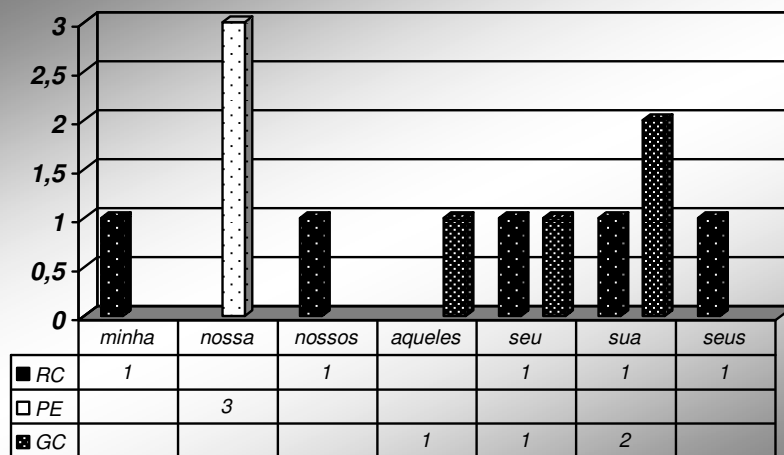
Questão 12



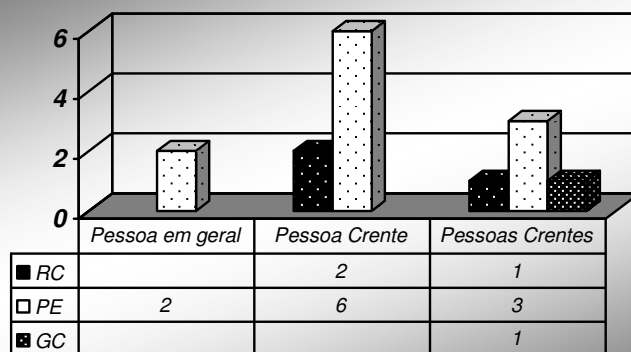
Questão 12



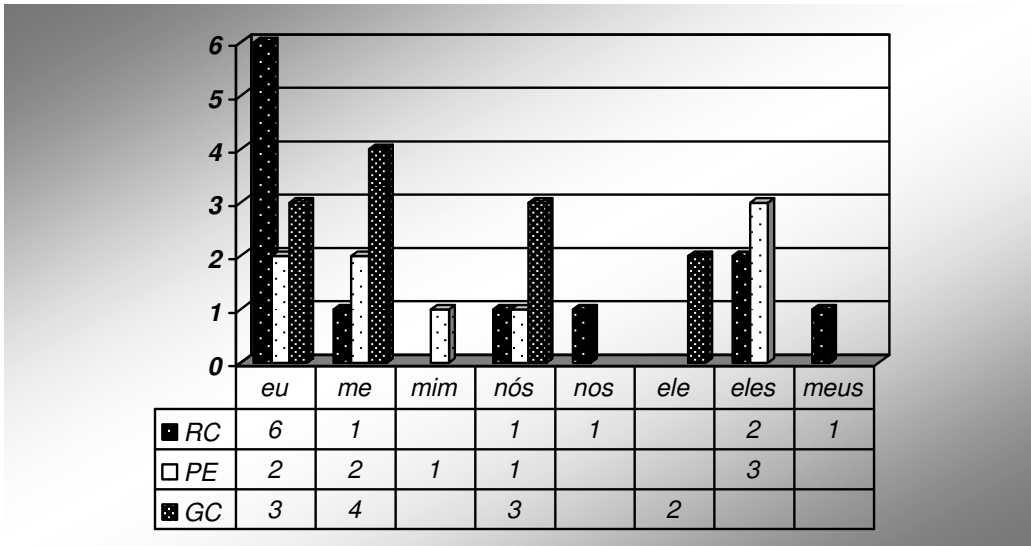
Questão 13



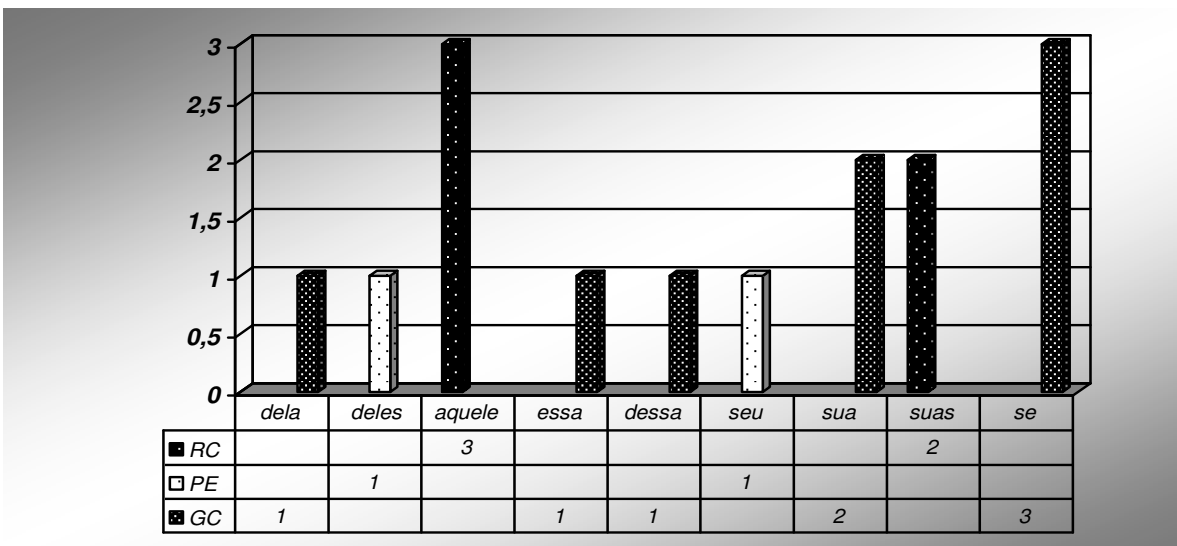
Questão 13



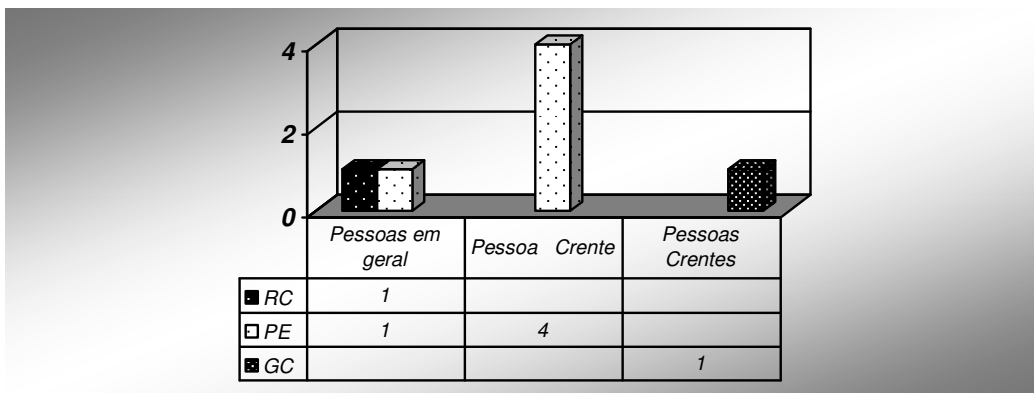
Questão 13



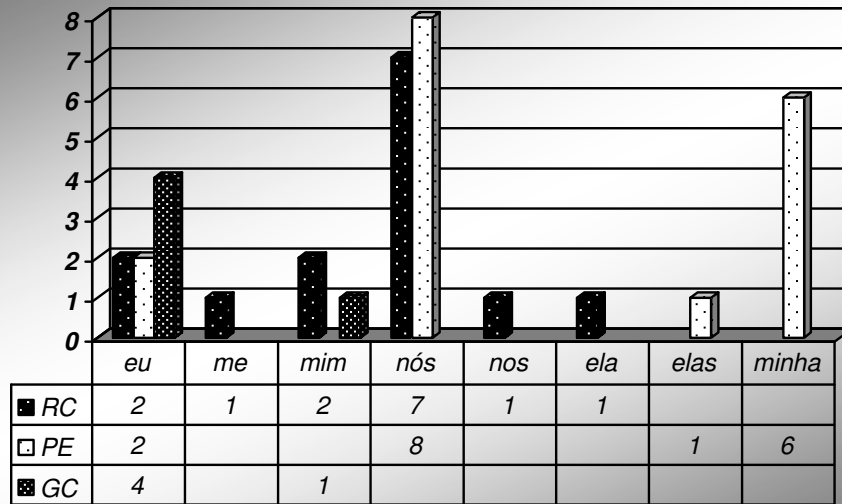
Questão 14



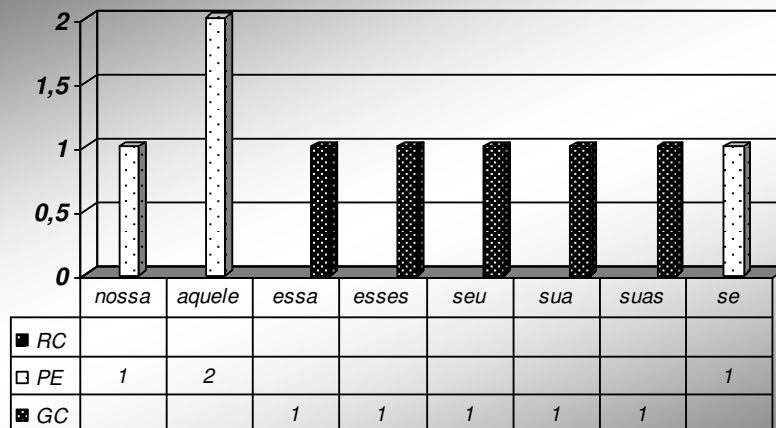
Questão 14



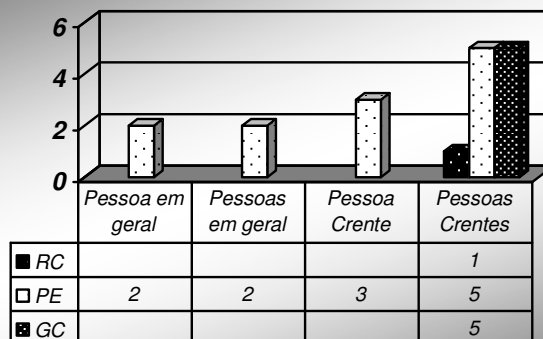
Questão 14



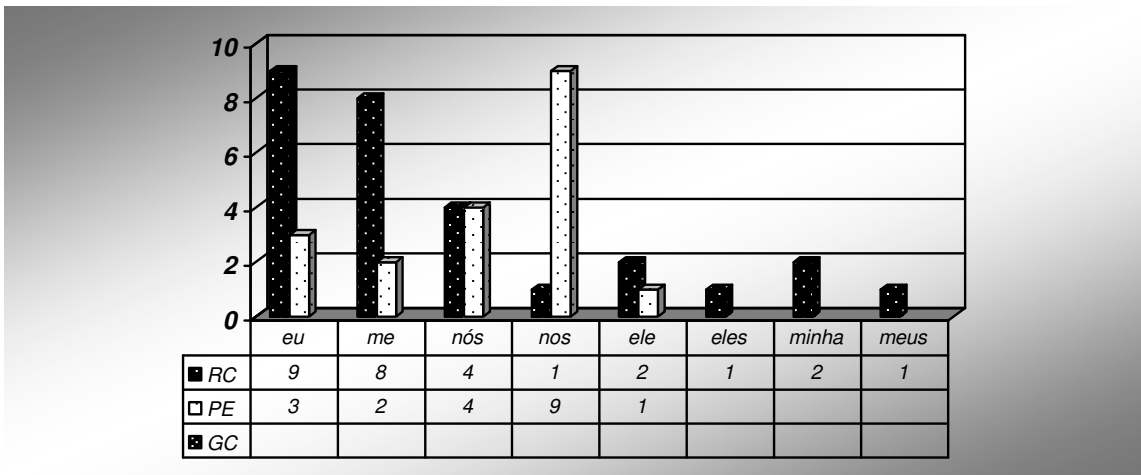
Questão 15



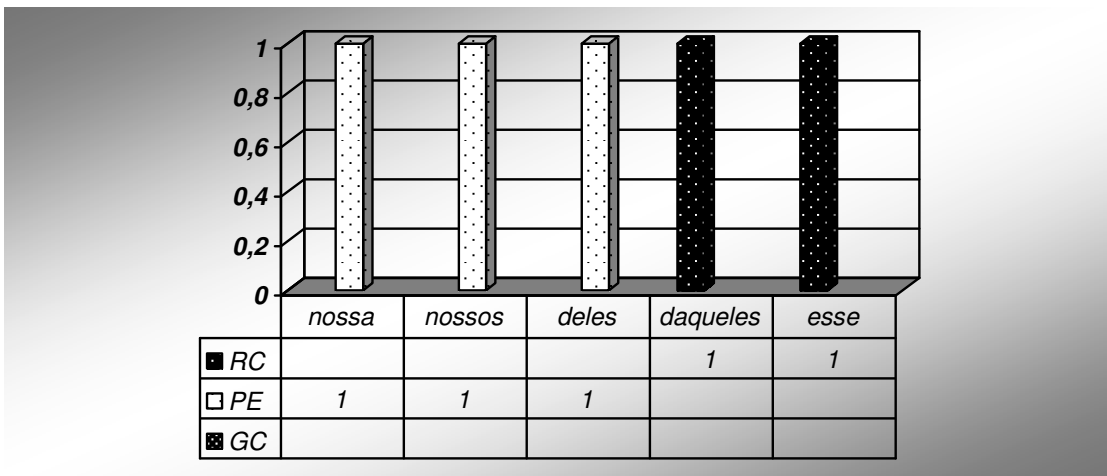
Questão 15



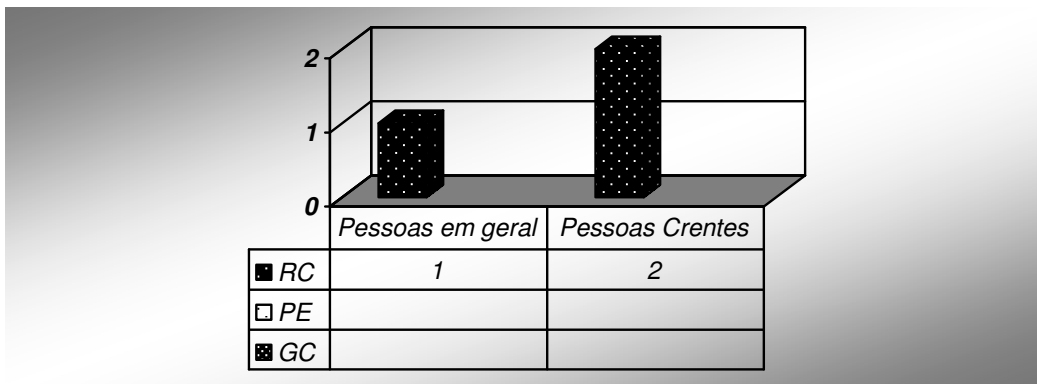
Questão 15



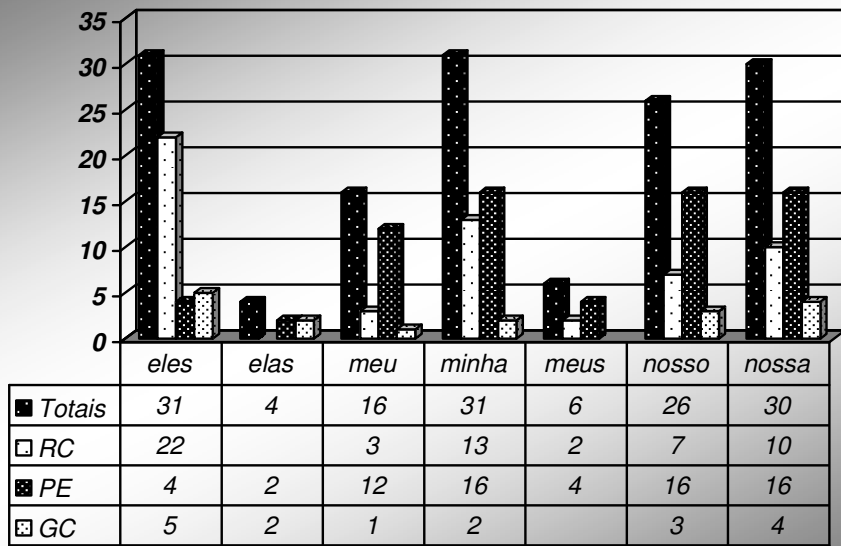
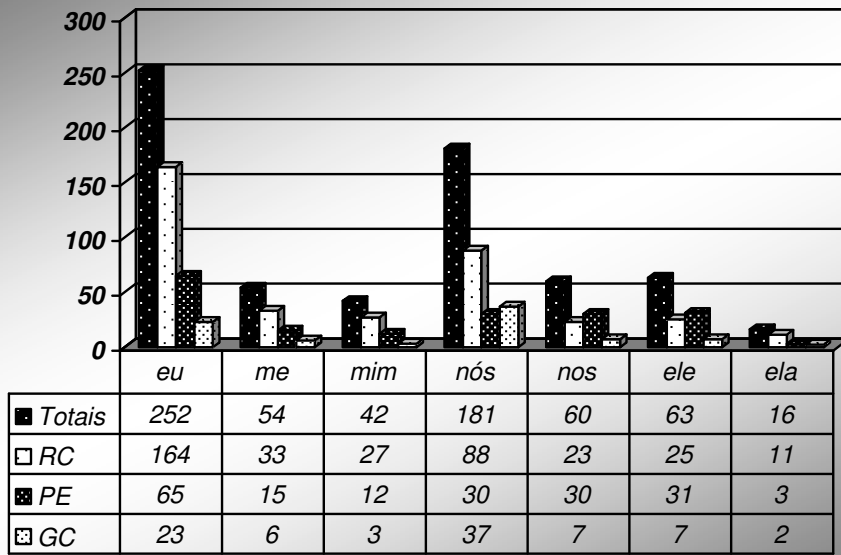
Questão 16

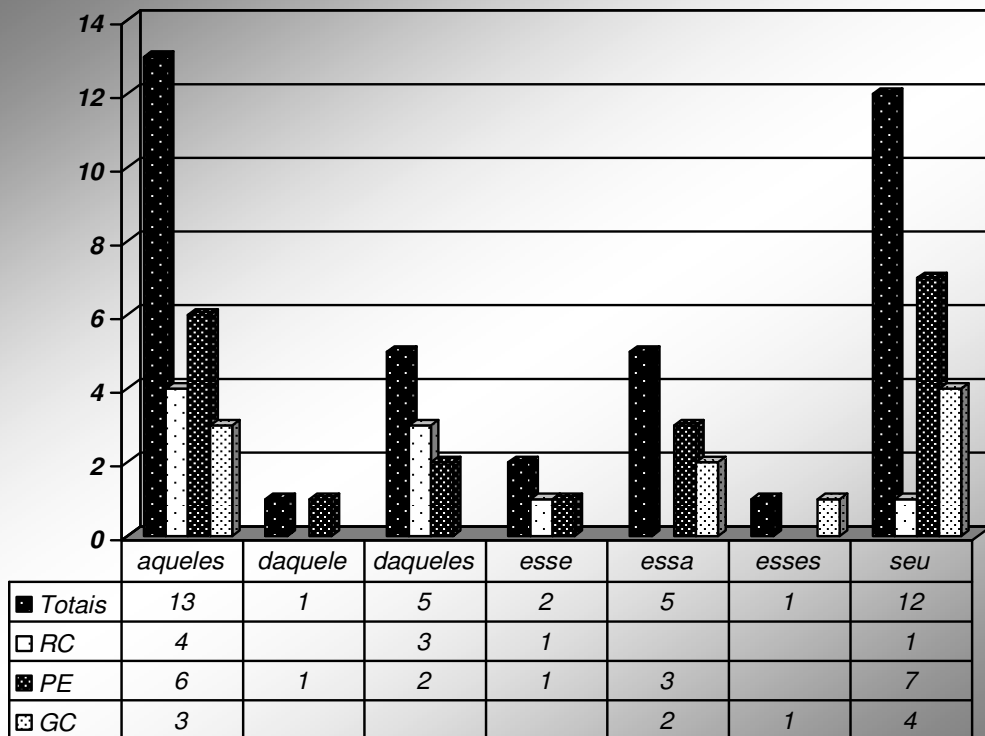
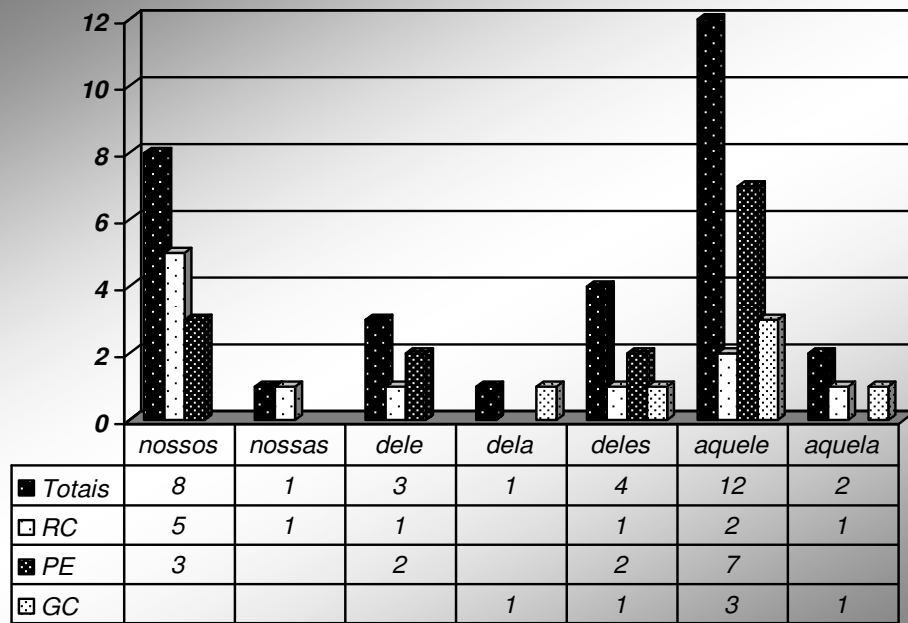


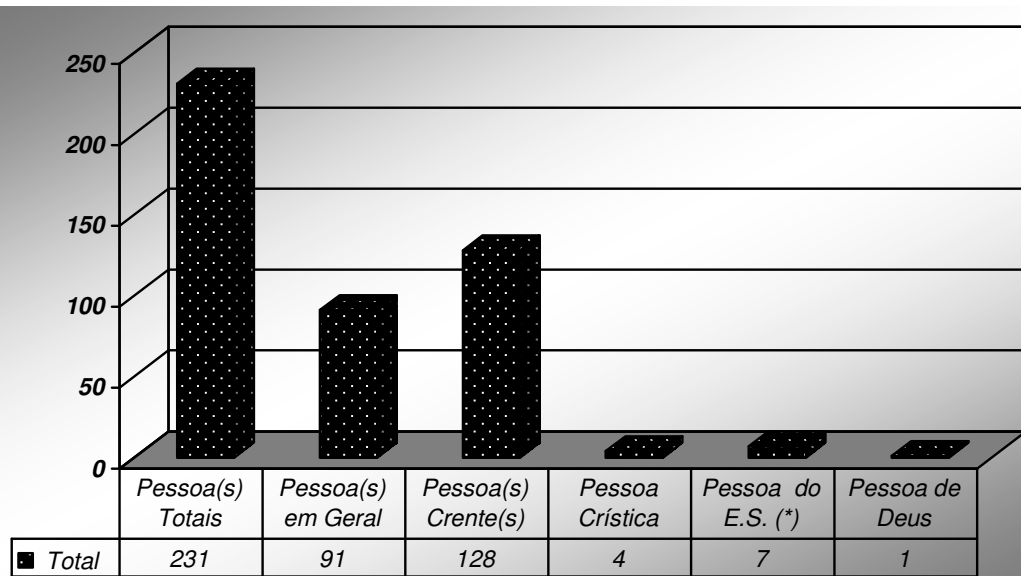
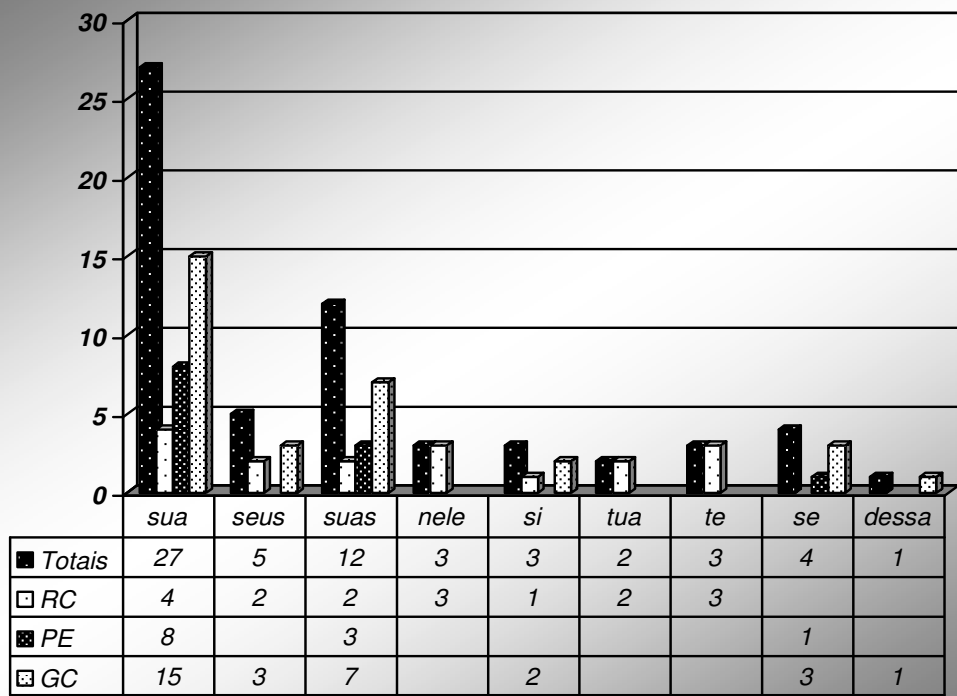
Questão 16



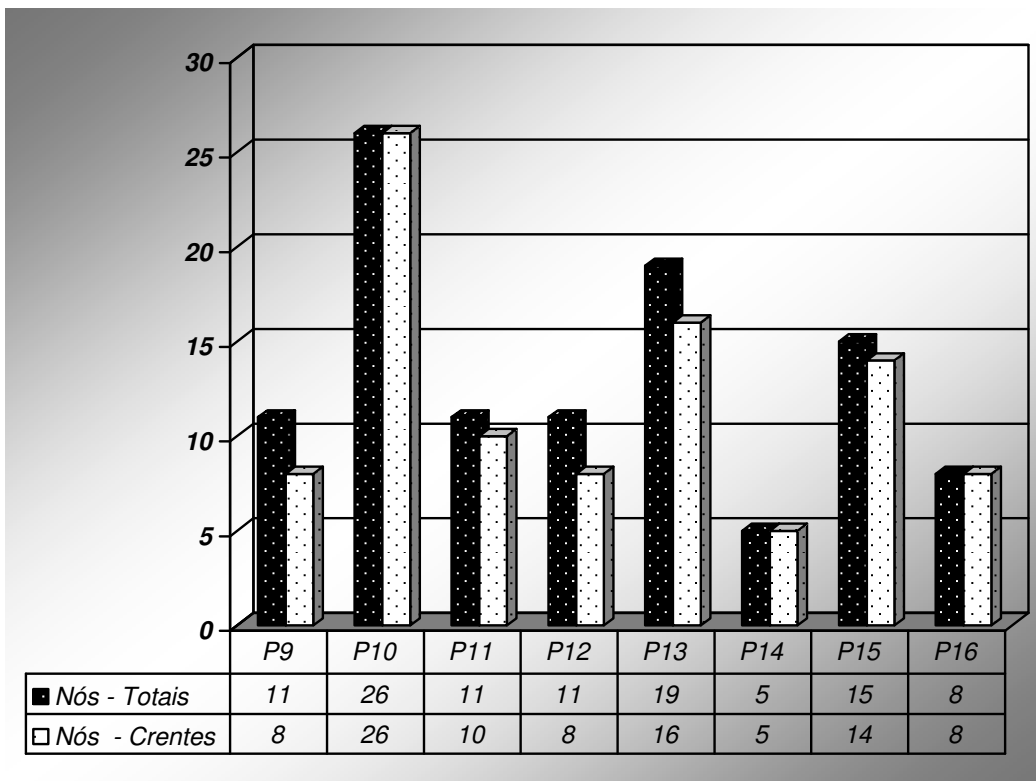
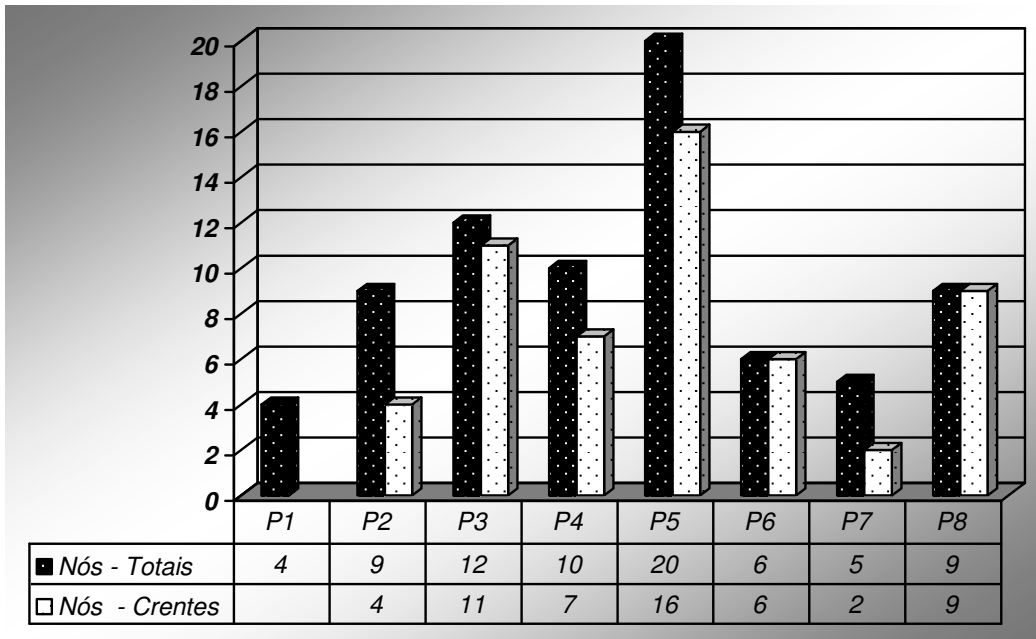
Questão 16







(\*) Espírito Santo



# Anexo IV

## Quadros

Algumas expressões deícticas		
Já fui	Eu pessoalmente	Na minha opinião
Para mim	Eu falo	Comigo
Eu conheço	No meu caso	Eu próprio

Cláusulas de atitude proposicional	Cláusulas de atitude performativa
Creio	Creio /Eu creio/ Creio nisso
Eu acredito	Eu acredito/ Acredito
Acho que sim	Não acredito
Penso que	Eu acredito nisso
Acho que existe	Acreditamos
Creio que	Isso acredito
Eu acho	Sei que é verdade/Eu sei
Não creio	Eu acredito piamente
Eu acho	Todos nós sabemos
Eu não encaro	Eu defendo
Eu penso que	Nós acreditamos

Cláusulas de Autoridade	
Palavra	Caminho de Deus
Nós sabemos	Cristo ensinou
Jesus disse	A bíblia nos diz
A Bíblia nos Ensina	Está escrito
Conhecimento	Jesus falou
Como a Palavra de Deus nos Diz	As Escrituras nos mostram
Então sabemos	Ordenança
Já Jesus Cristo	Já os Apóstolos
Temos exemplo disso no Evangelho	Nós sabemos e acreditamos
A Bíblia	A própria Bíblia
Palavra de Deus	Porque não é aquele
Mas Deus tem constituído	Deus Instituiu
Plano de Deus	Palavra Viva
Deus quer	Deus pôs

Modalizadores	
Realmente	Sem dúvida/ Com certeza
Claro que sim	Infelizmente
Se calhar	É assim
Sem dúvida nenhuma	Claro
Plenamente	De maneira nenhuma
É óbvio/Obviamente	Portanto
Pessoalmente	Talvez
Ora bem	Em absoluto
Muito pessoalmente	Não é?
Autenticamente	Antes de mais
É evidente	Exactamente
Não há dúvida nenhuma	Nomeadamente

